



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)**

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.5 - Quinto levantamento | **JANEIRO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Quinto levantamento, Brasília, p. 1-166 fevereiro 2017.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
Agência Nacional de Águas

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomê Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)

Bruno Pereira Nogueira (Gefiab - algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Saulo Tomiyoshi Medeiros (Gearm-Suarm)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jactã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adary Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz C. Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionizio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Martha Helena Gama de Macêdo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo-----8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 17



5. Estimativa de produção ----- 21



6. Crédito rural ----- 26



7. Prognóstico climático - Inmet -----33



8. Monitoramento agrícola ----- 37



9. Análise das culturas	56
9.1. Culturas de verão	56
9.1.1. Algodão	56
9.1.2. Amendoim	63
9.1.3. Arroz	68
9.1.4. Feijão	73
9.1.5. Girassol	96
9.1.6. Mamona	97
9.1.7. Milho	99
9.1.8. Soja	111
9.1.9. Sorgo	123
9.2. Culturas de inverno	125
9.2.1. Aveia	125
9.2.2. Canola	126
9.2.3. Centeio	127
9.2.4. Cevada	128
9.2.5. Trigo	129
9.2.6. Triticale	130



10. Receita bruta	131
--------------------------------	------------



11. A expansão da irrigação no Brasil e sua importância na safra de grãos - Agência Nacional de Águas	139
--	------------



12. Balanço de oferta e demanda	147
--	------------



13. Calendários de plantio e colheita	149
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

A produção de grãos para a safra 2016/17 está estimada em 219,14 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 17,4% em relação à safra anterior, o que corresponde a 32,53 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 59,54 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 2,1% se comparado com a safra 2015/16.

Algodão: a produção deverá ser superior em relação à safra passada, apesar da redução de área. Recuperação de produtividade em face das condições climáticas mais favoráveis.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de safra de 390,3 mil toneladas, aumento de 0,4%. Os preços favoráveis impulsionaram o plantio em relação à safra passada.

Arroz: apesar da queda na área de sequeiro (19,8%), a retomada da semeadura nas áreas irrigadas (4%) deverá resultar numa produção de 11,87 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área (14%) e a produtividade favorecida pelas boas condições climáticas refletem numa produção de 1,41 milhão de toneladas. Tanto o feijão-carioca quanto o preto e caupi apresentam ganho de área e produtividade.

Feijão segunda safra: há um leve incremento de área nesta safra, mas permanece sendo a safra de feijão mais plantada no país. Os três tipos apresentam ganho de área, resultando numa produção de 1,19 milhão de toneladas.

Milho primeira safra: incremento de área, principalmente em estados com autoconsumo do cereal, e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento resulta numa produção de 28,82 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: é a oitava safra seguida de aumento na área plantada desta cultura devido à sucessão de cultura com a soja, plantada na primeira safra. Estimativa de produção de 58,59 milhões de toneladas.

Soja: projeção de crescimento de 10,6% na produção, atingindo 105,56 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Entre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do quinto levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para todas as culturas de primeira e segunda safras (algodão, amendoim, arroz, feijão, manona, milho, soja e sorgo). São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Para as culturas de segunda safra, além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio, por isso a Conab utiliza-se

de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2016/17. Lembrando que, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.

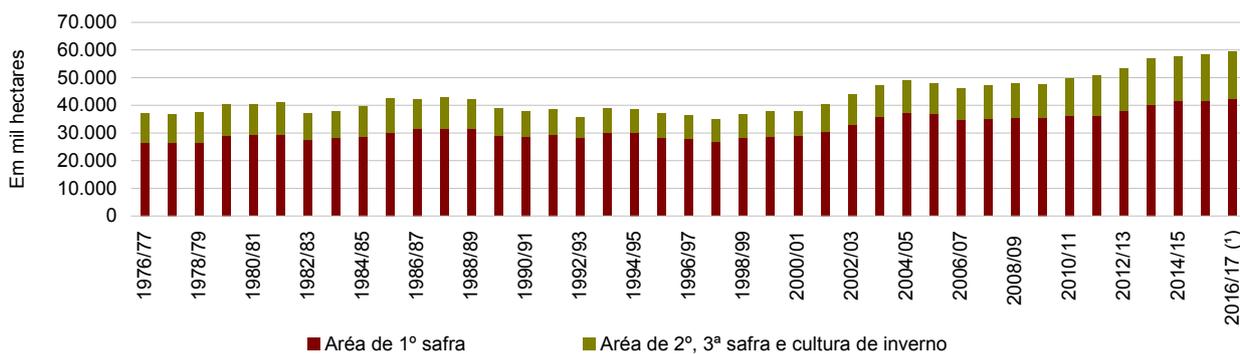




3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

A estimativa da Conab é que o Brasil cultive 59,54 milhões de hectares. São informações coletadas na pesquisa de campo pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. Este é o primeiro prognóstico para as culturas de segunda safra que, de modo geral, apresentam boa perspectiva para a área plantada. O aumento de área plantada equivale a um aumento de 1,21 milhão de hectares e indica um recorde na área plantada no país. Ressalta-se que a área efetivamente plantada é de 42,43 milhões de hectares, sendo o restante, área plantada sobrepostas à de primeira safra.

Gráfico 1 – Estimativa de área plantada de grãos - Brasil



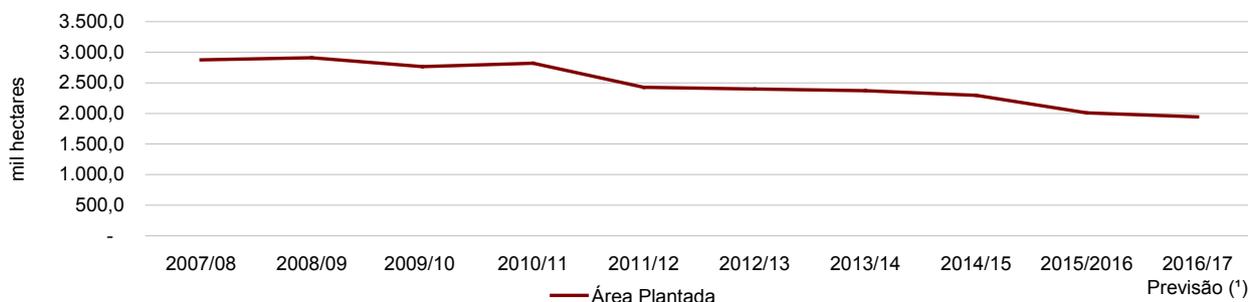
Fonte: Conab.

A área semeada de algodão se concentra em Mato Grosso e Bahia, por apresentarem condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. No entanto, para a safra 2016/17 se estima a manutenção ou redução da área plantada em quase todos os estados produtores, principalmente pelos problemas climáticos nas últimas safras e a incorporação de áreas de soja antes destinadas ao algodão primeira safra.

A Conab divulga neste levantamento, pela primeira vez, as estimativas desagregadas de arroz cultivado no sistema sequeiro e irrigado. A tendência, como nos levantamentos passados, é de retração da área plan-

tada do arroz de sequeiro em quase todos os estados produtores. Por competir área de soja com milho, uma vez que são cultivadas no mesmo período, na maior parte das vezes ela perde lugar para estes cultivos em função da sua menor rentabilidade. Em Mato Grosso, estado com a maior área plantada de sequeiro, é um exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado. Já as áreas cultivadas sob irrigação, sobretudo provenientes do ecossistema várzeas, a tendência é de manutenção e/ou incremento do seu cultivo. Rio Grande do Sul, maior estado produtor, deve aumentar a área plantada.

Gráfico 2 – Estimativa de área plantada de arroz



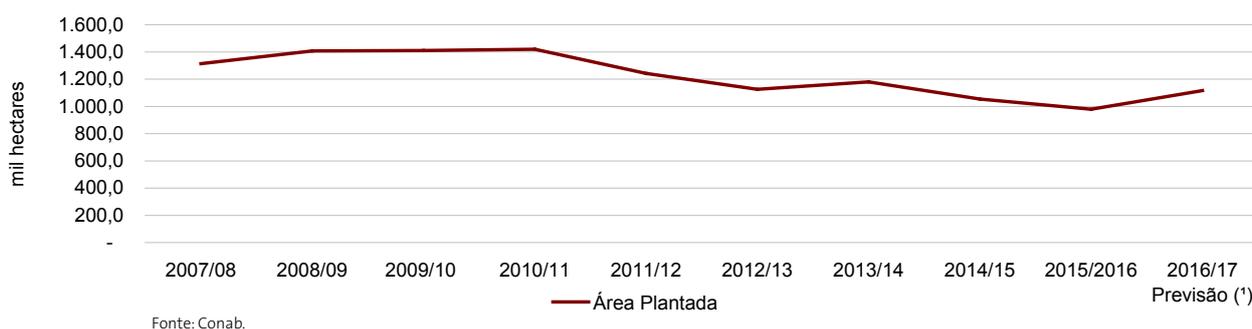
Fonte: Conab.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Piauí, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território brasileiro. Estima-se que a área a ser destinada para a cul-

tura do feijoeiro aumente na maior parte dos estados produtores, influenciado pelos preços de mercado e à possibilidade de clima favorável.



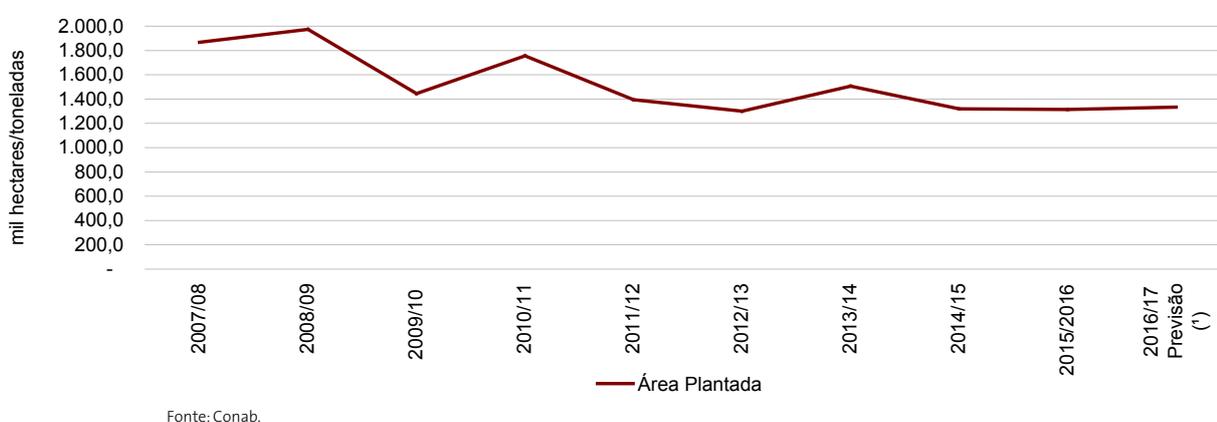
Gráfico 3 – Estimativa de área plantada de feijão primeira safra



Para o feijão segunda safra a perspectiva é também de aumento na área plantada. O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra

por não concorrer com a soja, cultura com boa rentabilidade, e também por não haver chuvas coincidindo com a colheita, o que favorece a colheita.

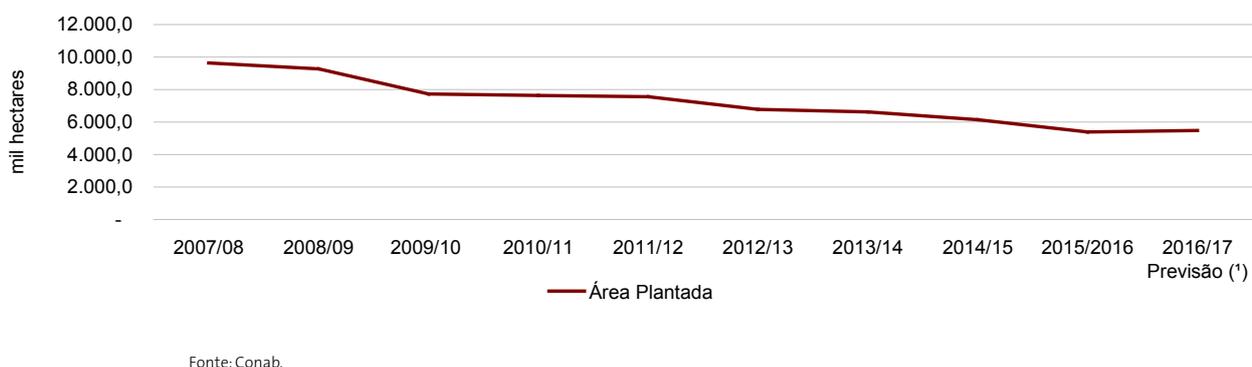
Gráfico 4 – Estimativa de área plantada de feijão segunda safra



Na primeira safra, a destinação de área para o cultivo do milho tem apresentado forte concorrência com o cultivo da soja, resultando em quedas recorrentes. No entanto, em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Goiás, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. Em São Paulo a área deve permanecer semelhante à safra passada, com leve redução de 1,2%, também pen-

sando no abastecimento interno. Rio Grande do Sul, grande produtor e consumidor, deve destinar parte da área plantada para produção de silagem. Há também expectativa de aumento da área plantada na Bahia por apresentar um perfil edafoclimático favorável e consequente viabilidade do manejo tecnificado, visando o abastecimento da Região Nordeste. Piauí, Maranhão e Tocantins devem perder área para a soja. O Ceará apresenta expectativa de aumento em devido à perspectiva de um ciclo favorável de precipitação.

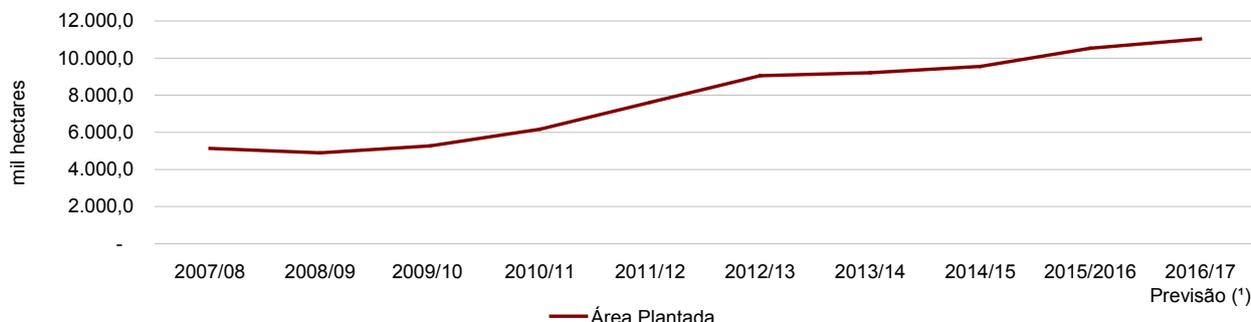
Gráfico 5 – Estimativa de área plantada de milho primeira safra



Para a segunda safra de milho a estimativa é de aumento ou manutenção da área plantada, na safra anterior. O plantio iniciou-se nas principais regiões produtoras e devem intensificar em fevereiro. A desti-

nação de área para o cultivo deve ultrapassar os 11 milhões de hectares, aumento de 4,7%. A produtividade é calculada considerando os modelos estatísticos e o pacote tecnológico utilizado pelo produtor.

Gráfico 6 – Estimativa de área plantada de milho segunda safra

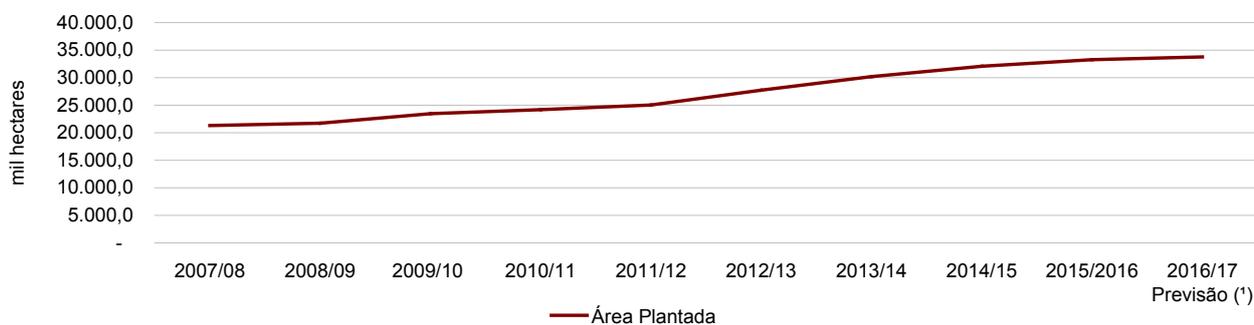


Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agrônômico e de pacotes tecnológicos acessíveis são alguns dos fatores técnicos que cor-

roboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente em quase todos os estados produtores. No Paraná, por exemplo, a queda é consequência da proibição de plantio de soja na segunda safra no estado e em Santa Catarina é reflexo do incentivo estadual para o cultivo do milho.

Gráfico 7 – Estimativa de área plantada de soja



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jan/2017 (b)	fev/2017 (c)		
ALGODÃO	954,7	905,2	911,7	(4,5)	(43,0)
AMENDOIM TOTAL	119,6	119,7	120,5	0,8	0,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	110,4	111,7	1,3	1,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	9,3	8,8	(5,4)	(0,5)
ARROZ	2.008,0	1.943,6	1.942,5	(3,3)	(65,5)
ARROZ SEQUEIRO	613,0	-	491,5	(19,8)	(121,5)
ARROZ IRRIGADO	1.395,0	-	1.451,0	4,0	56,0
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	2.980,8	2.993,4	5,5	155,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.121,9	1.115,2	14,0	136,6
CARIOCA	409,9	488,3	482,8	17,8	72,9
PRETO	180,5	185,6	185,7	2,9	5,2
CAUPI	388,2	448,0	446,7	15,1	58,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.313,9	1.313,9	1.333,2	1,5	19,3
CARIOCA	407,3	402,7	419,3	2,9	12,0
PRETO	118,0	118,0	124,8	5,8	6,8
CAUPI	788,6	793,2	789,1	0,1	0,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	545,0	545,0	545,0	-	-
CARIOCA	477,2	477,2	477,2	-	-
PRETO	0,2	0,2	0,2	-	-
CAUPI	67,6	67,6	67,6	-	-
GIRASSOL	51,5	51,2	50,3	(2,3)	(1,2)
MAMONA	30,2	31,8	29,6	(2,0)	(0,6)
MILHO TOTAL	15.922,5	16.093,3	16.515,1	3,7	592,6
MILHO 1ª SAFRA	5.387,7	5.558,5	5.481,2	1,7	93,5
MILHO 2ª SAFRA	10.534,8	10.534,8	11.033,9	4,7	499,1
SOJA	33.251,9	33.787,2	33.776,1	1,6	524,2
SORGO	579,0	587,2	618,0	6,7	39,0
SUBTOTAL	55.754,9	56.500,0	56.957,2	2,2	1.202,3
SORGO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		jan/2017 (b)	fev/2017 (c)		
AVEIA	291,5	291,5	291,5	-	-
CANOLA	47,5	47,5	47,5	-	-
CENTEIO	2,5	2,5	2,5	-	-
CEVADA	95,6	95,6	95,6	-	-
TRIGO	2.118,4	2.118,4	2.118,4	-	-
TRITICALE	23,5	23,5	23,5	-	-
SUBTOTAL	2.579,0	2.579,0	2.579,0	-	-
BRASIL	58.333,9	59.079,0	59.536,2	2,1	1.202,3

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



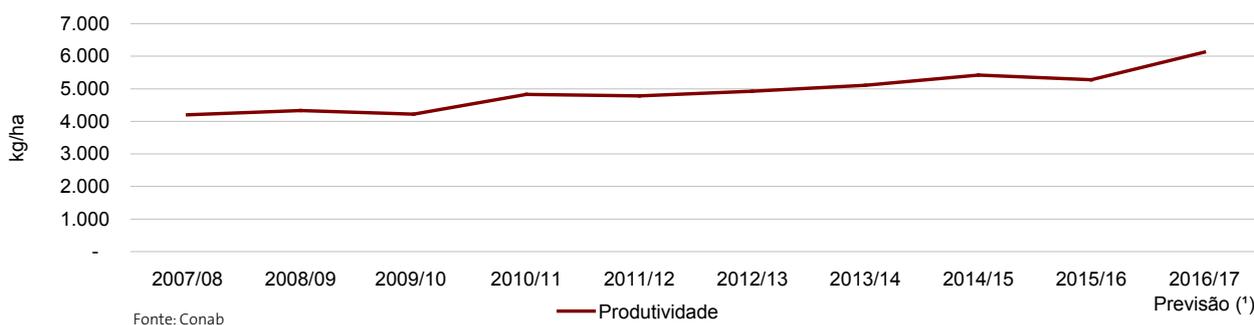


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Uma das principais variáveis analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Neste levantamento de safra a Companhia continua a fase da sobreposição e da análise das produtividades estimadas estatisticamente com os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e com o acompanhamento agrometeorológico e espectral realizado pela Conab. Nessa ocasião a maior parte do plantio está finalizado ou próximo do término, o que dá mais consistência às informações coletadas junto aos informantes.

Além das boas condições climáticas, o aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro também têm influência no aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro.

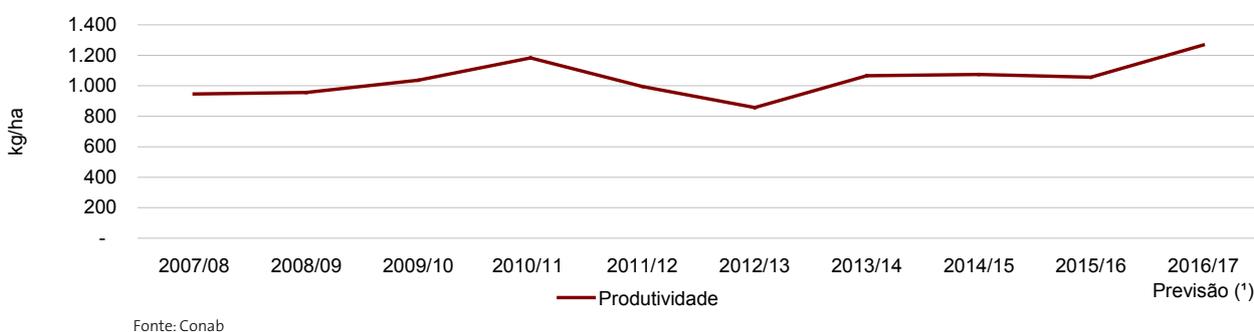
Gráfico 8 – Estimativa de produtividade de arroz



Para o feijão primeira safra, que já iniciou a colheita, além da recuperação no potencial produtivo, em rela-

ção a outras safras, as boas condições climáticas nesta safra têm favorecido o aumento da produtividade.

Gráfico 9 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra



Para o milho primeira safra e soja as boas condições climáticas apresentadas têm contribuído para a ex-

pressão de boas produtividades destas culturas.

Gráfico 10 – Estimativa de produtividade de milho primeiro safra

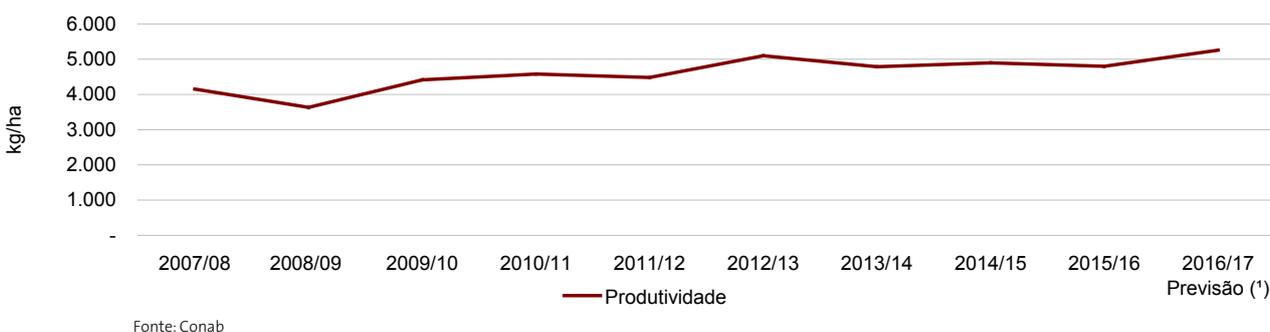
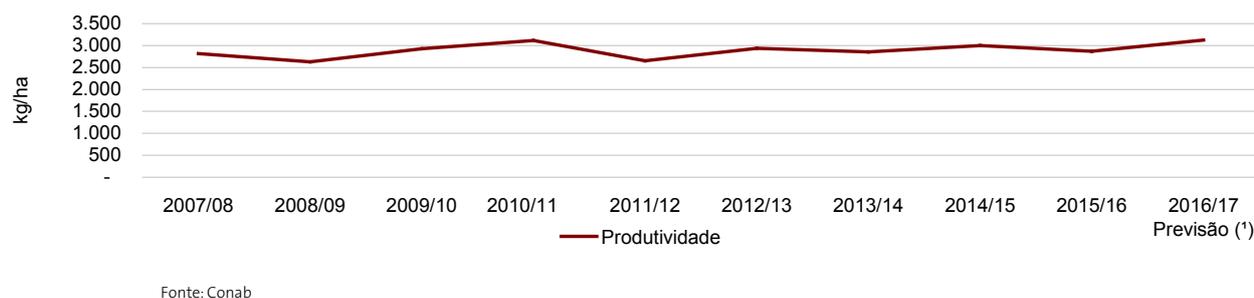


Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de soja



Para os produtos que iniciaram a semeadura, como é o caso das culturas de segunda safra, e para aqueles que não semearam, como o feijão terceira safra e cultura de inverno, continuamos nos baseando nas

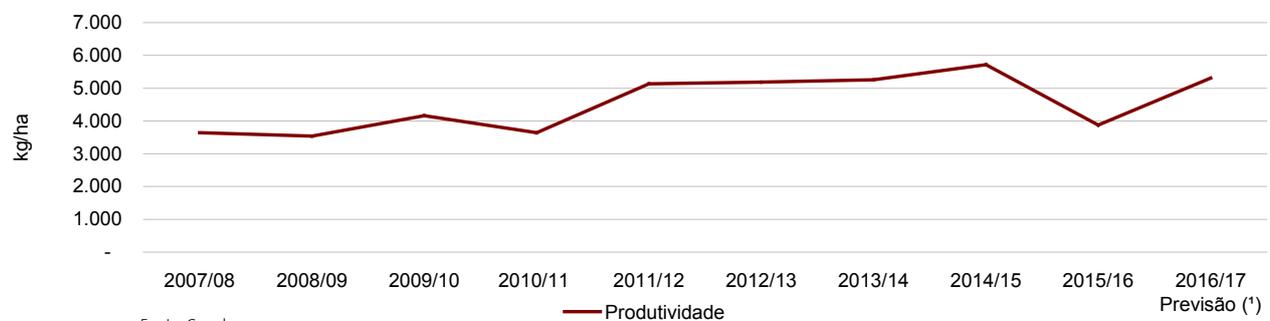
análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada.

Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra



Fonte: Conab

Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra



Fonte: Conab



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

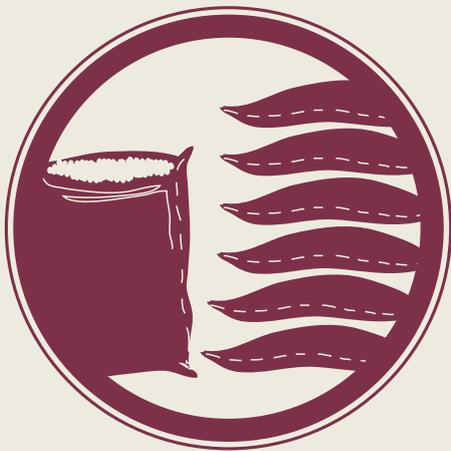
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		JAN/2017 (b)	FEV/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.028	2.355	2.342	15,5	313,8
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.567	1.559	15,5	208,8
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.429	3.388	(0,2)	(8,2)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.538	3.494	(0,9)	(30,5)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.135	2.041	9,0	168,0
ARROZ	5.280	5.987	6.108	15,7	827,9
ARROZ SEQUEIRO	2.042	-	2.213	8,4	171,1
ARROZ IRRIGADO	6.703	-	7.428	10,8	724,3
FEIJÃO TOTAL	886	1.048	1.095	23,6	209,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.159	1.268	19,9	210,7
CARIOCA	1.619	1.700	1.785	10,3	166,0
PRETO	1.601	1.701	1.721	7,5	119,4
CAUPI	210	345	520	147,2	309,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	876	893	28,3	197,1
CARIOCA	1.223	1.424	1.434	17,3	211,8
PRETO	1.494	1.554	1.554	4,0	60,1
CAUPI	305	497	501	64,4	196,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.036	1.234	1.234	19,2	198,6
CARIOCA	1.101	1.317	1.317	19,6	216,1
PRETO	2.000	3.000	3.000	50,0	1.000,0
CAUPI	572	645	645	12,7	72,7
GIRASSOL	1.224	1.395	1.413	15,5	189,5
MAMONA	477	659	454	(4,8)	(22,9)
MILHO TOTAL	4.178	5.249	5.293	26,7	1.114,2
MILHO 1ª SAFRA	4.799	5.110	5.257	9,6	458,7
MILHO 2ª SAFRA	3.861	5.323	5.310	37,5	1.448,9
SOJA	2.870	3.072	3.125	8,9	255,2
SORGO	1.782	2.623	2.665	49,6	883,0
SUBTOTAL	3.202	3.667	3.729	16,5	527,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		JAN/2017 (b)	FEV/2017 (c)		
AVEIA	2.840	2.840	2.367	(16,7)	(473,0)
CANOLA	1.514	1.514	1.552	2,5	38,0
CENTEIO	2.600	2.600	1.680	(35,4)	(920,0)
CEVADA	3.921	3.921	2.951	(24,7)	(970,0)
TRIGO	3.175	3.175	2.667	(16,0)	(508,0)
TRITICALE	2.898	2.898	2.562	(11,6)	(336,0)
SUBTOTAL	3.131	3.131	2.621	(16,3)	(510,0)
BRASIL (2)	3.199	3.644	3.681	15,1	481,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro 2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (219,17 MILHÕES DE TONELADAS)

A produção estimada indica um volume de 219,14 milhões de toneladas, aumento de 17,4% em relação à safra passada. Esse resultado representa um aumento na produção de 32,53 milhões toneladas. Cabe ressaltar que este incremento é influenciado pela produtividade média das culturas que, nesta safra, recupera-se da influência negativa das condições climáticas da safra passada, mas o aumento da área reflete numa produção superior aos anos anteriores.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção acima de 105,56 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 87,41 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (28,81 milhões de toneladas) e segunda safra (58,59 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 11,89 milhões de toneladas e 3,28 milhões de toneladas, respectivamente.

Gráfico 14 – Estimativa de produção de arroz

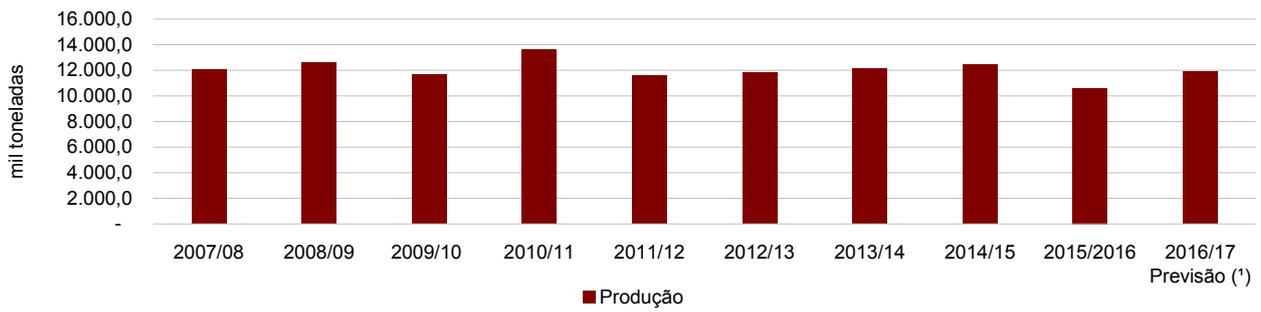


Gráfico 15 – Estimativa de produção de feijão primeira safra

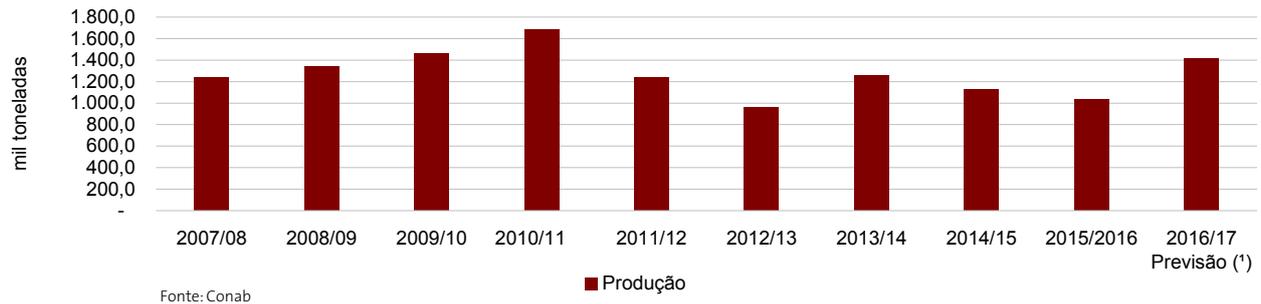


Gráfico 16 – Estimativa de produção de feijão segunda safra

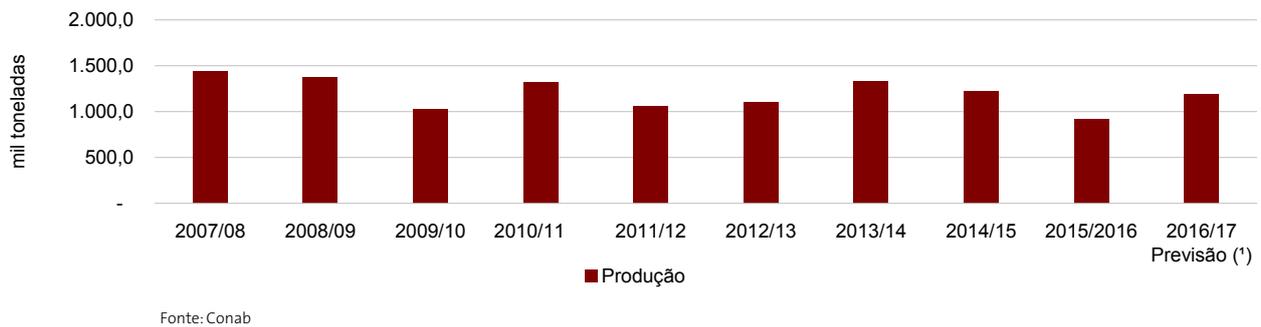


Gráfico 17 – Estimativa de produção de milho primeira safra

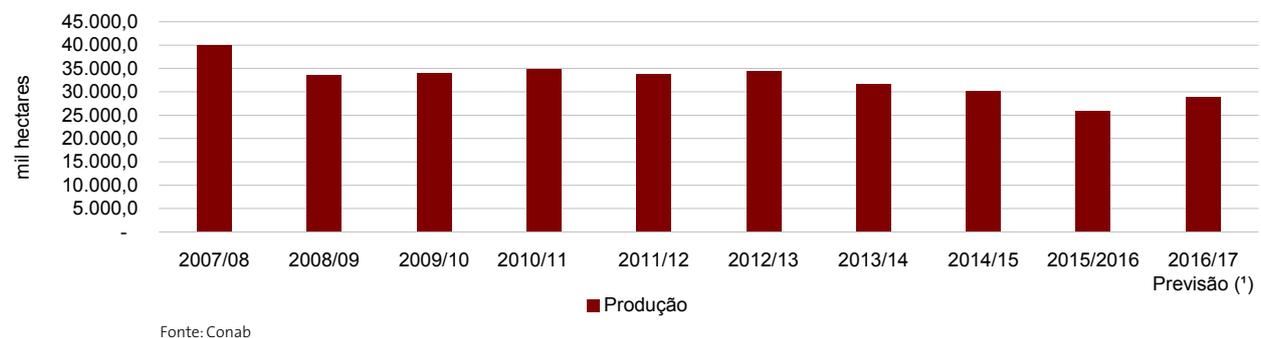


Gráfico 18 – Estimativa de produção de milho segunda safra

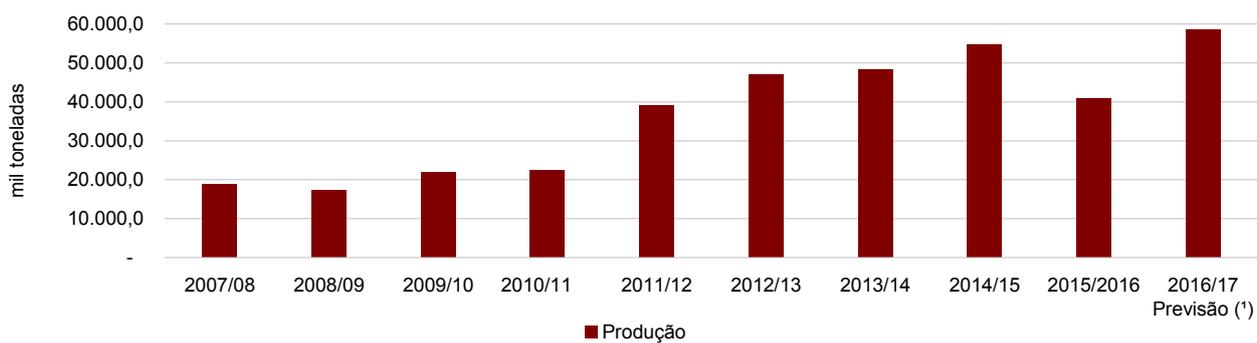


Gráfico 19 – Estimativa de produção de soja

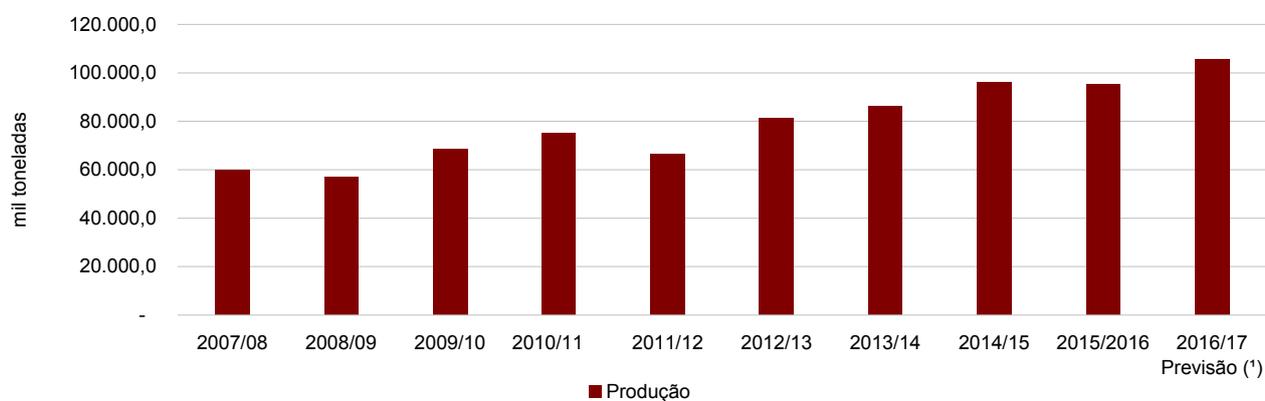


Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		JAN/2017 (b)	FEV/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.936,5	2.131,5	2.134,8	10,2	198,3
ALGODÃO - PLUMA	1.288,8	1.418,4	1.421,3	10,3	132,5
AMENDOIM TOTAL	406,1	410,5	408,3	0,5	2,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	390,7	390,3	0,4	1,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	19,8	18,0	4,0	0,7
ARROZ	10.603,0	11.636,0	11.865,2	11,9	1.262,2
ARROZ SEQUEIRO	1.251,6	-	1.087,5	(13,1)	(164,1)
ARROZ IRRIGADO	9.351,4	-	10.777,7	15,3	1.426,3
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.124,1	3.276,7	30,4	763,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.300,1	1.413,5	36,7	379,2
CARIOCA	663,5	830,1	861,6	29,9	198,1
PRETO	289,1	315,7	319,4	10,5	30,3
CAUPI	81,7	154,5	232,5	184,6	150,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	914,6	1.151,3	1.190,6	30,2	276,0
CARIOCA	498,1	573,5	601,4	20,7	103,3
PRETO	176,3	183,3	193,9	10,0	17,6
CAUPI	240,2	394,6	395,4	64,6	155,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	564,6	672,6	672,6	19,1	108,0
CARIOCA	525,5	628,3	628,3	19,6	102,8
PRETO	0,4	0,6	0,6	50,0	0,2
CAUPI	38,7	43,6	43,6	12,7	4,9
GIRASSOL	63,1	71,4	71,1	12,7	8,0
MAMONA	14,4	21,0	13,4	(6,9)	(1,0)
MILHO TOTAL	66.530,6	84.480,2	87.408,6	31,4	20.878,0
MILHO 1ª SAFRA	25.853,6	28.403,3	28.816,7	11,5	2.963,1
MILHO 2ª SAFRA	40.677,3	56.076,9	58.591,9	44,0	17.914,6
SOJA	95.434,6	103.778,3	105.558,2	10,6	10.123,6
SORGO	1.031,5	1.539,9	1.646,8	59,7	615,3
SUBTOTAL	178.533,6	207.192,8	212.383,1	19,0	33.849,5
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		JAN/2017 (b)	FEV/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	827,8	690,0	(16,6)	(137,8)
CANOLA	71,9	71,9	73,7	2,5	1,8
CENTEIO	6,5	6,5	4,2	(35,4)	(2,3)
CEVADA	374,8	374,8	282,1	(24,7)	(92,7)
TRIGO	6.726,8	6.726,8	5.649,3	(16,0)	(1.077,5)
TRITICALE	68,1	68,1	60,2	(11,6)	(7,9)
SUBTOTAL	8.075,9	8.075,9	6.759,5	(16,3)	(1.316,4)
BRASIL (2)	186.609,5	215.268,7	219.142,6	17,4	32.533,1

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.539,6	2.675,1	5,3	2.731	3.226	18,1	6.936,6	8.629,6	24,4
RR	39,9	53,8	34,8	3.900	4.017	3,0	155,6	216,1	38,9
RO	474,1	482,6	1,8	3.338	3.323	(0,5)	1.582,5	1.603,5	1,3
AC	52,4	47,1	(10,1)	2.065	1.981	(4,1)	108,2	93,3	(13,8)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.150	12,4	21,8	30,1	38,1
AP	4,6	4,8	4,3	891	938	5,2	4,1	4,5	9,8
PA	730,8	764,7	4,6	2.932	2.968	1,2	2.142,4	2.270,0	6,0
TO	1.226,4	1.308,1	6,7	2.383	3.373	41,5	2.922,0	4.412,1	51,0
NORDESTE	7.395,3	7.753,2	4,8	1.329	2.162	62,7	9.827,0	16.765,7	70,6
MA	1.420,1	1.588,6	11,9	1.748	2.803	60,4	2.481,7	4.453,5	79,5
PI	1.360,0	1.430,9	5,2	1.089	2.356	116,4	1.480,5	3.371,5	127,7
CE	850,3	891,0	4,8	267	612	129,3	227,3	545,6	140,0
RN	56,6	56,6	-	323	435	34,6	18,3	24,6	34,4
PB	173,1	173,1	-	191	370	93,9	33,1	64,1	93,7
PE	386,5	386,5	-	176	334	89,8	67,9	129,1	90,1
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	923	4.202	355,2	180,9	823,1	355,0
BA	2.891,2	2.969,0	2,7	1.831	2.460	34,4	5.292,8	7.303,8	38,0
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.108,5	2,2	3.192	3.921	22,8	75.290,5	94.535,3	25,6
MT	14.001,5	14.398,4	2,8	3.101	3.885	25,3	43.425,3	55.943,3	28,8
MS	4.213,1	4.313,2	2,4	3.267	3.916	19,9	13.765,7	16.890,4	22,7
GO	5.213,9	5.239,4	0,5	3.366	3.973	18	17.549,7	20.816,0	18,6
DF	155,7	157,5	1,2	3.531	5.440	54,1	549,8	856,8	55,8
SUDESTE	5.315,5	5.410,2	1,8	3.658	4.055	10,8	19.444,4	21.936,1	12,8
MG	3.304,5	3.355,8	1,6	3.574	4.059	13,6	11.809,3	13.620,6	15,3
ES	24,4	23,5	(3,7)	2.098	1.945	(7,3)	51,2	45,7	(10,7)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.958	2,7	8,2	9,4	14,6
SP	1.982,3	2.026,1	2,2	3.822	4.077	6,7	7.575,7	8.260,4	9,0
SUL	19.499,3	19.589,2	0,5	3.852	3.946	2,4	75.111,0	77.304,6	2,9
PR	9.686,4	9.688,6	-	3.700	3.968	7,3	35.842,0	38.446,8	7,3
SC	1.279,9	1.315,3	2,8	4.880	5.058	3,6	6.245,9	6.652,6	6,5
RS	8.533,0	8.585,3	0,6	3.870	3.751	(3,1)	33.023,1	32.205,2	(2,5)
NORTE/NORDESTE	9.934,9	10.428,3	5,0	1.687	2.435	44,4	16.763,6	25.395,3	51,5
CENTRO-SUL	48.399,0	49.107,9	1,5	3.509	3.946	12,5	169.845,9	193.776,0	14,1
BRASIL	58.333,9	59.536,2	2,1	3.199	3.681	15,1	186.609,5	219.142,5	17,4

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em fevereiro /2017.





6. CRÉDITO RURAL

A Conab tem utilizado as informações do crédito rural para compreender as escolhas de produção das principais culturas avaliadas pela Companhia. Deve-se ressaltar que as análises realizadas levam em conta os movimentos do crédito no âmbito do financiamento da agricultura pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais.

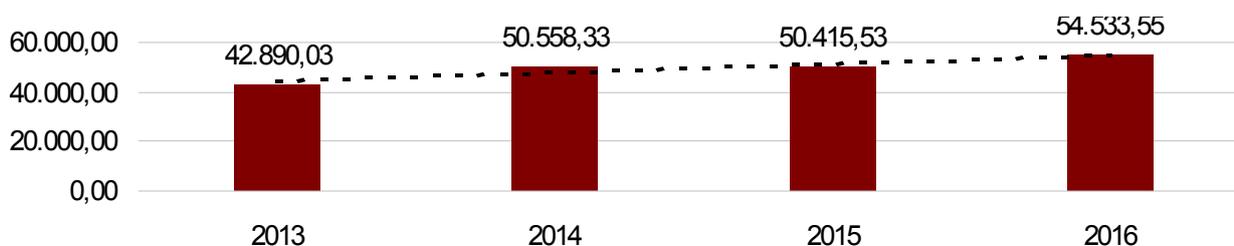
A análise terá como suporte as informações de custeio do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 05 de janeiro de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor – Pronamp, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SISTEMA DE OPERAÇÕES DO CRÉDITO RURAL E DO PROAGRO (SICOR)

Inicialmente, pode-se comentar que a utilização do crédito de custeio em 2016 é superior aos anos anteriores (Gráfico 20), com crescimento de 8,17% em relação a 2015. Pode-se inferir que o crédito é parte dos resultados positivos para a safra 2016/17. Como

complemento, deve-se registrar que o aumento da safra tem relação direta com o incremento de área nas principais culturas e o custeio é importante nesse processo.

Gráfico 20 – Total de financiamento



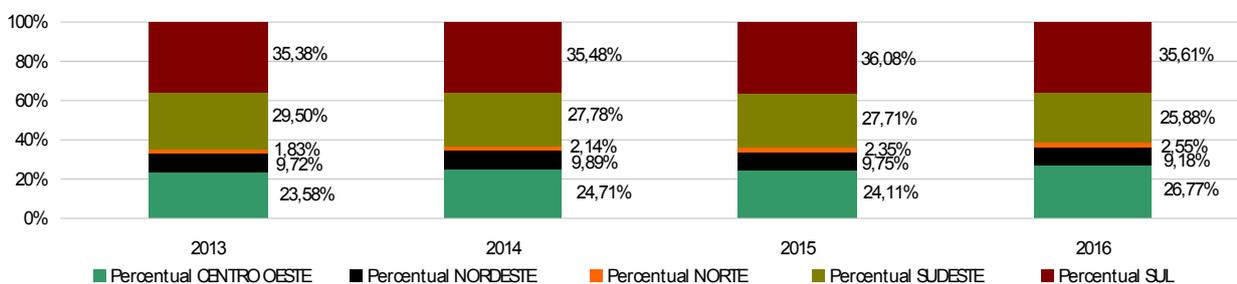
Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

O Gráfico 21 demonstra a participação percentual e a utilização do crédito por região geográfica. Observa-se que a participação percentual do crédito, se comparada a 2013, é crescente na Região Centro-Oeste, Norte e Sul, o que é compatível com a evolução do plantio nessas regiões.

A redução percentual nas Região Sudeste e Nordeste podem ser explicadas em razão de diversificação de fontes de recursos e restrições bancárias, além dos problemas climáticos nos últimos cinco anos, não sendo menor devido à região sul do Maranhão, Piauí e oeste baiano.

Gráfico 21- Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2016.

6.2. ARROZ

Das informações constantes do Gráfico 22 pode-se destacar a baixa utilização de crédito pelo Pronaf. O Gráfico 23 demonstra a participação de regiões no financiamento da produção e o Gráfico 24 indica a redução da utilização do crédito em relação a 2014 e 2015.

(Gráfico 22 e 23). Cabe comentar que os percentuais de participação no uso de crédito por programa indica que o perfil do produtor que tem investido na cultura do arroz tem se mantido no período de tempo sob análise.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação do programa utilizado no financiamento e por região

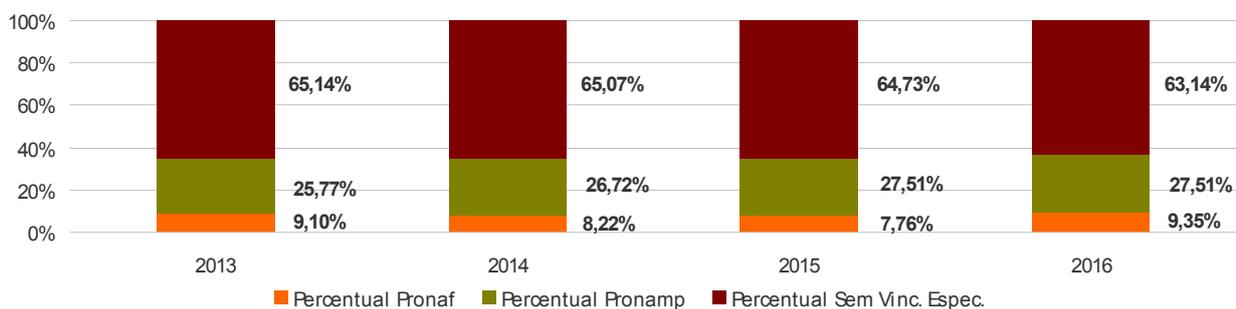
A queda do uso do crédito, destacada no Gráfico 24, pode ser explicada pela opção do produtor em investir em outra cultura com melhor rentabilidade, redução do uso do arroz para abertura de área de produ-



ção, exigências na disponibilidade do crédito pelas

instituições financeiras e migração do financiamento para outras fontes de crédito.

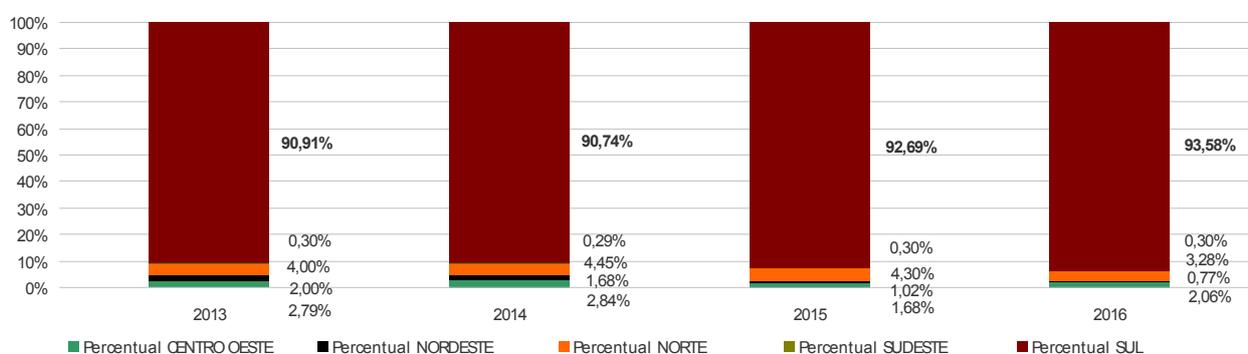
Gráfico 22 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

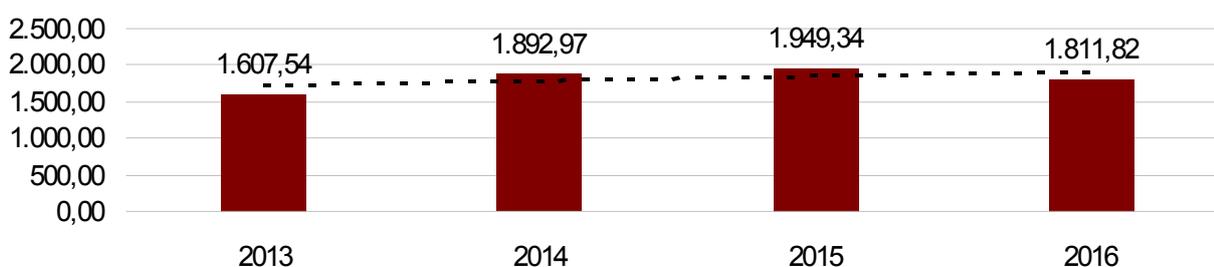
Gráfico 23 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

Gráfico 24 - Arroz -Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

6.3. MILHO

No Gráfico 25 observa-se que há aumento na participação percentual do Pronaf nos tipos de financiamento no presente exercício, mas os percentuais indicam a manutenção do tipo de produtor no processo de financiamento.

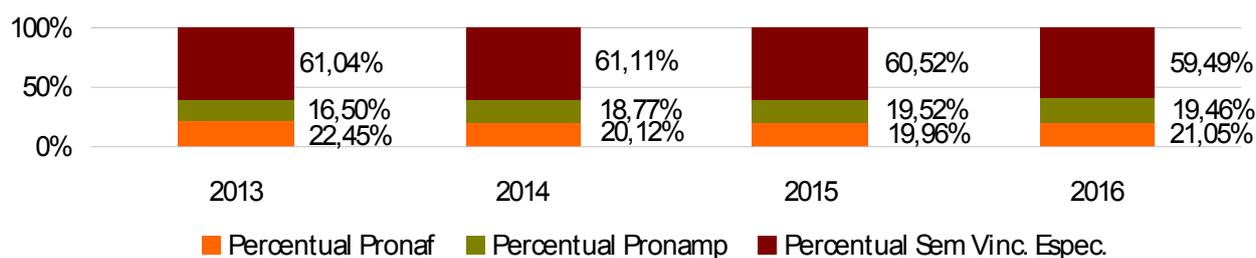
No Gráfico 26 pode-se perceber que as Região Centro-Oeste e Sul são as que mais utilizam o crédito. No entanto, observa-se um crescimento nas região Norte e Nordeste, o que é explicado pelo aumento de área

de produção no Pará e na Bahia.

O Gráfico 27 indica aumento do crédito utilizado em 2016 em relação a 2015. Deve-se destacar que, excluindo a Região Norte e Nordeste, nas demais regiões houve redução no uso do crédito. Pode-se inferir que a quebra na safra 2015/16 pode ter influenciado as exigências bancárias e por sua vez direcionado o uso de crédito de terceiros pelo produtor.



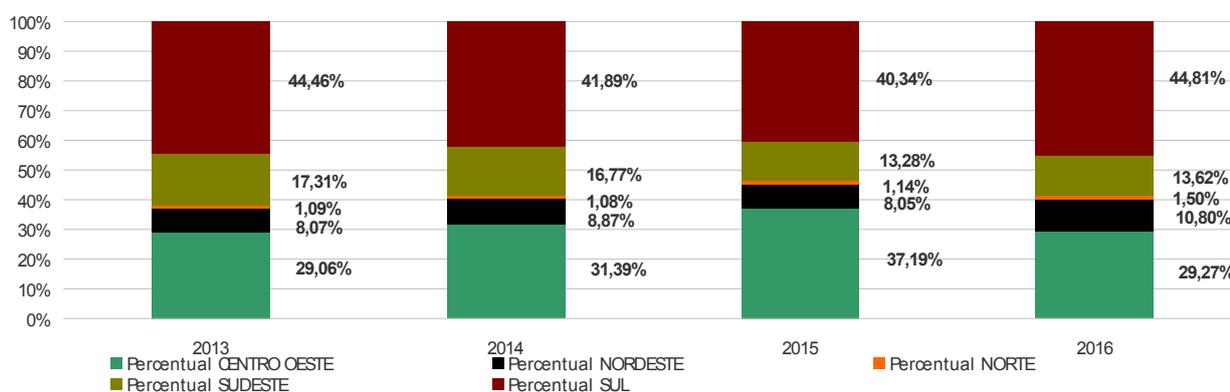
Gráfico 25 – Milho - Tipo de financiamento - Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

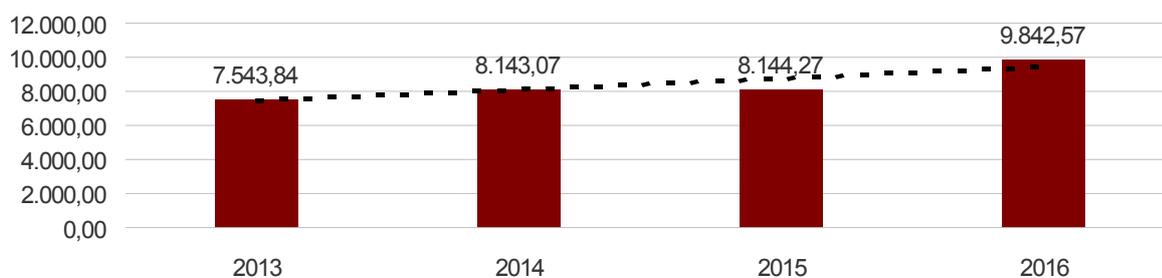
Gráfico 26 – Milho -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

Gráfico 27 – Milho – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

6.4. SOJA

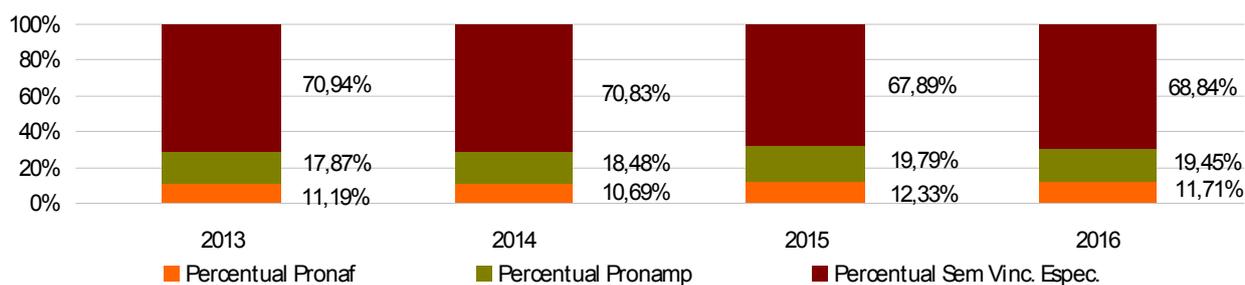
O Gráfico 28 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento, com forte concentração no financiamento sem vínculo específico. O perfil do produtor de soja pode explicar tal situação.

No Gráfico 29 nota-se o uso do crédito na Região Centro-Oeste e Sul, que são as principais regiões pro-

dutoras; e no Gráfico 30 é demonstrado o crescente aumento do crédito de custeio para o plantio da soja. A principal hipótese que explica as situações relatadas anteriormente é a opção do produtor em investir na soja em detrimento a outras culturas dada a sua maior liquidez e rentabilidade.



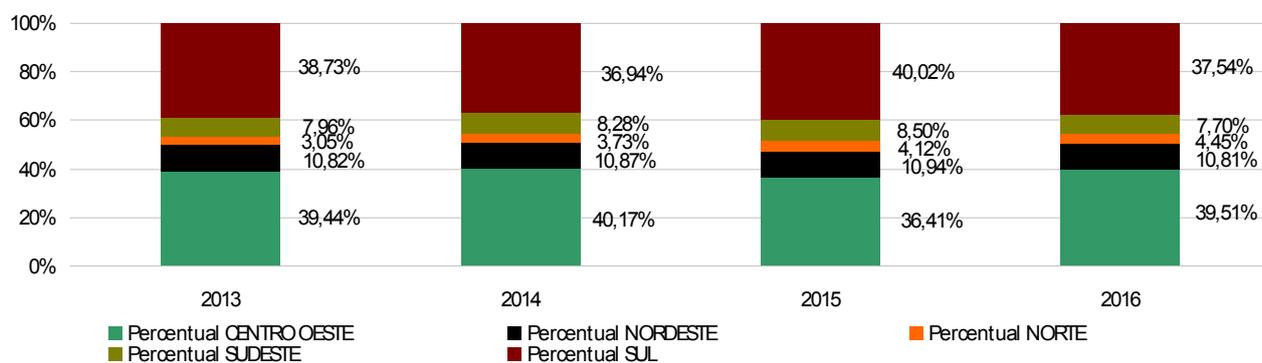
Gráfico 28 – Soja - Tipo de financiamento - Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

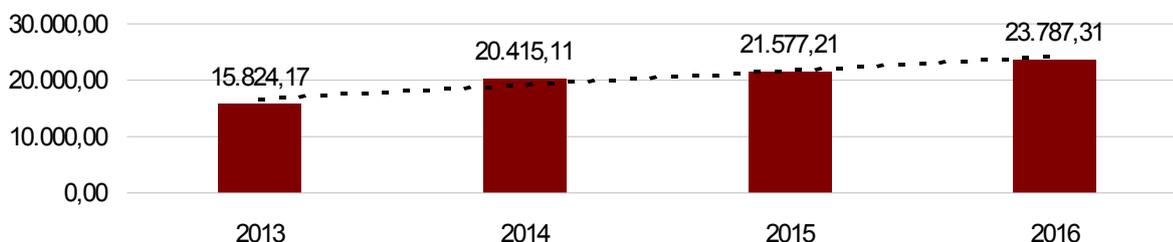
Gráfico 29 – Soja - Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

Gráfico 30 - Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

6.5. FEIJÃO

O Gráfico 31, observando o período de 2013 a 2016, há alterações na distribuição percentual do crédito nos programas onde o crédito sem vínculo específico vem perdendo espaço para o Pronamp e Pronaf.

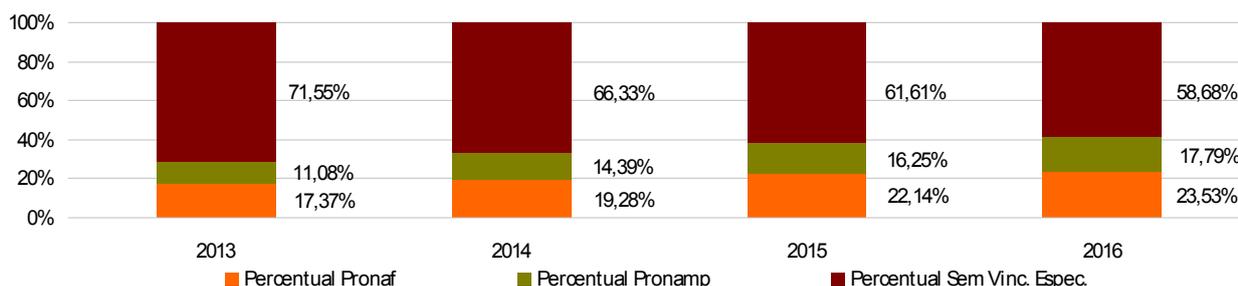
As informações constantes do Gráfico 32 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na primeira

safrinha de feijão, como é o caso da região Sudeste e Sul.

O Gráfico 33 demonstra o aumento do uso do crédito em 2016 em relação a 2015. A explicação desse movimento tem relação com a queda da safra 2015/16, os reflexos dos preços internos e o aumento de área de produção da primeira safra feijão.



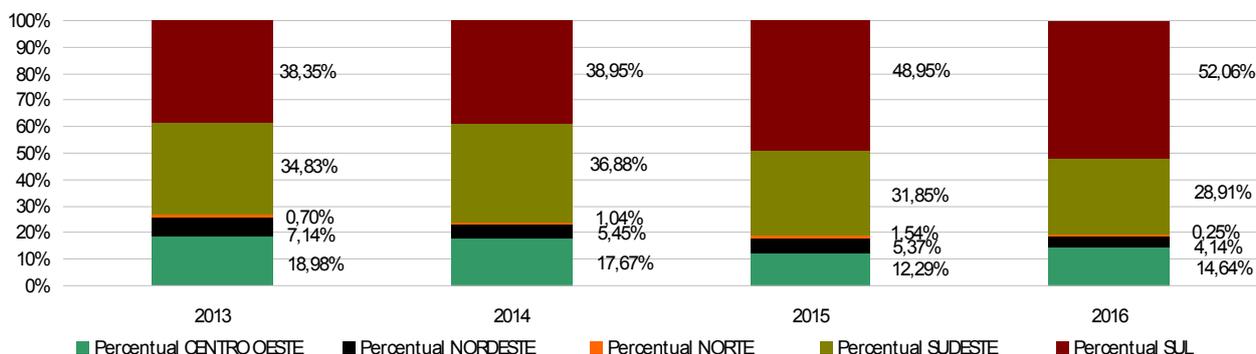
Gráfico 31 Feijão – Tipo de financiamento – Participação de programa



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

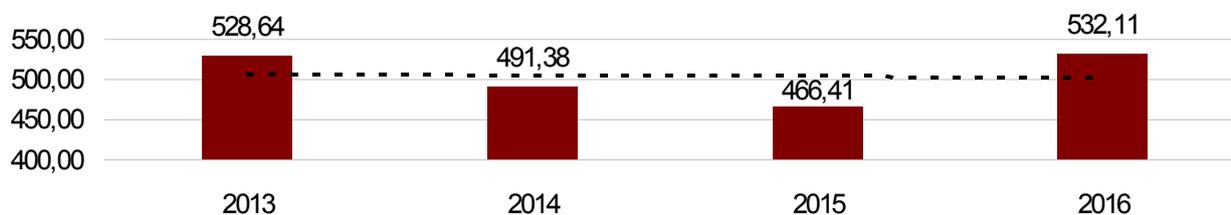
Gráfico 32 – Feijão -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

Gráfico 33– Feijão - Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

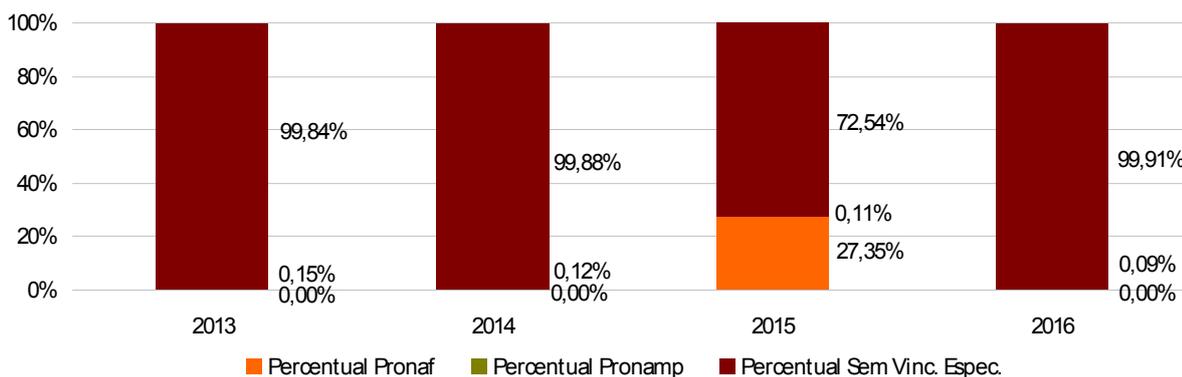
6.6. ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do financiamento sem vínculo específico (Gráfico 34). A Bahia e o Mato Grosso são os principais estados produtores, o que explica as informações do Gráfico 35. A queda de uso do financia-

mento para custeio se explica pela redução de área de plantio, que por sua vez, tem relação direta com as questões econômicas que envolve a cadeia produtiva (excesso de estoque no âmbito internacional com impactos nos preços).



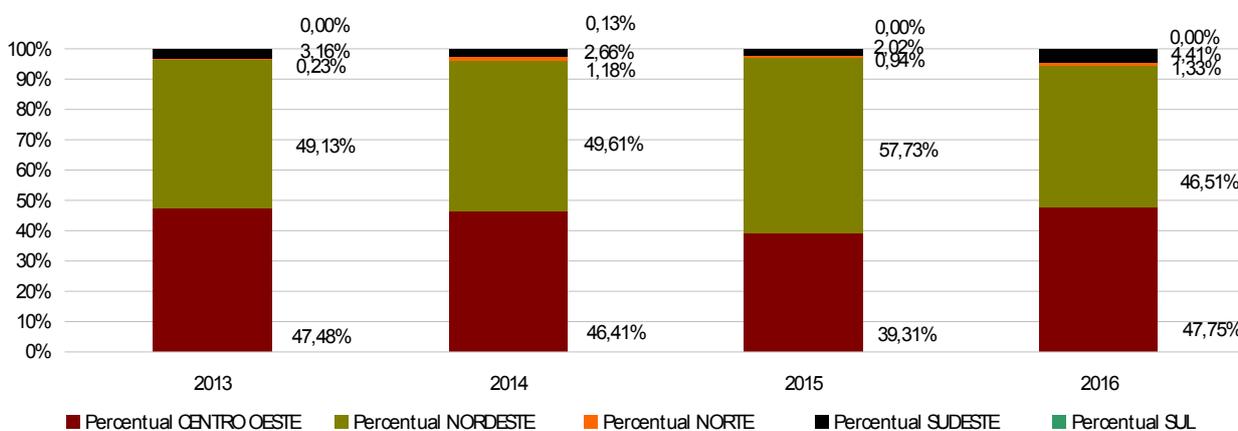
Gráfico 34 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação de Programa



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

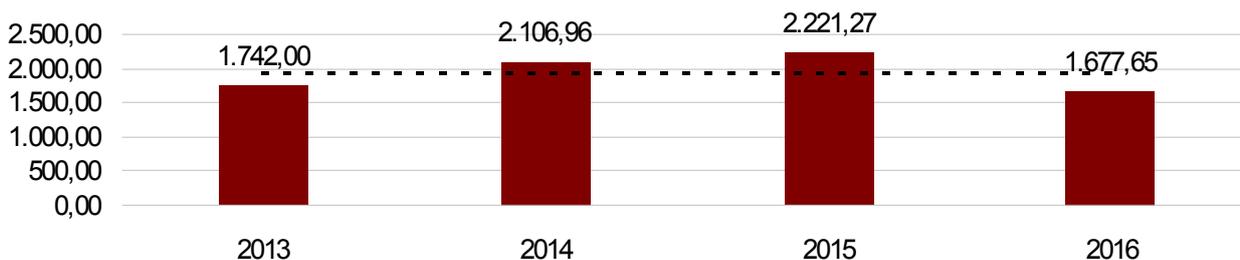
Gráfico 35 – Algodão -Tipo de financiamento – Participação por região



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016

Gráfico 36– Algodão - Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a dezembro de 2016





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1.CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO DE 2017

Na Região Centro-Oeste predominaram áreas com precipitação acumulada abaixo da faixa normal em janeiro. No entanto, algumas localidades apresentaram totais bem acima da média do período. Em do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no sul de Goiás, os totais acumulados nas estações meteorológicas do Inmet variaram entre 150 e 400 mm, distribuídos entre 15 e 20 dias de chuva ao longo do mês. Destacam-se, por exemplo, as localidades de Paranaíba (MS), onde o volume ultrapassou os 400 mm, e Diamantino (MT), com volume acima de 350 mm em janeiro. No Distrito Federal e centro-norte de Goiás, os volumes acumulados entre 100 e 200 mm foram bem mais modestos, ficando abaixo da faixa normal nessas áreas (Figura 1).

Na Região Sudeste os volumes variaram entre 150 e 400 mm em São Paulo, no Rio de Janeiro e centro-sul de Minas Gerais, resultando em acumulados próximos ou acima da média. No entanto, no Espírito Santo e norte de Minas Gerais, os volumes na faixa entre 40 e 120 mm resultaram em acumulados bem abaixo da média na maioria das localidades.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Na Região do Matopiba, houve significativa diferença na distribuição espacial das chuvas, resultando em áreas com anomalias positivas e negativas em um mesmo estado. Em Tocantins, foram registrados 90 mm em Taguatinga e mais de 400 mm, em Palmas. No Sul do Maranhão as chuvas ficaram predominantemente na faixa normal do período, com totais entre 200 e 300 mm. No sul do Piauí os volumes ficaram na faixa entre 90 e 200 mm. A mesorregião do Oeste da Bahia apresentou as maiores anomalias negativas de chuva durante esse mês, com totais pluviométricos de apenas 27 mm em Barreiras, 63 mm em Luiz Eduardo

Magalhães e 43 mm em Correntina. Na Região Sul do Brasil a passagem de algumas frentes frias favoreceu a ocorrência de chuvas intensas, resultando em acumulados de precipitação predominantemente na faixa entre 150 e 300 mm, porém, algumas localidades tiveram volumes significativamente acima dessa faixa, como em Paranaguá (PR), onde o total pluviométrico atingido foi superior a 500 mm em janeiro. Em consequência disso, predominaram, na região, áreas com precipitação acima da média em janeiro na maioria das localidades dos três estados (Figura 2).

Figura 1 - Precipitação acumulada em janeiro/2017 no Brasil (em mm)

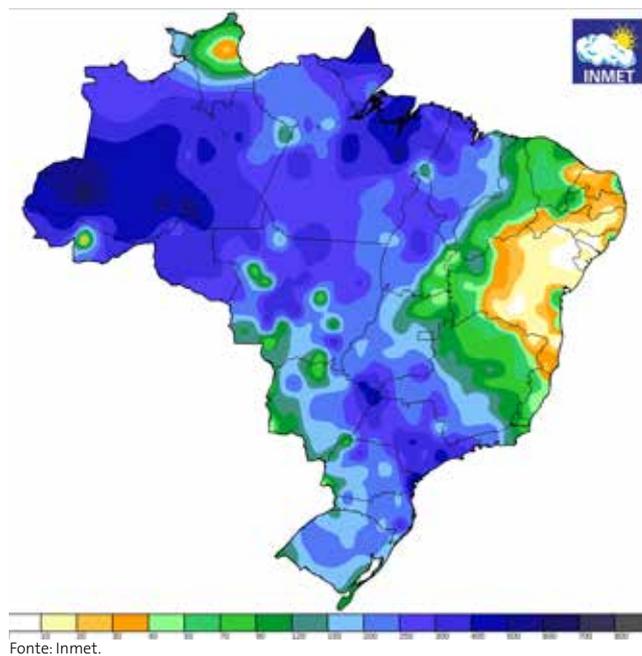
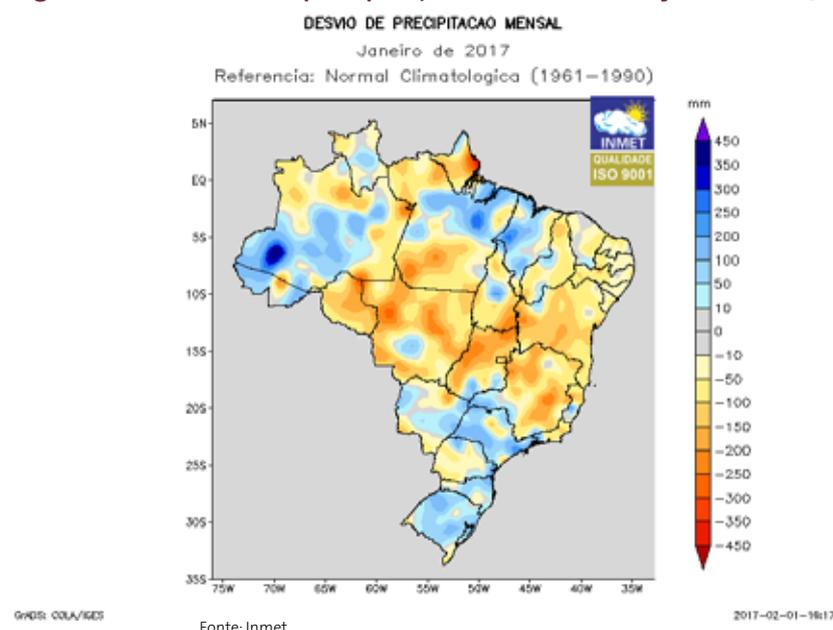


Figura 2 - Anomalia de precipitação acumulada em janeiro/2017 no Brasil (em mm)



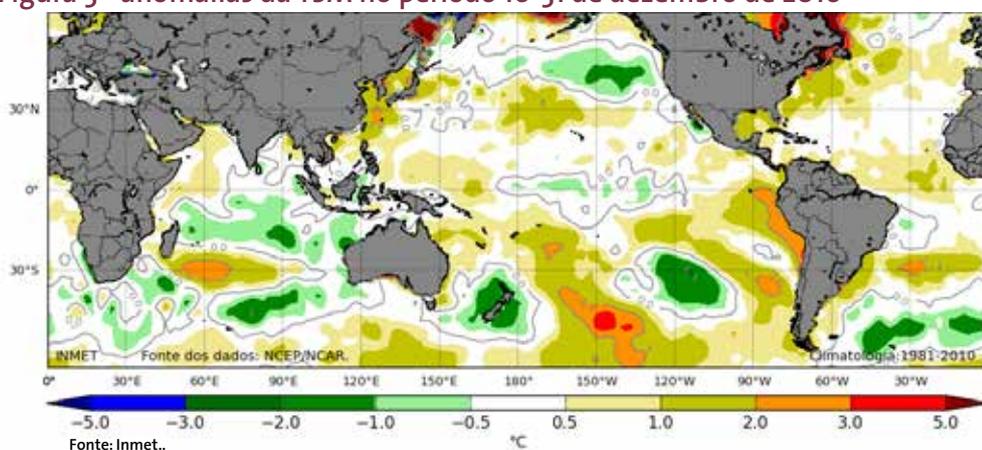
7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS NO PACÍFICO E ATLÂNTICO

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de janeiro (Figura 3) mostra que a área com águas mais frias no Pacífico Equatorial ficou reduzida, condição em que demonstra que há uma rápida evolução para uma condição de neutralidade no Oceano Pacífico Tropical.

Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a sua condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste durante o primeiro semestre, chamado de Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). Quanto mais o

Atlântico Tropical Norte se resfria ao mesmo tempo em que o Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT se aproxima da região Nordeste, gerando mais instabilidade na atmosfera e, conseqüentemente, mais chuva. As observações nos últimos quinze dias, em média, mostram que os dois lados do Atlântico Tropical apresentam anomalias positivas, porém, com uma área maior no lado norte. Algumas previsões – como a do Tokyo Climate Center (TCC) - indicam que há uma leve tendência de intensificação de um Dipolo negativo, o que, de maneira geral, pode favorecer as chuvas em parte da Região Nordeste em fevereiro e março, caso se confirme a previsão.

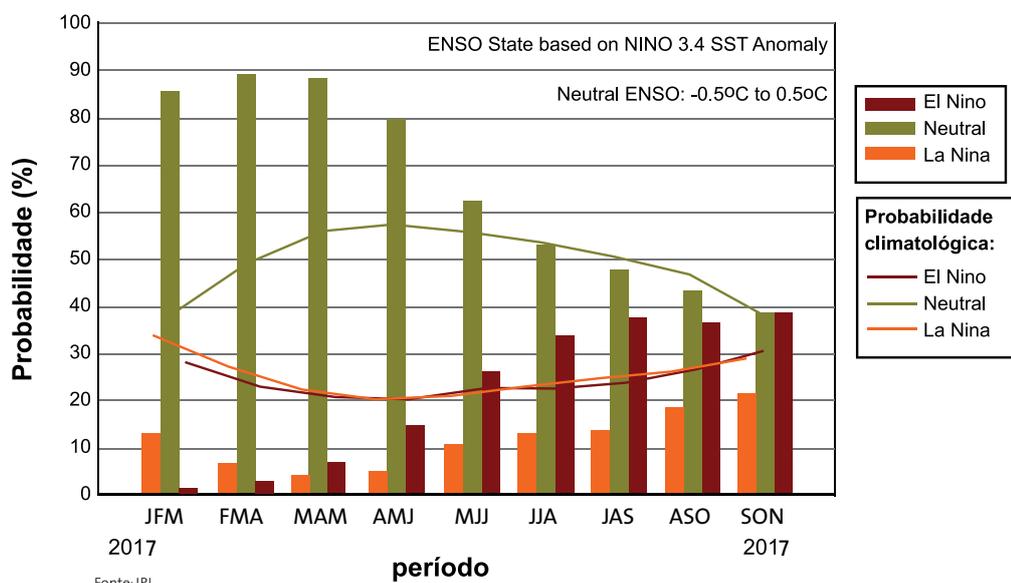
Figura 3 - anomalias da TSM no período 16-31 de dezembro de 2016



Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam que o fenômeno tem baixíssima probabilidade de persistir além de fevereiro de 2017 (Gráfico 4). O atual prognóstico e

as últimas observações sugerem que o fenômeno La Niña está em processo de enfraquecimento, devendo o Pacífico Tropical entrar em uma fase de neutralidade nos primeiros meses de 2017.

Gráfico 37 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



7.3.1. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA - TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2017

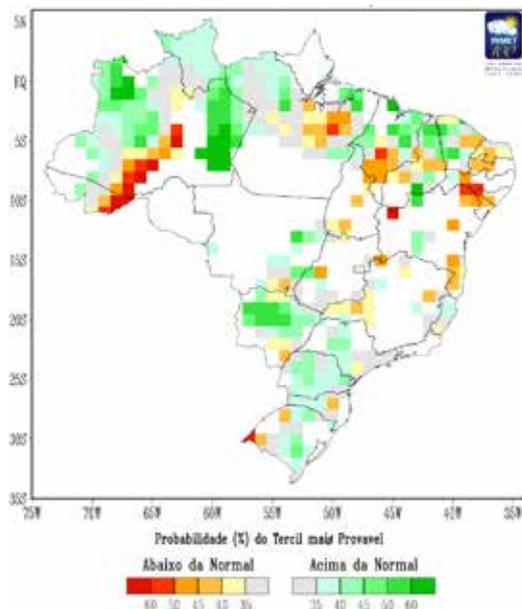
Os modelos de previsão climática, como o do Inmet (figura 4), indicam que pode haver significativa variabilidade espacial no acumulado de chuva nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com probabilidade de precipitação na faixa normal ou acima na maioria das localidades do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Na primeira quinzena de fevereiro os maiores volumes devem se concentrar em Minas Gerais, Espírito Santo, centro-norte do Mato Grosso e em Goiás.

Na Região Sul o prognóstico indica maior probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima na maior parte da região. Contudo, no início do trimestre não devem

ocorrer grandes volumes.

Na Região Nordeste o volume de chuvas deve ficar dentro da faixa normal ou acima no período fevereiro-março-abril na faixa norte da região, e com probabilidade de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal na maioria das localidades da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Contudo, há significativa probabilidade de chuvas mais intensas em grande parte do Nordeste durante fevereiro, incluindo áreas do semiárido, principalmente durante a primeira quinzena. Essas chuvas em fevereiro também devem atingir os estados que compõem a Região do Matopiba.

Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre fevereiro-março-abril/2017



Fonte: Inmet..

1 Mozar de Araújo Salvador e Danielle Barros Ferreira – Meteorologistas CDP-INMET-Brasília.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (1ª E 2ª SAFRAS – 2016/17) - JANEIRO/2016

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de janeiro de 2016.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo; e os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

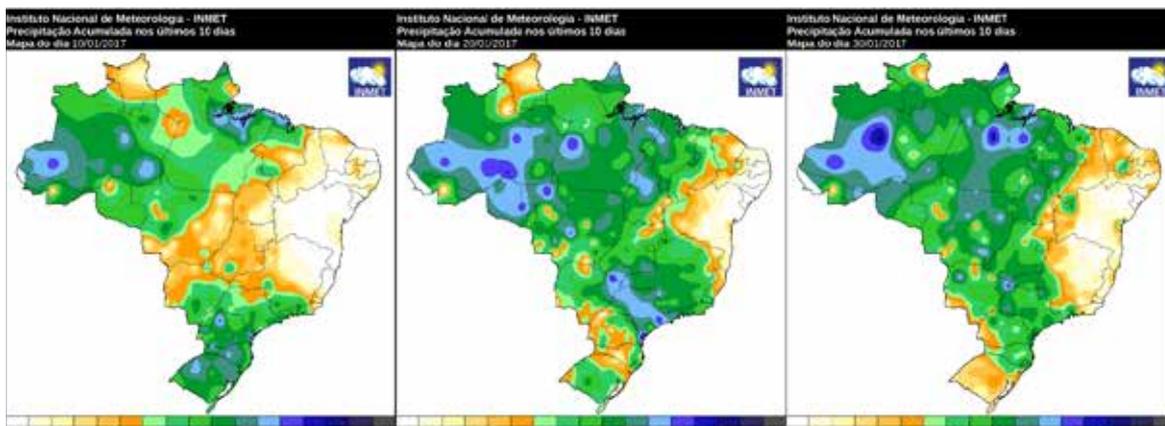
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou, geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - JANEIRO/2016

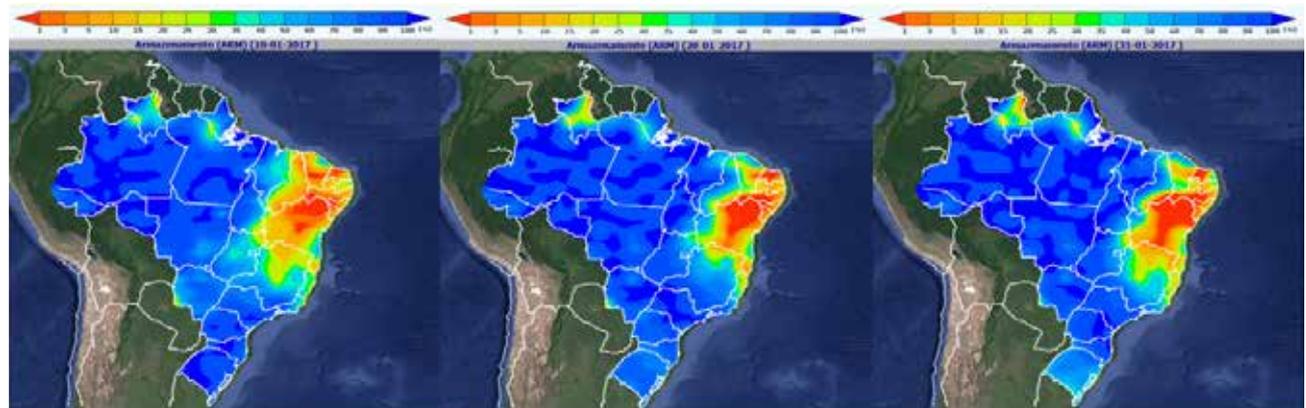
Os principais parâmetros agrometeorológicos utilizados no monitoramento agrícola encontram-se abaixo.

Figura 5 – Chuva acumulada de 1 a 10 de janeiro, de 11 a 20 de janeiro e de 22 a 31 de janeiro de 2016



Fonte: Inmet.

Figura6 - Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de janeiro/16.



Fonte: Inmet.

8.2. MONITORAMENTO ESPECTRAL – JANEIRO DE 2016

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é a safra de verão 2016/2017.

O monitoramento baseia-se no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde

o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV podem ser utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam acompanhar o desenvolvimento das lavouras durante



todo ciclo, além da possibilidade de comparação entre diferentes anos safra.

Esse monitoramento é realizado quinzenalmente pela Conab, e os resultados são divulgados nos boletins de

safra e nos Boletins de Monitoramento Agrícola. Ambos os boletins são disponibilizados mensalmente na área de Destaques da página principal do site da Companhia.

8.2.1. MATO GROSSO

Figura 7 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado

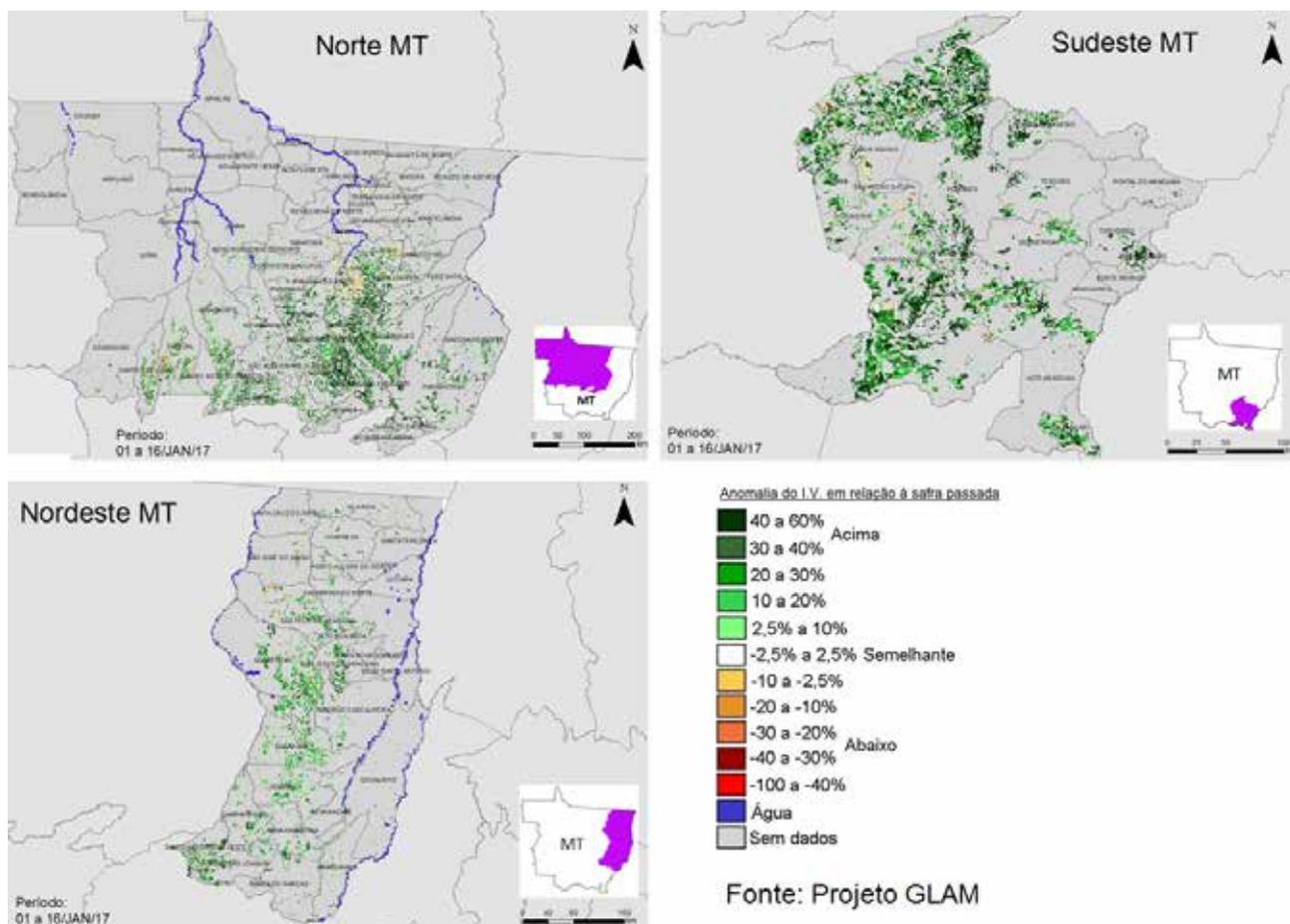
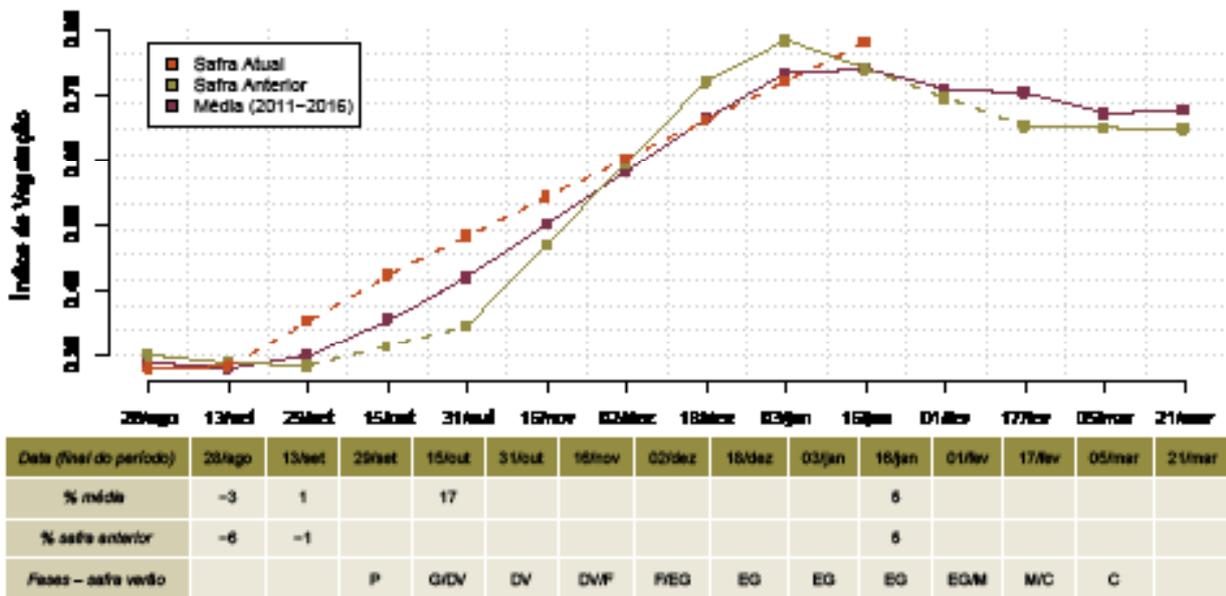
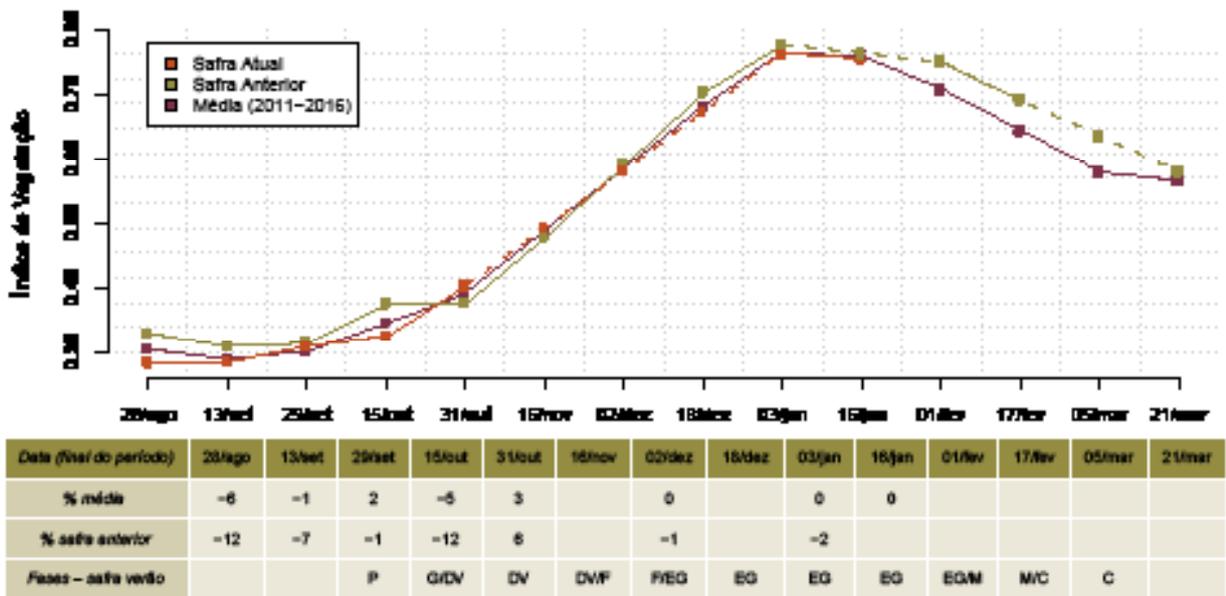


Gráfico 38 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam

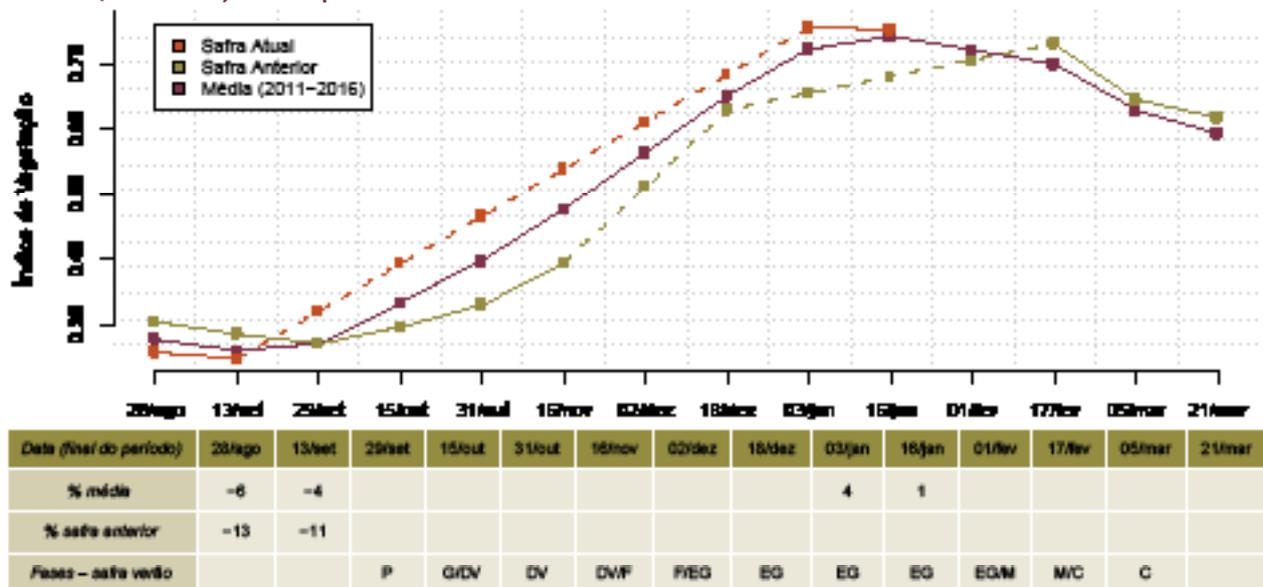
Gráfico 39 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 40 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Nordeste Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam

O predomínio das cores em verde nos mapas reflete, em parte, o bom padrão das atuais lavouras. Entretanto, a principal causa decorre da falta de dados de satélite das áreas agrícolas na safra passada, pelo excesso de cobertura de nuvens. Os gráficos embora

apresentem também falta de dados em alguns períodos, indicam no momento altas respostas do índice de vegetação dos cultivos de verão, principalmente da soja, que na maioria das áreas encontra-se em fase reprodutiva.

8.2.3. MATO GROSSO DO SUL

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ou ano passado

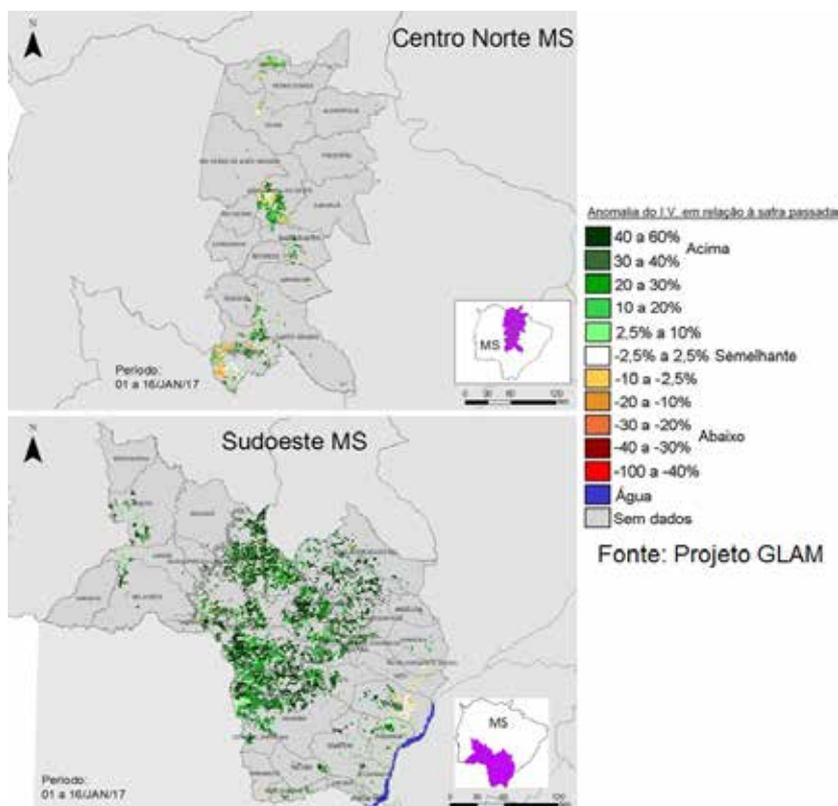
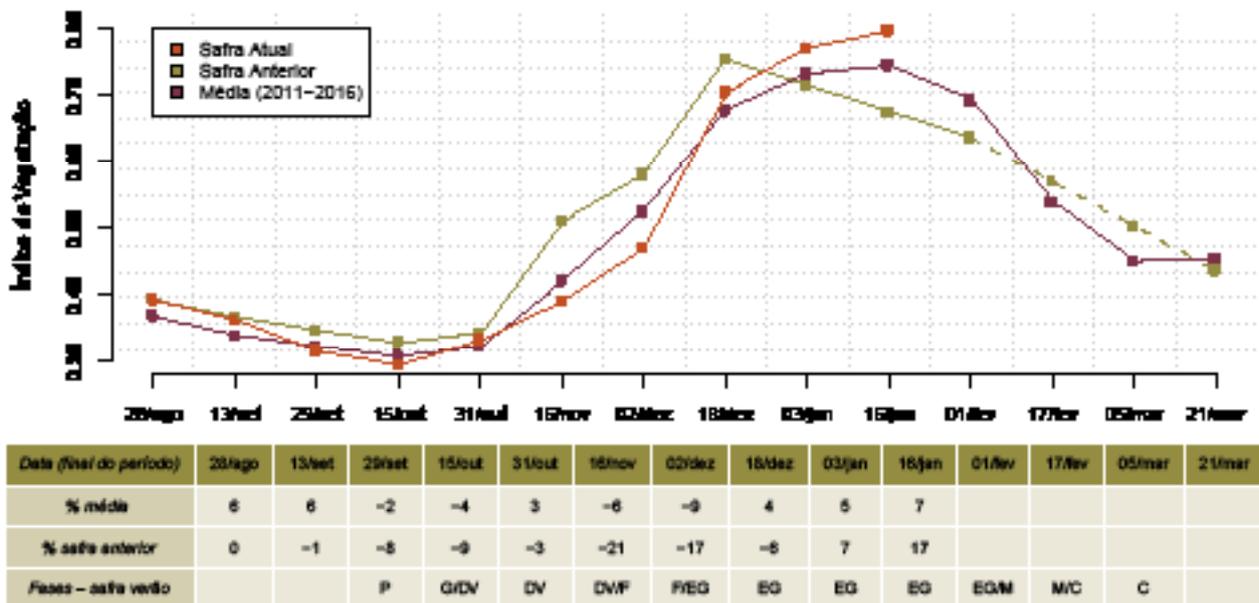
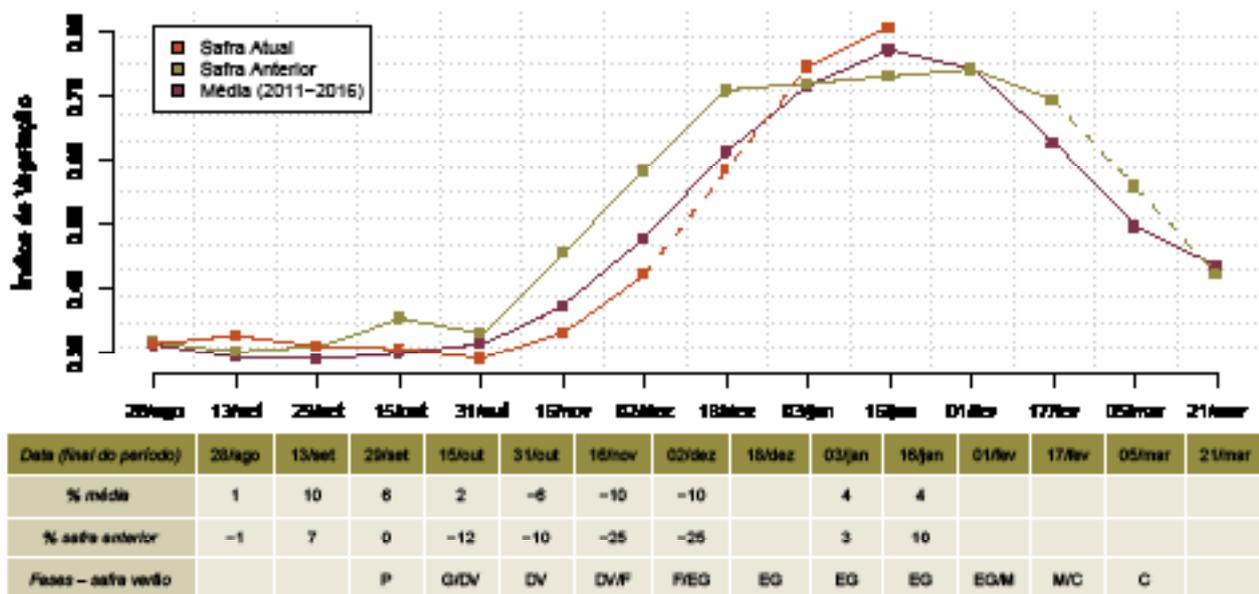


Gráfico 41 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/MS



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 42 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Norte/MS



Fonte: Projeto Glam.

Com exceção de algumas poucas áreas com anomalia negativa (cores amarelo e laranja nos mapas), principalmente no centro norte do estado, o predomínio das áreas em verde, bem como a forte ascendência da linha da safra atual nos gráficos de evolução, indicam

bom padrão de desenvolvimento dos cultivos de verão em janeiro. No entanto, no mapa da região sudoeste, a maioria das áreas em verde deve estar associada à falta de dados de satélite das áreas agrícolas na safra passada, pelo excesso de cobertura de nuvens.



8.2.2. GOIÁS

Figura 9 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado

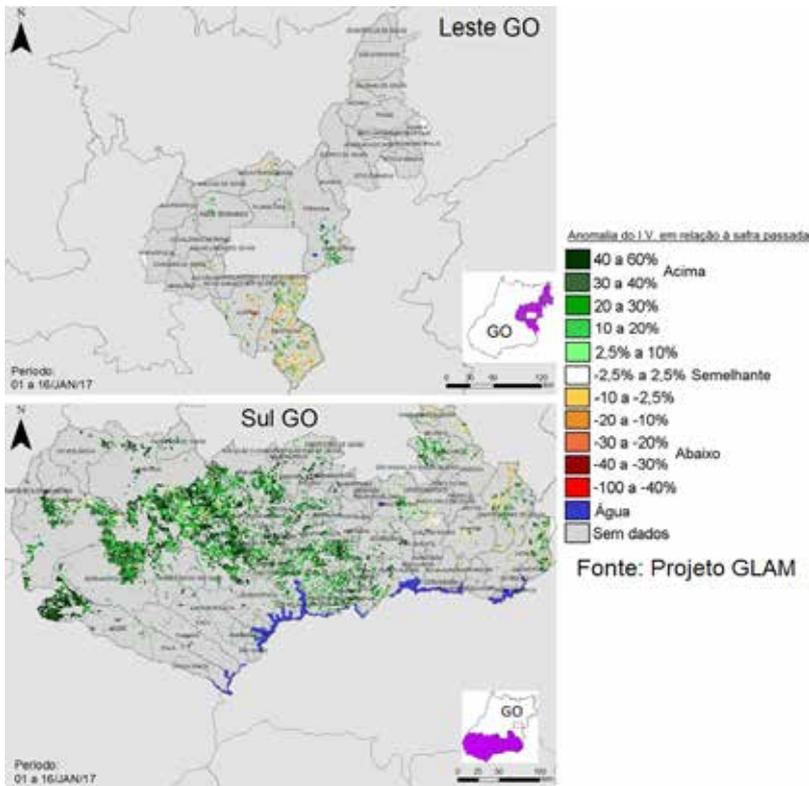
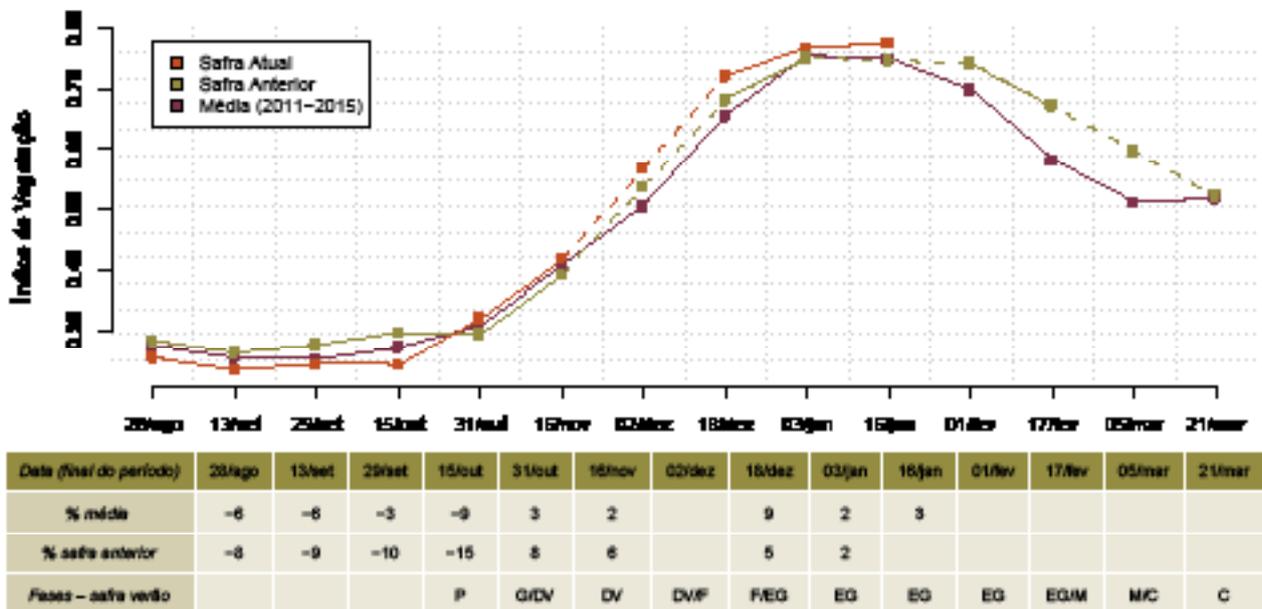


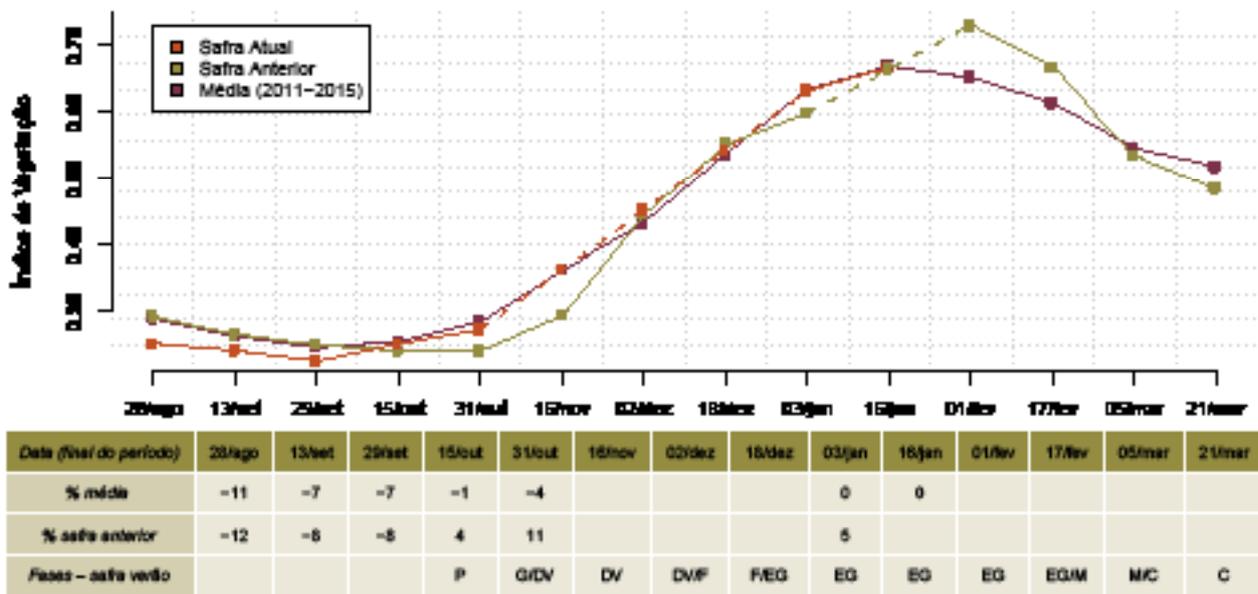
Gráfico 43 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 44 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Leste goiano



Fonte: Projeto Glam.

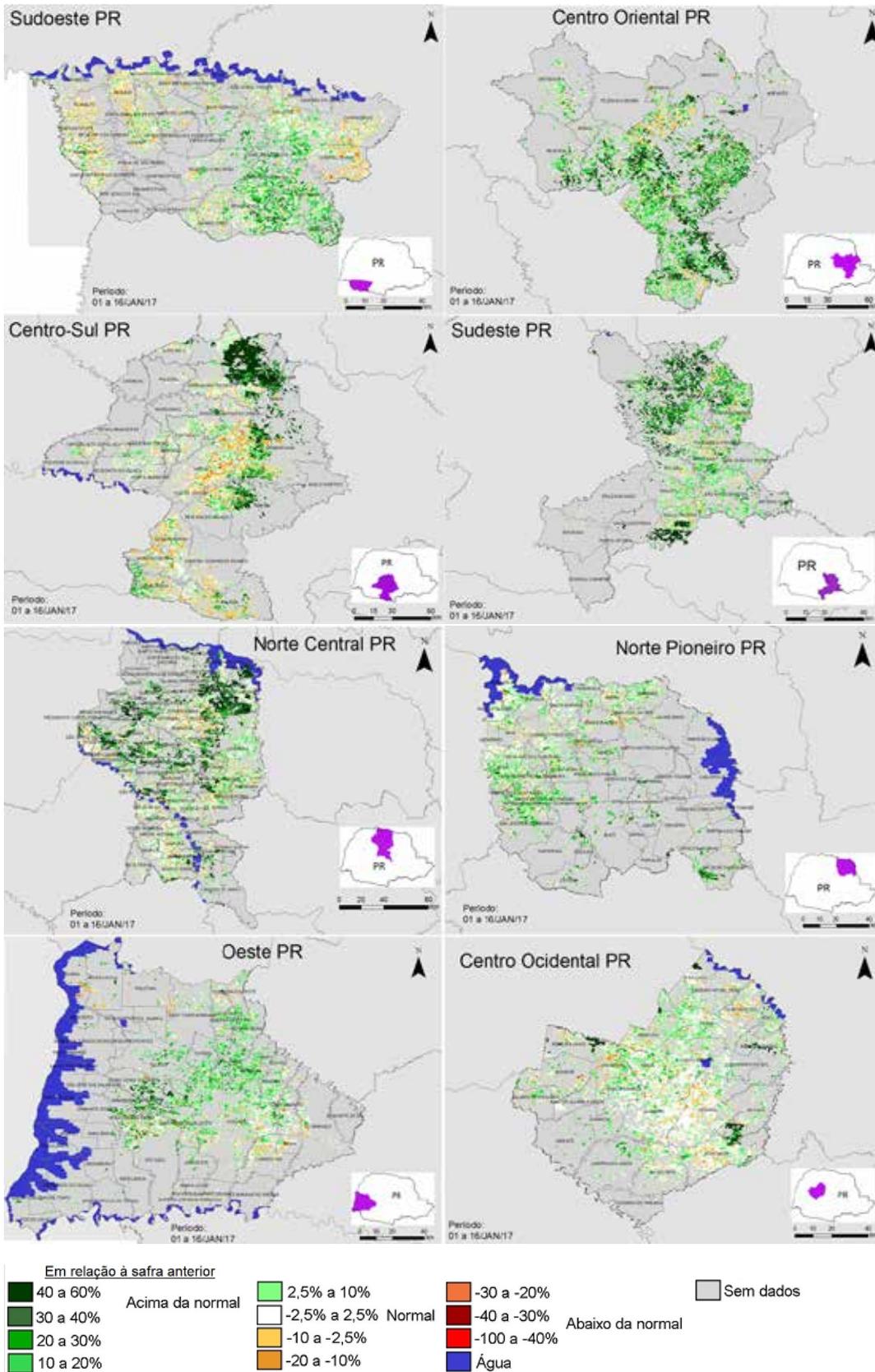
O predomínio das áreas em verde no mapa de anomalia do índice de vegetação (IV) no Sul Goiano decorre, principalmente, da falta de dados de satélite das áreas agrícolas na safra passada, pelo excesso de cobertura de nuvens. No entanto, nas áreas em que houve dados nos dois anos safra, expressiva parcela das lavouras apresenta atividade fotossintética superior ao ano anterior. As poucas áreas em amarelo,

marrom e vermelho, principalmente no Leste Goiano, podem ser áreas com diferenças no calendário de plantio e/ou onde houve algum impacto nas lavouras pela falta de chuvas na 2ª quinzena de dezembro e na 1ª quinzena de janeiro. O traçado da linha vermelha nos gráficos indica que o desenvolvimento das atuais lavouras pode ser considerado bom nas duas mesorregiões monitoradas.



8.2.4. PARANÁ

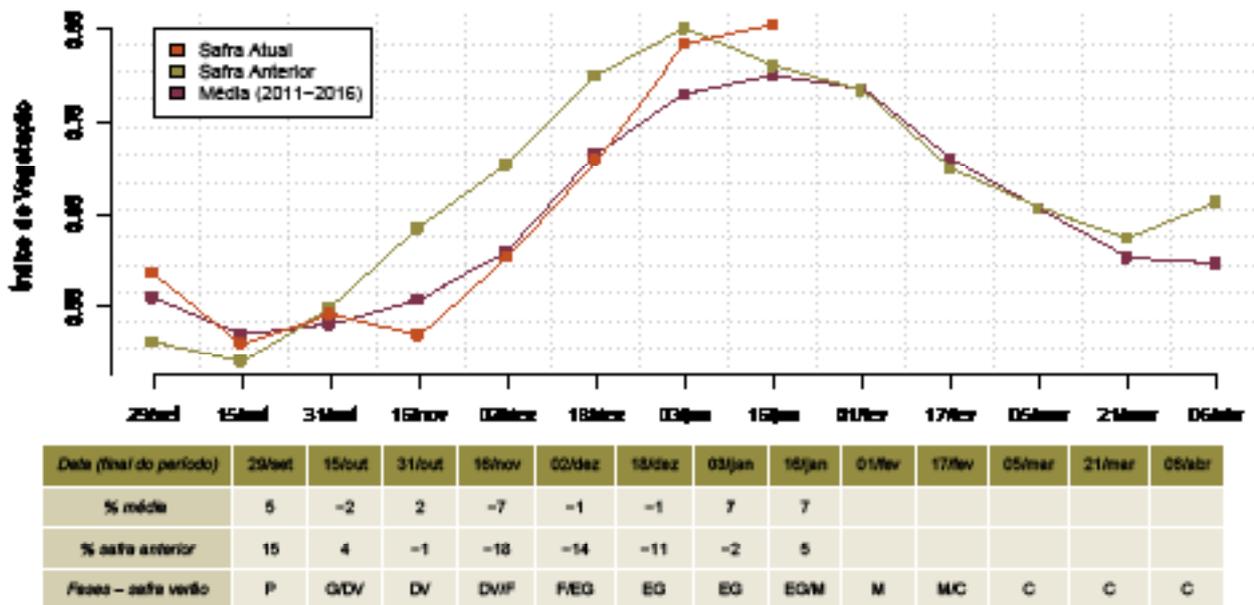
Figura 10 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.

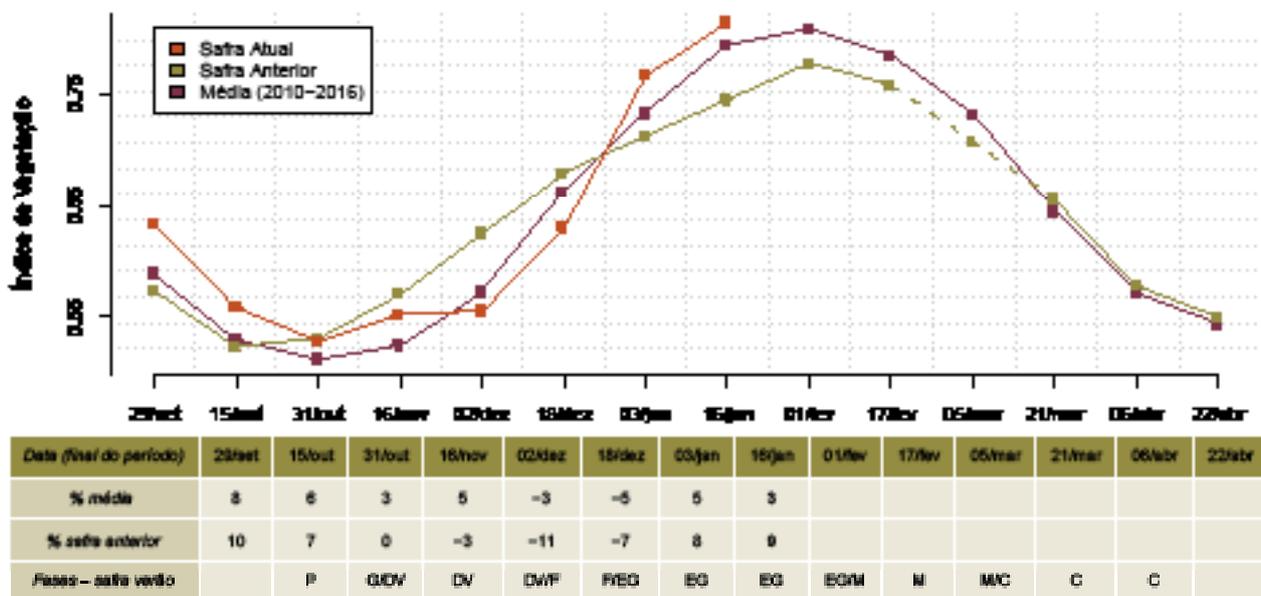


Gráfico 45 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

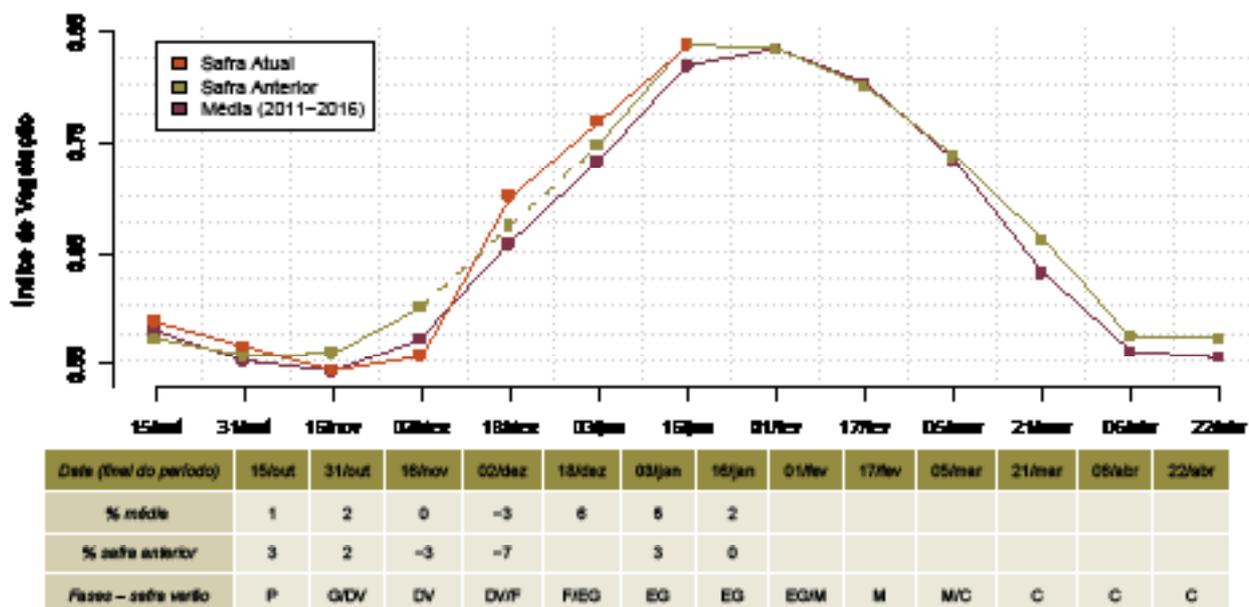
Gráfico 46 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

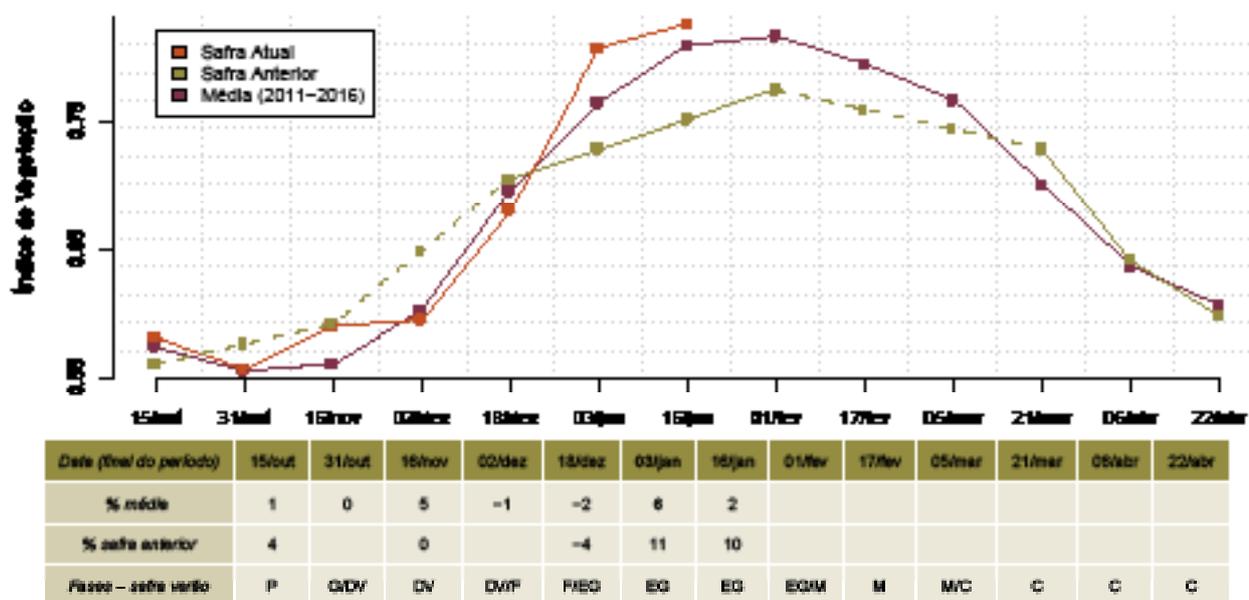


Gráfico 47- Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Sul/PR



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 48 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste/PR



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 49 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Central/PR

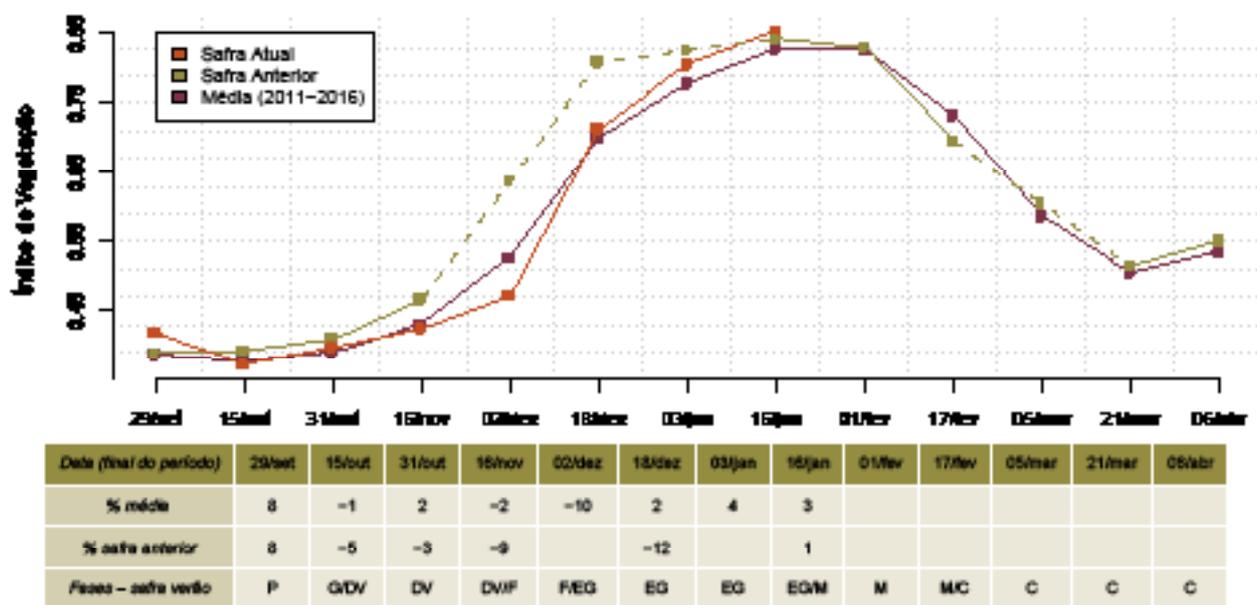


Gráfico 50 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Pioneiro/PR

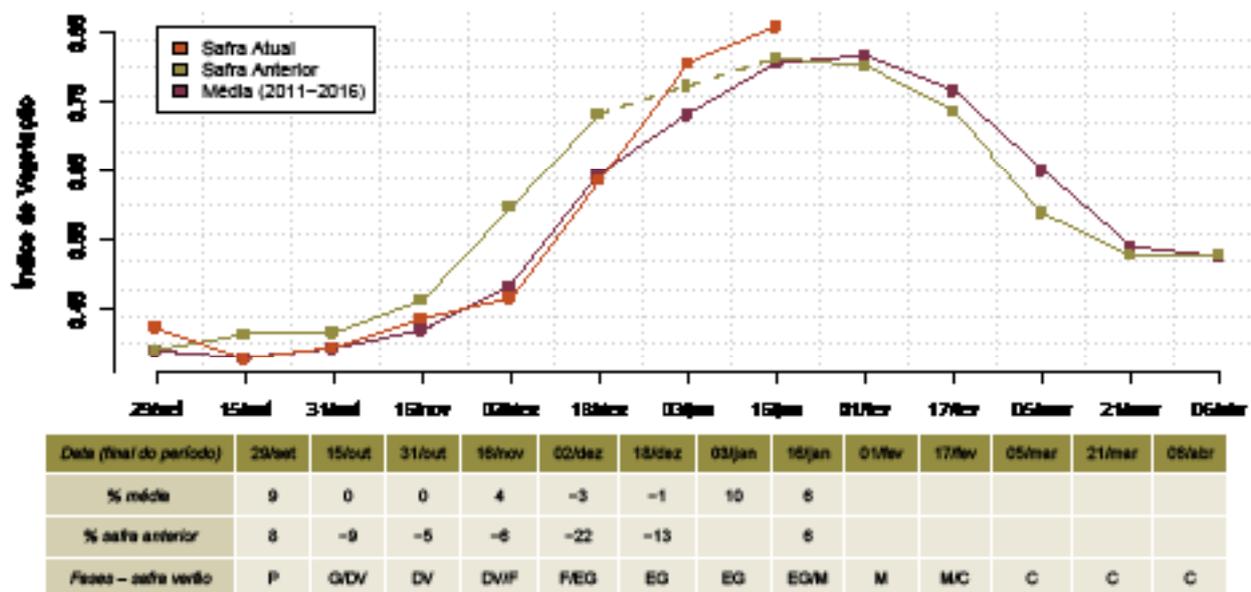
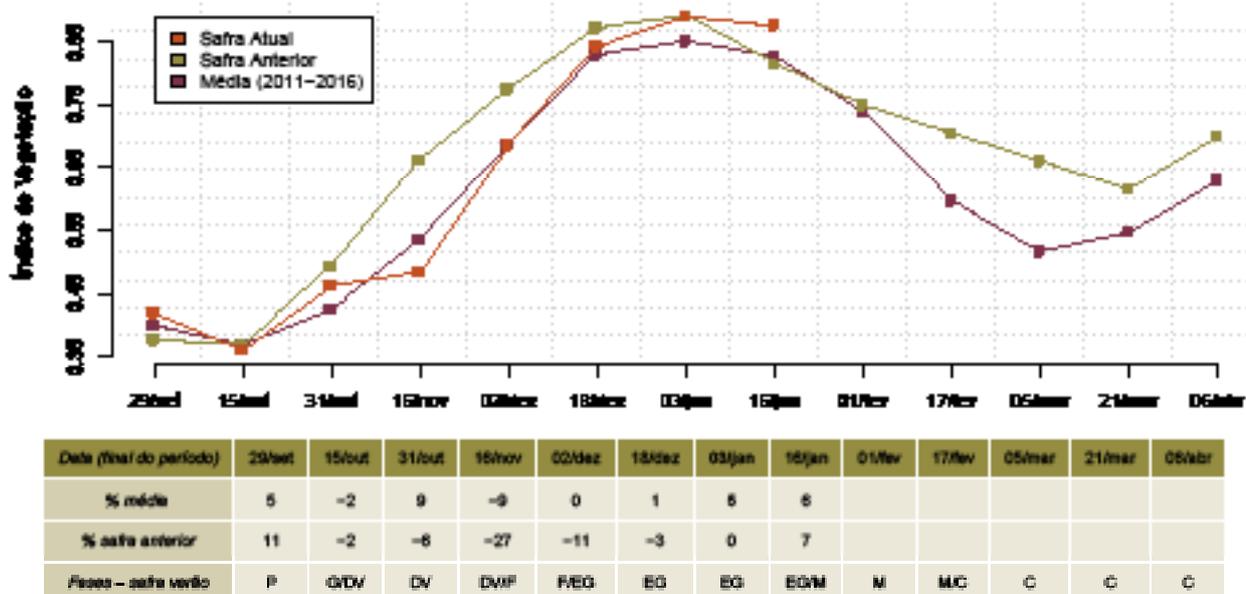
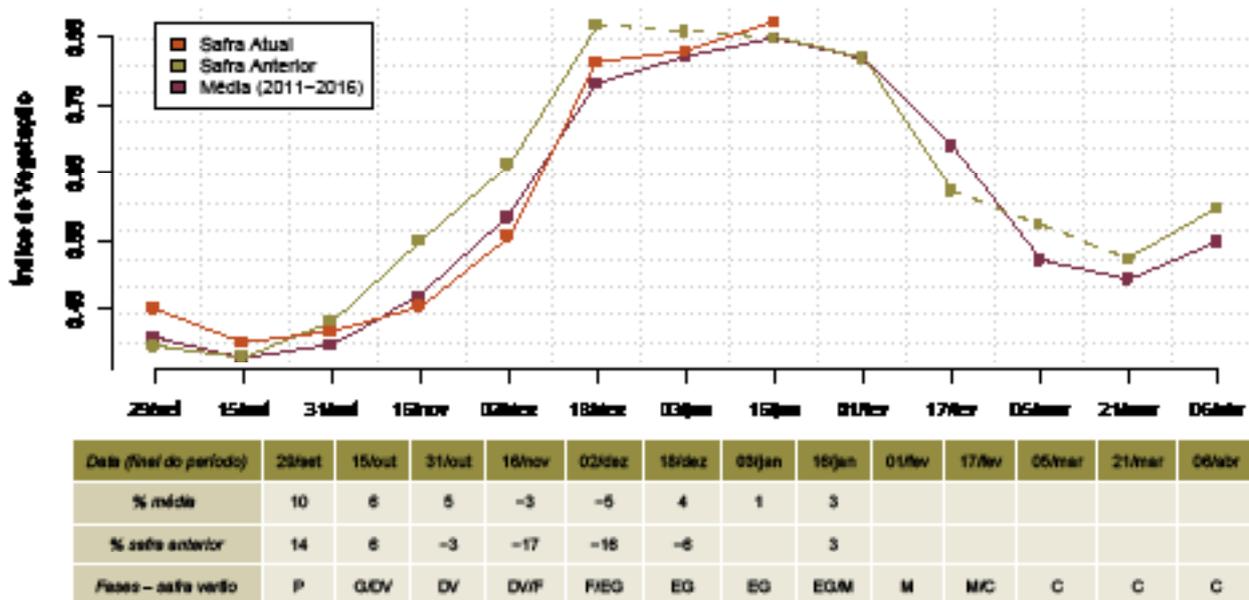


Gráfico 51 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 52 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/PR



Fonte: Projeto Glam.

No geral os mapas mostram predomínio das cores em verde indicando que em média as atuais lavouras de verão respondem com índice de vegetação (IV) superior ao da safra passada. Além das condições climáticas favoráveis, dois fatos que ocorreram também explicam as diferenças do IV nas regionais do estado. O primeiro foi o aumento da área do milho de 1ª safra, substituindo a soja safrinha e feijão. Como são cultivos de diferentes ciclos vegetativos, os períodos de atividade de fotossíntese também são diferentes. O segundo fato foi o atraso do desenvolvimento vege-

tativo da soja em decorrência de baixas temperaturas em outubro e baixa umidade no início do ciclo. Cores em branco nos mapas mostram onde as lavouras respondem com padrão semelhante em 2017 e 2016. Este atraso da soja pode ser observado nos gráficos de evolução temporal pelo deslocamento da linha vermelha para a direita em quase todas regiões monitoradas. No entanto, o dado mais recente dos gráficos de evolução, acima da safra passada e da média histórica, reflete uma boa condição de desenvolvimento das lavouras no estado.



8.2.5. RIO GRANDE DO SUL

Figura 11 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado

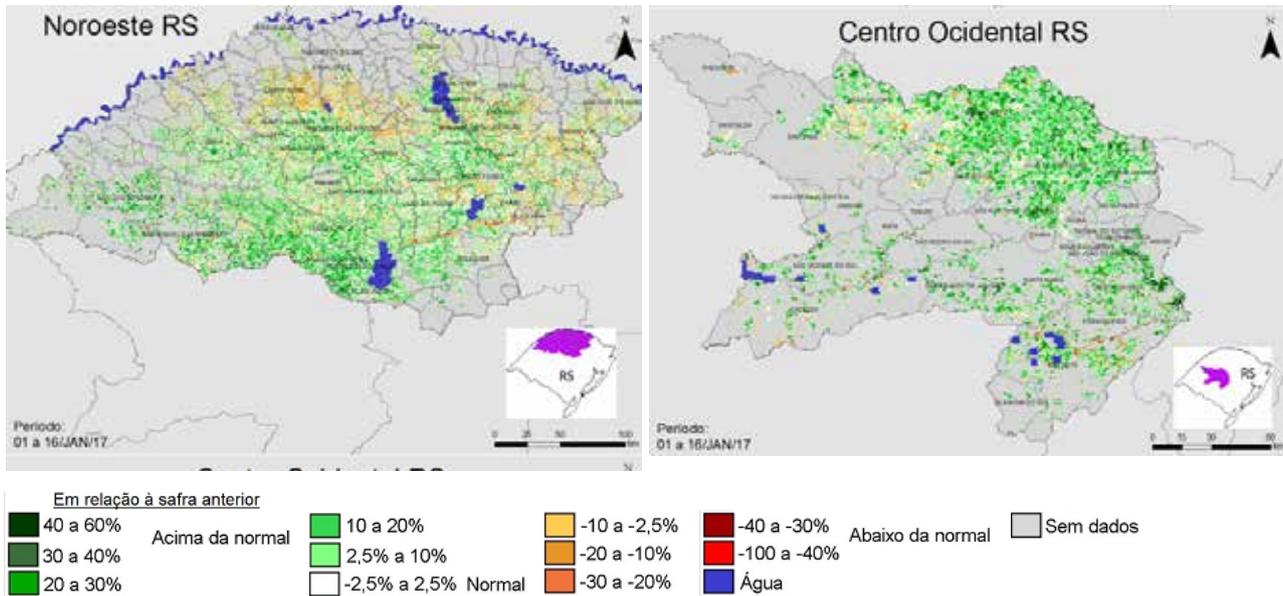


Gráfico 53 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/RS

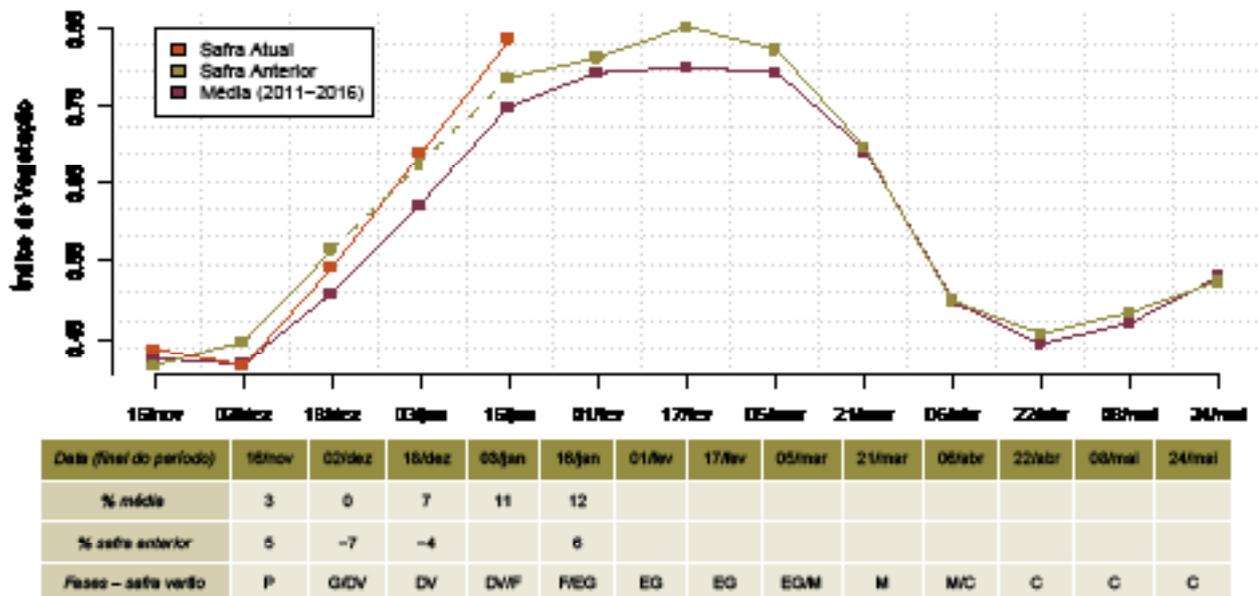
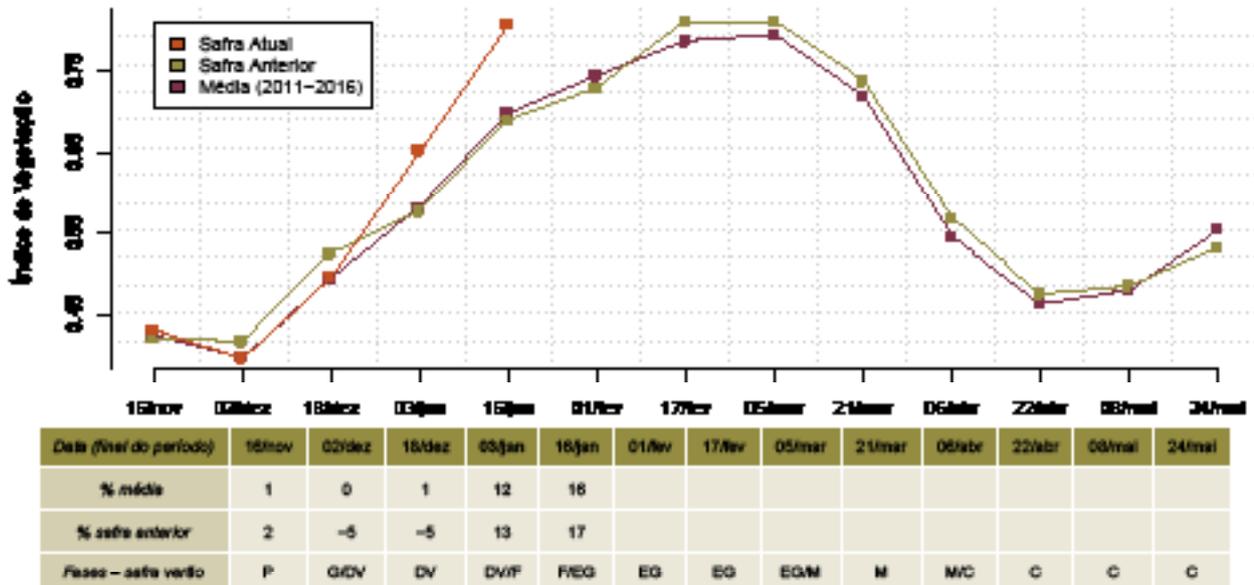


Gráfico 54 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/RS



Fonte: Projeto Glam.

A predominância da cor verde nos mapas mostra que, em média, os atuais cultivos apresentam padrão de desenvolvimento acima do ano passado. Milho e soja, principais lavouras nas duas regiões, cobrem a maior parte destas áreas e apresentam expressiva atividade de fotossíntese. As áreas em amarelo e marrom mos-

tram onde os plantios apresentam padrão de desenvolvimento inferior ao do ano anterior. Nos gráficos de evolução, a forte ascensão da linha vermelha nas últimas quinzenas reflete o bom padrão de desenvolvimento das lavouras.

8.2.6. MINAS GERAIS

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado

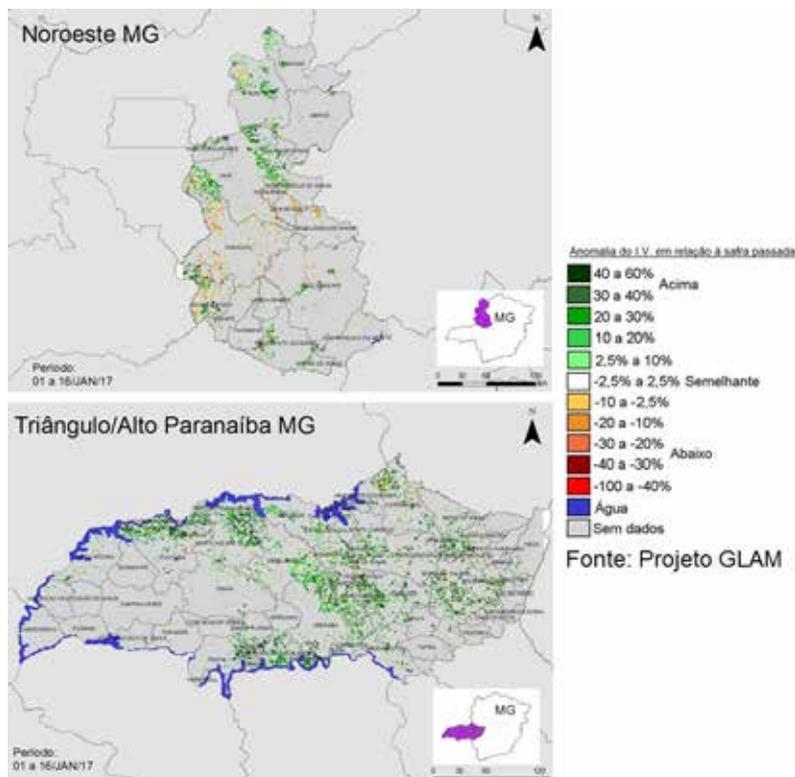
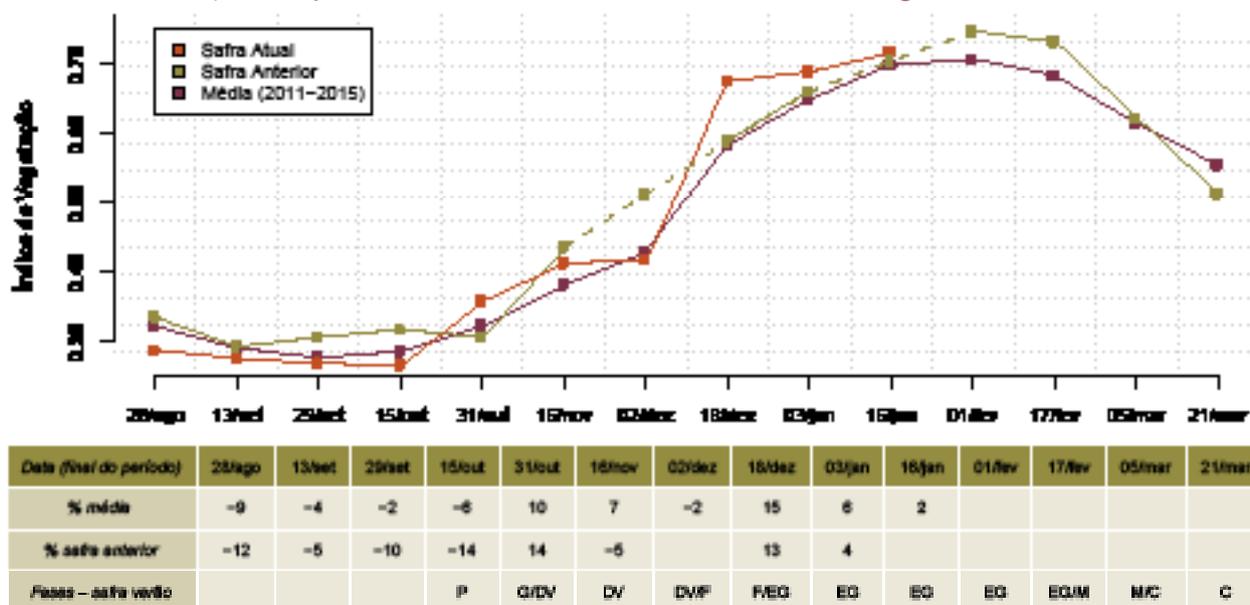
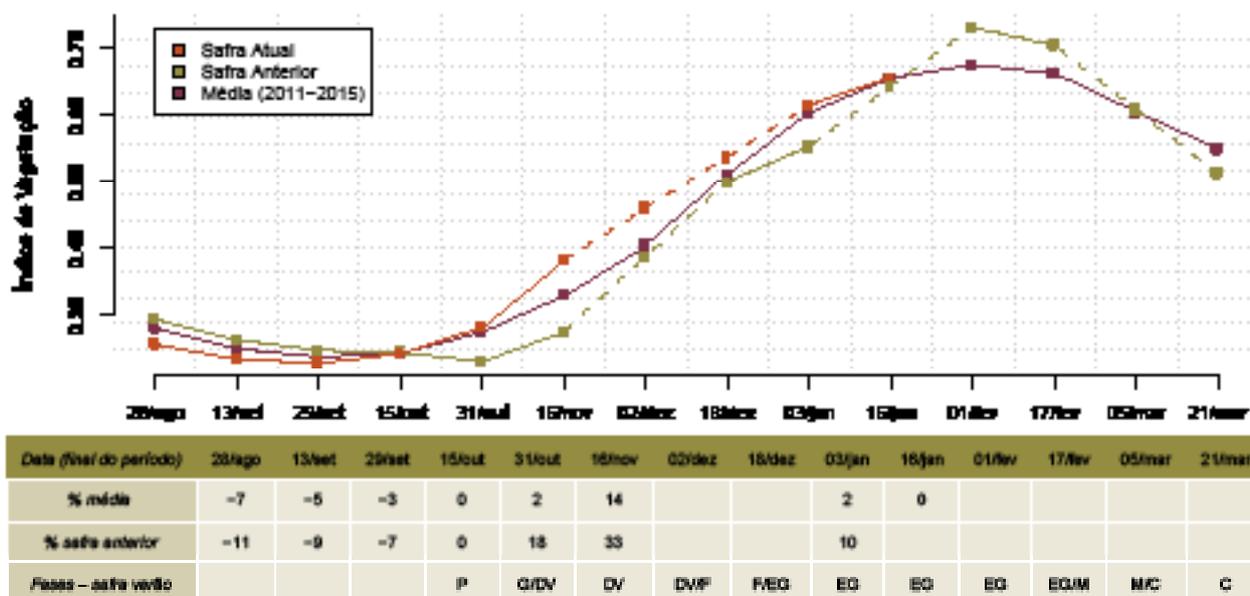


Gráfico 55 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Triângulo/Alto Paranaíba/MG



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 56 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/MG



Fonte: Projeto Glam.

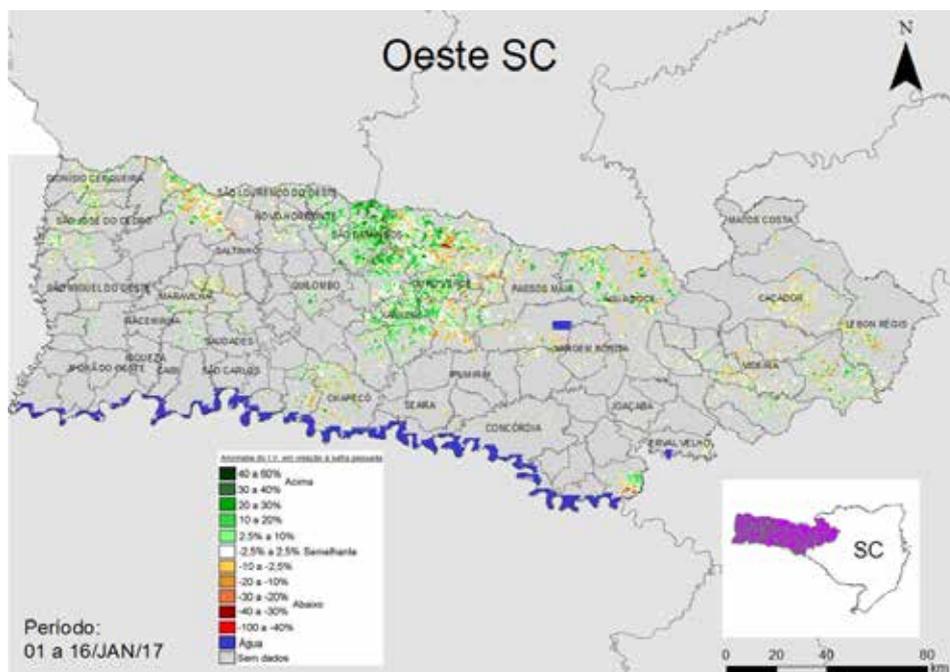
Os mapas de anomalia do índice de vegetação (IV) mostram a predominância de áreas em verde que, provavelmente, representam lavouras semeadas um pouco mais tarde nesta safra e que estão em floração/enchimento de grãos. As áreas em amarelo, laranja e marrom são cultivos que eventualmente podem ter sido plantados um pouco mais cedo e que estão em maturação. Áreas que sofreram algum impacto pela

falta de chuvas na 2ª quinzena de dezembro e na 1ª quinzena de janeiro também apresentam essa anomalia negativa. O traçado da linha vermelha nos gráficos de evolução em períodos mais recentes mostra uma desaceleração no crescimento do IV. No entanto, o comportamento espectral das lavouras ao longo do ciclo ainda indica um bom padrão de desenvolvimento da atual safra de verão.



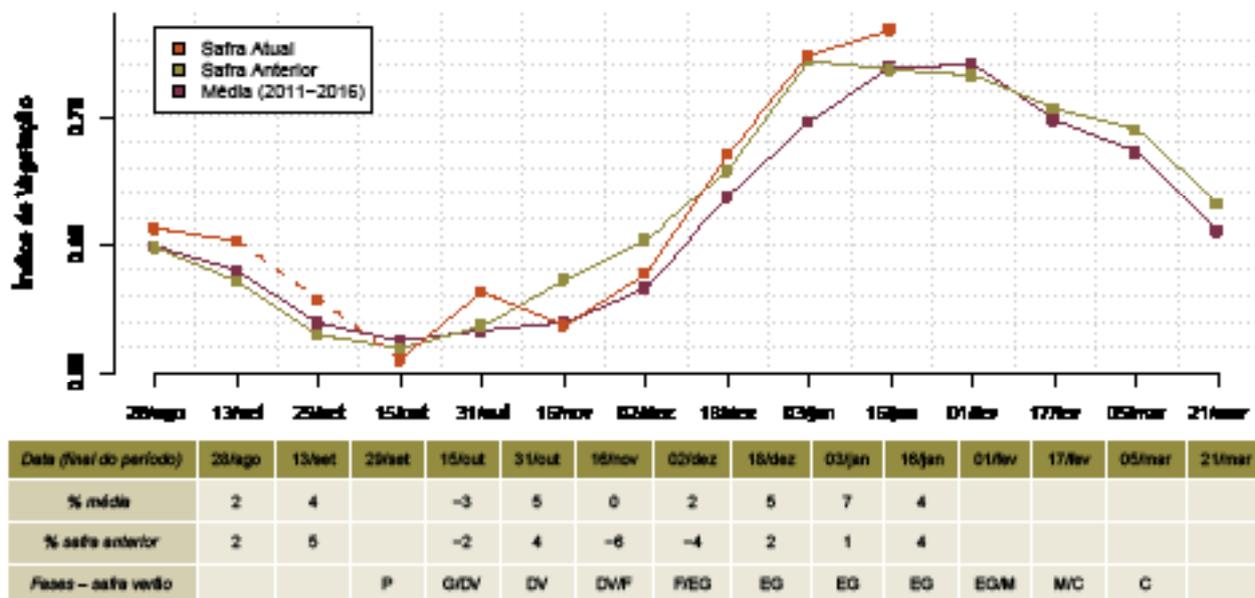
8.2.7. SANTA CATARINA

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 57 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste SC



Fonte: Projeto Glam.

No Oeste de SC, as cores em verde, com algum predomínio, mostram onde o padrão de desenvolvimento das lavouras atuais estão acima da safra passada. Neste padrão de cor estão as áreas plantadas mais tarde em relação ao ano anterior, estando agora em fase reprodutiva, portanto com altas resposta do índice de vegetação (IV). As áreas em amarelo, laranja e marrom são lavouras semeadas mais cedo e, por isso,

já em maturação e colheita, com baixos IV. Em branco são áreas agrícolas com padrão semelhante em 2017 e 2016.

O gráfico mostra, pelo traçado da linha vermelha, que a atual safra de verão responde com padrão acima dos anos-safra anteriores.



8.2.8. MATOPIBA

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado

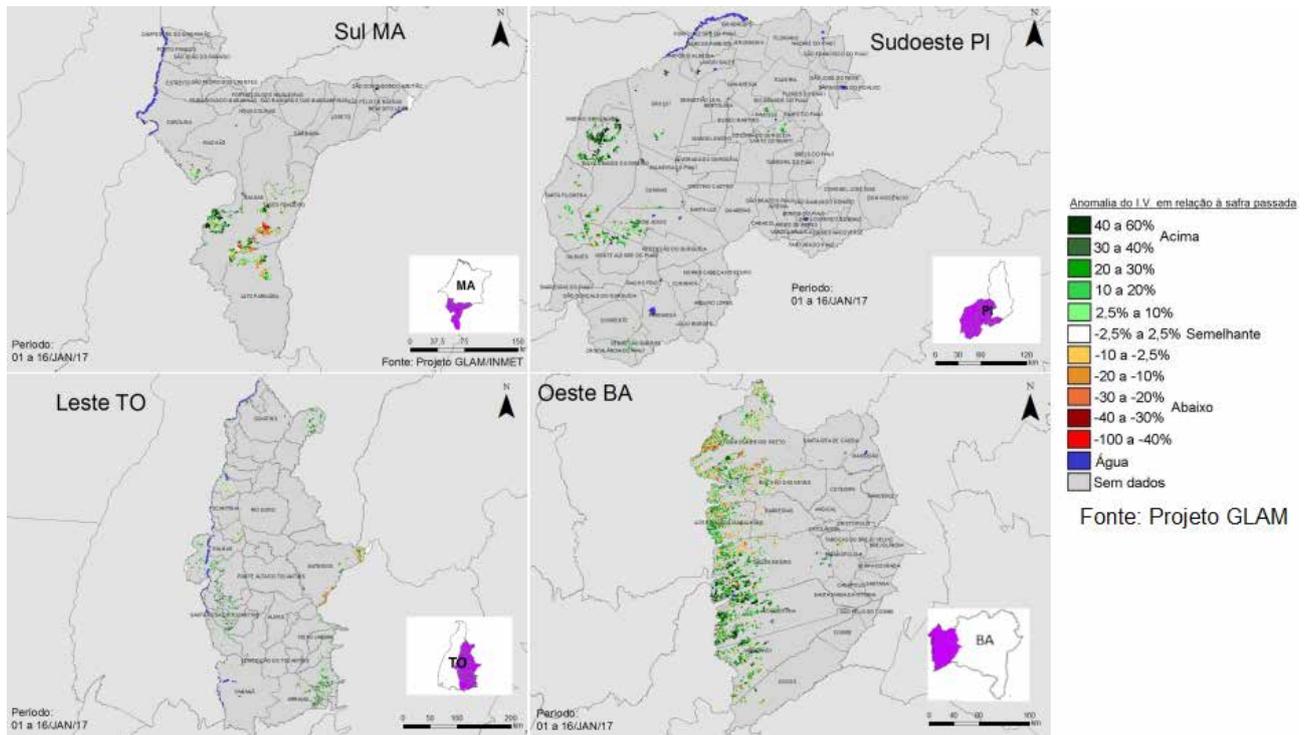
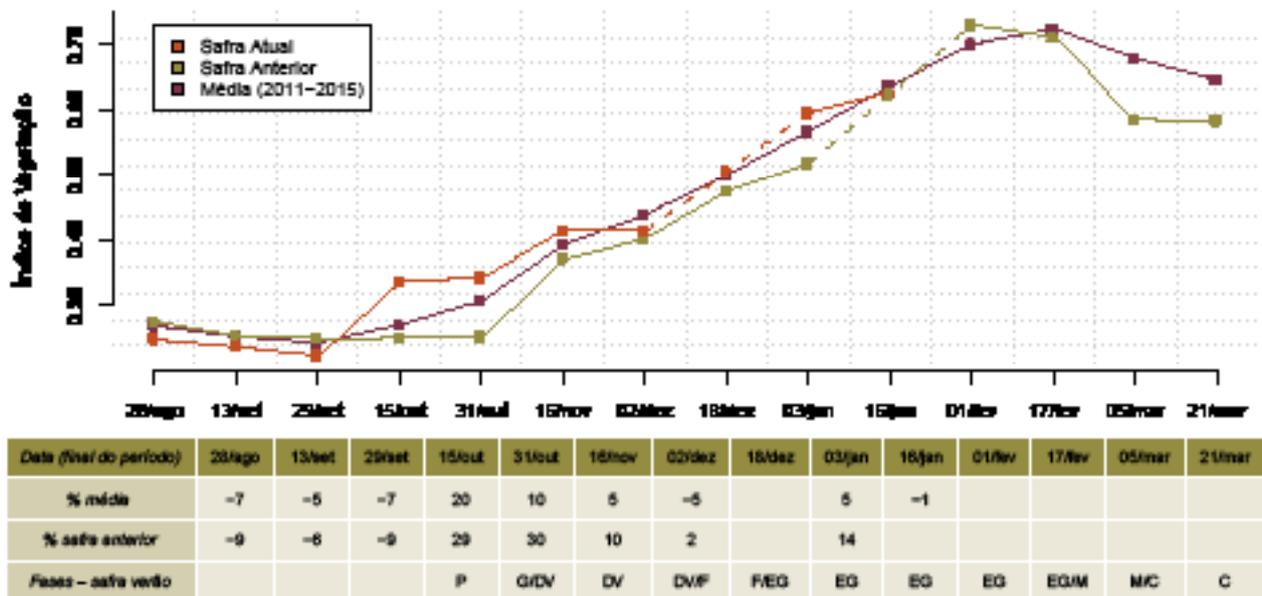


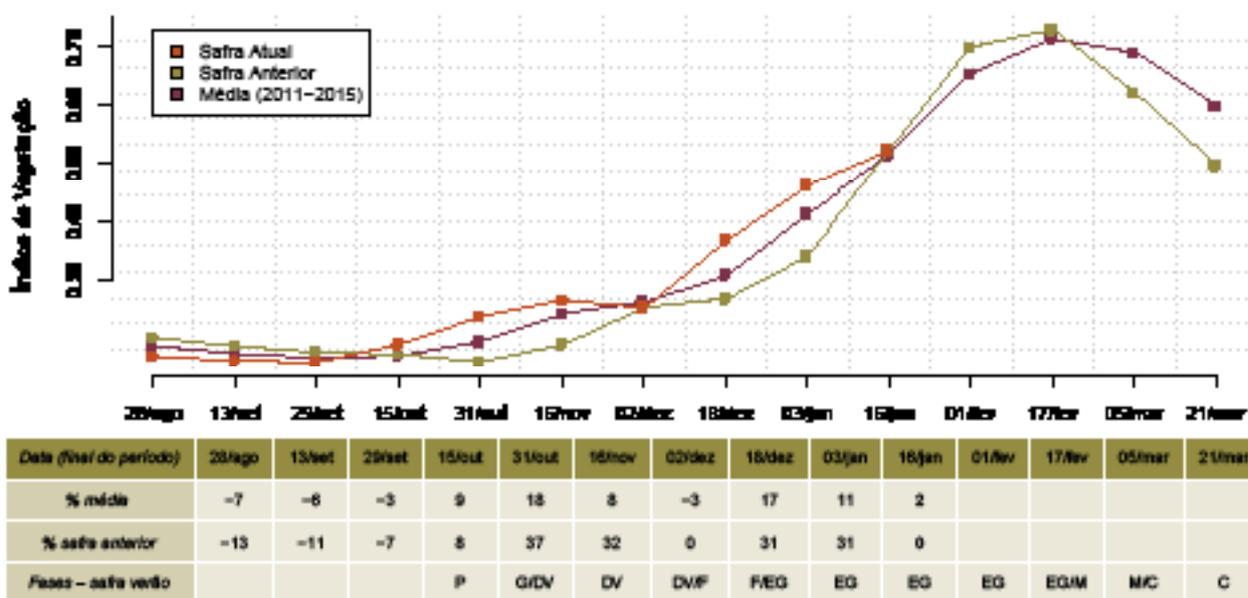
Gráfico 58 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oriental do TO



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 59 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Extremo Oeste BA



Fonte: Projeto Glam.

Nas regiões sul do Maranhão e sudoeste do Piauí obteve-se poucos dados de satélite, devido à cobertura de nuvens no período do monitoramento. Contudo, onde foi possível obter algum dado, os mapas de anomalia do Índice de Vegetação mostram que o padrão de desenvolvimento das atuais lavouras é superior ao do ano passado. Essa condição deve-se, provavelmente, às diferenças no calendário de plantio e à rotação de culturas. Na safra atual as chuvas chegaram mais cedo e com distribuição mais regular do que na safra passada, o que possibilitou que o plantio ocorresse antes e as lavouras se encontrassem atualmente em fases mais adiantadas do desenvolvimento, com valores mais altos de IV.

Nos mapas do leste de Tocantins e do oeste da Bahia observa-se o mesmo cenário. Contudo, no oeste da Bahia, há uma maior quantidade de áreas representadas. As áreas verdes predominam no mapa dessa região e representam os campos de cultivo cujas lavouras apresentam atividade fotossintética superior à safra passada. Já as áreas vermelhas representam

exatamente o contrário, lavouras com menor taxa de atividade fotossintetizadora. Essas diferenças também podem ocorrer devido ao vigor das plantas, ao ataque de pragas e doenças, ao pousio e etc, além do calendário de plantio e da rotação de cultura.

Pelos gráficos de evolução do IV do leste de Tocantins e do oeste da Bahia, observa-se, apesar das oscilações da linha vermelha, que as áreas captadas pelo satélite seguem com padrão de desenvolvimento semelhante à safra passada e à média histórica. Porém, há uma desaceleração no crescimento ocasionada, possivelmente, pelo déficit hídrico na primeira quinzena de janeiro. O gráfico do oeste da Bahia mostra que, com a evolução das lavouras, a safra 2016/17 (linha vermelha) eleva-se suntuosamente no mês de dezembro. No entanto, em janeiro, com a presença do veranico nos dez primeiros dias do mês, o desenvolvimento da safra atual é prejudicado, mas compensado, em parte, com o retorno das chuvas no final da primeira quinzena.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O quinto levantamento de safra aponta para uma área plantada na temporada 2016/17 de 911,7 mil hectares, 4,5% menor que o observado na passada. A redução está sendo influenciada pela continuação da conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados pressionam os preços da pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, vem a cada levantamento diminuindo a redução da área plantada em relação à safra 2015/16. Em Mato Grosso, principal produtor nacional, a estimativa atual apontou para uma recuperação gradativa na intenção dos produtores e os números atuais se equiparam ao ocorrido na safra passada. O plantio do algodão está transcorrendo bem em Mato Grosso, com aproximadamente 60% das áreas já semeadas até o fechamento de janeiro. O clima tem favorecido os trabalhos de campo em todo o estado, com chuvas intercaladas com breves períodos de sol. Os talhões já semeados estão em bom desenvolvimento vegetativo e a avaliação da lavoura incipiente é considerada ótima e estima-se que a produtividade seja superior ao registrado no período anterior, quando contabilizou-se 3.664 kg/ha.

Em Goiás a safra passada foi bastante prejudicada pela forte estiagem, o que provocou significativa redução de produtividade em algumas áreas de muni-

cípios importantes, trazendo prejuízos para os produtores. Essa tem sido uma das razões para justificar a forte redução projetada para o plantio (-11%) em relação à safra passada. Nota-se, no entanto, uma expectativa entre os produtores que a safra 2016/17 será de recuperação da produtividade para patamares históricos devido às melhores condições climáticas. As lavouras plantadas na região leste do estado, encontram-se no estágio de desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições fitossanitárias, e não foram prejudicadas pela estiagem vivenciada entre o último decêndio de dezembro de 2016 e a primeira quinzena de janeiro de 2017.

Em Mato Grosso do Sul o levantamento também apontou uma forte redução na intenção de plantio em relação à safra anterior (-6,4%). O plantio foi finalizado na região dos chapadões, local de maior produção do estado. Com relação ao algodão segunda safra que representa em torno de 30% na região, há relatos que em determinadas localidades ainda não foi possível realizar o plantio devido às chuvas constantes ocorridas em janeiro. Essas chuvas vêm ocasionando dificuldades na aplicação de inseticidas/fungicidas, o que pode prejudicar o desenvolvimento normal do algodão. O prazo para o plantio do algodão segunda safra se encerrou em janeiro.

Apesar de haver zoneamento de risco climático para a cultura, os produtores optaram por financiar as lavouras com recursos próprios ou até mesmo via recursos adquiridos para o financiamento das lavouras de grãos. Não há relatos de problemas decorrentes de crédito para o financiamento da produção.

Até o presente levantamento as lavouras estão se desenvolvendo normalmente, com ocorrências pontuais de ataques de pragas, com aplicações preventivas contra a broca-da-raiz e lagarta. A fase predominante na região nordeste do estado é a de desenvolvimento vegetativo. O plantio da primeira safra teve início em dezembro, coincidindo com a normalização das chuvas na região. As demais áreas cultivadas estão em Sidrolândia, na região central do estado e uma pequena área em Aral Moreira na região sul. Nessas áreas o plantio ocorre mais cedo, em novembro em Sidrolândia e outubro em Aral Moreira. A fase predominante nesses municípios é a de frutificação. Assim como no nordeste do estado, estas áreas estão em boas condições de desenvolvimento não existindo nenhuma anormalidade no tocante ao ataques de pragas e doenças. Em Aral Moreira, dos 170 hectares previstos para o plantio, apenas 81 hectares foram cultivados devido à falta de sementes.

As produtividades na região nordeste são maiores devido aos níveis de tecnologia aplicados em insumos

e agricultura de precisão, bem como a altitude da região favorecer o cultivo do algodão. A produtividade das lavouras que cultivam o algodão primeira safra são maiores, podendo chegar a 4.500 Kg/ha. A previsão atual de produtividade é de 4.200 kg/ha para uma área total de 28 mil hectares. A redução de área em relação à safra anterior decorre da baixa rentabilidade da cultura na última safra, desanimando o produtor; enquanto o aumento da produtividade esperada é devido às perspectivas climáticas favoráveis para cultura nesta safra.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada, em virtude da disposição dos produtores paulistas em não investirem na lavoura neste exercício (4,2%). Os produtores mostram-se bastantes desestimulados em investir na cotonicultura devido aos custos elevados de produção e pela concorrência com o produto importado, que é internalizado com preços inferiores quando comparado com os locais. Isso tem contribuído para que os produtores migrem para culturas mais rentáveis. Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio está estimado atingir 19,6 mil hectares, sinalizando manutenção em relação à safra anterior. Projeta-se uma produtividade média de 3.750 kg/ha, superior em 9,6%, comparativamente à safra passada, uma vez que em 2016 houve escassez de chuva a partir de março, comprometendo o desempenho das lavouras de safrinha, que normalmente são implantadas a partir de janeiro. As lavouras já plantadas encontram-se predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o quinto levantamento aponta para uma menor redução da área, quando comparado com o estimado no mês passado, mas ainda expressivo (12,7%), se comparado com a safra anterior.

Na Bahia, maior produtor regional e segundo nacional, a área de plantio para o algodão está estimada em 201,6 mil hectares, apresentando redução de 14,3% em relação à safra passada. Desde a safra 2010/11, com o cultivo de 405,3 mil hectares a Bahia tem apresentado redução da área cultivada ano após ano. Apesar dos esforços governamentais com a redução de impostos e programas de controle de pragas, os custos, agravados pela severidade do clima têm levado o produtor rural a diminuir a intenção de plantio. A semeadura nesta safra será finalizada em meados de fevereiro e a colheita iniciada em junho, com a expectativa de boa produção devido à melhoria das condições do clima, nessa safra.

Os campos de algodão estão distribuídos no centro sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em ma-



nejos irrigados e sequeiro, de renovação anual e semi-perene, de plantio direto e convencional. No centro-sul estima-se o cultivo de 10 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado, com gotejamento. As lavouras de sequeiro sofreram com a intensidade da estiagem que castiga a região. Nessa região não há vazios sanitários para plantas de algodão em estágio vegetativo (ausência de flores e frutos), havendo cultivos semi-perenes, que reduzem o custo de produção e aumentam a produtividade, visto que a principal dificuldade nesta região é o curto período de chuvas. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 3,5 mil hectares de cultivo irrigado com pivô central. As lavouras serão plantadas no fim de fevereiro após a colheita da soja. No extremo oeste estima-se o cultivo de 188 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro es-

tão apresentando bom desenvolvimento. O veranico de 20 dias não causou danos às plantas. As lavouras irrigadas serão plantadas no fim de fevereiro, após a colheita da soja.

No Maranhão a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado, sendo estimada uma área plantada de 22,8 mil hectares, incremento de 9%, em relação ao plantio do ano passado. Esse número reverte uma expectativa de redução informada no levantamento anterior, que ainda não considerava uma área detectada na região de Balsas (plantio de segunda safra). Até a data do levantamento tinha sido plantado 40% da área, com previsão de conclusão até a primeira quinzena de fevereiro.

Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Algodão

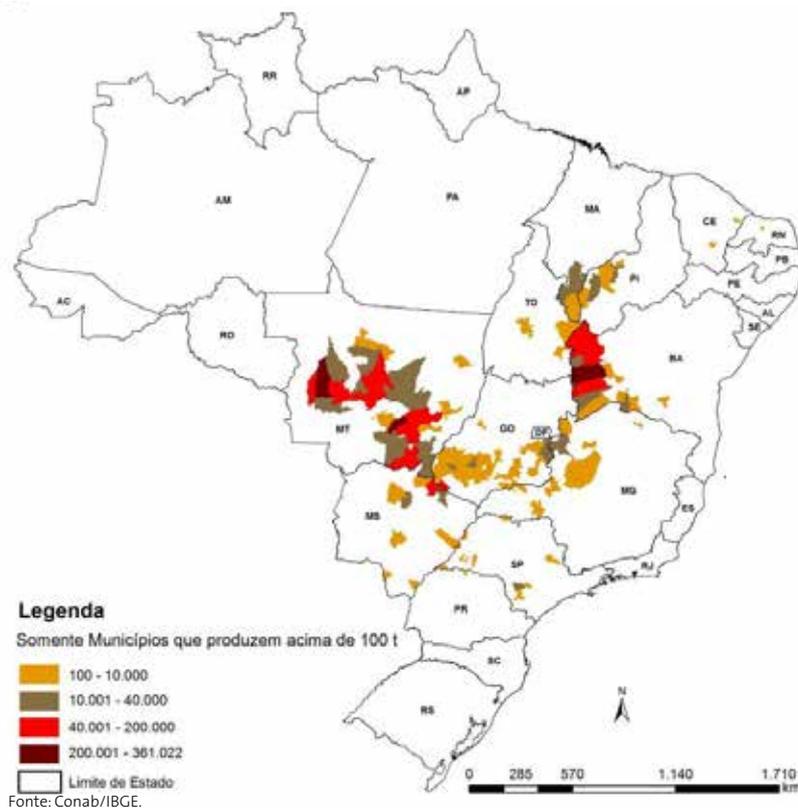
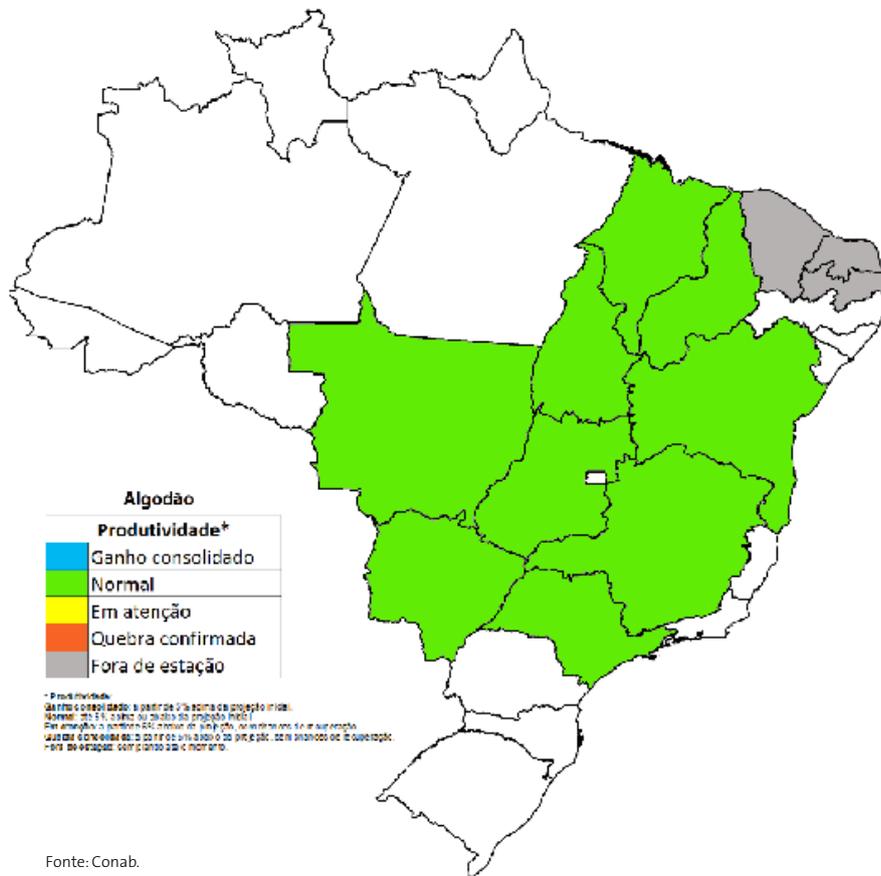


Figura 16 – Mapa da estimativa de produtividade: Algodão (safra 2016/17) – Janeiro/2017



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra (Safr 2016/17)

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP/P	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	4,8	(34,2)	1.132	1.490	31,5	8,3	7,2	(13,3)
TO	7,3	4,8	(34,3)	1.132	1.490	31,6	8,3	7,2	(13,3)
NORDESTE	262,3	229,0	(12,7)	1.081	1.471	36,1	283,6	337,0	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	1.580	1.567	(0,8)	33,0	35,7	8,2
PI	5,5	4,0	(28,0)	485	1.264	160,6	2,7	5,1	88,9
CE	0,3	0,3	-	187	214	14,4	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.674	2,4	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,1	-	145	242	66,9	-	-	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.052	1.467	39,4	247,3	295,6	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	655,1	(0,8)	1.460	1.593	9,1	963,9	1.043,5	8,3
MT	600,8	600,8	-	1.466	1.589	8,4	880,5	954,8	8,4
MS	29,9	28,0	(6,4)	1.616	1.659	2,7	48,3	46,5	(3,7)
GO	29,7	26,3	(11,6)	1.182	1.603	35,6	35,1	42,2	20,2
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	1.357	1.475	8,7	32,3	33,6	4,0
MG	19,6	19,6	-	1.368	1.500	9,6	26,8	29,4	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	1.305	1.325	1,5	5,5	4,2	(23,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	233,8	(13,3)	1.083	1.472	35,9	291,9	344,2	17,9
CENTRO-SUL	685,1	677,9	(1,1)	1.455	1.589	9,2	996,9	1.077,1	8,0
BRASIL	954,7	911,7	(4,5)	1.350	1.559	15,5	1.288,8	1.421,3	10,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	4,8	(34,2)	2.831	3.724	31,5	20,7	17,9	(13,5)
TO	7,3	4,8	(34,3)	2.831	3.724	31,5	20,7	17,9	(13,5)
NORDESTE	262,3	229,0	(12,7)	2.703	3.679	36,1	709,0	842,4	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	3.949	3.918	(0,8)	82,5	89,3	8,2
PI	5,5	4,0	(28,0)	1.212	3.161	160,8	6,7	12,6	88,1
CE	0,3	0,3	-	534	612	14,6	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.406	2,5	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,1	-	414	691	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	2.629	3.667	39,5	618,3	738,9	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	655,1	(0,8)	3.653	3.987	9,1	2.412,7	2.611,6	8,2
MT	600,8	600,8	-	3.664	3.973	8,4	2.201,3	2.387,0	8,4
MS	29,9	28,0	(6,4)	4.090	4.200	2,7	122,3	117,6	(3,8)
GO	29,7	26,3	(11,6)	3.000	4.069	35,6	89,1	107,0	20,1
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	3.400	3.695	8,7	80,9	84,2	4,1
MG	19,6	19,6	-	3.420	3.750	9,6	67,0	73,5	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	3.305	3.355	1,5	13,9	10,7	(23,0)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	233,8	(13,3)	2.707	3.680	36,0	729,7	860,3	17,9
CENTRO-SUL	685,1	677,9	(1,1)	3.643	3.977	9,2	2.495,6	2.695,8	8,0
BRASIL	954,7	911,7	(4,5)	3.378	3.901	15,5	3.225,3	3.556,1	10,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	4,8	(34,2)	1.699	2.234	31,5	12,4	10,7	(13,7)
TO	7,3	4,8	(34,3)	1.699	2.234	31,5	12,4	10,7	(13,7)
NORDESTE	262,3	229,0	(12,7)	1.622	2.207	36,1	425,4	505,4	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	2.369	2.351	(0,8)	49,5	53,6	8,3
PI	5,5	4,0	(28,0)	727	1.897	160,9	4,0	7,5	87,5
CE	0,3	0,3	-	347	398	14,7	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.732	2,5	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,1	-	269	449	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.577	2.200	39,5	371,0	443,3	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	655,1	(0,8)	2.194	2.394	9,1	1.448,8	1.568,1	8,2
MT	600,8	600,8	-	2.198	2.384	8,5	1.320,8	1.432,2	8,4
MS	29,9	28,0	(6,4)	2.474	2.541	2,7	74,0	71,1	(3,9)
GO	29,7	26,3	(11,6)	1.818	2.466	35,6	54,0	64,8	20,0
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	2.043	2.219	8,6	48,6	50,6	4,1
MG	19,6	19,6	-	2.052	2.250	9,6	40,2	44,1	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	2.000	2.030	1,5	8,4	6,5	(22,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	233,8	(13,3)	1.624	2.208	36,0	437,8	516,1	17,9
CENTRO-SUL	685,1	677,9	(1,1)	2.187	2.388	9,2	1.498,7	1.618,7	8,0
BRASIL	954,7	911,7	(4,5)	2.028	2.342	15,5	1.936,5	2.134,8	10,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (ICAC) em seu relatório semanal de 24 de janeiro de 2017, a produção mundial de pluma, na safra 2015/16, fechou em 21,07 milhões de toneladas e estima-se uma produção de 22,90 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse resultado significa um aumento estimado de 8,6% na produção de pluma.

O consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,15 milhões de toneladas em 2015/16. Já para a safra 2016/17, a previsão é que o consumo fique em 24,02 milhões de toneladas, o que indica um pe-

queno declínio. Este valor preliminar ainda fica bem abaixo do consumido na safra 2014/15, que foi de 24,46 milhões de toneladas. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas.

Caso se confirme as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,12 milhão de toneladas de algodão.

Panorama nacional

De acordo com o último levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.421,3 mil toneladas, este valor é 10,2% maior que a apurada para a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 4,5% na área a ser plantada, de 954 mil hectares para 911 mil hectares, um aumento significativo na produtividade de cerca de 15%, devendo compensar as perdas de área. Até agora o clima nas regiões produtoras é bem favorável.

A cadeia do algodão sofreu bastante com a crise pela qual vem passando o Brasil. Um dos setores mais atin-

gidos foi a indústria têxtil, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa), só em 2015 um total de 4.451 indústrias de transformação foram fechadas em São Paulo. Em 2016 esta tendência não foi revertida e o setor também continuou sendo atingido. Como medida para ajudar o setor a Abrapa lançou uma campanha de marketing nacional para incentivar o uso de produtos de algodão, em detrimento ao uso de fios sintéticos e às importações de produtos acabados. Quanto à economia brasileira, a expectativa é de que a melhora nos indicadores só comece a aparecer no segundo semestre de 2017.

Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (1)	2017 (2)
OFERTA	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.662,8	1.629,1
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	162,8
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.288,8	1.421,30
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.077,1
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	291,9	344,2
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	25,0	45,0
DEMANDA	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.500,0	1.350,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	720,0	750,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	780,0	600,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	162,8	279,1
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,3	2,5

Fonte: CONAB/ SECEX/SRF-MF/ SINDITEXTIL-ABIT/ANEA/COOPERATIVAS/ICAC

ELABORAÇÃO: CONAB

(1) preliminar (2) estimativa



9.1.2. AMENDOIM

Encerrado o plantio do amendoim primeira e segunda safra, nesta temporada, tendo no seu total incremento de área de 0,8%, redução na produtividade de 0,2% e aumento produção de 0,5% em relação à safra anterior 2015/16.

Em São Paulo, o seu cultivo é realizado basicamente em rotação com a cana-de-açúcar, bem como, áreas de pastagens. O seu plantio nas áreas de renovação de cana permite a estes, entre outros benefícios, a redução da infestação de pragas, além de deixar resíduos de nutrientes no solo, contribuindo para a diminuição dos custos na renovação dos canaviais. No estado paulista, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), é

um órgão de pesquisa voltado para o melhoramento genético e desenvolvimento de cultivares de amendoim, objetivando sempre melhorias das variedades e ganhos de produtividade, além de torná-las mais resistentes às infestações de pragas. Na presente safra 2016/17 em razão dos bons preços de mercado, tanto no âmbito interno como externo, o segmento investiu nessa leguminosa. Grande parte da produção (80% é destinada aos países europeus), enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces. Neste quinto levantamento sinaliza com pequeno crescimento na área plantada de 1,3%, redução na produtividade de 0,6% e incremento de 0,7% na produção.

Figura 17 - Lavoura de amendoim – Dumont/SP (25/01/17)



Fonte: Conab.

No Paraná, iniciou a colheita no norte central e pioneiro, tendo 1,1% da área colhida. No noroeste do estado as lavouras são comerciais e registra pequeno incremento de área de 5,6%, visto que no restante do estado a cultura é destinada à subsistência e comércio local sem expressão econômica. A produtividade estimada de 2.591 kg/ha está dentro do normal, pois, como explicado, a cultura não carrega muito aporte tecnológico. As lavouras encontram-se em boas condições vegetativas e a maior parte da área – 55,4% – encontra-se em frutificação.

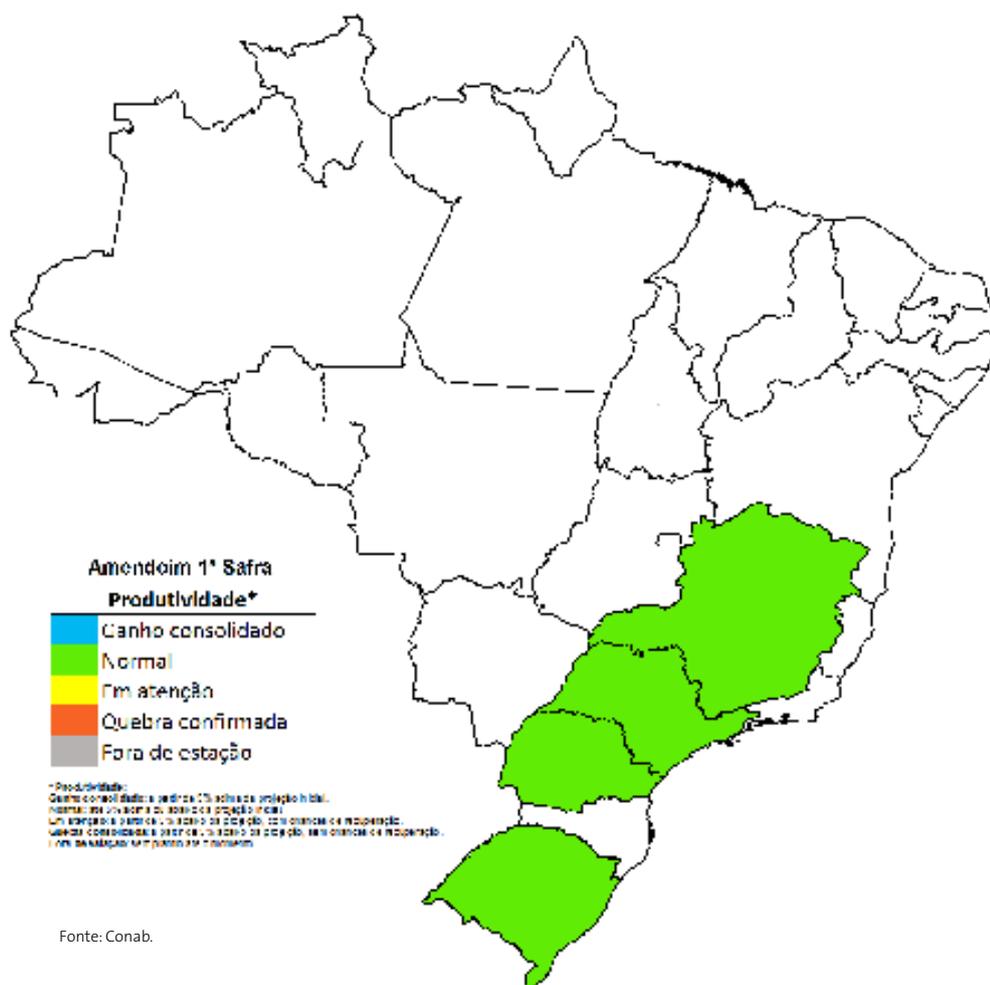
Em Minas Gerais a área de plantio de amendoim fi-

cou em 1,9 mil hectares, redução de 5% ficando em relação a 2015/16 visto que até o momento não há indícios de ampliação das áreas de plantio de cunho comercial, nem tampouco das áreas exploradas pela agricultura familiar, redução também na produtividade e na produção, 3.500 kg/ha e 6,7 mil toneladas, respectivamente. O plantio comercial de amendoim tem se concentrado basicamente no Triângulo Mineiro, com lavouras altamente tecnificadas, plantadas normalmente em novembro e dezembro. Estimando-se uma produtividade média de 3.500 kg/ha e a produção pode alcançar 6,7 mil toneladas.



9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 18 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim primeira safra (Safra 2016/17) – janeiro/2017



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

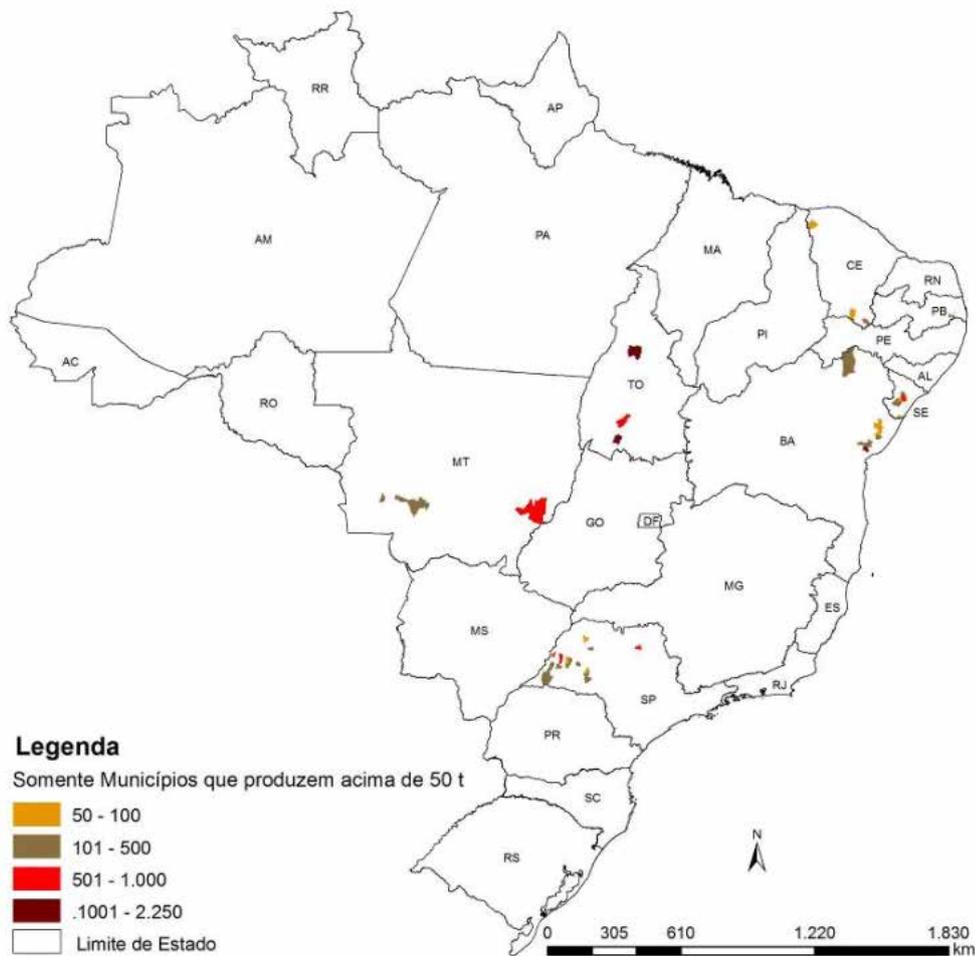
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	106,4	1,2	3.543	3.511	(0,9)	372,4	373,6	0,3
MG	2,0	1,9	(5,0)	3.800	3.500	(7,9)	7,6	6,7	(11,8)
SP	103,1	104,5	1,4	3.538	3.511	(0,8)	364,8	366,9	0,6
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	111,7	1,3	3.524	3.494	(0,9)	388,8	390,3	0,4
BRASIL	110,3	111,7	1,3	3.524	3.494	(0,9)	388,8	390,3	0,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

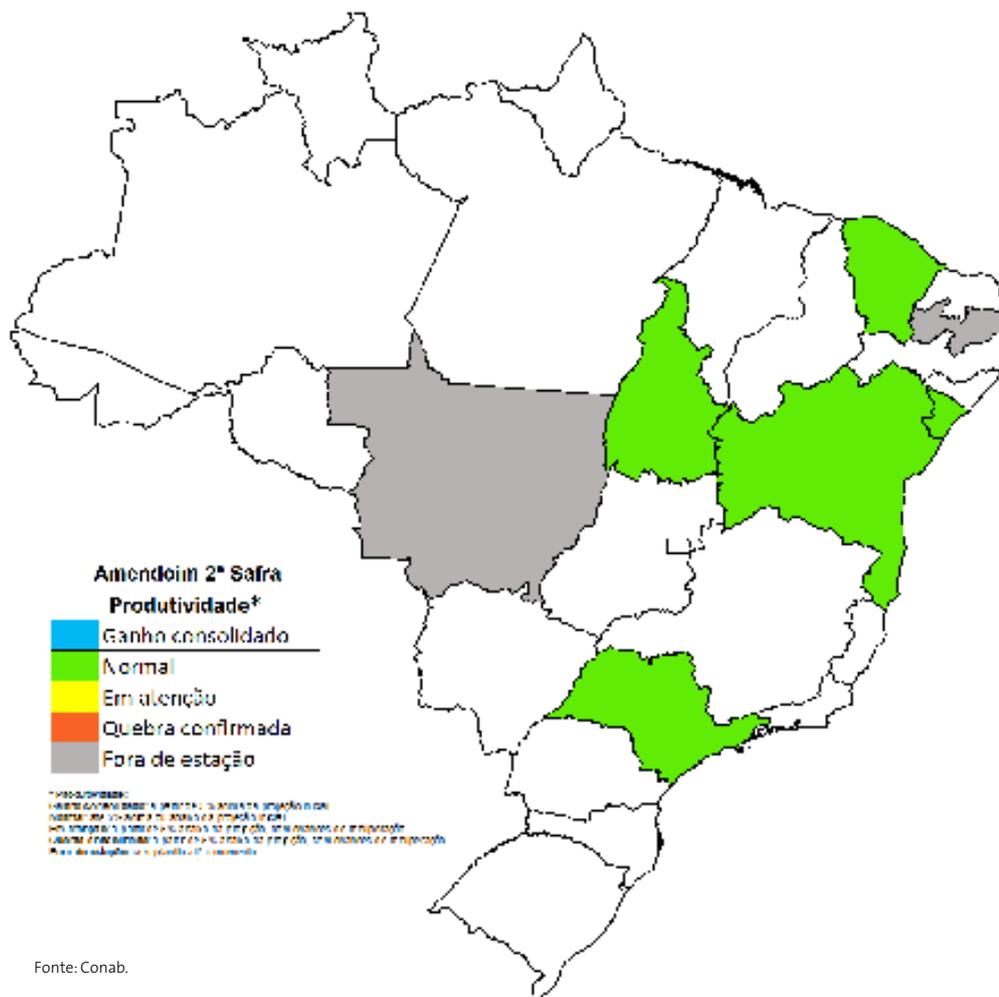
Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 20 -Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim segunda safra (safra 2016/17) – janeiro/2017



Fonte: Conab.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
TO	0,7	0,2	(64,3)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	894	142,9	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
SP	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.258	12,6	4,5	4,6	2,2
CENTRO-SUL	5,2	5,2	-	2.469	2.583	4,6	12,8	13,4	4,7
BRASIL	9,3	8,8	(5,4)	1.873	2.041	9,0	17,3	18,0	4,0

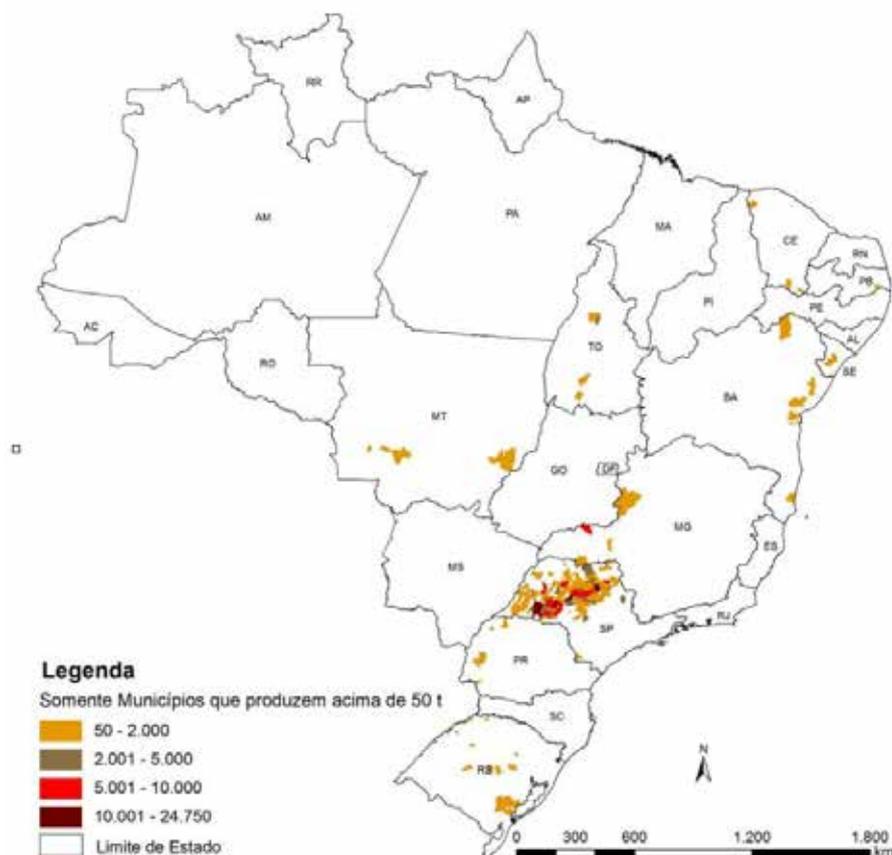
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 21 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
TO	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	894	142,9	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	110,2	111,5	1,2	3.494	3.469	(0,7)	385,1	386,8	0,4
MG	2,0	1,9	(5,0)	3.800	3.500	(7,9)	7,6	6,7	(11,8)
SP	108,2	109,6	1,3	3.489	3.468	(0,6)	377,5	380,1	0,7
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.258	12,6	4,5	4,6	2,2
CENTRO-SUL	115,5	116,9	1,2	3.477	3.453	(0,7)	401,6	403,7	0,5
BRASIL	119,6	120,5	0,8	3.396	3.388	(0,2)	406,1	408,3	0,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.3. ARROZ

O quinto levantamento de arroz, na safra 2016/17, aponta redução na área plantada de 3,3% em relação à safra passada, principalmente devido à redução de áreas no sistema de sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em área irrigada, o que ajuda a explicar uma estimativa de aumento de produtividade em 15,7%. Além disso, o aumento do rendimento se deve ao fato de que a safra passada sofreu com chuvas abaixo da média, perdendo produtividade nos locais da cultura de sequeiro, enquanto o cultivo irrigado, sobretudo no sul do país, foi afetado por excesso de chuvas durante todo o ciclo, resultando em baixa luminosidade e também impactando a produtividade. A produção deve chegar a 11.865,2 mil toneladas, um aumento de 11,9% em relação à safra passada.

A Região Sul, responsável por cerca de 81,6% da produção nacional, deve ter 1,9% de incremento de área em relação ao exercício anterior. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul, a cultura vem se desenvolvendo de maneira satisfatória, beneficiada pelo clima favorável dos últimos períodos, principalmente pela ocorrência de dias quentes e de boa luminosidade, essenciais para a obtenção do excelente estande verificado na maioria das lavouras. A maior parte das lavouras encontra-se nos estádios de floração, enchimento e maturação de grãos. Poucos são os relatos de problemas fitossanitários, especialmente com brusone, contornados com manejos culturais adequados, para os quais os produtores estão preparados. As operações de colheita devem iniciar em breve e mantidas as previsões de clima favorável, deverá alcançar produtividade média em torno de 7.700 kg/ha.

Em Santa Catarina, a maior parte das lavouras encontram-se em estágio avançado de desenvolvimento. Cerca de 44% das lavouras estão na fase de florescimento, 42% estão em fase de enchimento de grãos, 13% em perfilhamento e estima-se que 1% das lavouras já tenham sido colhidas, confirmando as boas expectativas de produção. Uma curiosidade é que a colheita antecipada possibilita um segundo corte da cultura, conhecido como soca, ou rebrota, que eleva os cálculos de produtividade das lavouras. Essa é uma prática comum na região norte do estado, mas que está ganhando adeptos também na região sul de Santa Catarina. A brusone, principal doença da cultura, teve pouca expressividade nesta safra até o momento, sendo controlada de forma eficaz pelos produtores. O clima favorável para o desenvolvimento da cultura, apesar da pequena estiagem registrada em dezembro, nos faz acreditar na manutenção dos níveis de produtividade. Além disso, como resultado do clima

favorável e das boas condições fitossanitárias das lavouras, é esperado uma boa qualidade dos grãos colhidos para esta safra.

A Região Norte, segunda maior produtora nacional, teve uma redução de 2,1% na sua área plantada em relação à temporada passada.

Em Tocantins, o plantio da safra de sequeiro tem a finalidade de abertura de área para o cultivo da soja e também é realizada por agricultores familiares para o próprio consumo. Nesta safra, observa-se uma diminuição de 26,1% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para este segmento é influenciada pela opção dos produtores por cultura com melhores expectativas de mercado, como o milho e a soja, bem como pela diminuição de abertura de área. As lavouras já se encontram em fase final de plantio nas áreas de primeiro ano de cultivo e a expectativa é de uma produtividade de 31,6% maior que na safra anterior, visto que o clima está mais favorável ao bom desenvolvimento da cultura. Com relação ao plantio irrigado, apesar do baixo nível dos reservatórios e rios, constatou-se um aumento de 8,1% na área de cultivo em relação à última safra e a expectativa é de que os rendimentos das lavouras obtenham um aumento de 12,5%.

Em Rondônia, o plantio iniciou-se na metade de setembro, estendendo até dezembro. Informações obtidas dão conta de que o plantio se encontra praticamente encerrado. As lavouras encontram-se em 2% na fase de germinação, 30% em desenvolvimento vegetativo, 20% na floração, 20% em frutificação, 13% em maturação e 15% já foram colhidos. O arroz no estado é todo cultivado no sistema de sequeiro, mas as áreas plantadas estão situadas em regiões com solos relativamente bem servido de água das chuvas e as demais áreas são provenientes de pastagens, recebendo insumos para a sua recuperação e preparadas para o plantio de arroz, resultando numa produtividade de 3.168 kg/ha. Como atualmente não ocorre abertura de novas áreas, observa-se uma leve redução de 0,2% na sua área. Algumas empresas comercializadoras de arroz no estado financiam as lavouras existentes e fornecem os insumos, fomentando toda a cadeia produtiva.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 16,6%, enquanto a área sob cultivo irrigado dobre de tamanho em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, o plantio de 133,9 mil hectares em



sequeiro já foi finalizado. Isso representa uma redução de 12,2% em relação à safra passada. As lavouras estão em diferentes estádios, sendo predominante as fases de floração e frutificação, e algumas áreas já começaram a ser colhidas. As boas condições climáticas deverão refletir em melhor produtividade, cuja média é estimada em 3.142 kg/ha, rendimento 9,2% superior aos observados na safra 2015/16. O arroz irrigado é plantado na segunda safra, em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A sucessão com o arrozal deve-se aos bons preços no mercado, além da rotação de cultura com a oleaginosa. Na soma das áreas de sequeiro e irrigado espera-se uma produção de 439,5 mil toneladas em uma área total de 138,9 mil hectares.

No Mato Grosso do Sul as condições climáticas estão se mantendo dentro do ideal para a cultura. Permanecendo esta tendência, espera-se que parte expressiva da área, toda de arroz irrigado, seja colhida até o fim de fevereiro, com uma produtividade de 6.150 kg/ha, mantendo o bom histórico de rendimento no estado e aumentando a produção em 40,1% em relação à safra anterior. As pragas e doenças até o momento não afetaram diretamente a produtividade devido, sobretudo, às práticas eficientes de manejo e monitoramento por parte dos produtores, que vêm sendo realizadas com êxito.

Em Goiás a cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro encontra-se sob forte declínio, sendo cultivada em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Existe um programa executado pelo governo estadual que doa sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares e a maior parte do arroz de sequeiro é realizado através deste programa. O arroz de sequeiro é produzido numa área de 14,9 mil hectares, cerca de 42,7% menor do que na última safra. Já a produção de arroz irrigado é feita em uma área de 7,5 mil hectares, com um rendimento de 6.300 kg/ha.

Na Região Nordeste a cultura é realizada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. À semelhança de outras regiões do país, a cultura tem tido declínio nas áreas de sequeiro, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis e aumento da área irrigada. A expectativa detectada neste levantamento é de redução na

área em 23,7% e uma produção 5,5% menor, comparada com o exercício anterior.

Em relação à safra 2015/16, o Maranhão deverá apresentar forte redução na área plantada. Essa diminuição é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, estimada em 35,3%. Em contrapartida, busca-se uma maior eficiência no cultivo de arroz através das áreas irrigadas, o que deve aumentar o cultivo sob esse sistema de plantio.

O Piauí deve chegar à produção de 119,7 mil toneladas de arroz, praticamente dobrando o resultado em relação à safra passada que foi severamente castigada pelo regime climático. O plantio do arroz irrigado iniciou-se em janeiro e sua produtividade esperada é de 4.405 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.422 kg/ha.

Na Bahia, o cultivo de arroz ocupa a área de 9 mil hectares em sequeiro. O plantio está finalizado e espera-se o rendimento de 850 kg/ha. A colheita deve ser realizada em maio, com a expectativa de produção em torno de 7,7 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 15,4% na área cultivada e aumento de 92,5% na produção em relação à safra passada.

Na Região Sudeste a cultura tem pouca expressão. A área plantada deve ser inferior em 2,9% ao se comparar com a safra passada. São Paulo, maior produtor regional, deverá manter a área plantada da última safra. A produção se concentra nas regiões do Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá), sob irrigação e seu consumo se dá nas próprias regiões onde são produzidos. O produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja/milho), na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz é estimada em 6,3 mil hectares, apresentando uma pequena redução de 200 hectares em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade desta cultura em relação à outras mais rentáveis e de menor risco, como soja e milho, explicam essa pequena área cultivada de arroz.



Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Arroz

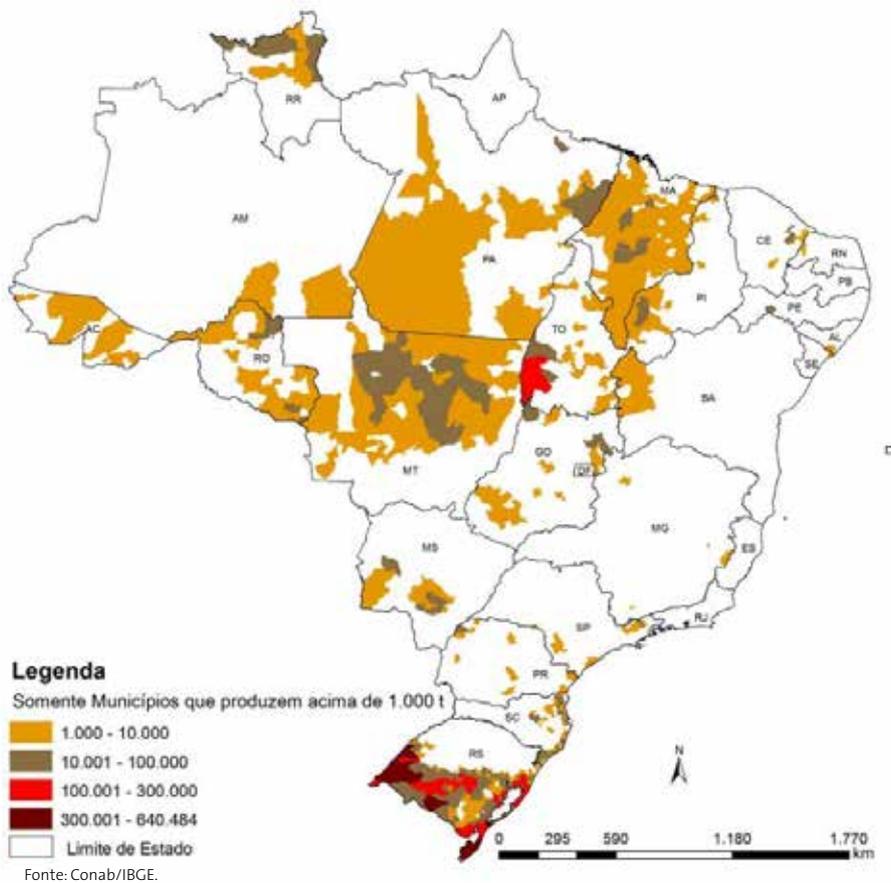
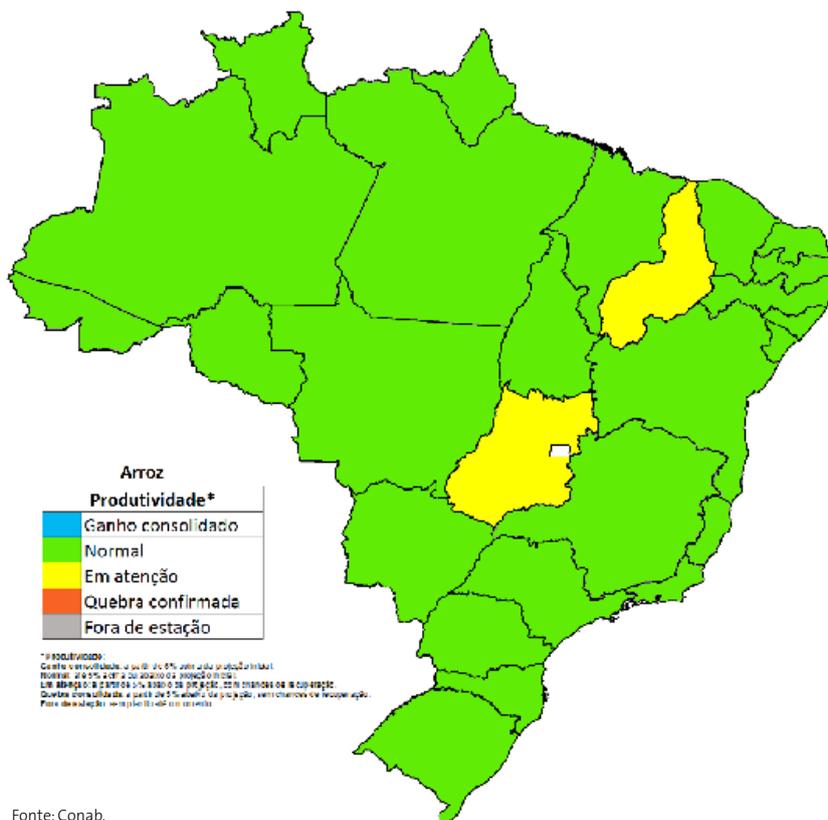


Figura 23 – Mapa da estimativa de produtividade: Arroz (Safrá 2016/17) – Janeiro/2016



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz (safra 2016/17).

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	137,9	(10,9)	2.432	2.524	3,8	376,5	348,1	(7,5)
RO	42,6	42,5	(0,2)	3.423	3.168	(7,4)	145,8	134,6	(7,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	11,0	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	68,0	60,9	(10,5)	2.413	2.452	1,6	164,1	149,3	(9,0)
TO	35,7	26,4	(26,1)	1.509	1.986	31,6	53,9	52,4	(2,8)
NORDESTE	269,1	196,3	(27,1)	1.164	1.345	15,6	313,3	264,1	(15,7)
MA	181,5	114,8	(36,8)	1.478	1.335	(9,7)	268,3	153,3	(42,9)
PI	73,3	66,8	(8,9)	476	1.422	198,7	34,9	95,0	172,2
CE	4,7	3,9	(17,0)	648	1.159	78,9	3,0	4,5	50,0
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
BA	7,8	9,0	15,4	510	850	66,7	4,0	7,7	92,5
CENTRO-OESTE	178,5	148,8	(16,6)	3.025	3.068	1,4	540,0	456,5	(15,5)
MT	152,5	133,9	(12,2)	2.876	3.142	9,2	438,6	420,7	(4,1)
GO	26,0	14,9	(42,7)	3.900	2.400	(38,5)	101,4	35,8	(64,7)
SUDESTE	3,7	3,1	(16,2)	2.308	2.596	12,5	8,6	8,0	(7,0)
MG	1,0	0,7	(30,0)	800	1.000	25,0	0,8	0,7	(12,5)
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.481	-	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	2,0	2,0	-	3.027	3.000	(0,9)	6,1	6,0	(1,6)
SUL	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.998	4,1	13,2	10,8	(18,2)
PR	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.998	4,1	13,2	10,8	(18,2)
NORTE/NORDESTE	423,9	334,2	(21,2)	1.627	1.832	12,6	689,8	612,2	(11,2)
CENTRO-SUL	189,1	157,3	(16,8)	2.971	3.022	1,7	561,8	475,3	(15,4)
BRASIL	613,0	491,5	(19,8)	2.042	2.213	8,4	1.251,6	1.087,5	(13,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	121,8	10,1	5.799	6.457	11,3	641,3	786,4	22,6
RR	8,6	11,9	38,9	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
PA	4,9	4,9	-	4.000	4.102	2,6	19,6	20,1	2,6
TO	97,1	105,0	8,1	5.781	6.505	12,5	561,3	683,0	21,7
NORDESTE	14,2	19,8	39,4	5.652	5.458	(3,4)	80,4	108,1	34,5
MA	-	2,7	-	-	4.060	-	-	11,0	-
PI	5,8	5,6	(3,5)	4.268	4.405	3,2	24,8	24,7	(0,4)
CE	-	3,1	-	-	5.900	-	-	18,3	-
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
CENTRO-OESTE	14,0	28,0	100,0	4.860	5.763	18,6	68,0	161,4	137,4
MT	-	5,0	-	-	3.760	-	-	18,8	-
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.150	26,5	68,0	95,3	40,1
GO	-	7,5	-	-	6.300	-	-	47,3	-
SUDESTE	13,5	13,6	0,7	3.405	3.574	5,0	46,0	48,6	5,7
MG	5,5	5,6	2,0	2.580	2.750	6,6	14,2	15,4	8,5
SP	8,0	8,0	-	3.972	4.150	4,5	31,8	33,2	4,4
SUL	1.242,7	1.267,8	2,0	6.853	7.630	11,3	8.515,7	9.673,2	13,6
PR	19,3	19,7	2,1	5.533	7.562	36,7	106,8	149,0	39,5
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.115	(0,3)	1.052,3	1.048,8	(0,3)
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.700	12,6	7.356,6	8.475,4	15,2
NORTE/NORDESTE	124,8	141,6	13,5	5.782	6.317	9,3	721,7	894,5	23,9
CENTRO-SUL	1.270,2	1.309,4	3,1	6.794	7.548	11,1	8.629,7	9.883,2	14,5
BRASIL	1.395,0	1.451,0	4,0	6.703	7.428	10,8	9.351,4	10.777,7	15,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	259,7	(2,1)	3.835	4.369	13,9	1.017,8	1.134,5	11,5
RR	8,6	11,9	38,4	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
RO	42,6	42,5	(0,2)	3.423	3.168	(7,4)	145,8	134,6	(7,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	13,3	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	72,9	65,8	(9,7)	2.520	2.575	2,2	183,7	169,4	(7,8)
TO	132,8	131,4	(1,1)	4.633	5.597	20,8	615,2	735,4	19,5
NORDESTE	283,3	216,1	(23,7)	1.389	1.722	24,0	393,7	372,2	(5,5)
MA	181,5	117,5	(35,3)	1.478	1.398	(5,4)	268,3	164,3	(38,8)
PI	79,1	72,4	(8,5)	754	1.653	119,2	59,7	119,7	100,5
CE	4,7	7,0	48,9	648	3.259	402,9	3,0	22,8	660,0
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	9,0	15,4	510	850	66,7	4,0	7,7	92,5
CENTRO-OESTE	192,5	176,8	(8,2)	3.159	3.495	10,6	608,0	617,9	1,6
MT	152,5	138,9	(8,9)	2.876	3.164	10,0	438,6	439,5	0,2
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.150	26,5	68,0	95,3	40,1
GO	26,0	22,4	(13,8)	3.900	3.706	(5,0)	101,4	83,1	(18,0)
SUDESTE	17,2	16,7	(2,9)	3.169	3.392	7,0	54,6	56,6	3,7
MG	6,5	6,3	(3,1)	2.306	2.556	10,8	15,0	16,1	7,3
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.481	-	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	10,0	-	3.783	3.920	3,6	37,9	39,2	3,4
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.606	11,4	8.528,9	9.684,0	13,5
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.365	38,9	120,0	159,8	33,2
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.115	(0,3)	1.052,3	1.048,8	(0,3)
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.700	12,6	7.356,6	8.475,4	15,2
NORTE/NORDESTE	548,7	475,8	(13,3)	2.572	3.167	23,1	1.411,5	1.506,7	6,7
CENTRO-SUL	1.459,3	1.466,7	0,5	6.299	7.062	12,1	9.191,5	10.358,5	12,7
BRASIL	2.008,0	1.942,5	(3,3)	5.280	6.108	15,7	10.603,0	11.865,2	11,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No período comercial 2015/16 consolidado, de março de 2015 até fevereiro de 2016, observa-se um relevante saldo de 858,8 mil toneladas em base casca. Para os dez meses de análise do período comercial 2016/17, março a dezembro de 2016, observa-se um saldo negativo de 254,9 mil toneladas.

Em dezembro, o Brasil exportou 40,3 mil toneladas de arroz base casca e importou 100,1 mil toneladas. Dentre os principais destinos do produto brasileiro, destacam-se a Serra Leoa, com uma aquisição de 11,9 mil toneladas de arroz quebrado a um preço médio de comercialização de US\$ 302,70/t e o Peru – com aquisição de 4,5 mil toneladas de arroz polido a um preço médio de US\$ 567,79/t.

Sobre as compras nacionais de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 42 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 418,26/t de arroz polido, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 676,17/t. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Sobre a Argentina e o Uruguai, nota-se uma expressiva expansão dos volumes importados pelo Brasil em relação ao período 2015/16. Este produto vem sen-

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O quinto levantamento de safra, vinculado ao plantio da safra 2016/17, aponta para um crescimento na área plantada em 1.115,2 mil hectares, o que configura incremento de 14% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.268 kg/ha, na média nacional, 19,9% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira é estimada em 1.413,5 mil toneladas, representando acréscimo de 36,7% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. A maioria dos agricultores usa recursos próprios para viabilizar o plantio.

Na Região Sul é esperada incremento na área plantada de 299,7 mil hectares, 10,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior, que foi de 270,9 mil hectares, estima-se aumento na produtividade de 6,9%, saindo de 1.680 kg/ha, para 1.795 kg/ha em relação à safra 2015/16, estima-se também aumento na produção de 537,9 mil toneladas, 18,2% em relação à safra anterior,

do direcionado principalmente para São Paulo, Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Pernambuco. Na soma de todas as compras no mercado internacional em dezembro de 2016, o Brasil importou 155,29% a mais do que o registrado em dezembro de 2015, no qual o volume foi de 39,2 mil toneladas.

A previsão para o final da safra 2015/16 é de uma importação de 1.150 mil toneladas e uma exportação de 800 mil toneladas. Para a próxima safra 2016/17, com a recuperação da produção interna, espera-se um equilíbrio na balança comercial do produto.

Acerca do consumo, este é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 11,9% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 11,9 milhões toneladas. Essa expansão de produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas acima, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 881 milhões de toneladas para a safra 2016/17.

que foi de 455 mil toneladas.

No Paraná, a área plantada na primeira safra de feijão é de 198 mil hectares, com rendimento de 1.774 kg/ha, ou seja, 12,6% maior do que a safra 2015/16, produção de 351,2 mil toneladas, 22,9% maior que a safra anterior, que ficou em 285,7 mil toneladas. O feijão cores primeira safra começou a ser colhido desde fins de dezembro e, no momento, encontra-se em plena colheita, visto que alguns municípios já concluíram esta operação. O rendimento final esperado é superior ao da safra passada devido ao excesso de chuva naquele ano. Ainda assim, a produtividade ficou aquém do potencial produtivo em algumas regiões. Os motivos principais são a estiagem e as altas temperaturas em novembro bem como o excesso de chuvas na época da colheita. No sul do Estado também houve muito abortamento de flor por excesso de frio em outubro e novembro. Nos setores onde houve ganho de produtividade foi devido, principalmente, ao rendimento maior nas áreas irrigadas. Quanto à qualidade, os



primeiros grãos colhidos demonstravam notas altas, porém, com as chuvas contínuas no momento da colheita em alguns setores, a qualidade está sendo prejudicada. Os preços caíram bem mais do que esperado. O aumento na área plantada foi de 48,1% em relação à safra anterior, visto que a queda nos preços já é superior a 60%. Em todo o estado, com cerca de 83,1 mil hectares plantados, a produtividade deve fechar em 1.748 kg/ha. Para o feijão preto primeira safra, não apresentou acréscimo significativo na área plantada, apenas 8,3%. Não houve motivação para tanto, uma vez que somente o feijão-carioca que superinflacionou em 2016. A produtividade será menor em alguns municípios e maior em outros, dependendo do investimento tecnológico feito. Assim como acontece com o feijão cores, o feijão-preto, os preços estão um pouco mais baixos. Mais da metade das lavouras já estão colhidas, devendo se encerrar nos próximos 20 dias, o produto apresenta boa qualidade e apresenta produtividade de 1.792 kg/ha.

Em Santa Catarina, a colheita das lavouras de feijão-carioca primeira safra alcança em torno de 20%, concentrando-se na região oeste e parte da região serrana, onde, devido ao clima mais ameno durante a época de plantio, este se dá mais tarde em relação às outras regiões onde se cultiva feijão-preto. Este fato, aliado às temperaturas mais baixas ocorridas durante boa parte da última primavera, explica, em parte, a diferença entre os percentuais de colheita entre as duas classes. O resultado obtido até o momento é considerado satisfatório, apresentando rendimentos que variam de 1.800 a 2.500 kg/ha, dependendo da região e condições climáticas ocorridas durante o ciclo. As estimativas futuras são de manutenção dos potenciais vistos até o momento, podendo resultar em médias ao redor de 2.130 kg/ha, dependendo das condições climáticas futuras, já que mais de 70% das lavouras se encontram em fase de desenvolvimento e granação, e ainda necessitam de estabilidade climática para finalizar seu ciclo. Os grãos colhidos até o momento se apresentam em boas condições, dentro do padrão comercial. Contudo, as chuvas ocorridas na última semana de janeiro em algumas regiões podem afetar a qualidade do produto, principalmente a cor do tegumento, principal fator determinante do preço. Depois de um aumento significativo nos preços em 2016, atualmente as cotações estão com preços bem baixos, redução causada, principalmente, pelo aumento da oferta do produto no mercado e pode influenciar na decisão do produtor em investir em uma segunda safra da cultura. Com aproximadamente 70% da área colhida, as lavouras catarinenses de feijão-preto primeira safra tem apresentado resultado superior ao obtido na safra passada, quando as condições climáticas influenciaram negativamente o resultado do cultivo em consequência do excesso de chuva no

momento da colheita. As lavouras semeadas no cedo sofreram com as baixas temperaturas na primavera, o que resultou em redução do potencial produtivo esperado. Ainda, precipitações irregulares durante alguns dias de dezembro, de 2016 a janeiro de 2017, podem interferir negativamente no potencial produtivo de algumas lavouras em estágio de desenvolvimento mais suscetível. As semeadas mais tarde, por terem sido implantada sob melhores condições, recuperaram, em parte, o potencial perdido nas do cedo, o que resultou em produtividades variáveis de acordo com a região, devendo alcançar valores médios próximos de 2.135 kg/ha. Contudo, observa-se um certo atraso no ciclo da cultura, causado pelo clima mais frio na primavera, o que pode influenciar na decisão do produtor em investir em uma segunda safra. A qualidade dos grãos é considerada boa na maioria das regiões. Porém, as chuvas ocorridas na última semana de janeiro podem afetar a qualidade do produto, cujas lavouras encontram-se em maturação e colheita. Os preços do produto estão sendo cotados bem baixo, o que tem motivado boa parte dos produtores a comercializar o grão assim que ele é colhido. Outra parte, na esperança de que as cotações possam se elevar, optam por estocar o produto para comercialização futura. A área plantada com o feijão em Santa Catarina ficou em 50,7 mil hectares, 10,2% maior que em 2015/16, que foi de 46 mil hectares, produtividade esperada com incremento de 6,4% a mais que na safra passada, que foi de 1.869 kg/ha e nesta safra está com 1.989 kg/ha, incremento também na produção em 100,9 mil toneladas, 17,3% a mais que a safra anterior, que ficou em 86 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul há expectativa de aumento de área plantada de 51 mil hectares, que deverá ficar em 17,2% em relação à safra passada, que foi de 43,5 mil hectares. Mesmo com queda de 12,1% na produtividade, estimada em 1.683 kg/ha, a produção estimada é de 85,8 mil toneladas, incremento de 3%. Aproximando-se de 50% da área já colhida no estado e avançando rapidamente em todas as regiões produtoras, é muito boa a qualidade do feijão-preto primeira safra, mantendo a expectativa de rendimento médio acima de 1.500 kg/ha. As condições de clima durante o ciclo favoreceram sobremaneira a cultura em praticamente todas as regiões. Nas lavouras conduzidas sob pivô, encontradas nos Campos de Cima da Serra e região Noroeste, os rendimentos superam 2.000 kg/ha. Já o cultivo do feijão-cores primeira safra está restrito às regiões da Serra e Campos de Cima da Serra apresenta boas condições de desenvolvimento e perspectiva de produtividade em torno de 2.300 kg/ha, caso se mantenham as condições de clima favoráveis. 85% da área cultivada está em desenvolvimento vegetativo e o restante inicia o período reprodutivo.



Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 23,7% da área plantada, com a leguminosa em 250,3 mil hectares, para o exercício 2016/17, impulsionada pelos preços atrativos. Aumento na produtividade de 10% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.561 kg/ha para 1.718 kg/ha. O clima se encontra favorável ao plantio.

Em Minas Gerais, a área semeada na safra atual está estimada em 163,5 mil hectares, superior em 11,5% comparativamente à safra anterior, motivado especialmente pelos bons preços do produto no decorrer de 2016. Com produtividade média de 1.316 kg/ha, praticamente a mesma do ano anterior, com variação positiva de apenas 0,7%, a produção poderá alcançar 215,1 mil toneladas, 12,4% superior à safra passada. Atualmente as lavouras se encontram em fase inicial de colheita, mas predominantemente em fase de maturação. A colheita deverá se concentrar em fevereiro.

Em São Paulo o plantio é realizado sob irrigação e dá-se em julho e agosto e colhido entre novembro e janeiro do ano seguinte. O feijão sinaliza com forte crescimento na área plantada no estado paulista (61,6%), devido aos preços bastante atrativos junto ao mercado produtor no momento do plantio. Houve também um expressivo ganho de produtividade de 9,3% devido às excelentes condições climáticas, bem como, a alta tecnificação do setor. Expressivo aumento também na produção, 207,4 mil toneladas, 76,7% maior que a safra 2015/16, que foi de 117,4 mil toneladas. As maiores áreas estão localizadas na região sudoeste de São Paulo (Itaí, Itapeva, Taquarituba e Capão Bonito). O feijão já foi todo colhido, e o produto está sendo considerado de boa e ótima qualidade, o que deverá trazer bons ganhos aos produtores. Boa parte desse feijão já foi comercializado a patamares ainda elevados. No momento, em razão de uma maior oferta no mercado, os preços desse cereal tiveram significativo recuo.

No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. Está previsto para esta safra um recuo nas áreas de 25% em relação à safra passada. Produtividade média de 1.062 kg/ha, 4,1% inferior à safra passada. A produção deve ficar em 600 toneladas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 ocorrerá a partir de janeiro de 2017. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar no feijão caupi, que é mais resistente, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre nesse mês. Com os indícios de normalização do período chuvoso, os produtores aguardam a época das águas para iniciar o plantio. Percebe-se ainda que

há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia se estima que a área de plantio deverá ficar em 226,9 mil hectares, representando uma variação positiva de 19,9% em relação à safra passada, produtividade estimada em 626 kg/ha, incremento de 77,4% em relação à safra 2015/16, aumento também na produção de 142 mil toneladas, incremento de 113,2% em relação à safra anterior.

O cultivo de verão do feijão cores ocupa a área de 57,1 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados ocorrerão no final de fevereiro, e espera-se rendimento de 911 kg/ha (15 sc/ha). A colheita deve ser iniciada em abril, com a expectativa de produção em torno de 52,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 54,1% na produção em relação à safra passada. No entanto, cerca de 50% da área cultivada está sob alta restrição hídrica, devido à escassez de chuva. Os produtores desta região, em sua maioria pequenos produtores, terão produtividades muito baixas. Outros 50% das lavouras estão sob média restrição hídrica ou sob irrigação, puxando para cima a produtividade do estado.

Os campos de verão do feijão cores estão distribuídos pelo Centro Norte, Centro Sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional. No Centro-Norte estima-se o cultivo de 6,8 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. As lavouras estão em ambiente de alta restrição hídrica, podendo-se encontrar campos com lavouras perdidas. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 52% em relação à safra passada. Entretanto, as primeiras expectativas desta safra apontavam para o cultivo de cerca de 15 mil hectares, e após as chuvas de novembro o campo começou a ser preparado e até meados de dezembro foram cultivados e semeados 6,8 mil hectares. Por falta de chuvas, cerca de 8 mil hectares não foram plantados e as áreas plantadas sofrem com a falta de água. Estima-se o rendimento de 196 kg/ha (3,2 sc/ha) e produção de 1,3 mil toneladas.

No Centro-Sul estima-se o cultivo de 16,8 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado. As lavouras de sequeiro cultivadas em campo aberto ou em consórcio com o café estão em ambiente de alta de restrição hídrica. A área cultivada na safra atual não sofreu alteração em relação à safra passada. Com o quadro de severidade hídrica, estima-se a produtividade média de 373 kg/ha (6,2 sc/ha). Este rendimento representa uma redução de 15% em relação às expectativas iniciais desta safra. A produção deve atingir 9 mil toneladas. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de



7,5 mil hectares em manejo de sequeiro. Em face da intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 360 kg/ha (6 sc/ha) foi reduzida para 180 kg/ha (3 sc/ha), esperando-se uma produção de 1,3 mil toneladas.

O quadro climático de restrição hídrica tem levado os produtores a optar pelo plantio de feijão caupi, espécie de feijão mais adaptada as condições de estresse hídrico. No Extremo Oeste estima-se o cultivo de 26 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro sofreram com o veranico ocorrido e estima-se 20% de redução na produtividade. Os Campos irrigados serão cultivados após a colheita da soja. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado se estima a produtividade de 1.600 kg/ha (26,6 sc/ha). O cultivo de verão do feijão caupi ocupa a área de 57,1 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados ocorrerão no final de fevereiro, e espera-se rendimento de 911 kg/ha (15 sc/ha). A colheita deve ser iniciada em março, com a expectativa de produção em torno de 52,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 123,6% na produção em relação à safra passada.

O feijão caupi, possui maior adaptação a condição de severidade hídrica e resistência a pragas que o feijão cores, por isso, é mais cultivado no semiárido. Os campos de feijão cores estão distribuídos pelo Centro Norte, Centro Sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional.

No Centro Norte estima-se o cultivo de 10,1 mil hectares em manejo de sequeiro com plantio convencional. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 52% em relação à safra passada. Entretanto, as primeiras expectativas desta safra apontavam para o cultivo de cerca de 19,6 mil hectares, e com a estiagem iniciada em dezembro cerca de 9 mil hectares não foram plantados e as áreas cultivadas estão sob alta restrição hídrica. Estima-se o rendimento de 282 kg/ha (4,7 sc/ha) e a produção de 2,9 mil ton.

No Centro Sul estima-se o cultivo de 74,6 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em novembro e dezembro, com previsão de colheita para março. Adaptada às condições de estresse hídrico, as plantas de feijão caupi resistem a severidade do clima. Inicialmente a expectativa de rendimento era de 380 kg/ha (6,3 sc/ha), e sofreu redução de 30% devido à estiagem, sendo previsto render 265 kg/ha (4,4 sc/ha) e produzir cerca de 20 mil toneladas.

No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 21,1 mil hectares em manejo de sequeiro. Em face da intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 360 kg/ha (6 sc/ha) foram reduzidas para 270 kg/ha (4,5 sc/ha), esperando-se a produção de 5,7 mil toneladas. No Extremo Oeste

estima-se o cultivo de 64 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado, com pivô central. As lavouras de sequeiro não sofreram com o veranico ocorrido e é possível encontrar campos na fase de enchimento de grãos. Espera-se que a colheita inicie no final de fevereiro. O plantio dos campos irrigados será realizado após a colheita da soja. Estima-se a produtividade de 965 kg/ha (16 sc/ha) e produção de 61,7 mil toneladas.

No Piauí para o feijão primeira safra, a expectativa é de um aumento com relação à safra passada na ordem de 4,5%, com área de 221 hectares. O plantio de feijão em algumas áreas que se deseja fazer safrinha de milho foi realizado em de outubro, fato observado na região da serra do Quilombo no município de Bom Jesus. A expectativa de aumento da produtividade do feijão é de 238,1% em relação à safra anterior, totalizando 470 kg/ha, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual.

No Maranhão o plantio dessa cultura iniciou em praticamente todo o estado, encontrando-se em fase de enchimento de grãos nas lavouras que foram plantadas mais antecipadamente no sul do estado, enquanto no restante observa-se as lavouras nos estádios germinação e desenvolvimento vegetativo. A área total plantada é de 32,4 mil hectares, incremento de 9,8% em relação à safra passada, com produtividade média igual a 518 kg/ha, aumento de 10,7% em relação à safra 2015/16, incremento também da produção em relação à safra anterior de 21,7%, que ficou em 16,8 mil toneladas.

Em Tocantins a área de plantio está estimada em 4,7 mil hectares, com produtividade média de 604 kg/ha, 15,7% inferior à safra passada. A produção deve ficar entre 2,8 mil toneladas. A área plantada constatada neste levantamento teve uma redução de 67,4% da cultura relacionada ao grupo cores e um acréscimo de 17,6% ao caupi, se comparada à safra anterior. A queda da produtividade em relação à safra anterior (16%) se deve à inexistência de plantio de feijão cores nas regiões norte e sul do estado, onde se obtiveram produtividades elevadas na safra 2015/16. As lavouras se desenvolveram melhor nesta safra e já começaram a ser colhidas.

Na Região Centro-Oeste do Brasil se observa incremento de área em 13,6%, produtividade em 5,6% e na produção de 19,8% em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Em Goiás, a forte queda dos preços do feijão carioca no mercado, provocado pela retração do consumo, ocorrido nas últimas semanas de janeiro de 2017, dei-



xou os produtores de feijão bastante preocupados com relação à rentabilidade da cultura. Na região de Cristalina, leste goiano, cerca de 70% do feijão primeira safra já foi colhido. A estiagem vivenciada durante o último decêndio de dezembro de 2016 e até o fim da primeira quinzena de janeiro de 2017 ocorreu durante o final da fase de maturação da cultura. Desta feita, a estiagem pouco influenciou na produtividade esperada pelos agricultores, porém houve relatos de aumento da frequência de grãos com menor calibre, fato que deprecia comercialmente o grão. Já na região sudoeste do estado o feijão primeira safra está com a colheita avançada, em torno de 50% da área já está colhida. A produtividade média está dentro do desejável. As populações da mosca-branca (principal praga da cultura), mantiveram-se baixas devido ao controle efetuado dentro de forma preventiva. Neste levantamento, incremento de área e produção, estimados em 57,8 mil hectares de área, com produção em 138,7 mil toneladas. A produtividade média de 2.400 kg/ha permaneceu a mesma da safra 2015/16.

No Distrito Federal, a área plantada na primeira safra de feijão foi semelhante à cultivada na safra anterior. A produtividade média estimada anteriormente em 2.390 Kg/ha poderá recuar para 1.895 kg/ha, motivado pelo veranico registrado em plena fase de granação. Os atuais índices de produtividade poderão resultar em uma produção de 22,9 mil toneladas, superior em 27,2% à obtida na safra 2015/16. A colheita ultrapassa os 70%, sendo considerado o produto de boa qualidade. O montante negociado até o momento foi muito

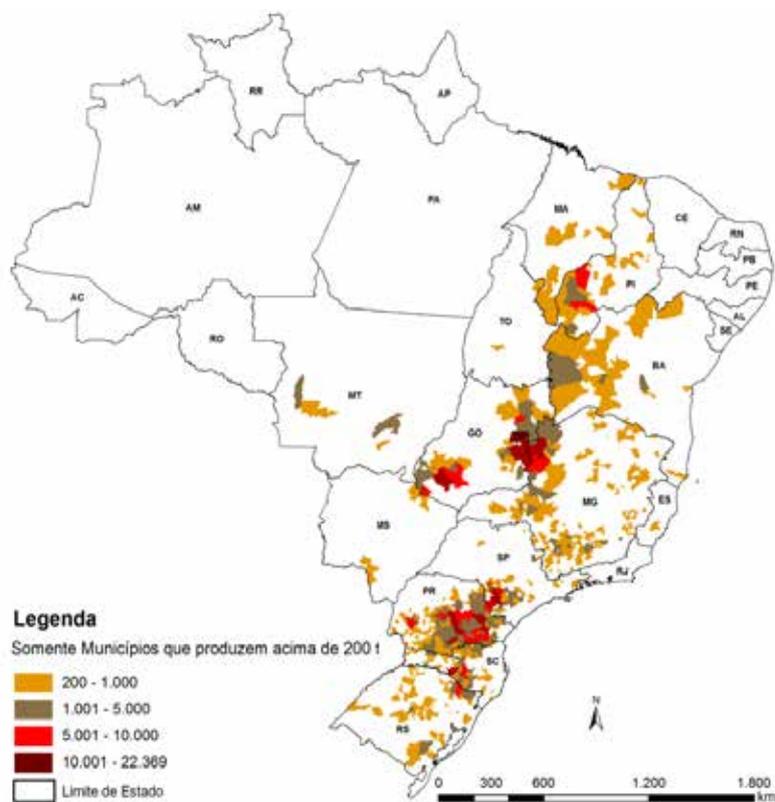
bom, graças ao bom movimento de compradores com demanda. Na semana de pesquisa havia no disponível alguns lotes de carioca extra nota 9,5. A área segregada com feijão primeira safra em cores, preto, corresponde a 90% e 10% respectivamente, nesta primeira safra não se verifica o plantio de feijão caupi.

Em Mato Grosso há expectativa de aumento de área plantada de 9,5 mil hectares, que deverá ficar em 61% em relação à safra passada, que foi de 5,9 mil hectares. Incremento de 65,6% na produtividade, estimada em 1.806 kg/ha, a produção estimada é de 17,2 mil toneladas, incremento de 164,6%. A área de 4.450 hectares de feijão cores primeira safra começou a ser colhida no estado. Na região oeste, os trabalhos estão encerrados, já na região sudeste, a lavoura está em estágio de frutificação e maturação, com previsão de colheita para fevereiro. A produtividade estimada da safra foi considerada boa, com 2.063 kg/ha ante aos 1.091 kg/ha na safra passada, aumento de 89% no rendimento, devido às boas condições climáticas. A partir disso, espera-se produção de 9,2 mil toneladas, volume 41% superior às 6,5 mil toneladas da safra passada.

Em termos de mercado, a oferta nacional do feijão primeira safra em janeiro derrubou os preços internos nos últimos meses. Em relação ao feijão caupi primeira safra, a previsão é que a cultura seja colhida entre fevereiro e março. A lavoura estadual está predominantemente nos estádios de floração e frutificação. Estima-se que a safra 2016/17 registre área de 5 mil hectares, número 25% superior aos 4 mil hectares no período 2015/16. A produtividade média esperada é de 1.575 kg/ha, ante aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior, devido às melhores condições climáticas. Portanto, a produção da primeira safra 2016/17 do feijão caupi deve ser 96% maior do que a anterior, passando de 2,9 toneladas para 5,7 mil toneladas.

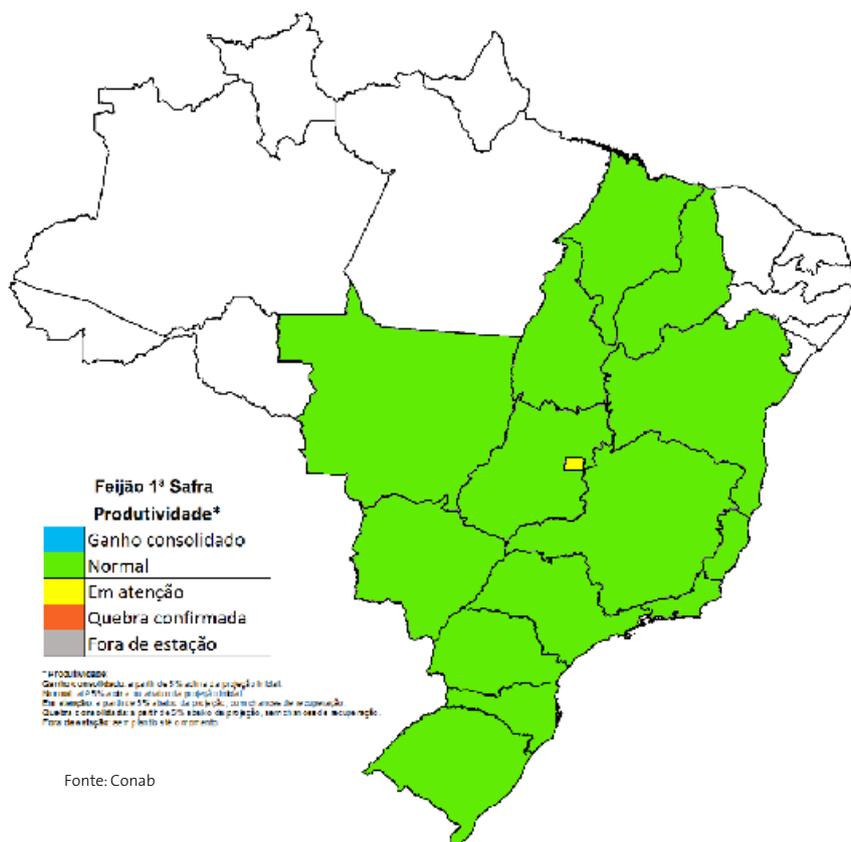


Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 25 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão primeira safra (Safra 2016/17) – Janeiro/2016



Fonte: Conab



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C	C					
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	DV	F/FR	M	M/C	C					
	Sul Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C						P	
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,7	2,2	716	604	(15,7)	3,3	2,8	(15,2)
TO	4,6	4,7	2,2	716	604	(15,7)	3,3	2,8	(15,2)
NORDESTE	430,2	480,3	11,6	255	547	114,2	109,8	262,7	139,3
MA	29,5	32,4	9,8	468	518	10,7	13,8	16,8	21,7
PI	211,5	221,0	4,5	139	470	238,1	29,4	103,9	253,4
BA	189,2	226,9	19,9	352	626	77,7	66,6	142,0	113,2
CENTRO-OESTE	70,6	80,2	13,6	2.129	2.247	5,6	150,4	180,2	19,8
MT	5,9	9,5	61,0	1.091	1.806	65,6	6,5	17,2	164,6
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.781	(1,1)	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	250,3	23,7	1.561	1.718	10,0	315,8	429,9	36,1
MG	146,6	163,5	11,5	1.306	1.316	0,7	191,4	215,1	12,4
ES	4,9	5,4	10,2	1.239	1.258	1,5	6,1	6,8	11,5
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.062	(4,1)	0,9	0,6	(33,3)
SP	50,0	80,8	61,6	2.348	2.567	9,3	117,4	207,4	76,7
SUL	270,9	299,7	10,6	1.680	1.795	6,9	455,0	537,9	18,2
PR	181,4	198,0	9,2	1.575	1.774	12,6	285,7	351,2	22,9
SC	46,0	50,7	10,2	1.869	1.989	6,4	86,0	100,9	17,3
RS	43,5	51,0	17,2	1.915	1.683	(12,1)	83,3	85,8	3,0
NORTE/NORDESTE	434,8	485,0	11,5	260	547	110,4	113,1	265,5	134,7
CENTRO-SUL	543,8	630,2	15,9	1.694	1.822	7,5	921,2	1.148,0	24,6
BRASIL	978,6	1.115,2	14,0	1.057	1.268	19,9	1.034,3	1.413,5	36,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	897	(7,7)	4,3	8,3	93,0
MG	1,6	6,9	331,0	570	830	45,6	0,9	5,7	533,3
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	1.100	(11,2)	2,5	2,0	(20,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.062	(4,1)	0,9	0,6	(33,3)
SUL	174,9	175,2	0,2	1.618	1.763	9,0	283,0	308,9	9,2
PR	125,3	114,9	(8,3)	1.563	1.792	14,7	195,8	205,9	5,2
SC	16,1	19,3	19,9	1.731	2.135	23,3	27,9	41,2	47,7
RS	33,5	41,0	22,4	1.770	1.508	(14,8)	59,3	61,8	4,2
CENTRO-SUL	180,5	185,7	2,9	1.601	1.721	7,5	289,1	319,4	10,5
BRASIL	180,5	185,7	2,9	1.601	1.721	7,5	289,1	319,4	10,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,3	(66,7)	1.252	600	(52,1)	1,1	0,2	(81,8)
TO	0,9	0,3	(65,2)	1.252	600	(52,1)	1,1	0,2	(81,8)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	911	36,0	33,7	51,9	54,0
BA	50,3	57,0	13,3	670	911	36,0	33,7	51,9	54,0
CENTRO-OESTE	65,4	74,0	13,1	2.225	2.299	3,3	145,7	170,1	16,7
MT	1,9	4,5	134,3	1.872	2.063	10,2	3,6	9,3	158,3
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.781	(1,1)	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,1	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	227,0	15,1	1.576	1.808	14,7	311,0	410,4	32,0
MG	144,4	142,6	(1,2)	1.316	1.390	5,6	190,0	198,2	4,3
ES	2,9	3,6	25,0	1.239	1.337	7,9	3,6	4,8	33,3
SP	50,0	80,8	61,6	2.348	2.567	9,3	117,4	207,4	76,7
SUL	96,0	124,5	29,7	1.792	1.839	2,6	172,0	229,0	33,1
PR	56,1	83,1	48,1	1.603	1.748	9,0	89,9	145,3	61,6
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	1.900	(2,3)	58,1	59,7	2,8
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,3	11,9	680	909	33,7	34,8	52,1	49,7
CENTRO-SUL	358,7	425,5	18,6	1.752	1.902	8,6	628,7	809,5	28,8
BRASIL	409,9	482,8	17,8	1.619	1.785	10,3	663,5	861,6	29,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	17,6	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	423,3	11,4	200	498	148,4	76,1	210,7	176,9
MA	29,5	32,4	9,9	468	518	10,7	13,8	16,8	21,7
PI	211,5	221,0	4,5	139	470	238,1	29,4	103,9	253,4
BA	138,9	169,9	22,3	237	530	123,6	32,9	90,0	173,6
CENTRO-OESTE	4,0	5,0	25,0	720	1.575	118,8	2,9	7,9	172,4
MT	4,0	5,0	25,0	720	1.575	118,8	2,9	7,9	172,4
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,0	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	383,6	427,7	11,5	204	499	144,4	78,3	213,4	172,5
CENTRO-SUL	4,6	19,0	313,0	743	1.004	35,0	3,4	19,1	461,8
BRASIL	388,2	446,7	15,1	210	520	147,2	81,7	232,5	184,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2015/16, este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Ceará, mesmo ocupando apenas 45,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está estimada para este quinto levantamento em 1.333,2 milhão de hectares, o que configura um incremento de 1,5% em relação à safra passada.

No Paraná, o plantio de feijão cores de segunda safra já iniciou em todas as regiões, cerca de 33% das áreas já foram semeadas e a produtividade esperada é de 1.645 kg/ha. Tal rendimento é superior à média das últimas safras por dois motivos: primeiro, porque as últimas safras tiveram quebra por geada ou estiagem; segundo, porque o perfil dos produtores atualmente é de maior tecnologia. As lavouras estão em boas condições de germinação e desenvolvimento vegetativo. A previsão de aumento de área é de 7,2%. O aumento na área plantada é devido à proibição do plantio de soja safrinha, deixando o produtor com pouca opção para cultivo de segunda safra; daí o aumento de áreas tecnificadas. Houve diminuição na intenção de plantio do produto na segunda safra em duas regiões. As explicações são distintas. Na região metropolitana de Curitiba houve um ajuste na proporção entre o produto cores e o preto. No centro oriental paranaense, a perda na área cultivada foi para a cultura do milho segunda safra, motivado basicamente, pelo baixo preço do produto atualmente. Acredita-se numa boa safra, considerando as previsões do clima, muito embora no momento se registra o atraso do plantio por conta das chuvas constantes. Para o feijão-preto segunda safra, aumento de cerca de 5,9 mil hectares na área a ser plantada. O crescimento é basicamente sobre as áreas de soja safrinha que não é mais permitida no estado a partir deste ano. A produtividade estimada de 1.795 kg/ha está compatível com as safras normais. A qualidade dos grãos tende a ser um pouco inferior quando comparado com o produto da primeira safra, característica inerente à segunda safra.

O Rio Grande do Sul, seguindo tendência já percebida em safras anteriores, está prevista para este ano manutenção de área com o feijão segunda safra em 24,4 mil hectares, incremento na produtividade de 1.615 kg/ha e 39,4 mil toneladas, maior em 1,7% e 1,8%, respectivamente, em relação à safra 2015/16. Produtores têm optado por substituir o cultivo da segunda safra de feijão-preto por milho ou soja, de menores riscos. A semeadura iniciada apenas na região de Erechim, com expectativa de rendimento de 1.700 kg/ha. Próximas pesquisas definirão melhor o quadro da cultura.

No Distrito Federal, na safra 2015/16, a área semeada com feijão segunda safra era de 9 mil hectares. Neste levantamento estima-se manutenção dessa área, permanecendo, até o momento, a mesma área cultivada da safra passada. A produtividade média estimada em 2.490 kg/ha é superior à obtida na safra passada, resultando uma produção de 2,2 mil toneladas superior em 22,2% à obtida da safra passada. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10% respectivamente.

Em Mato Grosso, a área destinada ao cultivo do feijão cores segunda safra deverá crescer, apesar do recuo dos preços. Inicialmente estima-se plantio de 194,8 mil hectares entre fevereiro e março, ante aos 186 mil hectares na safra 2015/16, incremento de 4,7%. A partir da perspectiva de clima favorável à cultura nos próximos meses, calcula-se produtividade média da lavoura em 1.382 kg/ha, o dobro do rendimento em relação aos 766 kg/ha da safra 2015/16. Dessa maneira, a produção da safra 2016/17 de feijão-carioca fica estimada em 47,2 mil hectares, quantia três vezes maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior. O feijão Caupi segunda safra ainda não foi semeado no estado. Todavia, estima-se que em fevereiro e março sejam plantados os mesmos 169 mil hectares registrados na safra anterior. As melhores condições climáticas tendem a recuperar o rendimento para 1.125 kg/ha, ante aos 756 kg/ha na safra anterior, variação de 48,8%, devido às melhores condições climáticas. Com isso, estima-se produção de 269,3 mil toneladas das culturas, ante aos 142,5 mil toneladas da safra passada. Os bons preços, que estão atualmente podem estimular os produtores a incorporar mais áreas à cultura no estado.

Em Mato Grosso do Sul até o momento ainda há indefinições com relação ao cultivo do produto, porém a estimativa de área plantada com a cultura está em torno de 14 mil hectares, similar à da safra anterior e uma produtividade média de 1.516 kg/ha, um valor de 52,1% maior em comparação com a safra anterior devido ao excesso de chuvas que acometeu as lavouras na safra passada. O baixo rendimento em comparação com o feijão da primeira safra ocorre devido ao fato do feijoeiro ser muito influenciado pela umidade do solo, a qual é limitante à produção do feijão de segunda época. Como o plantio na maioria ocorre em sequeiro e o enchimento das vagens se dá em junho quando as chuvas estão mais escassas no estado, há uma redução natural de produtividade. O feijão é uma cultura de grande plasticidade, sendo apropriada para compor desde sistemas agrícolas tecnificados até aqueles de agricultura predominantemente familiar de subsistência. No estado é cultivado por pequenos,



médios e grandes produtores e em diferentes ambientes de produção (sequeiro e irrigado). A temperatura do ar tem grande influência na produtividade do feijoeiro. Temperaturas elevadas ou baixas, em especial no período de florescimento e frutificação, são prejudiciais à cultura, justificando o fato da maior parte do plantio ocorrer no final de fevereiro e em março para que o florescimento ocorra no outono, quando as temperaturas estão mais amenas e ocorre um menor abortamento floral. Além disso, o excesso de chuvas no período de colheita é altamente prejudicial à cultura, o que não ocorre no outono e inverno quando a cultura de segunda safra é colhida no estado.

Em Minas Gerais as estimativas apontam para manutenção na área a ser cultivada com feijão segunda safra em 2014/15. A incremento na produtividade média está estimada em 1.351 kg/ha, ante aos 1.265 kg/ha obtidos na safra passada, o que poderá resultar em produção de 160,4 toneladas, superior em 6,7% à ofertada do exercício anterior. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10%, respectivamente. O plantio do feijão segunda safra está previsto para janeiro e fevereiro de 2016, com estimativa de colheita entre abril e maio do mesmo ano.

Em Santa Catarina o cultivo do feijão-preto segunda safra encontra-se em implantação, visto que, até o final de janeiro, em torno de 23% das lavouras deverão estar semeadas. Em comparação com a safra passada, observa-se um atraso na implantação das lavouras, causada, principalmente, pelo atraso no plantio do feijão primeira safra devido ao frio prolongado na última primavera. Ao analisar as regiões produtoras, observam-se situações diferentes, entre algumas: enquanto na Região Oeste nota-se um aumento da intenção de plantio motivado pelo preço desta classe em relação à classe cores - cuja área deve reduzir - na Região Norte a tendência é de redução da área, a qual deve ser ocupada, em parte, pelo plantio de uma segunda safra de soja. O clima tem se mostrado favorável nos últimos dias, permitindo a semeadura em todas as regiões. Assim, como em outras safras, a maior parte das sementes utilizadas para a formação das lavouras devem ser próprias, oriundas, parte da colheita da primeira safra, parte de produto estocado da safra passada. Não é comum a busca de financiamento oficial para custear o plantio, o qual é feito, ou com recursos próprios, ou via contratos com as cooperativas e cerealistas das regiões produtoras, as quais recebem parte do produto para quitação dos débitos contraídos com a aquisição dos insumos. Da mesma forma que o feijão-preto, observa-se um atraso na implantação das lavouras catarinenses em consequência das temperaturas baixas ocorridas durante o plantio da primeira safra, o que atrasou o cultivo desta. O feijão carioca se concentra na região oeste, principalmente,

onde se observou uma tendência de redução do cultivo em alguns municípios, causado, em grande parte, pelo recuo dos preços nos últimos meses, cujas cotações estão abaixo das do feijão-preto. Também não é comum a busca de financiamento oficial e uso de sementes fiscalizadas para a implantação das lavouras. Em torno de 30% da área foi semeada, e encontra-se entre germinação e desenvolvimento vegetativo. As condições são consideradas boas, já que o clima tem se mostrado estável nos últimos dias.

No Maranhão o plantio não iniciou. A área total a ser plantada é de 32,5 mil hectares, com produtividade média igual a 526 kg/ha, com uma produção de 17,1 mil toneladas.

Em Pernambuco o feijão escolhido para cultivo na região pelos agricultores têm sido o macaçar. Os produtores armazenaram os grãos artesanalmente em casa para fazer o plantio, caso não consigam receber as sementes provenientes do Programa Distribuição de Sementes. Poucas áreas, devido à falta de chuvas, iniciaram o preparo do solo para o plantio.

A área a ser cultivada com feijão na segunda safra em Tocantins permanece praticamente inalterada. Até o momento há apenas a indicação de um pequeno crescimento de 3,8% da área a ser cultivada com feijão caupi.

No Acre a área semeada com feijão segunda safra era de 7,6 mil hectares, redução de 1,3% em relação à safra passada, produtividade média estimada em 601 kg/ha, 9% superior à obtida na safra 2015/16, neste levantamento estima-se manutenção da produção, permanecendo, até o momento, a mesma safra passada, em 4,6 mil toneladas. O principal feijão cultivado no estado é o cores (carioca). Assim como arroz, é difícil de conseguir crédito esse, motivo é que é basicamente plantado por pequenos agricultores. A estimativa de área plantada de feijão cores situa-se em 5.594 hectares, produção de 3.244 toneladas e produtividade de 580 kg/ha. Já para o caupi, há 2.011 hectares de área plantada, produção de 1.267 toneladas e produtividade de 630 kg/ha.

Roraima a área apurada para esse quinto levantamento para o feijão caupi foi de 2,4 mil hectares, recuo de 11,1% em relação à safra anterior, incremento na produtividade de 731 para 750 kg/ha em relação à safra passada. Recuo também na produção de 10%, saindo de 2 mil toneladas na safra 2015/16 para 1,8 mil toneladas. Essa queda da produção pode ser atribuída a limitações no acesso a tecnologias de produção, considerando que quase a totalidade do feijão caupi é produzido pela agricultura familiar.

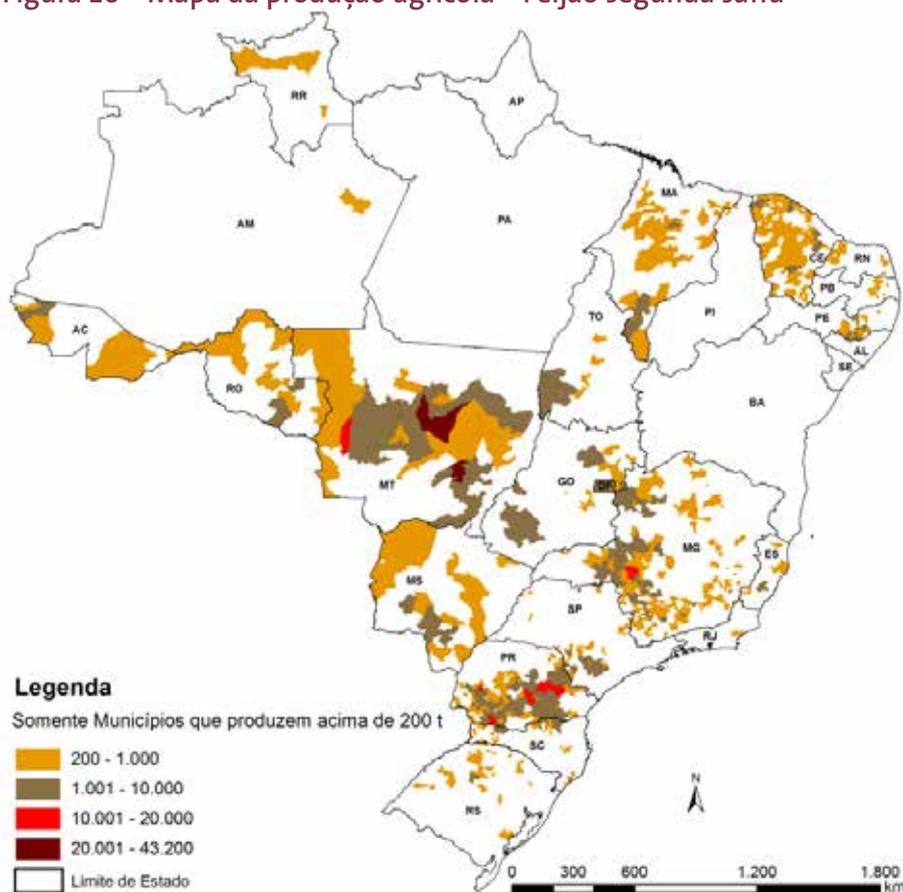


Em Rondônia somente é plantado o feijão da segunda da safra. O início de seu plantio normalmente se dá com o final do período das chuvas, que normalmente ocorre em fins de março. Devido a esse motivo climático essa lavoura ainda não está acontecendo.

Uma cultura praticada em pequena escala no Amazonas, embora desenvolvida em todo estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência. Nessa safra foram plantados 2.8 mil hectares, retração de 31,7% em relação à

safra passada, retração também na produtividade de 3,5%, obtendo uma média de 895 kg/ha, com redução na produção de 34,2%, estimada de 2,5 mil toneladas. O plantio em terra firme é realizado de abril a junho e a colheita de julho a agosto. Já para a várzea, o plantio se dá em agosto, setembro e outubro, com colheita de novembro a janeiro.

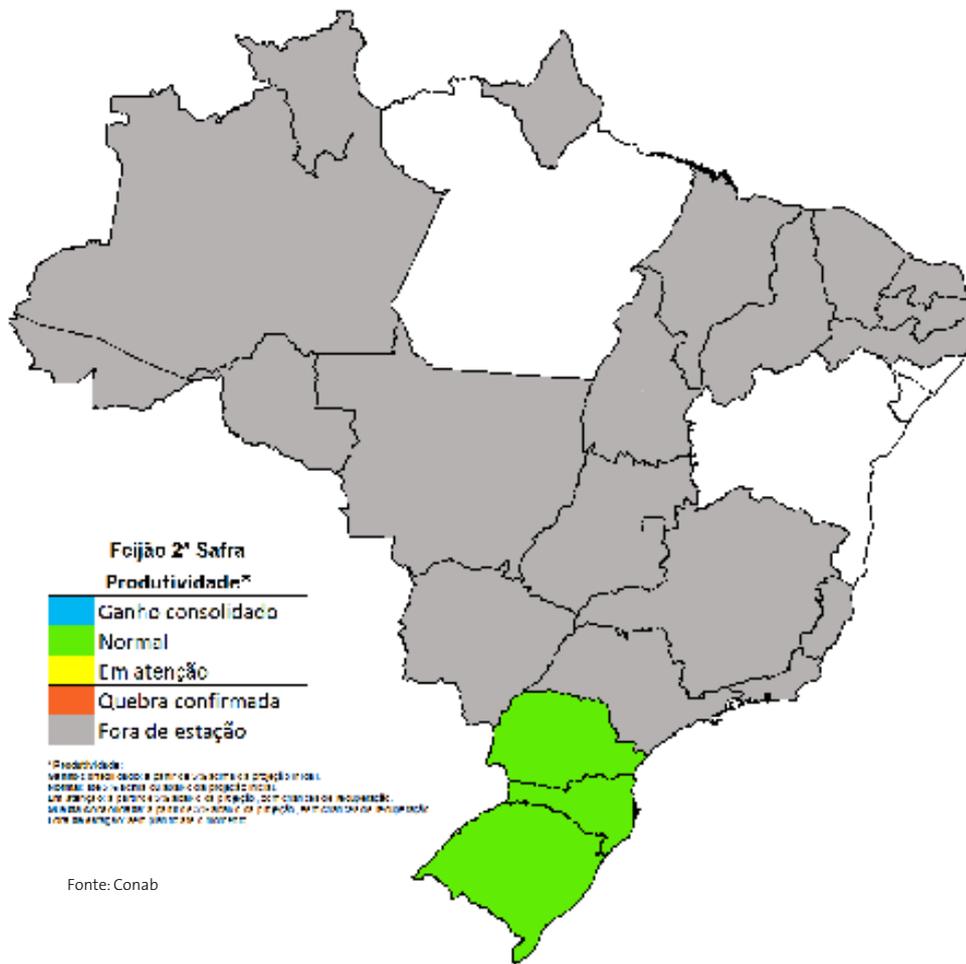
Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão segunda safra (Safra 2016/17) – Janeiro/2017



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense							P	DV	F	FR	M/C	C
	Oeste Maranhense							P	DV	F	FR	M/C	C
MA	Centro Maranhense							P	DV	F	FR	M/C	C
	Sul Maranhense							P	DV	F	FR	M/C	C
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Norte Cearense							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul							PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C
MT	Norte Mato							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Nordeste Mato							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sudeste Mato							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Norte Goiano							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Leste Goiano							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sul Goiano							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Central Mineira							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Vale do Rio Doce							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Oeste de Minas							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Campo das Vertentes							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Zona da Mata							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
ES	Central Espírito							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
SP	Campinas							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Assis							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Itapetininga							P/G	DV/F	FR	M/C	C	
PR	Norte Central Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Norte Pioneiro Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Centro Oriental Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Oeste Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Sudoeste Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Centro-Sul Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Sudeste Paranaense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Metropolitana de Curitiba						P/G	DV	F	FR/M	C		
SC	Oeste Catarinense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Norte Catarinense						P/G	DV	F	FR/M	C		
	Sul Catarinense						P/G	DV	F	FR/M	C		
RS	Noroeste Rio-grandense						P	P/G	DV/F	FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	47,1	45,9	(2,5)	846	826	(2,3)	39,9	37,9	(5,0)
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	750	2,6	2,0	1,8	(10,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	10,5	10,9	3,8	1.009	974	(3,5)	10,6	10,6	-
NORDESTE	650,0	648,2	(0,3)	177	284	60,0	115,2	183,9	59,6
MA	47,6	32,5	(31,7)	536	526	(1,9)	25,5	17,1	(32,9)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	384,4	3,6	155	266	71,7	57,4	102,1	77,9
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	111,6	111,6	-	107	272	154,9	11,9	30,3	154,6
CENTRO-OESTE	230,4	237,2	3,0	879	1.449	64,8	202,6	343,6	69,6
MT	186,0	194,8	4,7	766	1.382	80,4	142,5	269,3	89,0
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	27,5	(6,8)	1.500	1.850	23,3	44,3	50,9	14,9
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.490	25,1	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	140,8	141,2	0,3	1.316	1.390	5,6	185,4	196,2	5,8
MG	118,8	118,8	-	1.265	1.351	6,8	150,3	160,4	6,7
ES	5,7	5,9	3,5	870	953	9,5	5,0	5,6	12,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	978	7,9	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	245,6	260,7	6,1	1.513	1.646	8,8	371,5	429,0	15,5
PR	203,8	218,5	7,2	1.476	1.645	11,5	300,8	359,4	19,5
SC	17,4	17,8	2,3	1.841	1.697	(7,8)	32,0	30,2	(5,6)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	697,1	694,1	(0,4)	223	320	43,6	155,1	221,8	43,0
CENTRO-SUL	616,8	639,1	3,6	1.231	1.516	23,1	759,5	968,8	27,6
BRASIL	1.313,9	1.333,2	1,5	696	893	28,3	914,6	1.190,6	30,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	5,7	7,5	828	876	5,8	4,4	5,0	13,6
MG	2,0	2,0	-	740	800	8,1	1,5	1,6	6,7
ES	2,3	2,5	10,0	870	888	2,1	2,0	2,2	10,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	978	7,9	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	117,3	5,8	1.547	1.605	3,8	171,5	188,2	9,7
PR	73,0	78,9	8,1	1.486	1.600	7,7	108,5	126,2	16,3
SC	13,5	14,0	3,7	1.800	1.615	(10,3)	24,3	22,6	(7,0)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	116,3	123,1	5,9	1.514	1.572	3,8	176,1	193,4	9,8
BRASIL	118,0	124,8	5,8	1.494	1.554	4,0	176,3	193,9	10,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	41,1	37,5	(8,8)	871	875	0,4	35,9	32,8	(8,6)
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	750	2,6	2,0	1,8	(10,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	11,5	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	4,5	4,5	-	1.457	1.500	3,0	6,6	6,8	3,0
NORDESTE	34,7	34,8	0,3	193	317	64,4	6,6	11,0	66,7
CE	4,6	4,7	1,1	377	243	(35,5)	1,7	1,1	(35,3)
PB	24,0	24,0	-	177	323	82,5	4,2	7,8	85,7
PE	6,1	6,1	-	116	350	201,7	0,7	2,1	200,0
CENTRO-OESTE	61,3	68,1	11,1	1.216	1.846	51,8	74,6	125,7	68,5
MT	17,0	25,8	51,8	868	2.000	130,5	14,7	51,6	251,0
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	27,5	(6,8)	1.500	1.850	23,3	44,3	50,9	14,9
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.500	25,0	1,6	2,0	25,0
SUDESTE	135,5	135,5	-	1.335	1.411	5,7	181,0	191,2	5,6
MG	116,8	116,8	-	1.274	1.360	6,8	148,8	158,8	6,7
ES	3,4	3,4	-	870	1.000	14,9	3,0	3,4	13,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	134,7	143,4	6,5	1.485	1.679	13,1	200,0	240,7	20,4
PR	130,8	139,6	6,7	1.470	1.670	13,6	192,3	233,1	21,2
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	2.000	0,9	7,7	7,6	(1,3)
NORTE/NORDESTE	75,8	72,3	(4,6)	561	606	8,1	42,5	43,8	3,1
CENTRO-SUL	331,5	347,0	4,7	1.374	1.607	17,0	455,6	557,6	22,4
BRASIL	407,3	419,3	2,9	1.223	1.434	17,3	498,1	601,4	20,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	8,4	40,0	673	610	(9,3)	4,0	5,2	30,0
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	6,4	6,7	673	604	(10,3)	4,0	3,9	(2,5)
NORDESTE	613,6	611,7	(0,3)	177	282	59,6	108,4	172,5	59,1
MA	47,6	32,5	(31,7)	536	526	(1,9)	25,5	17,1	(32,9)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	366,5	379,7	3,6	152	266	75,0	55,7	101,0	81,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	61,1	-	131	250	90,8	8,0	15,3	91,3
PE	105,5	105,5	-	106	267	151,9	11,2	28,2	151,8
CENTRO-OESTE	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
MT	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
NORTE/NORDESTE	619,6	620,1	0,1	181	286	57,8	112,4	177,7	58,1
CENTRO-SUL	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
BRASIL	788,6	789,1	0,1	305	501	64,4	240,2	395,4	64,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

O cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. As áreas mais expressivas com feijão terceira safra no Distrito Federal estão localizadas na Região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. Para a safra 2016/17 estima-se manutenção de área em comparação a cultivada na safra 2015/16 em 3,1 mil hectares. A produtividade média está estimada em 3.023 kg/ha, o que poderá resultar numa produção próxima a 9,4 mil toneladas. Conforme já explicitado acima, as lavouras conduzidas sob pivô, poderão ser afetadas severamente, caso as condições de chuvas não se situem em níveis de normalidade. Na safra anterior uma grande quantidade de pi-

vôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. O plantio está previsto para meados de abril, maio e junho do corrente ano, com colheita em julho, agosto e setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo cores, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10% e 6%, respectivamente.

Na Bahia o cultivo de inverno do feijão cores ocupará a área de 188,9 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril, e espera-se o rendimento de 748 kg/ha (12,4 sc/ha). A colheita deve ser iniciada em agosto, com a expectativa de produção em torno de 141,3 mil toneladas. Os campos de inverno de feijão cores estão distribuídos pelo centro norte e nordeste. Já para o feijão caupi terceira safra, o cultivo de inverno ocupará uma área de 10,6 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril e espera-se um rendimento de 500 kg/ha (8,3 sc/ha). A colheita deverá ser iniciada em agosto, com a expectativa de produção em torno de 5,3 mil toneladas. Os plantios se concentram no nordeste do estado.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

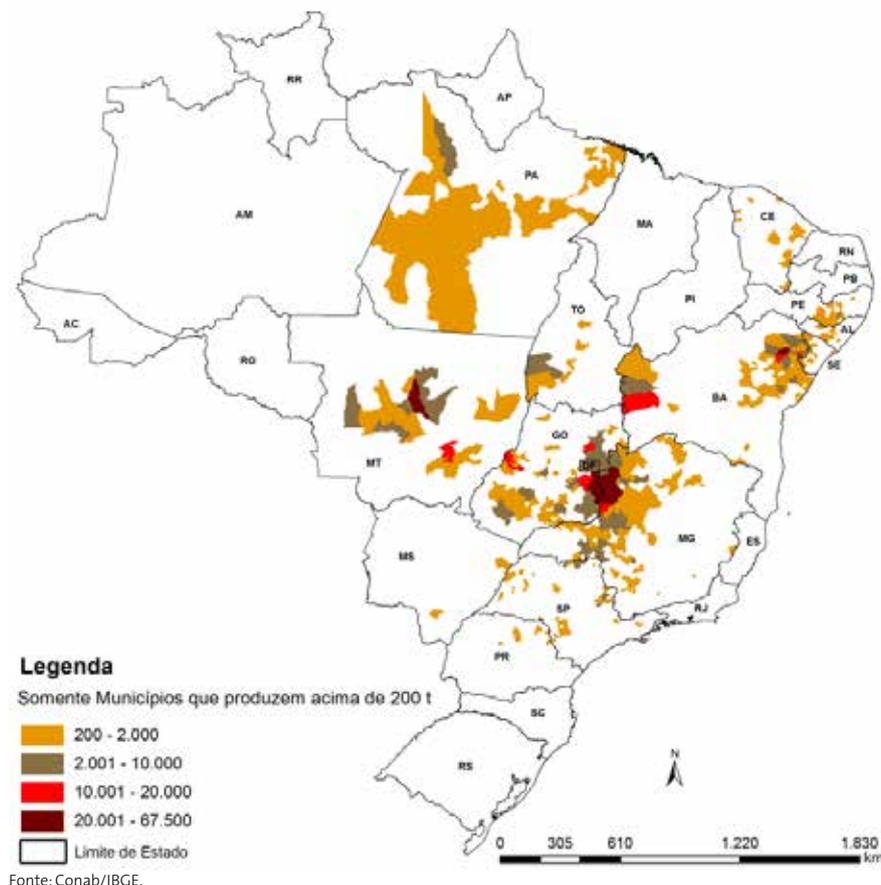


Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,9	39,9	-	849	838	(1,3)	33,9	33,5	(1,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	7,0	7,0	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	(4,0)
NORDESTE	332,7	332,7	-	341	618	81,4	113,4	205,5	81,2
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	85,5	-	370	348	(5,9)	31,6	29,7	(6,0)
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	372,6	372,6	-	395	642	62,4	147,3	239,0	62,3
CENTRO-SUL	172,4	172,4	-	2.420	2.515	3,9	417,3	433,6	3,9
BRASIL	545,0	545,0	-	1.036	1.234	19,2	564,6	672,6	19,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	8,7	-	818	822	0,5	7,1	7,1	-
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	296,6	-	343	637	85,5	101,8	188,7	85,4
PE	71,7	71,7	-	386	360	(6,7)	27,7	25,8	(6,9)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	305,3	305,3	-	357	642	80,0	108,9	195,8	79,8
CENTRO-SUL	171,9	171,9	-	2.423	2.516	3,9	416,6	432,5	3,8
BRASIL	477,2	477,2	-	1.101	1.317	19,6	525,5	628,3	19,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	31,2	31,2	-	857	842	(1,8)	26,8	26,3	(1,9)
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	6,2	6,2	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	-
NORDESTE	36,1	36,1	-	322	467	45,1	11,6	16,8	44,8
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	13,8	-	284	285	0,4	3,9	3,9	-
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	-	570	641	12,4	38,4	43,1	12,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	67,6	67,6	-	572	645	12,7	38,7	43,6	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse quinto acompanhamento que a área total de feijão terá incremento de 2.993,4 mil hectares, 5,5% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deve-

rá ficar em 3.276,7 mil toneladas e 30,4% maior que a última temporada. As previsões destas três safras ainda são passíveis de alterações nos próximos levantamentos.



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

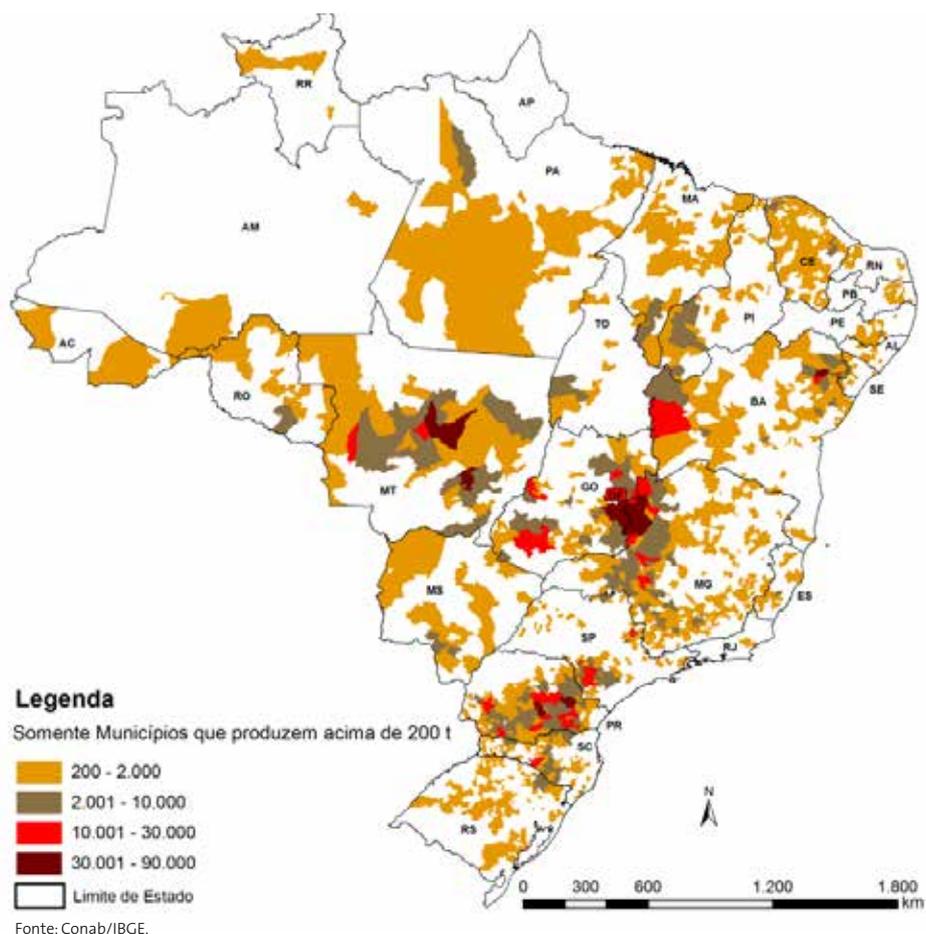


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	90,5	(1,2)	841	820	(2,5)	77,1	74,2	(3,8)
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	750	2,6	2,0	1,8	(10,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	22,1	22,6	2,3	1.084	1.024	(5,6)	24,0	23,1	(3,8)
NORDESTE	1.412,9	1.461,2	3,4	240	446	86,3	338,4	652,2	92,7
MA	77,1	64,9	(15,8)	510	522	2,4	39,3	33,9	(13,7)
PI	214,5	224,0	4,4	145	472	226,2	31,0	105,7	241,0
CE	375,8	389,1	3,5	155	275	76,8	58,4	107,0	83,2
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	197,1	197,1	-	221	305	38,1	43,5	60,0	37,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	388,7	426,4	9,7	354	677	91,3	137,5	288,6	109,9
CENTRO-OESTE	386,8	403,2	4,2	1.445	1.832	26,8	558,8	738,7	32,2
MT	233,4	245,8	5,3	1.003	1.520	51,6	234,0	373,7	59,7
MS	14,6	14,8	1,4	1.030	1.530	48,6	15,0	22,6	50,7
GO	122,7	126,5	3,1	2.318	2.434	5,0	284,4	307,9	8,3
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.145	35,7	25,4	34,5	35,8
SUDESTE	425,2	473,6	11,4	1.670	1.775	6,3	710,1	840,5	18,4
MG	334,5	351,4	5,1	1.555	1.589	2,2	520,0	558,4	7,4
ES	10,6	11,3	6,6	1.041	1.099	5,6	11,0	12,4	12,7
RJ	1,8	1,8	-	995	1.006	1,1	1,8	1,8	-
SP	78,3	109,1	39,3	2.264	2.455	8,4	177,3	267,9	51,1
SUL	521,0	564,9	8,4	1.590	1.719	8,1	828,5	971,1	17,2
PR	389,7	421,0	8,0	1.510	1.698	12,4	588,5	714,8	21,5
SC	63,4	68,5	8,0	1.862	1.914	2,8	118,0	131,1	11,1
RS	67,9	75,4	11,0	1.797	1.661	(7,6)	122,0	125,2	2,6
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.551,7	3,1	276	468	69,5	415,5	726,4	74,8
CENTRO-SUL	1.333,0	1.441,7	8,2	1.574	1.769	12,4	2.097,4	2.550,3	21,6
BRASIL	2.837,5	2.993,4	5,5	886	1.095	23,6	2.512,9	3.276,7	30,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.041	29,5	2,3	3,1	34,8
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.041	29,5	2,3	3,1	34,8
SUDESTE	9,7	15,0	54,6	893	889	(0,4)	8,7	13,3	52,9
MG	3,6	8,9	147,2	664	823	23,9	2,4	7,3	204,2
ES	4,3	4,3	-	1.042	977	(6,2)	4,5	4,2	(6,7)
RJ	1,8	1,8	-	995	1.006	1,1	1,8	1,8	-
SUL	285,8	292,5	2,3	1.590	1.700	6,9	454,5	497,1	9,4
PR	198,3	193,8	(2,3)	1.534	1.714	11,7	304,3	332,1	9,1
SC	29,6	33,3	12,5	1.762	1.916	8,7	52,2	63,8	22,2
RS	57,9	65,4	13,0	1.693	1.548	(8,6)	98,0	101,2	3,3
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	297,0	309,0	4,0	1.567	1.662	6,0	465,5	513,5	10,3
BRASIL	298,7	310,7	4,0	1.559	1.654	6,1	465,7	514,0	10,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão carioca total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	50,7	46,5	(8,3)	869	863	(0,7)	44,1	40,1	(9,1)
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	750	2,6	2,0	1,8	(10,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	6,2	5,6	(9,7)	1.558	1.528	(1,9)	9,7	8,6	(11,3)
NORDESTE	381,6	388,4	1,8	373	648	74,0	142,1	251,6	77,1
PB	24,0	24,0	-	177	323	82,5	4,2	7,8	85,7
PE	77,8	77,8	-	365	359	(1,5)	28,4	27,9	(1,8)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	239,2	245,9	2,8	420	786	86,9	100,6	193,2	92,0
CENTRO-OESTE	212,0	227,4	7,3	2.008	2.242	11,7	425,6	509,7	19,8
MT	60,4	71,8	18,9	1.712	2.063	20,6	103,4	148,2	43,3
MS	14,6	14,8	1,4	1.030	1.530	48,6	15,0	22,6	50,7
GO	122,7	126,5	3,1	2.318	2.434	5,0	284,4	307,9	8,3
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.170	36,1	22,8	31,0	36,0
SUDESTE	414,9	444,6	7,2	1.689	1.835	8,6	701,0	816,0	16,4
MG	330,3	328,5	(0,5)	1.566	1.644	5,0	517,1	539,9	4,4
ES	6,3	7,0	11,1	1.040	1.173	12,8	6,6	8,2	24,2
SP	78,3	109,1	39,3	2.264	2.455	8,4	177,3	267,9	51,1
SUL	235,2	272,4	15,8	1.591	1.740	9,4	374,2	474,0	26,7
PR	191,4	227,2	18,7	1.485	1.684	13,4	284,3	382,7	34,6
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	1.911	(1,9)	65,9	67,3	2,1
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	432,3	434,9	0,6	431	671	55,8	186,2	291,7	56,7
CENTRO-SUL	862,1	944,4	9,5	1.741	1.906	9,5	1.500,8	1.799,7	19,9
BRASIL	1.294,4	1.379,3	6,6	1.303	1.516	16,4	1.687,0	2.091,4	24,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	40,9	44,0	7,6	806	774	(3,9)	33,0	34,1	3,3
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	15,9	17,0	6,9	900	858	(4,7)	14,3	14,6	2,1
NORDESTE	1.029,6	1.071,1	4,0	191	373	96,0	196,1	400,0	104,0
MA	77,1	64,9	(15,8)	510	522	2,4	39,3	33,9	(13,7)
PI	214,5	224,0	4,4	145	472	226,2	31,0	105,7	241,0
CE	371,2	384,4	3,6	153	275	80,2	56,7	105,8	86,6
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	61,1	-	131	250	90,8	8,0	15,3	91,3
PE	119,3	119,3	-	127	269	112,6	15,1	32,1	112,6
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	149,5	180,5	20,7	247	528	113,9	36,9	95,3	158,3
CENTRO-OESTE	173,3	174,3	0,6	756	1.297	71,6	130,9	226,0	72,7
MT	173,0	174,0	0,6	755	1.296	71,7	130,6	225,5	72,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	1.070,5	1.115,1	4,2	214	389	81,9	229,1	434,1	89,5
CENTRO-SUL	173,9	188,3	8,3	756	1.260	66,6	131,4	237,2	80,5
BRASIL	1.244,4	1.303,4	4,7	290	515	77,7	360,5	671,3	86,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado permanece calmo, com fraco movimento de compradores e poucas negociações. A origem do produto recém-colhido é proveniente dos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Apesar da oferta ainda não ser expressiva, a fraca demanda reflete em redução das cotações do grão. Um dos principais motivos para esse comportamento de mercado está na dificuldade de repassar aumentos para os produtos direcionados aos supermercados, que não estão conseguindo um bom volume de venda de seus estoques.

Cabe mencionar que, as cotações do grão, no segundo semestre deste ano, apresentaram desvalorizações em todos os segmentos do setor: produtor, atacado e varejo. Nos três últimos meses, mesmo com menor oferta do produto, devido à entressafra, os preços seguiram em trajetória de queda.

No Sul do país a primeira safra da temporada 2016/17 está concluída, e as áreas plantadas apresentam lavouras distribuídas desde a fase de desenvolvimento vegetativo até a colheita. Neste momento, como de hábito, os compradores se retraem na comercialização, mas a colheita se intensifica.

Diante desta situação, os compradores se sentem numa situação cômoda para programar suas com-

pras, aguardando inclusive o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é de que os preços recuem ainda mais ou fiquem, na melhor das hipóteses, nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, devido ao elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,2 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em janeiro de 2016 pela Conab, mais as previsões para a segunda e terceira safras totalizarão 3,28 milhões de toneladas. Com isso, estima-se um estoque de passagem para a safra 2016/17 de 292,7 mil toneladas, em meio às estimativas de importações de 150 mil toneladas e de exportação de 120 mil toneladas.

Tabela 31 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.276,7	150,0	3.612,7	3.200,0	120,0	292,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



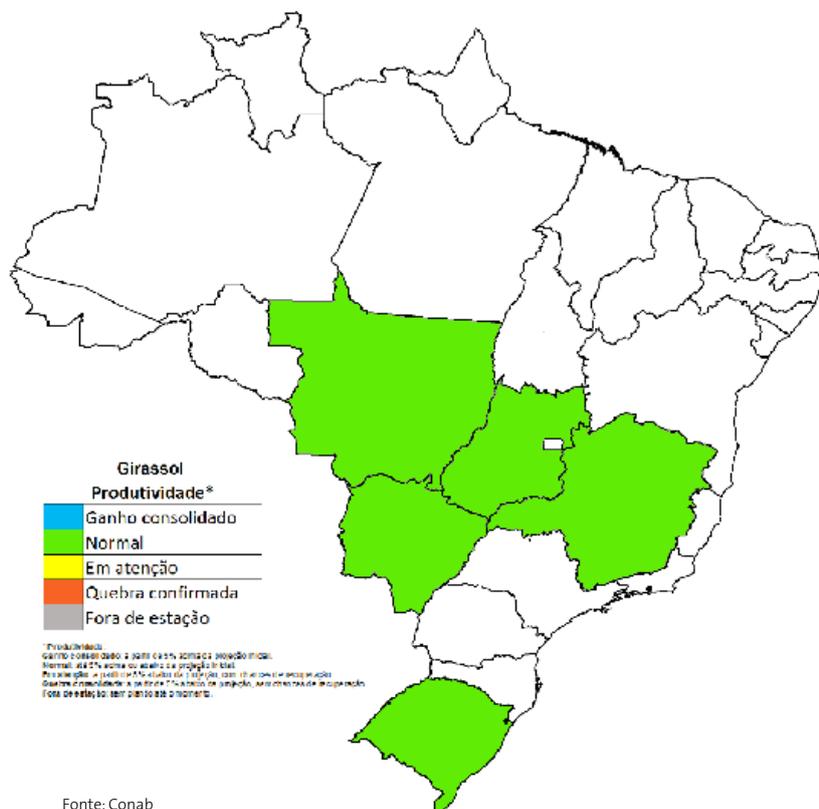
9.1.5. GIRASSOL

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 – Mapa da estimativa de produtividade: Girassol (safra 2016/17) – Janeiro/2017



Fonte: Conab



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	40,0	(2,9)	1.261	1.411	11,9	52,0	56,4	8,5
MT	25,6	29,4	14,8	1.390	1.426	2,6	35,6	41,9	17,7
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	9,0	(35,7)	1.000	1.302	30,2	14,0	11,7	(16,4)
DF	0,3	0,3	-	2.500	2.500	-	0,8	0,8	-
SUDESTE	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
MG	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	50,3	(2,3)	1.224	1.413	15,5	63,1	71,1	12,7
BRASIL	51,5	50,3	(2,3)	1.224	1.413	15,5	63,1	71,1	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 de mamona é de recuo de área plantada, alcançando 29,6 mil hectares, que representa decréscimo de 2% em relação à safra passada, que foi de 30,2 mil hectares.

A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Na Bahia, maior estado produtor de mamona, o plantio das novas áreas foi finalizado em dezembro e o início das colheitas está previsto para junho. A estimativa de área plantada é de 21,1 mil hectares, representando um aumento de 0,5% na área cultivada. A estiagem prolongada comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona, prejudicando a produtividade em 21,6%, o que deverá resultar em uma redução de 21,1% na produção.

Figura 32 – Plantas de mamona em Irecê – Ba



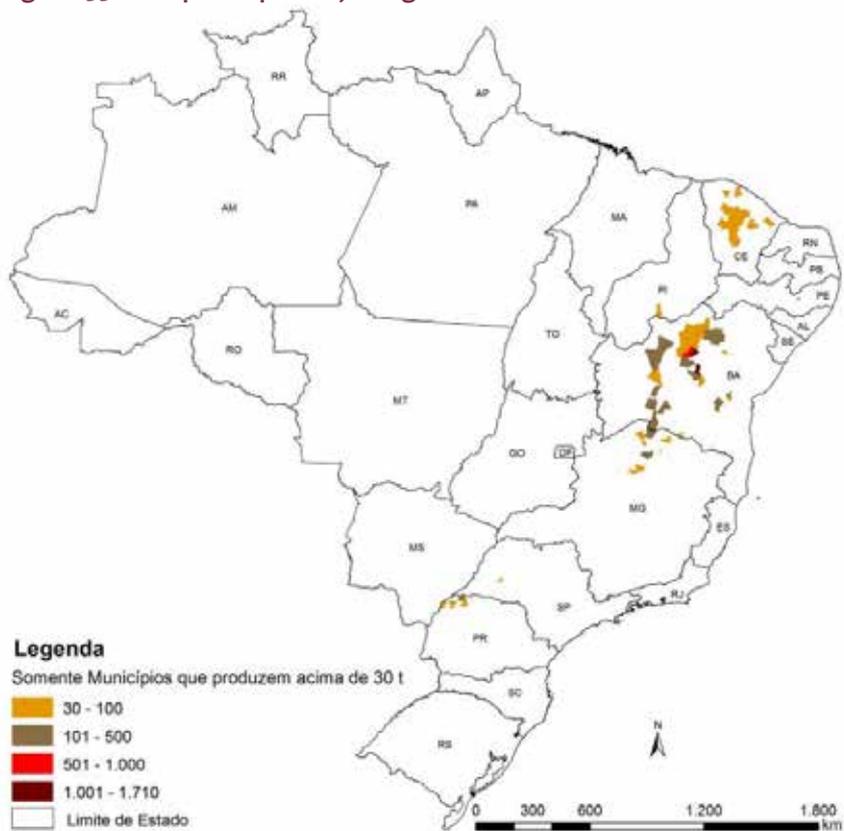
Fonte: Conab

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 200 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáticas, ocorridas nas últimas safras, vêm inviabilizando o cul-

tivo desta oleaginosa. Com produtividade média de 1.000 kg/ha, e incremento de 10% em relação à safra 2015/16, a produção poderá alcançar 200 toneladas, desde que o clima se mostre mais favorável, permitindo assim, uma recuperação da produtividade média.

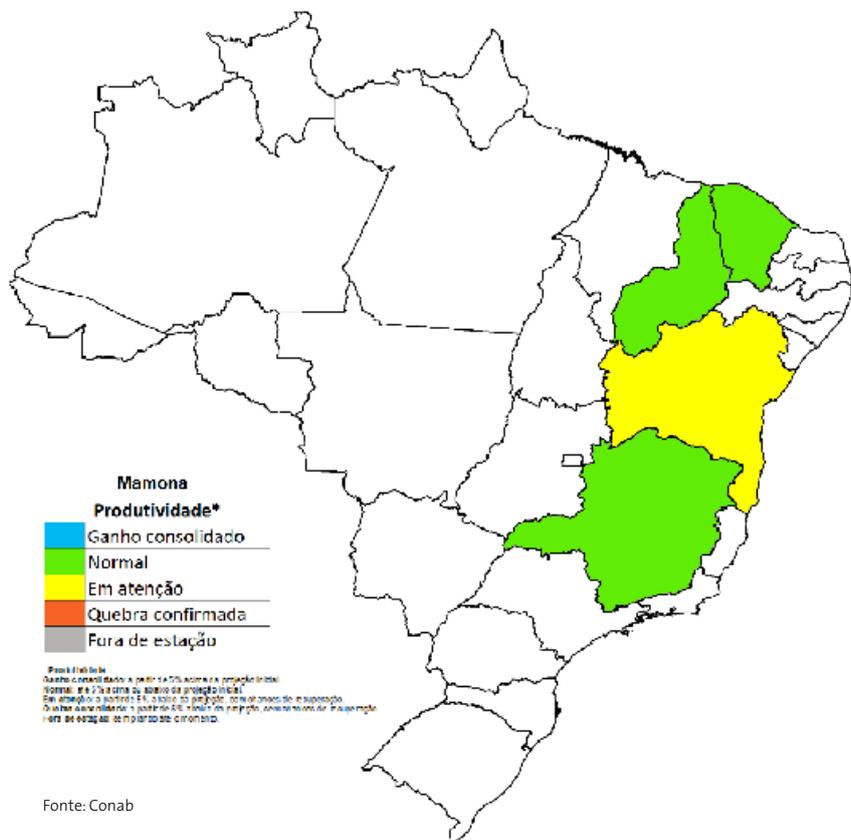


Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 34 – Mapa da estimativa de produtividade: Mamona (Safrá 2016/17) – Janeiro/2017



Fonte: Conab



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	29,9	29,4	(1,7)	472	450	(4,7)	14,1	13,2	(6,4)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	8,1	(2,1)	122	376	208,2	1,0	3,0	200,0
BA	21,0	21,1	0,5	610	478	(21,6)	12,8	10,1	(21,1)
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
NORTE/NORDESTE	29,9	29,4	(1,7)	472	450	(4,7)	14,1	13,2	(6,4)
CENTRO-SUL	0,3	0,2	(33,3)	909	1.000	10,0	0,3	0,2	(33,3)
BRASIL	30,2	29,6	(2,0)	477	454	(4,8)	14,4	13,4	(6,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra os produtores de milho verão, tais como os de soja, não encontraram problemas de capital para financiamento da produção e utilizaram bom nível tecnológico no sistema de cultivo. Essas características, aliadas ao comportamento do clima nas importantes regiões produtoras, criaram a expectativa de elevadas produtividades, fato que efetivamente ocorreu. Ao contrário do que ocorre com o milho de segunda safra, os produtores de milho verão não fazem contratos futuros, optando pelo autoconsumo ou mesmo a venda para terceiros, ao produzirem silagem ou na comercialização do grão no disponível, por ocasião da colheita no mercado local.

A área estimada neste levantamento previu um incremento nacional de 31,7% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que apresentaram aumento previsto de 5,6% na área plantada desta safra. Na região do Matopiba, estrategicamente situada, de onde se pode optar por deslocar parte dos excedentes produtivos para exportação, como também para atendimento ao Nordeste, à exceção da Bahia, devolveu nesse exercício, a área para soja após as frustrações do clima no ano passado, que estimularam a troca da área plantada de soja por milho. Por essa razão, a área plantada de milho verão na região do Matopiba, apresentou decréscimo de 52% em relação ao ano anterior.

O total da área plantada com milho primeira safra para o período 2016/17 atingiu 5.481,2 mil hectares, contra 5.387,7 mil observado no exercício anterior.

Na Região Sul ocorrerá forte incremento de área, com a previsão de 6,1% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul a área estimada para a cultura de

milho em torno de 805 mil hectares, já teve sua colheita iniciada, muito embora existam lavouras em todos os estádios de desenvolvimento. As regiões mais adiantadas são a Fronteira Oeste, com 65% da área já colhida e Depressão Central e Noroeste, com 40%. Em todo o estado, aproximadamente 15% da área cultivada já está colhida. Nas demais, cerca de 60% encontram-se em granação e maturação. Ainda assim, a semeadura não está concluída tendo em vista que em várias regiões o milho é cultivado em sucessão ao fumo, à soja e ao próprio milho. Até mesmo em áreas em que havia feijão sob pivô o produto está sendo semeado.

Apesar dos problemas climáticos ocorridos quando da implantação de algumas lavouras (excesso de chuvas e posteriormente, escassez em fins de novembro e meados de dezembro), na grande maioria das regiões as condições das lavouras são muito boas, projetando boas médias de produtividade, provavelmente acima de 7.000 kg/ha, caso se mantenham as previsões climáticas favoráveis. Por outro lado, o possível aumento na produtividade deve-se também à expansão da área irrigada no estado. Já foram alcançados resultados acima de 9.000 kg/ha em algumas lavouras. Não há registros de problemas fitossanitários importantes.

Em Santa Catarina a estimativa de colheita alcançou até final de janeiro 10% da área semeada. A perspectiva de produtividade deve se aproximar de 7.880 kg/ha, um aumento em torno de 7,5% em relação ao obtido na safra passada, resultado das boas condições climáticas verificadas durante boa parte do ciclo da cultura. Chuvas regulares ocorreram até fins de dezembro de 2016, quando, em algumas regiões, sua frequência e volume foram reduzidas. A situação per-



maneceu assim por um período de aproximadamente duas semanas, quando as chuvas voltaram a ocorrer de maneira uniforme. Neste período, algumas lavouras foram prejudicadas, uma vez que se encontravam em estádios mais suscetíveis, como floração e formação inicial de grãos. Contudo, as precipitações ocorreram dentro da normalidade na maioria das outras regiões, o que possibilitou a manutenção do potencial produtivo.

As regiões mais avançadas, em relação à colheita, situam-se no oeste do estado, enquanto na região norte e serrana, as lavouras em sua maior parte, encontram-se entre a formação de grãos e maturação. Com a volta das chuvas no final de janeiro, as condições das lavouras mais atrasadas deverão apresentar melhorias, favorecendo a manutenção ou, até mesmo aumento do potencial produtivo.

Devido ao clima mais frio ocorrido durante boa parte do período recomendado para o plantio, houve certo atraso na implantação das lavouras e, conseqüentemente, no ciclo das plantas. Assim, observa-se um leve atraso na colheita do grão em relação à safra passada, algo em torno de 5%. O plantio foi ocorrendo de acordo com as condições de solo e clima, resultando, hoje, em lavouras em vários estádios de desenvolvimento.

No Paraná as lavouras encontram-se em ótimas condições em quase toda a área plantada, com ótimo desenvolvimento ao longo de todo o ciclo. Pouquíssimos foram os casos de pragas ou doenças e o clima tem sido bastante favorável. As produtividades esperadas são altas, 8.600 kg/ha e já se comenta em quebra de recordes. A colheita deverá ganhar mais volume no fim de fevereiro. Aproximadamente 60% das lavouras estão em fase de frutificação e quase 30% em maturação.

Na Região Sudeste a cultura experimentou forte incremento na área plantada, cerca de 4,2% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi reavaliada em 899 mil hectares. A área de milho primeira safra foi reavaliada para 894,3 mil hectares, acréscimo de 6,8% em relação à safra anterior devido às boas condições do produto ao longo da última temporada. Estima-se uma produtividade média de 6.270 kg/ha, já contabilizando uma pequena redução em relação ao levantamento anterior, devido à estiagem verificada entre meados de dezembro a meados de janeiro 2017, nas regiões noroeste e norte de Minas. As lavouras encontram-se em fase de floração (20%); frutificação (75%) e maturação (10%).

Em São Paulo a conjuntura de mercado, na ocasião do plantio, caracterizava-se pela escassez do grão em nível nacional e no estado, pela forte movimentação

de entrada de produto oriundo dos países vizinhos. Mesmo assim, com os preços estimulantes, não foram suficientes para estimular o produtor do cereal e neste levantamento, constata-se a redução na área plantada de 1,2%,

Na Região Centro-Oeste é onde se registra o maior incremento percentual na área plantada, com uma previsão de 8,6% em relação ao exercício passado.

Goiás aparece como principal produtor regional. Nas regiões sul e sudoeste do estado a lavoura do milho verão está predominantemente em fase de enchimento de grãos. Quando comparada com a soja, ela foi mais prejudicada pela estiagem ocorrida no final de dezembro de 2016 e início de janeiro de 2017, já que ocorreu no período da fase reprodutiva, muito crítica para a cultura, mas que foram pontuais, não chegando a afetar de maneira expressiva a produtividade média esperada. Na região leste do estado o milho também se encontra em plena fase de enchimento de grãos e aparentemente não sofrerá reduções de produtividade em decorrência da estiagem e da má distribuição de chuvas durante o último decêndio de dezembro de 2016 e primeira quinzena de janeiro de 2017. A expectativa é que se mantenha, neste primeiro momento, a produtividade em torno de 8.000 kg/ha. A incerteza com relação aos preços praticados no futuro, a melhor racionalidade na utilização dos recursos dos estabelecimentos rurais produzindo soja no verão e milho durante a safrinha, bem como a melhor liquidez da soja em relação ao milho, fez que poucos sojicultores arriscassem a troca da soja pelo milho nesta presente safra.

Em Mato Grosso estima-se área de 31,3 mil hectares de milho da primeira safra, praticamente equivalente ao registrado na safra anterior. Verificou-se redução do plantio nas regiões centro-sul e oeste em razão de substituição de área pelo cultivo da soja, e aumento de área de milho primeira safra na região do Araguaia, tendo em vista a demanda dos confinamentos de bovinos. Em relação ao rendimento das lavouras, as expectativas são boas. As chuvas regulares permitem projetar média de 7.300 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período produtivo anterior.

Em Mato Grosso do Sul a estimativa de área a ser colhida está estimada em 28 mil hectares, 75% superior à safra passada. O incremento de área ocorreu pelo pouco estoque do produto no mercado estadual, bem como pela boa expectativa de preços do cereal na presente safra de verão. Com relação à produtividade, há uma estimativa de leve redução em decorrência do estresse hídrico que ocorreu em algumas regiões do estado em novembro. Os estádios predominantes da cultura no norte do estado é o de frutificação e início de maturação, enquanto que na região sudeste, o mi-



lho está na fase inicial de colheita. Na região sudoeste, a cultura está principalmente em frutificação, ressaltando-se que nesta região o clima caracterizou-se por chuvas mal distribuídas e altas temperaturas, o que deverá afetar a produtividade nessa região produtora. Na região norte do estado, a cultura é plantada com um maior nível de tecnificação, além do fato de a região possuir uma geografia de chapadões, propícia ao crescimento e desenvolvimento da cultura.

No tocante à ocorrência de pragas e doenças não há o que se destacar, sendo controladas as pragas iniciais, cabendo salientar que a tecnologia transgênica é eficiente para o controle do complexo das lagartas, material muito utilizado pelos produtores do estado, com um percentual de uso entre 80% a 95% da área implantada com a cultura do milho.

Na Região Norte-Nordeste consolida-se a queda de 3,8% na área plantada do milho primeira safra, em relação ao ocorrido na safra passada. Em Tocantins a expectativa é que a área total plantada apresente redução de 28,8% em relação à safra anterior devido à boa perspectiva de preços da oleaginosa com a qual compete. Apesar da queda expressiva da área plantada, espera-se uma produção próxima da safra passada, graças ao clima favorável ao bom desenvolvimento das lavouras. Nesta safra há maior percentual de lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando uma colheita mais precoce.

Na região de Balsas, principal produtora do Maranhão, o plantio já foi totalmente finalizado, bem como as demais culturas de primeira safra. Os grandes e mé-

dios produtores, que dispõem de manejos técnicos, já haviam preparado toda a área a ser cultivada no intuito de otimização de tempo, o que justifica já existir plantas em fase de enchimento de grãos. As lavouras encontram-se na sua maior parte nos estágios de germinação e desenvolvimento vegetativo. É esperado forte incremento na produtividade em função da boa distribuição das chuvas durante todos os estágios da lavoura.

No Piauí o plantio da safra foi realizado com redução de 11,8% em relação ao exercício passado. A produtividade do milho primeira safra, incluindo agricultura empresarial e familiar, é esperada atingir forte incremento quando comparado com o baixo desempenho da safra passada.

Na Bahia o cultivo do milho ocupa a área de 380,7 mil hectares. O plantio nesta safra começou em outubro e será finalizado em fevereiro. A colheita deve ser iniciada em março. Apesar das melhores condições do clima quando comparado com o exercício anterior, a estiagem ocorrida em dezembro e janeiro inviabilizou o plantio de cerca de 47 mil hectares, além de afetar de alguma forma a produtividade esperada. A situação é mais grave em cerca de 140 mil hectares cultivados pela agricultura familiar no agreste e semiárido, cuja a produtividade é inferior a 300 kg/ha. Para cultivos realizados no cerrado espera-se produtividades de até 6.500 kg/ha. Os campos de milho estão localizados no Centro Norte, Centro Sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional.



Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

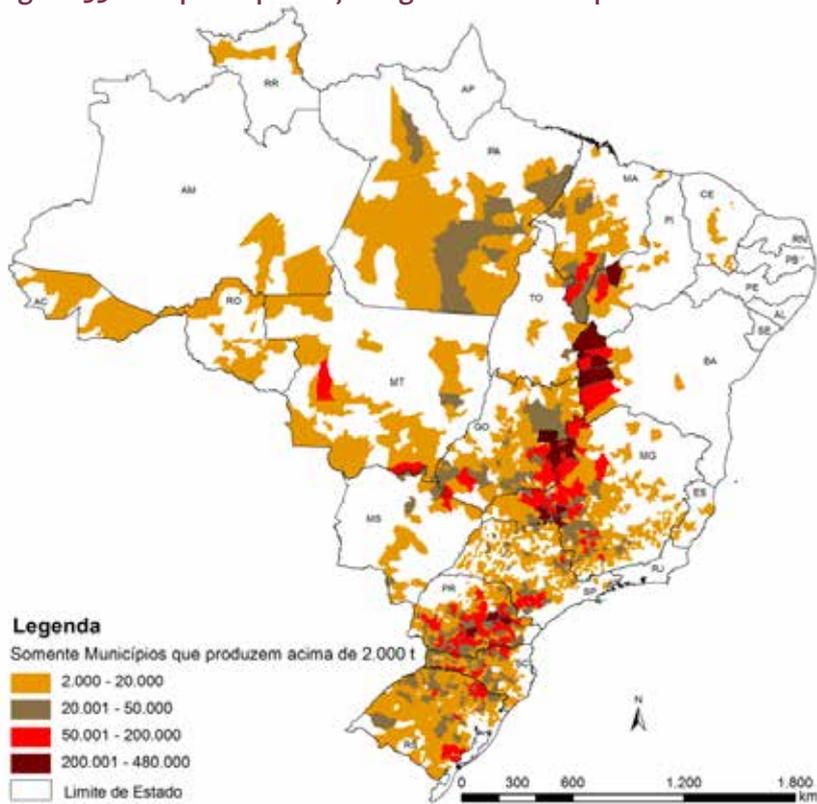
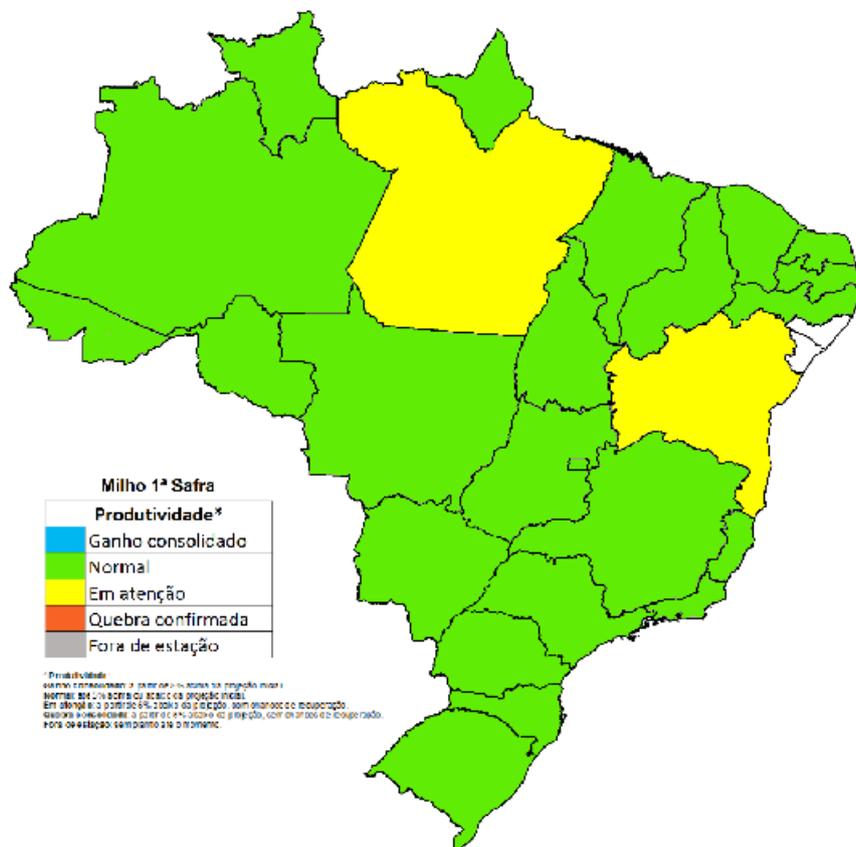


Figura 36 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra (safra 2016/17) – Dezembro/2016



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra (Safr 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
CE	Sudeste Piauiense						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Cearense						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Sul Cearense						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Agreste Potiguar						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Paraibano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Pernambucano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Agreste Pernambucano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C				
	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	358,1	324,6	(9,4)	3.135	3.132	(0,1)	1.122,8	1.016,8	(9,4)
RR	4,6	4,5	(2,2)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	35,2	(11,0)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	184,2	(6,1)	3.299	2.975	(9,8)	646,9	548,0	(15,3)
TO	72,0	51,3	(28,8)	3.436	4.734	37,8	247,4	242,9	(1,8)
NORDESTE	1.865,2	1.814,4	(2,7)	1.537	2.174	41,5	2.866,9	3.945,4	37,6
MA	268,4	238,6	(11,1)	2.687	3.842	43,0	721,2	916,7	27,1
PI	471,0	415,4	(11,8)	1.490	2.490	67,1	701,8	1.034,3	47,4
CE	460,2	485,5	5,5	356	847	137,9	163,8	411,2	151,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
BA	371,4	380,7	2,5	3.312	3.852	16,3	1.230,1	1.466,5	19,2
CENTRO-OESTE	320,3	347,9	8,6	7.636	7.981	4,5	2.445,9	2.776,6	13,5
MT	31,1	31,3	0,6	6.412	7.300	13,8	199,4	228,5	14,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.750	(2,8)	144,0	245,0	70,1
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.288,5	4,2	6.079	6.196	1,9	7.519,9	7.984,0	6,2
MG	837,4	894,3	6,8	6.100	6.270	2,8	5.108,1	5.607,3	9,8
ES	13,6	12,1	(11,0)	2.910	2.735	(6,0)	39,6	33,1	(16,4)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	384,0	379,4	(1,2)	6.164	6.160	(0,1)	2.367,0	2.337,1	(1,3)
SUL	1.607,1	1.705,8	6,1	7.403	7.676	3,7	11.898,1	13.093,9	10,1
PR	414,1	500,6	20,9	7.953	8.600	8,1	3.293,3	4.305,2	30,7
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.880	7,5	2.712,1	3.154,4	16,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.000	(2,2)	5.892,7	5.634,3	(4,4)
NORTE/NORDESTE	2.223,3	2.139,0	(3,8)	1.794	2.320	29,3	3.989,7	4.962,2	24,4
CENTRO-SUL	3.164,4	3.342,2	5,6	6.909	7.137	3,3	21.863,9	23.854,5	9,1
BRASIL	5.387,7	5.481,2	1,7	4.799	5.257	9,6	25.853,6	28.816,7	11,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura vem seguindo o ritmo da colheita da soja, especialmente das variedades precoces. Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, o plantio do cereal em Mato Grosso atingiu 10% da área prevista, pouco mais de 4 milhões de hectares devido aos atrasos pontuais por conta das chuvas. Em fevereiro, mês de encerramento da janela ideal de plantio, ocorre o maior volume dos trabalhos de semeadura e término na maior parte das regiões do estado.

As melhores condições climáticas, associadas à baixa oferta do cereal, deve permitir o incremento de 7,3% de área de milho segunda safra em relação à safra anterior, saindo de 3,769 milhões de hectares para 4,042 milhões no atual período, apesar do aumento do custo de produção. Quanto à produtividade, a expectativa é de recuperação do rendimento médio do milharal, tendo em vista as boas condições climáticas para a cultura. Espera-se que a média atinja 5.679 kg/

ha, ante aos 3.999 kg/ha na safra 2015/16, com uma produção de aproximadamente 23 milhões de toneladas, frente aos 15 milhões registradas na safra 2015/16, aumentando 52% o volume produzido.

Em Mato Grosso do Sul, as estimativas com a área plantada permanecem inalterada em relação ao plantio passado, e a alteração aparece por conta do incremento previsto de 39,7% nos níveis de produtividades devido ao estresse hídrico severo que acometeu a cultura em março e abril de 2016. Nas últimas cinco safras, à exceção da safra anterior, houve incrementos significativos tanto na área quanto na produtividade da cultura, porém ainda não há indícios de aumento da área plantada na presente safra. A maior disponibilidade de cultivares adaptadas e de alto potencial produtivo e o maior aporte tecnológico para a cultura contribuíram para o aumento da produtividade do cereal no estado.



Atualmente a cultura começou a ser plantada principalmente no sul do estado, onde a colheita da soja está mais adiantada. Por ser plantada em sucessão a soja, a produtividade é muito dependente do regime de chuvas, pelas limitações da radiação solar e temperatura na fase final do ciclo. Praticamente todo o plantio ocorre no sistema de plantio direto e o uso da agricultura de precisão se dá onde as áreas têm um maior potencial produtivo. Os materiais utilizados são basicamente de milho transgênico, predominando os materiais de ciclo precoce e médio para o escape do período seco nas fases de floração e enchimento de grãos, o qual normalmente acomete as lavouras em junho e julho.

Na Região Sul, segunda maior produtora nacional do cereal plantado na segunda safra, o primeiro levantamento de intenção de plantio no Paraná, principal estado produtor, aponta para um incremento de área na ordem de 4,5%, passando de 2.198,3 mil hectares para 2.297,2 mil hectares, ocupando o espaço da soja safrinha, que foi proibida de ser plantada e o feijão segunda safra. Porém trata-se de um dado ainda em construção e, com certeza, deve ser alterado na próxima avaliação, uma vez que na região noroeste poderá ocorrer uma leve redução de área nesta safra, considerando a forte vocação para o cultivo de mandioca e citrus, cujos preços estão em alta no mercado. O plantio já iniciou em sucessão às lavouras de feijão, principalmente, e deve avançar com mais intensidade quando se intensificar a colheita da soja. Cerca de 4,8% da área total já foi semeada e a produtividade média esperada é de 5.816 kg/ha. Tal rendimento é superior à média das últimas safras, afetadas pela geada ou estiagem e porque o perfil dos produtores atualmente é de maior tecnologia.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, o incremento na área plantada está previsto ocorrer de forma acentuada. O Ma-

ranhão, terá o maior incremento percentual da área plantada com o cereal. A semeadura para esse cultivo ocorre nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de Balsas” e “região Tocantina” e é realizada por médios e grandes produtores, altamente tecnificados. A área cultivada está prevista atingir 193,4 mil hectares, apresentando aumento em relação à safra 2015/16 de 125,2%. A produtividade média também registra expectativas de forte incremento em decorrência da normalização prevista do clima nos estágios importantes da lavoura. Na Bahia o cultivo do milho segunda safra deverá ocupar a área de 247,30 mil hectares, e os plantios serão realizados a partir de abril. A expectativa de recuperação do clima estimula aumentos na produtividade prevista, com a colheita devendo ser iniciada em agosto.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa de campo mostra manutenção em relação ao ocorrido na safra passada. Em Minas Gerais, as áreas de plantio das lavouras de segunda safra foram mantidas, considerando que até a presente data não existem informações consistentes que possam subsidiar eventuais alterações. No entanto, especula-se que poderá haver redução da área de milho segunda safra, migrando para sorgo segunda safra em razão da redução da janela de plantio e também como reflexo do elevado percentual de perda na produtividade do milho safrinha registrado em 2016. Em São Paulo, o plantio da safra de milho deverá acontecer a partir da segunda quinzena de fevereiro, concomitante à colheita de soja. A despeito de não haver alteração significativa no plantio é de se esperar forte incremento na oferta de grãos em razão da expectativa de bons rendimentos da lavoura, em função do comportamento previsto para o clima.

A posição consolidada para o plantio do milho, reunindo a primeira e segunda safras no exercício 2016/17, deverá atingir 16.515,1 mil hectares, representando um incremento de 3,7% comparado com o plantio do ano passado.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

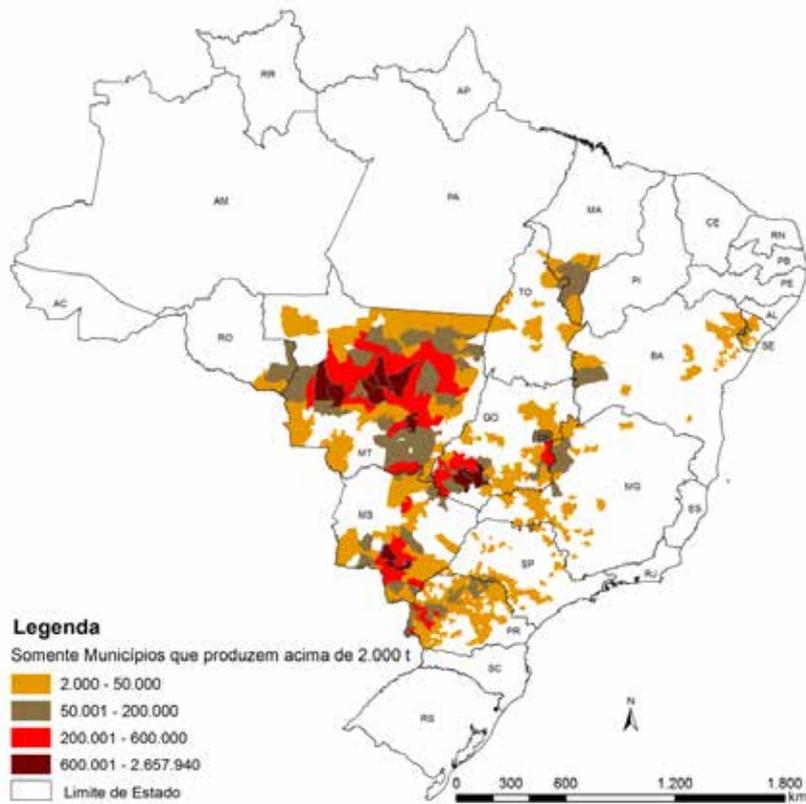
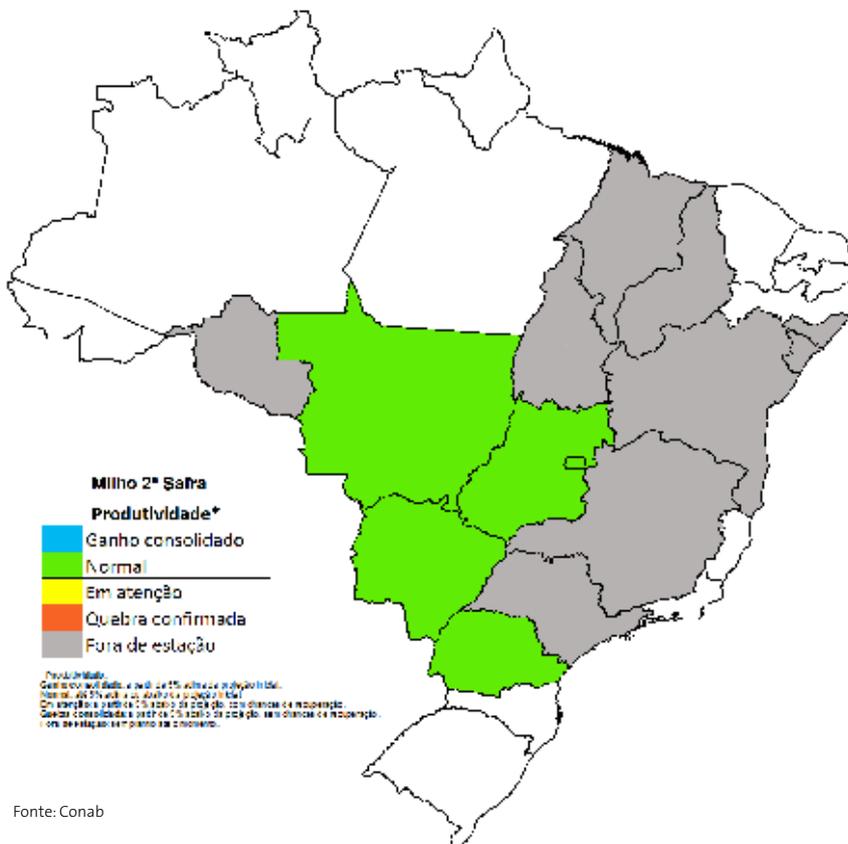


Figura 38 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho segunda safra (safra 2016/17) – Janeiro 2017



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
	Itapetininga - SP						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	215,1	242,4	12,7	3.924	4.655	18,6	844,1	1.128,3	33,7
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.500	(2,4)	551,3	537,8	(2,4)
TO	95,6	122,9	28,6	3.063	4.805	56,9	292,8	590,5	101,7
NORDESTE	560,0	670,5	19,7	1.015	2.979	193,3	568,7	1.997,0	251,2
MA	85,9	193,4	125,2	1.784	3.300	85,0	153,2	638,2	316,6
PI	21,5	24,5	13,9	1.756	4.409	151,1	37,8	108,0	185,7
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.008,2	3,9	3.824	5.572	45,7	25.798,5	39.052,8	51,4
MT	3.769,0	4.044,1	7,3	3.999	5.679	42,0	15.072,2	22.966,4	52,4
MS	1.665,0	1.665,0	-	3.679	5.138	39,7	6.125,5	8.554,8	39,7
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	5.700	61,2	4.508,6	7.186,0	59,4
DF	38,4	38,4	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	274,8
SUDESTE	814,3	815,6	0,2	2.793	5.107	82,8	2.274,5	4.165,0	83,1
MG	371,0	371,0	-	2.191	5.721	161,1	812,9	2.122,5	161,1
SP	443,3	444,6	0,3	3.297	4.594	39,3	1.461,6	2.042,5	39,7
SUL	2.198,3	2.297,2	4,5	5.091	5.332	4,7	11.191,5	12.248,7	9,4
PR	2.198,3	2.297,2	4,5	5.091	5.332	4,7	11.191,5	12.248,7	9,4
NORTE/NORDESTE	775,1	912,9	17,8	1.823	3.424	87,8	1.412,8	3.125,4	121,2
CENTRO-SUL	9.759,7	10.121,0	3,7	4.023	5.480	36,2	39.264,5	55.466,5	41,3
BRASIL	10.534,8	11.033,9	4,7	3.861	5.310	37,5	40.677,3	58.591,9	44,0

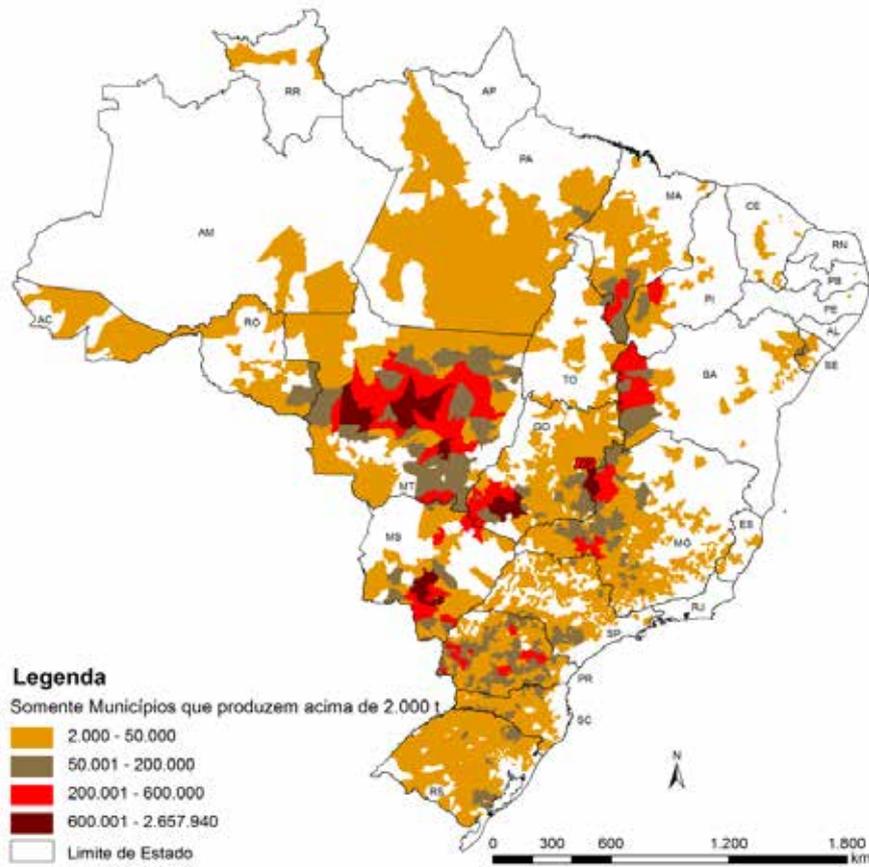
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	567,0	(1,1)	3.431	3.783	10,3	1.966,8	2.145,1	9,1
RR	4,6	4,5	(2,2)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	158,1	158,1	-	4.135	4.049	(2,1)	653,8	640,2	(2,1)
AC	39,6	35,2	(11,1)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	184,2	(6,1)	3.299	2.975	(9,8)	646,9	548,0	(15,3)
TO	167,6	174,2	3,9	3.223	4.784	48,4	540,2	833,4	54,3
NORDESTE	2.425,2	2.484,9	2,5	1.417	2.391	68,8	3.435,4	5.942,5	73,0
MA	354,3	432,0	21,9	2.468	3.599	45,8	874,4	1.554,9	77,8
PI	492,5	439,9	(10,7)	1.502	2.597	72,9	739,5	1.142,4	54,5
CE	460,2	485,5	5,5	356	847	137,9	163,8	411,2	151,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	618,7	628,0	1,5	2.340	3.061	30,8	1.447,9	1.922,5	32,8
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.356,1	4,1	3.996	5.686	42,3	28.244,4	41.829,4	48,1
MT	3.800,1	4.075,4	7,2	4.019	5.691	41,6	15.271,6	23.194,9	51,9
MS	1.681,0	1.693,0	0,7	3.730	5.198	39,4	6.269,5	8.799,8	40,4
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.093	44,1	6.430,5	9.266,0	44,1
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.488	102,9	272,8	568,7	108,5
SUDESTE	2.051,3	2.104,1	2,6	4.775	5.774	20,9	9.794,3	12.149,0	24,0
MG	1.208,4	1.265,3	4,7	4.900	6.109	24,7	5.921,0	7.729,8	30,5
ES	13,6	12,1	(11,0)	2.910	2.735	(6,0)	39,6	33,1	(16,4)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	827,3	824,0	(0,4)	4.628	5.315	14,9	3.828,5	4.379,6	14,4
SUL	3.805,4	4.003,0	5,2	6.068	6.331	4,3	23.089,7	25.342,5	9,8
PR	2.612,4	2.797,8	7,1	5.545	5.917	6,7	14.484,9	16.553,8	14,3
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.880	7,5	2.712,1	3.154,4	16,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.000	(2,2)	5.892,7	5.634,3	(4,4)
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.051,9	1,8	1.802	2.650	47,1	5.402,2	8.087,6	49,7
CENTRO-SUL	12.924,1	13.463,2	4,2	4.730	5.892	24,6	61.128,4	79.320,9	29,8
BRASIL	15.922,5	16.515,1	3,7	4.178	5.293	26,7	66.530,6	87.408,5	31,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 37 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.570,8	3.100,0	80.072,1	53.387,8	18.895,9	7.788,4
2016/17	7.788,4	87.408,5	500,0	95.696,9	56.100,0	24.000,0	15.596,9

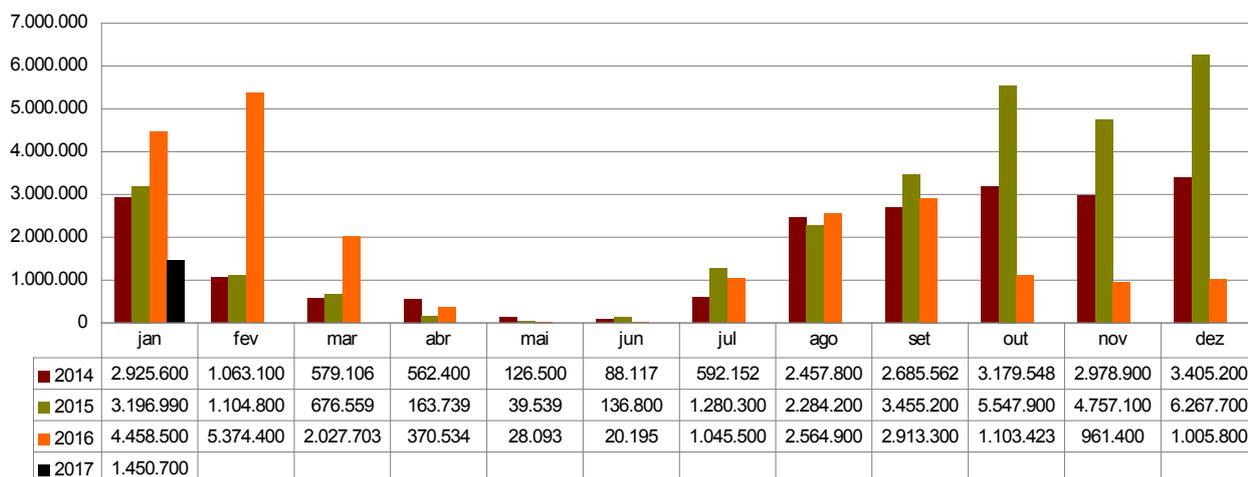
Fonte: Conab.



Surpreendentemente, as vendas de milho da safra 2015/16 para o mercado externo ainda tiveram um “fôlego” para embarcar quase 900 mil toneladas acima da previsão de 18 milhões, revelando que o mercado brasileiro aproveitou custos de oportunidade, de acordo com a variação cambial, para realização de negócios pontuais.

Portanto, a safra 2015/16 fechou com um volume de milho exportado de 18,89 milhões de toneladas, com um embarque de 1,45 milhão em janeiro, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), superando dezembro, que indicava uma forte queda nas exportações nacionais.

Gráfico 60 – Exportações brasileiras de milho – em toneladas



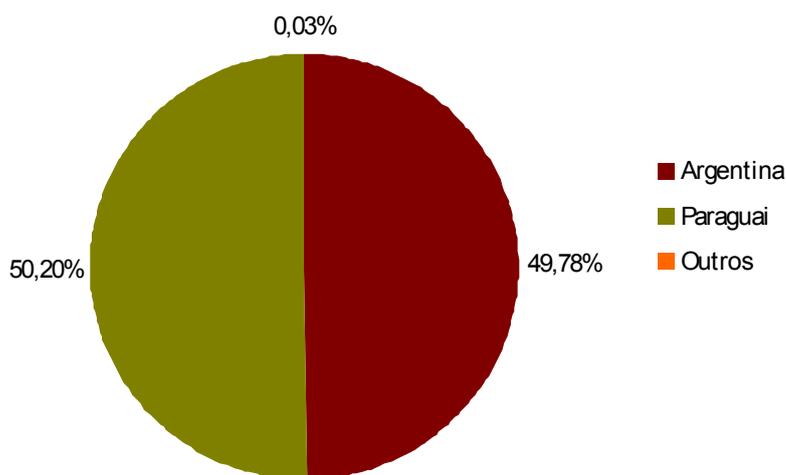
Fonte: Secex

Nota: janeiro de 2014 a janeiro de 2017

Entretanto, em relação às importações, o número de 2015/16 ainda não está fechado, pois não há dados oficiais de janeiro, mas, como de fevereiro a dezembro de 2016 foram importadas mais de 2,8 milhões de toneladas, poderá superar 3 milhões.

Como já dito em relatórios anteriores, as importações brasileiras vieram majoritariamente dos países do Mercosul: Argentina e Paraguai. Ambos foram responsáveis por mais de 1,4 milhão de toneladas direcionadas ao Brasil, principalmente para as Regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

Gráfico 61 – Participação nas importações de milho por país – em percentual



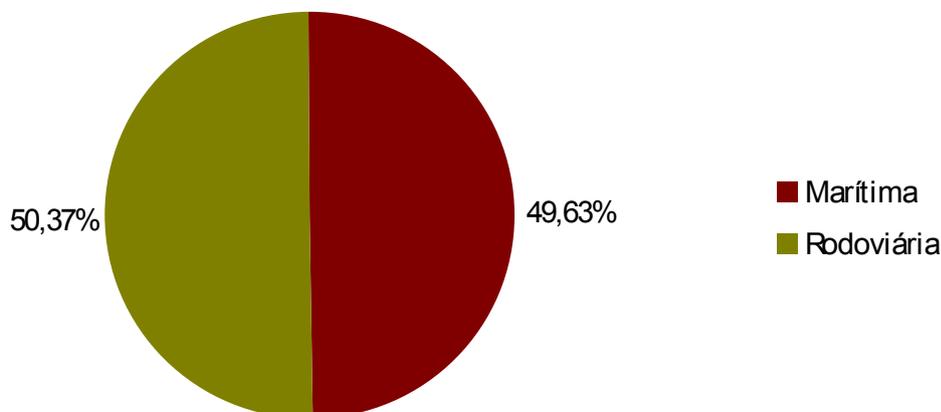
Fonte: Secex



Da mesma forma, praticamente a metade do que volume de milho que foi importado entrou no país por via rodoviária e metade por via marítima. Visto que, para o atendimento da Região Sul do país, um dos

principais centros produtores de aves e suínos do país, a via preferencial foi a rodoviária. Para o Sudeste e Nordeste, a melhor opção foi por via marítima.

Gráfico 62 – Participação % nas importações de milho por via



Fonte: Secex

Neste contexto, o estoque de passagem final de 2015/16 e inicial da safra 2016/17 deve ser de 7,78 milhões de toneladas, o que gera um conforto maior ao mercado consumidor doméstico, que por sua vez, diferentemente do que ocorreu no mesmo período do ano anterior, encontra-se mais abastecido e menos pressionado a adquirir o grão para suas atividades.

Considerando ainda, uma safra de 87,4 milhões de toneladas, onde a segunda safra já tem seu plantio iniciado e a primeira safra começa o período de colheita, a oferta do grão no mercado doméstico é mais ampla e já começa a pressionar os preços do cereal.

9.1.8. SOJA

O quinto levantamento de safra da soja consolida o crescimento na área plantada de 1,6% em relação ao plantio na safra anterior. A estratégia montada pelos produtores, de aumento no plantio da oleaginosa, utilizando o melhor pacote tecnológico disponível, como forma de compensar a frustração da temporada passada, foi recompensada em âmbito nacional, pelo bom comportamento do clima nos diversos estágios de desenvolvimento das lavouras.

Na Região Sul houve redução na área plantada de 1,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior, atingindo 11.371 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. Na Região Sul, que enfrentou dificuldades devido ao excesso de chuvas no ano passado, são boas as expectativas de produtividades devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras.

Evidentemente, que as condições de plantio da segunda safra, dentro do período ideal, podem indicar uma forte possibilidade de incremento ainda maior na produção, o que já começa a ser precificado pelo mercado que tem trabalhado com cotações futuras, sobretudo para o norte do Mato Grosso, abaixo de preço mínimo de R\$ 16,50 a saca de 60 quilos.

Para finalizar, nas estimativas atuais de oferta e demanda de milho, os estoques finais da safra 2016/17 estão previstos em 15,6 milhões de toneladas, ou seja, o maior já registrado.

No Rio Grande do Sul foi detectado um pequeno aumento na área cultivada (0,7%), decorrente da soja semeada como segundo plantio, nas áreas de milho, milho silagem, feijão primeira safra e expansão da lavoura no sul do estado. Com a maioria das áreas cultivadas nos estágios de floração (50%) e frutificação (18%), é muito bom o stand das lavouras, consequência das condições climáticas favoráveis e da boa sanidade, projetando alcançar rendimentos semelhantes aos da safra anterior, desde que em fevereiro as precipitações sejam normais. Produtores aproveitam o clima favorável para as práticas culturais recomendadas, especialmente as aplicações de fungicidas, muito embora não se registre casos extremos de doenças.

Em Santa Catarina o quadro das lavouras é considerado bom, reflexo das condições climáticas satisfatórias



ocorridas durante boa parte do ciclo da cultura. Apesar das baixas temperaturas no início do plantio, que resultou num atraso na implantação da oleaginosa, as lavouras tiveram condições de recuperação a partir da estabilização climática em meados de novembro e dezembro, quando tanto as chuvas quanto as temperaturas se apresentaram dentro da normalidade na maioria das regiões.

Não há relatos de problemas significativos em relação ao ataque de pragas e doenças. A ferrugem asiática, uma das principais doenças da cultura, fortemente presente na safra passada, ainda não se manifestou de forma preocupante. Ademais, a estabilidade climática ocorrida até o momento tem permitido que os tratamentos fitossanitários sejam feitos de forma preventiva, evitando que os patógenos se proliferem entre as lavouras. Com o plantio mais escalonado devido às temperaturas mais baixas ocorrida durante a primavera, aliado ao cultivo pós trigo, as lavouras apresentam-se em diversos estádios, desde vegetativo até maturação/colheita.

A colheita atinge em torno de 2% da área, localizada na região oeste, onde ocorreram os primeiros plantios e onde há a intenção de investir em nova safra da cultura, a qual está sendo semeada desde o início da segunda quinzena de janeiro, sobre áreas de feijão ou milho já colhidas. Com o aumento da intenção de plantio de soja safrinha, as estimativas apontam uma área semelhante ao cultivado na safra passada.

No Paraná o plantio da soja se desenvolve dentro da normalidade, com lavouras em boas condições sanitárias e vegetativas. Apesar de chover bastante, ocorreram intervalos de estiagem para realização dos tratos culturais necessários. Foi identificada presença de percevejos, mofo branco, oídio e focos de ferrugem nas lavouras ao lado de mata fechada, café e plantações de eucalipto. Os produtores têm conseguido controlar essas adversidades realizando os tratos culturais com aplicações de inseticidas e fungicidas. A previsão é de aumento de 8,7% de produtividade em relação à safra anterior e há quem acredite que os números poderão ser maiores. Caso isso se concretize, teremos recorde de produção estadual. Bom regime de chuvas, em geral, e o pacote tecnológico utilizado pelo produtor, justificam esse ganho no rendimento das lavouras. A colheita está com atraso de aproximadamente 20 dias devido ao frio de outubro e falta de chuva no início do ciclo.

Na Região Sudeste a expectativa da área plantada com a oleaginosa é que, apresente redução de 0,2% em relação ao ocorrido no exercício anterior - 2.321,1 mil hectares, contra 2.326,9 mil hectares. Em Minas Gerais o calendário de plantio da soja se estende, nor-

malmente, até dezembro. À semelhança da safra anterior, houve um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha. Projetando-se uma produtividade média de 3.120 kg/ha, inferior em 3,1% quando comparada com a safra anterior, por conta da estiagem verificada especialmente na região noroeste do estado, entre meados de dezembro e janeiro de 2017, atingindo as lavouras na fase de granação, espera-se alcançar uma produção de 4.515,3 mil toneladas, redução de 4,6% em relação a 2016. As lavouras estão em fase de floração (20%), granação (60%) e maturação (20%).

Em São Paulo a safra de soja apresenta-se com boas condições, em decorrência do clima favorável ao longo do desenvolvimento da lavoura. Este quadro vem possibilitando um bom manejo dos produtores, no que diz respeito tanto aos processos de adubação/fertilização quanto aos controles de pragas e doenças. O crescimento verificado na área plantada com a oleaginosa -1,9% - decorre dos bons preços praticados, tanto interna quanto externamente e à elevada liquidez do produto.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora da oleaginosa no país, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,4% em relação ao exercício passado. Em Mato Grosso a colheita da safra, apesar das chuvas, ganhou fôlego em janeiro, atingindo 20% no fechamento do mês, principalmente nas variedades de soja de ciclo precoce. Contudo, a maior parte dos trabalhos de campo deverá ocorrer em fevereiro, pois atualmente as lavouras de ciclo médio e tardio estão predominantemente no estágio de frutificação e maturação. O clima, favorável até o momento, com chuvas bem distribuídas e constantes, estimulam as expectativas com relação à produtividade média da oleaginosa, estimada neste levantamento em 3.277 kg/ha, rendimento 15% superior aos 2.848 kg/ha registrados na safra passada. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou aumento de 1,3%, saindo de 9,14 milhões de hectares na safra 2015/16 para 9,25 milhões de hectares na atual. Assim, o aumento de área plantada, combinado com a maior produtividade da soja deve contribuir para que o Mato Grosso registre, caso a situação favorável de clima se confirme, produção recorde da oleaginosa.

Em Mato Grosso do Sul houve um aumento de 3,8% na área plantada com a cultura, comparada com o exercício anterior, decorrente da incorporação das áreas de pastagens degradadas e da não renovação de contratos de muitas áreas com as usinas de cana-de-açúcar. O plantio se intensificou em meados de outubro devido a maior estabilidade das precipitações e ao aumento previsto na produtividade em compara-



ção com a safra anterior, decorrente das boas condições climáticas atualmente na região norte, principal produtora.

Com a retomada das chuvas foram constatados muitos focos da ferrugem no sul do estado, ocorrendo em média quatro aplicações para controle preventivo do fungo. Apesar de registros pontuais de ataque do complexo dos percevejos, lagartas e ácaros, essa ocorrência se dá sem danos expressivos considerando toda a área plantada no estado.

Do ponto de vista climático, as chuvas ocorridas, aliadas às altas temperaturas médias diurnas observadas nos últimos sessenta dias favoreceram o crescimento e desenvolvimento da cultura em todas as regiões produtoras. Atualmente a principal prática no sul e centro-sul do estado tem sido a dessecação das lavouras para a uniformização da cultura e posterior colheita, que teve início na segunda quinzena de janeiro para os plantios que ocorreram em setembro e início de outubro; para os produtores que plantaram mais tarde por conta da falta de chuvas, a cultura será colhida apenas em fevereiro. Os produtores que vão colher a soja a partir de fevereiro não tiveram tantos problemas de quebra de produtividade, porque em novembro e dezembro, época em que a cultura estava na fase de enchimento dos grãos, não houve problemas de estresse hídrico. Porém, para os produtores que plantaram a soja no final de setembro e início de outubro haverá quebra de produtividade a ser computada no decorrer das operações de colheita.

Na Região Norte-Nordeste o da safra 2016/17, foi onde ocorreu o maior incremento da área plantada com a oleaginosa no país – 11,2%. Em Tocantins, a cultura se desenvolve bem até o momento, com as lavouras em boas condições em aproximadamente 90% da área cultivada. Devido à grande quebra ocorrida na safra passada, espera-se uma produtividade de 54,4% maior nesta safra. Houve um pequeno veranico na primeira quinzena de janeiro nas principais regiões produtoras do estado, mas com a retomada das chuvas os relatos são de recuperação das lavouras.

Na Bahia o plantio teve início em outubro e foi finalizado em dezembro esperando-se um rendimento de 2.856 kg/ha, que representa um incremento de 35,8% em relação ao ocorrido na safra anterior. Os plantios

realizados ao término do vazio sanitário, sob irrigação de pivô central, tiveram a colheita iniciada em janeiro e os plantios de sequeiro começam a ser colhidos em fins de fevereiro, com a expectativa de produção em torno de 4.519,5 mil toneladas de grãos.

Os números da safra atual representam aumento de 3,6% na área cultivada e aumento de 40,7% na produção de grãos em relação à safra passada. Os campos de soja estão localizados no centro-sul, no Vale do São Francisco e no extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, e com rotação de cultura com o algodão, milho, sorgo, milheto e/ou pastagem. No centro-sul do estado, estima-se o cultivo de 500 hectares em manejo sequeiro. As lavouras foram plantadas em dezembro e sofreram com a intensidade da estiagem que ainda castiga a região com a produtividade estimada sendo inferior a 1.500 kg/ha. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 2,5 mil hectares em manejo irrigado, com pivô central em alternância com a cultura do algodão. Os plantios foram realizados em outubro e a colheita foi iniciada em janeiro. Na condução das lavouras não foram registrados problemas com pragas e doenças. O início da colheita está previsto para o final de março. O veranico registrado não prejudicou as lavouras de sequeiro, visto que a maioria das plantas se encontravam em estágio vegetativo. Face ao retorno das chuvas no final de janeiro é possível encontrar lavouras com bom desenvolvimento e em estágio de florescimento. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se uma produtividade de 2.855 kg/ha (47,5 sc/ha) e a produção de 4.510 mil toneladas de grãos.

No Maranhão foi observado forte incremento de 21% na área plantada. Nas regiões de Balsas, a cultura já foi plantada na sua totalidade, já se percebendo lavouras em estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. No restante do estado o plantio não foi encerrado e as lavouras encontram-se em estádios de germinação e floração.

O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,6% em relação à safra passada, totalizando 33.776,1 mil hectares, com uma expectativa de produção em torno de 105.558,2 mil toneladas.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola –Soja

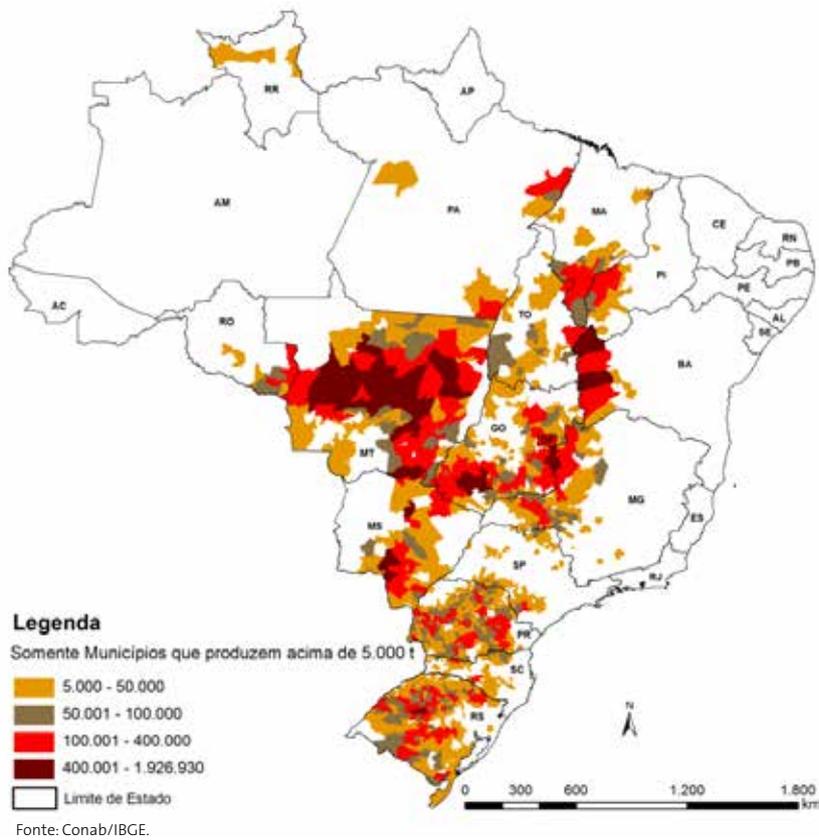
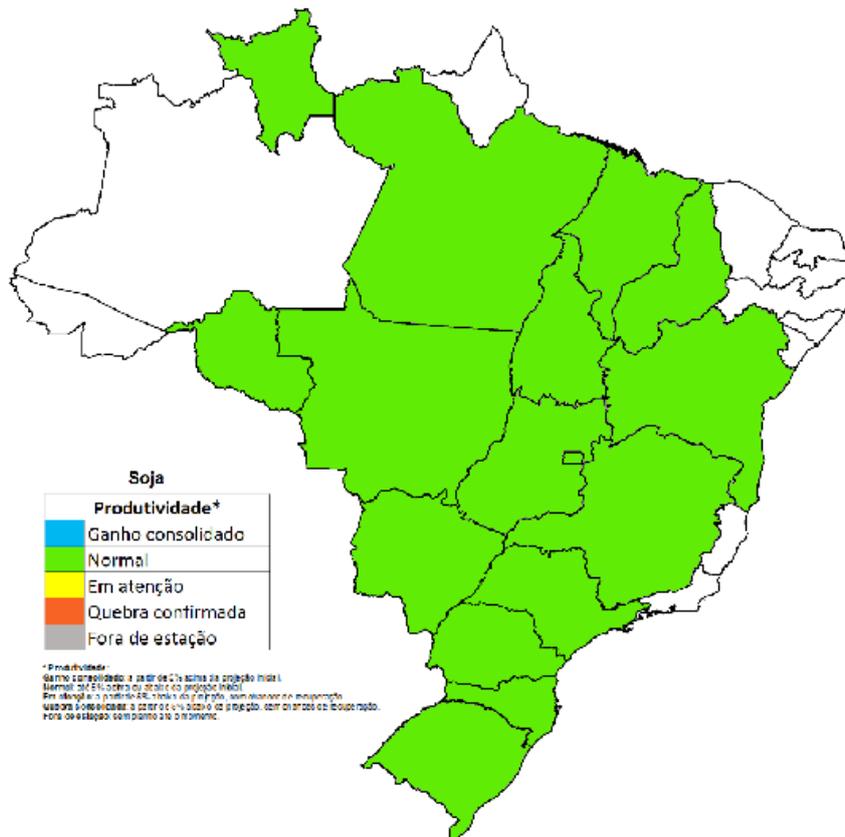


Figura 41 – Mapa da estimativa de produtividade: Soja (safra 2016/17) – Janeiro /2017



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.731,5	9,8	2.423	3.019	24,6	3.818,9	5.227,4	36,9
RR	24,0	35,0	46,0	3.300	3.300	-	79,2	115,5	45,8
RO	252,6	261,2	3,4	3.028	3.106	2,6	765,0	811,3	6,1
PA	428,9	481,8	12,3	3.003	3.173	5,7	1.288,0	1.528,8	18,7
TO	870,8	953,5	9,5	1.937	2.907	50,1	1.686,7	2.771,8	64,3
NORDESTE	2.878,2	3.221,5	11,9	1.774	2.844	60,3	5.107,1	9.160,4	79,4
MA	786,3	951,4	21,0	1.590	2.782	75,0	1.250,2	2.646,8	111,7
PI	565,0	687,6	21,7	1.143	2.900	153,7	645,8	1.994,0	208,8
BA	1.526,9	1.582,5	3,6	2.103	2.856	35,8	3.211,1	4.519,6	40,7
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.131,0	1,4	2.931	3.214	9,6	43.752,6	48.624,5	11,1
MT	9.140,0	9.259,0	1,3	2.848	3.277	15,1	26.030,7	30.341,7	16,6
MS	2.430,0	2.521,8	3,8	2.980	3.100	4,0	7.241,4	7.817,6	8,0
GO	3.285,1	3.280,2	(0,2)	3.120	3.120	-	10.249,5	10.234,2	(0,1)
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.300	-	231,0	231,0	-
SUDESTE	2.326,9	2.321,1	(0,2)	3.255	3.198	(1,8)	7.574,9	7.421,9	(2,0)
MG	1.469,3	1.447,2	(1,5)	3.220	3.120	(3,1)	4.731,1	4.515,3	(4,6)
SP	857,6	873,9	1,9	3.316	3.326	0,3	2.843,8	2.906,6	2,2
SUL	11.545,4	11.371,0	(1,5)	3.047	3.089	1,4	35.181,1	35.124,0	(0,2)
PR	5.451,3	5.238,7	(3,9)	3.090	3.360	8,7	16.844,5	17.602,0	4,5
SC	639,1	639,1	-	3.341	3.350	0,3	2.135,2	2.141,0	0,3
RS	5.455,0	5.493,2	0,7	2.970	2.800	(5,7)	16.201,4	15.381,0	(5,1)
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.953,0	11,2	2.004	2.905	45,0	8.926,0	14.387,8	61,2
CENTRO-SUL	28.797,4	28.823,1	0,1	3.004	3.163	5,3	86.508,6	91.170,4	5,4
BRASIL	33.251,9	33.776,1	1,6	2.870	3.125	8,9	95.434,6	105.558,2	10,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

No mercado internacional o Departamento de Agricultura Americano – Usda divulgou, no dia 12 de janeiro de 2016, o quadro mensal de suprimento de soja mundial, onde foram feitas modificações importan-

tes nos números de oferta e demanda divulgado em dezembro de 2017 dos principais *players* desta *commodities*.

a) Produção Mundial de Soja

- Aquele departamento estimou que a produção mundial de soja, para a safra 2016/17, será de 337,85 milhões de toneladas.
- Se comparado à safra anterior, houve um aumento de 7,31%, ou seja, o mundo produzirá 24,32 mi-

- lhões de toneladas a mais que a safra passada.
- Estados Unidos com 34,69%, Brasil com 30,78% e Argentina com 16,82%, juntos são responsáveis por 82,62% da safra mundial.

b) Produção de soja - Estados Unidos

- Uma das modificações ocorridas em relação ao quadro de oferta e demanda divulgado em dezembro de 2017 foi a redução das estimativas de produção americana em 1,48 milhão de tonela-

- das.
- A estimativa do Usda para a safra 2016/17 americana é de 117,21 milhões de toneladas.
- Comparada com a safra 2015/16, houve um aumento de 10,35 milhões de toneladas (9,69%).



c) Produção de soja - Brasil

- Outra modificação importante em relação ao quadro anterior foi um aumento de 2 milhões de toneladas na provável safra (2016/17) brasileira de soja em grãos.
- Este aumento significativo é motivado pelas ótimas condições de lavouras plantas no Brasil, com uma estimativa de alta produtividade na colheita.
- A estimativa/Usda é de que o Brasil continue

como o segundo maior produtor de soja do mundo, com 104 milhões de toneladas de soja em grãos.

- Em relação à safra 2015/16, o USDA estima um crescimento de safra brasileira de 7,77% entre as safras, ou seja, a safra 2016/17 no Brasil deverá ser de 7,50 milhões de toneladas maior que a safra anterior.

d) Produção de soja - Argentina

- Para a Argentina, o Usda avalia que a safra 2016/17 seja de 57 milhões de toneladas e tenha um aumento de 200 mil toneladas (0,35%) em relação à estimada na safra 2015/16.
- Segundo a Bolsa de Cereais da Argentina, devido ao aumento das áreas de trigo e milho e as modificações dos marcos regulatório registrada desde o final de 2015, onde o governo retira as taxas de exportações destas culturas. Além de um leve aumento de área de girassol no norte do país, houve uma leve redução das áreas de soja.
- Em relação à safra passada a área estimada para esta cultura de soja para safra 2016/17 terá uma redução de 2,5%, passando de 20,10 milhões de hectares na safra atual (2015/16) para 19,6 milhões de hectares (2016/17).
- Com esta estimativa de área a produção da Argentina pode chegar a 52,5 milhões de toneladas. Já a safra 2015/16 foi estimada pelo Departamento de

Agricultura da Argentina em 58,8 milhões de toneladas, ou seja, há uma expectativa de redução de produção entre as safras 2015/16 e 2016/17 em 10,71%.

- Além disso, há possibilidade de perdas de produção em aproximadamente 400 mil hectares dos 19,20 milhões estimados para o plantio, devido ao excesso de chuva ocorrido em alguns estados produtores.
- Com isso, a Bolsa de Cereais da Argentina estima que a produção portenha seja de 53,50 milhões de toneladas, com uma redução de 4,5% em relação à safra passada, que foi de 56 milhões de toneladas, valor bem abaixo do estimado pelo USDA.
- Por este motivo há grandes chances de uma redução nas estimativas de produção feita pelo Usda para o quadro mensal que deverá ser divulgado no dia 09 de fevereiro de 2017.

Tabela 39 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 DEZ(b)	2016/17 JAN(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,86	118,69	117,21	10,35	9,69	-1,48	-1,25
Brasil	96,50	102,00	104,00	7,50	7,77	2,00	1,96
Argentina	56,80	57,00	57,00	0,20	0,35	0,00	0,00
China	11,79	12,50	12,90	1,12	9,46	0,40	3,20
Outros	41,59	47,82	46,74	5,15	12,39	-1,07	-2,24
Total	313,53	338,00	337,85	24,32	7,76	-0,15	-0,04

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Importação mundial

A China é o maior importador de soja do mundo, responsável por 62,79% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar, muito distante, vem a União

Europeia com 10,07% das importações mundiais. Mas não houve modificações significantes no quadro de oferta e demanda divulgado em janeiro de 2017.

a) Importação - China

- O valor das importações chinesas, estimado para a próxima safra é 3,33%, maior que o da safra an-

terior, passando de 83,23 milhões para 86 milhões na safra 2016/17.



Tabela 40 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 DEZ(b)	2016/17 JAN(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,23	86,00	86,00	2,77	3,33	0,00	0,00
União Europeia	15,01	13,80	13,80	-1,21	-8,04	0,00	0,00
México	4,13	4,30	4,30	0,17	4,22	0,00	0,00
Japão	3,19	3,10	3,10	-0,09	-2,70	0,00	0,00
outros	27,77	29,76	30,33	2,56	9,22	0,56	1,89
Total	133,31	136,96	137,53	4,21	3,16	0,56	0,41

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Exportação mundial

Segundo o USDA o Brasil é o maior exportador de soja em grãos do mundo, responsável por 52,52% de todas as exportações mundiais. Os Estados Unidos vêm em

segundo lugar com 39,88% e a Argentina em terceiro lugar com 6,43%. Juntos, estes três países são responsáveis por 88,84% de todas as exportações mundiais.

a) Exportação - Brasil

- Para o Brasil, o dito departamento, no relatório de janeiro de 2017, aumentou em 1,10 milhão de toneladas o valor das exportações brasileira de soja em grãos.
- O Usda estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de 59,50 milhões de toneladas; valor 9,41% maior que o estimado na safra 2015/16.
- Como a maior parte das exportações brasileiras de

grãos é para a China, e com o aumento de 3,33% de importações deste país, há grandes possibilidades de que as exportações brasileiras alcancem este patamar. Além disso, com os preços internacionais e o dólar em alta, as exportações brasileiras para a safra 2016/17 devem tomar fôlego e ficarem bem acima das exportações da safra 2015/16..

b) Exportações - Estados Unidos

- Na safra 2016/17, os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 55,79 milhões de toneladas. Em que pese as altas exportações e venda

para exportações, em seu relatório de janeiro de 2017 o Usda não modificou as estimativas de exportações para este país.

c) Exportações - Argentina

- Não obstante na Argentina, a maior parte da safra é esmagada internamente; por esse motivo é que o Usda estima para a safra 2016/17 uma exporta-

ção de apenas 9 milhões de toneladas, ou seja, apenas 15,78% da safra estimada para 2017.

Tabela 41 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 DEZ(b)	2016/17 JAN(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	54,38	58,40	59,50	4,02	9,41	1,10	1,88
Estados Unidos	52,69	55,79	55,79	3,10	5,89	0,00	0,00
Argentina	9,92	9,00	9,00	-0,92	-9,27	0,00	0,00
Paraguai	5,30	5,30	5,30	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	9,89	10,76	10,31	0,87	4,28	-0,45	-4,18
Total	132,18	139,25	139,90	7,07	5,84	0,65	0,47

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em janeiro/2017.



Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

- Não houve modificação no quadro de oferta e demanda do Usda para os esmagamentos de soja chinês, mesmo o mercado constatando um maior valor nas importações.
- E mesmo produzindo apenas 12,90 milhões de toneladas, a china é o maior esmagador de soja do mundo, graças a sua importação que deve chegar

a 86 milhões de toneladas.

- Assim, mesmo com pouco aquecimento das indústrias chinesas, os esmagamentos de soja, estimados pelo Usda, tiveram um pequeno crescimento de 6,40%, ficando em 86,50 milhões de toneladas, ou seja, praticamente o valor importado.

b) Esmagamento - Estados Unidos

- Não houve modificações no quadro de oferta e demanda americano, apesar do mercado constatar um relevante aumento de esmagamento, o Usda mantém o valor estimado em dezembro de 2016.
- Para a safra 2016/17, os esmagamentos são esti-

mados em 52,53 milhões de toneladas.

- Em comparação à safra anterior, houve um incremento de esmagamento de apenas 1,19 milhão de toneladas..

c) Esmagamento - Argentina

- Para os esmagamentos de soja na Argentina, na safra 2016/17, o USDA prevê um incremento de 900 mil toneladas de grãos em comparação ao estimado no relatório passado.

- Os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,70 milhões de toneladas; um aumento de 3,40% em relação à safra 2015/16.

d) Esmagamento - Brasil

- O Brasil é o quarto maior esmagador de soja do mundo e, segundo o Departamento de Agricultura Americano, tais esmagamentos brasileiros,

para a safra 2016/17, deverão ser de 40,50 milhões de toneladas.

Tabela 42 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 DEZ(b)	2016/17 JAN(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,30	86,50	86,50	5,20	6,40	0,00	0,00
Estados Unidos	51,34	52,53	52,53	1,19	2,32	0,00	0,00
Argentina	43,23	43,80	44,70	1,47	3,40	0,90	2,05
Brasil	39,90	40,50	40,50	0,60	1,50	0,00	0,00
outros	60,99	66,12	66,12	5,13	8,40	0,00	0,00
Total	276,76	289,44	290,34	13,59	4,91	0,90	0,31

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Estoques mundiais

a) Estoques - Estados Unidos

- Não houve modificações significativas no valor total dos estoques de passagem mundiais.
- Os Estados Unidos, apesar da redução dos estoques de passagem em 1,64 milhão de toneladas, ainda continua com um valor muito alto.
- Para a safra 2016/17, o USDA estima um aumento

dos estoques de passagem americano, passando de 5,35 milhões de toneladas para 11,44 milhões de toneladas, ou seja, um valor 114% maior de uma safra para outra, caracterizando-se como o maior valor de estoque dos últimos dez anos.



Tabela 43 - Estoque final mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 DEZ(b)	2016/17 JAN(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,95	32,00	31,80	-0,15	-0,47	-0,20	-0,63
Brasil	18,63	18,48	19,38	0,75	4,03	0,90	4,87
China	16,91	14,46	14,86	-2,05	-12,12	0,40	2,77
Estados Unidos	5,35	13,08	11,44	6,08	113,58	-1,64	-12,54
outros	4,11	3,52	3,55	-0,56	-13,63	0,03	0,74
Total	77,19	82,85	82,32	5,14	6,66	-0,53	-0,63

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Preços internacionais

Os preços internacionais são dados pela bolsa de valores de Chicago (CBOT), estes valores influenciam diretamente nos preços nacionais.

- Os preços internacionais fecharam janeiro de 2016 com uma pequena alta, cotados em média a US\$ 10,75/bu (US\$ 394,99/t), em dezembro estes valores foram cotados a US\$ 10,19/bu (US\$ 396,76/t).

- Em relação aos preços internacionais cotados no mesmo período de janeiro de 2016, há de se informar que tiveram grande alta onde este valor era cotado em média a US\$ 8,79 (US\$/bu 322,98/ton), ou seja, um aumento de 22,27%.

a) Principais fatores que afetam os preços internacionais

Fatores baixistas:

- Segundo, ainda, aquele departamento americano, os Estados Unidos devem produzir na safra 2016/17 aproximadamente 117,21 milhões de toneladas de soja, a maior produção americana historicamente, devendo consumir e exportar cerca de 52,53 e 55,79 milhões de toneladas de grãos de soja, respectivamente. Com isso, os americanos devem finalizar com estoques finais de 11,44 milhões de toneladas.

- Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) o Brasil deve produzir na safra 2016/17 em torno de 105,56 milhões de toneladas de grãos -, também, a maior safra, historicamente.
- Os estoques de passagem mundial devem ser de 82,32 milhões de toneladas, da mesma forma, o maior estoque praticado historicamente.

Fatores altistas:

- Alta demanda dos grãos para esmagamento e exportações dos Estados Unidos.
- Problemas climáticos ocorridos nas Argentina.
- Indefinição política/comercial internacional após a eleição do Presidente Donald Trump.

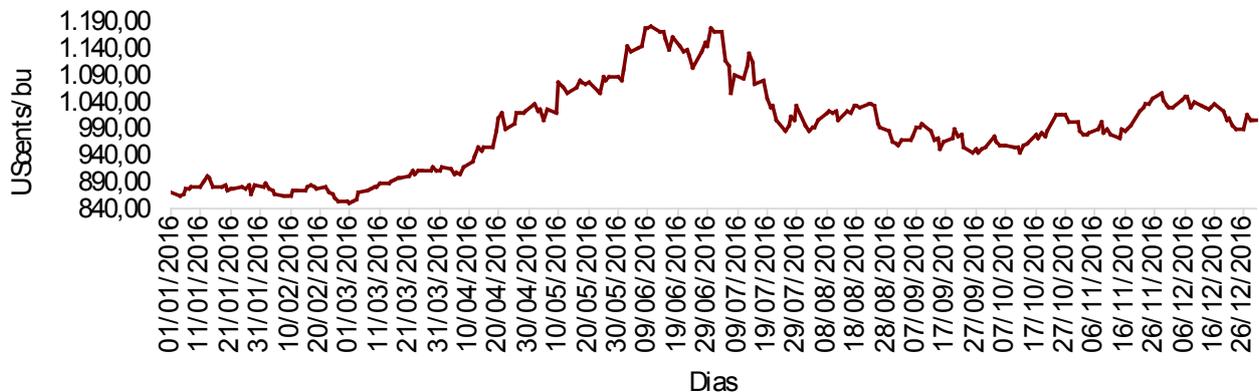
B) Resumo mensal e expectativa para o próximo mês (preços)

- A safra 2016/17 americana de soja começou a ser colhida (set./2016), com o valor médio na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) de US\$ 10,10/bu. Tal valor vinha em alta devido à expectativa relativa a problemas climáticos nos Estados Unidos. Entretanto e em, face da não ocorrência do dito problema climático, os preços começaram a baixar, em vista da perspectiva americana de uma safra estimada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) em mais de 110 milhões de toneladas.
- Após a colheita, a estimativa ficou em mais de 114 milhões de toneladas, com ótima produtividade. Posteriormente passou para 116 milhões de toneladas em outubro de 2016 e em novembro e dezembro de 2017 estabilizou-se em 118 milhões de toneladas.
- Dessa maneira, em virtude da alta produção americana, os estoques de passagem foram estimados em mais de 13 milhões de toneladas, valor 143% maior que o estimado para a safra 2015/16 de 5,36 milhões de toneladas, valor já tido como



- alto.
- Há de se lembrar que na safra 2006/07 os estoques de passagem americanos foram estimados em 15,61 milhões de toneladas e os preços CBOT chegaram a ser cotados, em média, a US\$ 7,24/bu.
- Daí a pergunta: porque então os preços internacionais da safra 2016/17 não caíram?
- A primeira resposta foi que a especulação do mercado, em cima de um possível problema climático na época de crescimento da cultura americana de soja, onde os preços que eram cotados nos dois primeiros meses do ano em média a US\$ 8,75/bu, com as especulações climáticas e antes do início da colheita de soja americana, chegaram a cotação de US\$ 11,75/bu.
- Como não houve tais intempéries e a safra 2016/17 foi estimada recorde, os preços internacionais deveriam baixar, no entanto, mais uma vez, o mercado voltou a influenciar nos preços internacionais, com o argumento de que as exportações/vendas para exportações e os esmagamentos nos Estados Unidos estavam acima do valor previsto. Tanto que as exportações americanas para a safra 2016/17, que em maio de 2016 eram previstas em 51,30 milhões de toneladas, no relatório de dezembro de 2016 passaram a ser estimadas em 55,79 milhões de toneladas.
- Já os esmagamentos que eram cotados em maio de 2016 em 52,12 milhões de toneladas, fecharam em janeiro de 2017 em 52,53 milhões de toneladas, ou seja, quase não havendo variação.
- Todavia, apesar destas justificativas os estoques de passagem foram avaliados em 11,44 milhões de toneladas no último levantamento do Usda (janeiro de 2017), valor ainda 113% maior que o estimado para a última safra.
- No entanto, como não havia mais como especular em cima dos valores de exportações e esmagamento, já que o ano comercial da safra americana está praticamente terminando, o mercado começou a especular em cima dos valores da safra na Argentina, onde houve problemas de excesso de chuva em alguns estados produtores.
- Como a Bolsa de Cereais da Argentina divulgou que os problemas climáticos na Argentina já passaram e que não foi tão negativo, resta saber qual a próxima especulação de mercado para a manutenção dos preços acima de US\$ 10/bu em fevereiro, pois, na verdade não existe nenhum fundamento de mercado para isso.

Gráfico 63 - Comportamento dos preços (Spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - 2016



Fonte: Conab

Mercado nacional

a) Produção brasileira

- Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no seu quinto levantamento de safra

a produção nacional de soja em grãos será, em média, de 105,56 milhões de toneladas.

b) Demanda brasileira

- Com a quebra de safra 2015/16, que motivou em uma pequena redução de oferta para esmagamento brasileiro, com o aumento da demanda interna e mundial de farelo e óleo de soja para

2017. Os esmagamentos brasileiros de soja para 2017 devem ter um leve aumento de 6,96% em relação a 2016, estimados em 43 milhões de toneladas. Esse valor somado aos outros usos como



semente e perdas, são estimados em 46,50 milhões de toneladas.

- No farelo de soja, o aumento da demanda interna é estimado em 9,67%, tendo como base, principalmente, o crescimento de plantel de animais consumidores de proteína em suas rações como suíno, aves e bovinos.
- No óleo de soja, o aumento da demanda interna deve ser também de apenas 6,58%, considerando

c) Exportações brasileiras de grãos de soja

- Em janeiro a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior (Secex/MDIC) estimou que as exportações brasileiras de soja em grão foram de 9.912 mil toneladas.
- Apesar de boa parte das exportações ser da safra velha (2015/16), este valor é 131% maior que o estimado em janeiro de 2016, mas dentro da expectativa de exportações para safra atual.
- Para a safra 2016/17, as exportações de soja em grãos são estimadas em 59 milhões de toneladas, levado em consideração principalmente o aumento de importação da China e um crescimento

d) Estoques finais Brasil

- Já a safra 2016/17, apesar de uma expectativa de aumento de demanda interna e das exportações, o Brasil deve produzir uma safra recorde de mais de 105,56 milhões de toneladas, que, somados aos estoques de passagem devem gerar um suprimento total de mais de 107,33 milhões de toneladas. Apesar da quebra de safra brasileira de grãos, na safra 2015/16, as exportações foram aquém

um aumento de demanda para consumo humano e no uso de biodiesel.

- As exportações de farelo e óleo de soja devem ter um aumento de 12,76% e 10,71%, respectivamente levando em consideração principalmente uma redução da safra na Argentina, onde o Brasil poderia atuar com uma maior fatia no mercado internacional.

mundial de importações observado pelas fortes exportações americanas.

- Este valor é 14,93% maior que o estimado para a safra 2016, apesar disso, a exportação de soja em grãos, estimada para 2017, é apenas 8,8% maior que 2015 e o principal fato desta “discrepância”, baseia-se na quebra de safra em 2015/16, que diminuiu a oferta de grãos tanto internamente quanto para exportações. Além disso, os agricultores estão esperando melhores preços internacionais para o ano de 2017 e devem exportar uma quantidade maior que foi na safra anterior.

das expectativas, além disso, os esmagamentos foram bastante reduzidos ao estimados.

- Sendo assim, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 1,75 milhão de toneladas, um valor dentro da média dos últimos cinco anos.

Comercialização nacional

- A maior parte do plantio brasileiro já está finalizada, e grande parcela já se encontra em estágio fenológico de floração e enchimento de grãos e já existe mais de 8% colhida. Com isso, o mercado internacional voltará suas atenções para o clima no Brasil, principalmente no que se refere a um possível problema na colheita e produtividade com a especulação em cima deste fundamento, devendo manter os preços internacionais estáveis ou com leve alta em relação aos preços praticados em dezembro.
- Os preços médios nacionais de janeiro de 2017, nas

principais praças produtoras de grãos, tiveram uma pequena queda se comparados a dezembro de 2016, cotados, em média, a R\$ 67,13/60kg.

- Com a entrada da nova safra a tendência de baixa deve continuar, principalmente com uma expectativa de queda do dólar.
- Apesar do forte início da colheita brasileira, a comercialização antecipada da safra brasileira está pouco avançada em relação a outras safras, com pouco negócios firmados. O agricultor está esperando um melhor momento dos preços internacionais para fechar negócios.



9.1.9.SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 618 mil hectares e uma produtividade de 2.665 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e por isso muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em função do mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

O sorgo em Goiás é plantado geralmente em sucessão de cultura com a soja, normalmente em áreas onde foram plantadas soja de ciclo tardio. Isso acontece quando o produtor perde a janela de plantio do milho. Porém muitos agricultores alegam notar uma diminuição da produtividade da soja em safra com sucessão com sorgo na segunda safra. Contudo, é esperado uma área plantada de 240 mil hectares e uma produção de 772 mil toneladas. As estimativas mais precisas da área de sorgo são dependentes do desempenho da colheita da soja no estado e do interesse, ou não, dos produtores pelo milho safrinha.

Em Minas Gerais foi mantido a estimativa de área plantada da safra anterior em 172,6 mil hectares. A produção de sorgo no estado pauta-se, principalmente, nas decisões de plantio dos produtores no período

de segunda safra. Especula-se que poderá haver aumento da área plantada, devido à provável diminuição da área de milho segunda safra, provocada pela redução da janela de plantio e também como reflexo do elevado percentual de perda de produtividade do milho segunda safra, registrado em 2016.

Na Bahia a estimativa é que a área cultivada seja de 96 mil hectares, com uma produção em torno 92,6 mil toneladas. Essa cultura é muito menos exigente em insumos e bastante resistente ao estresse hídrico. É plantada na mesma área do cultivo de soja, logo após sua colheita, sendo cultivada praticamente com os resíduos da cultura anterior. Na Bahia o seu cultivo é impulsionado pelas boas cotações do milho, isto porque o sorgo substitui parcialmente o milho nas rações.

A estimativa da safra 2016/17 do sorgo para o Mato Grosso depende do potencial de semeadura de outras culturas de segunda safra, principalmente o milho. Assim, o plantio do grão, que ocorre em áreas não utilizadas a partir de março, período em que as chuvas reduzem significativamente, é previsto em 49 mil hectares. O sorgo é bastante resistente ao clima seco e utilizado pelos produtores rurais como cobertura vegetal, além de ser substituto próximo do milho no processo de fabricação de ração animal.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

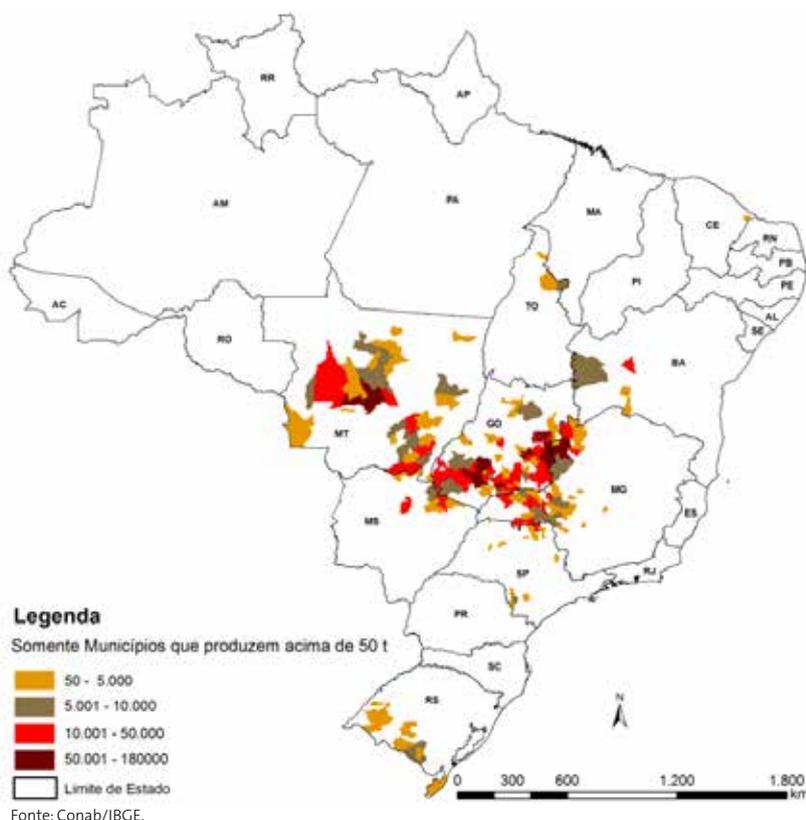


Figura 43 - Mapa da estimativa de produtividade: Sorgo (safra 2016/17) – Janeiro/2017

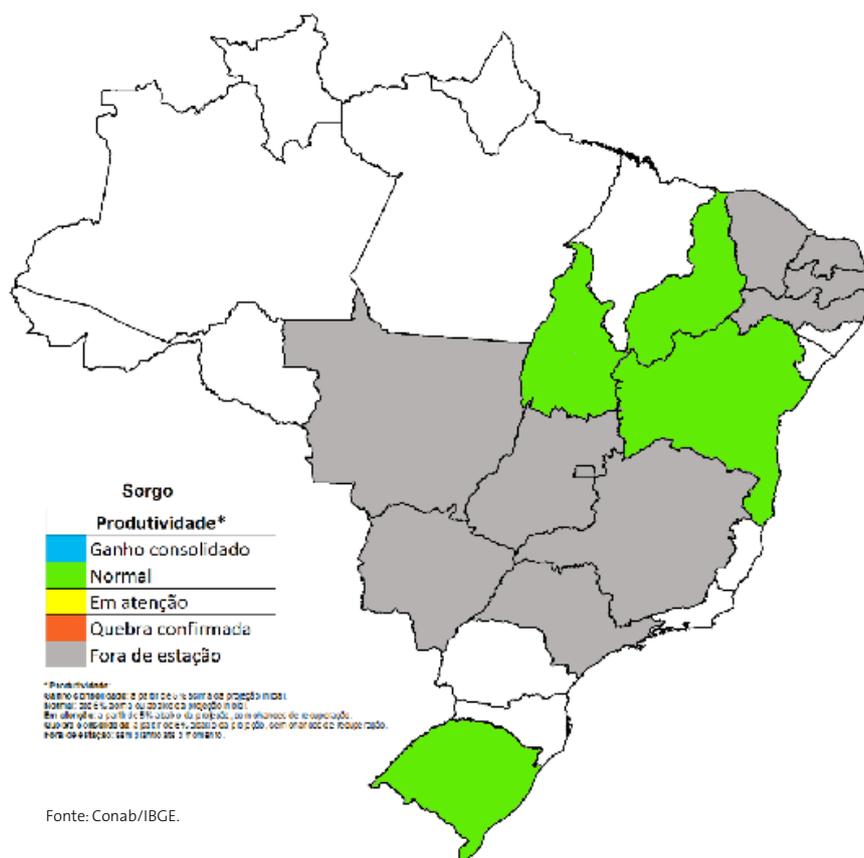


Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	21,4	(14,7)	1.687	1.725	2,3	42,3	36,9	(12,8)
TO	25,1	21,4	(14,8)	1.687	1.725	2,3	42,3	36,9	(12,8)
NORDESTE	97,1	104,7	7,8	942	939	(0,4)	91,4	98,2	7,4
PI	2,8	2,8	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2.100,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	0,4	-	1.224	1.383	13,0	0,5	0,6	20,0
PB	0,3	0,3	-	800	1.150	43,8	0,2	0,3	50,0
PE	4,5	4,5	-	167	276	65,3	0,8	1,2	50,0
BA	88,4	96,0	8,6	1.006	965	(4,1)	88,9	92,6	4,2
CENTRO-OESTE	262,8	298,3	13,5	1.836	3.109	69,3	482,6	927,6	92,2
MT	49,0	49,0	-	1.915	2.430	26,9	93,8	119,1	27,0
MS	9,5	6,0	(36,8)	3.390	3.226	(4,8)	32,2	19,4	(39,8)
GO	201,0	240,0	19,4	1.700	3.217	89,2	341,7	772,1	126,0
DF	3,3	3,3	-	4.500	5.149	14,4	14,9	17,0	14,1
SUDESTE	185,0	184,6	(0,2)	2.102	3.018	43,6	388,8	557,1	43,3
MG	172,6	172,6	-	2.018	3.000	48,7	348,3	517,8	48,7
SP	12,4	12,0	(3,3)	3.266	3.273	0,2	40,5	39,3	(3,0)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	126,1	3,2	1.095	1.072	(2,1)	133,7	135,1	1,0
CENTRO-SUL	456,8	491,9	7,7	1.965	3.073	56,4	897,8	1.511,7	68,4
BRASIL	579,0	618,0	6,7	1.782	2.665	49,6	1.031,5	1.646,8	59,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – sorgo Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

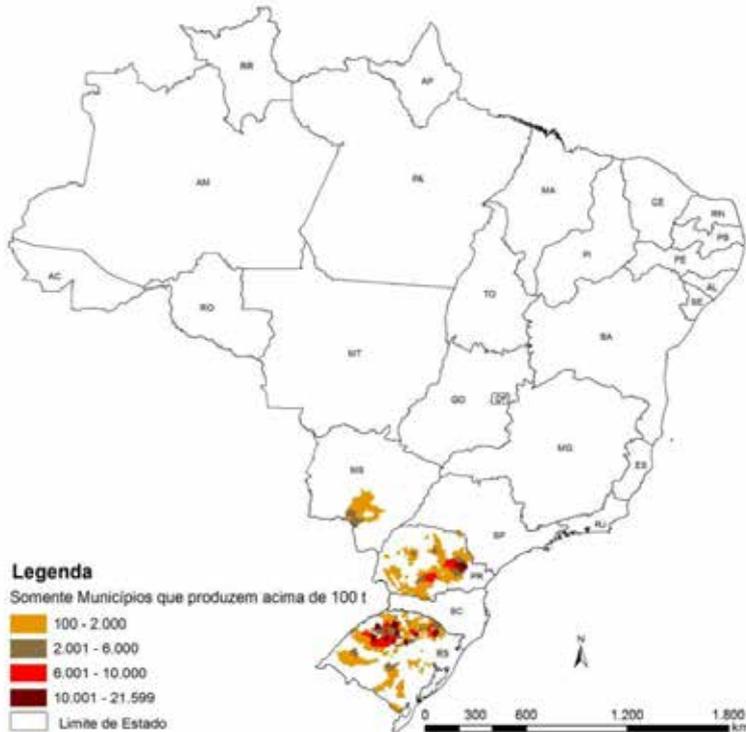
* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

9.2 CULTURAS DE INVERNO - SAFRA 2016

9.2.1. AVEIA

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

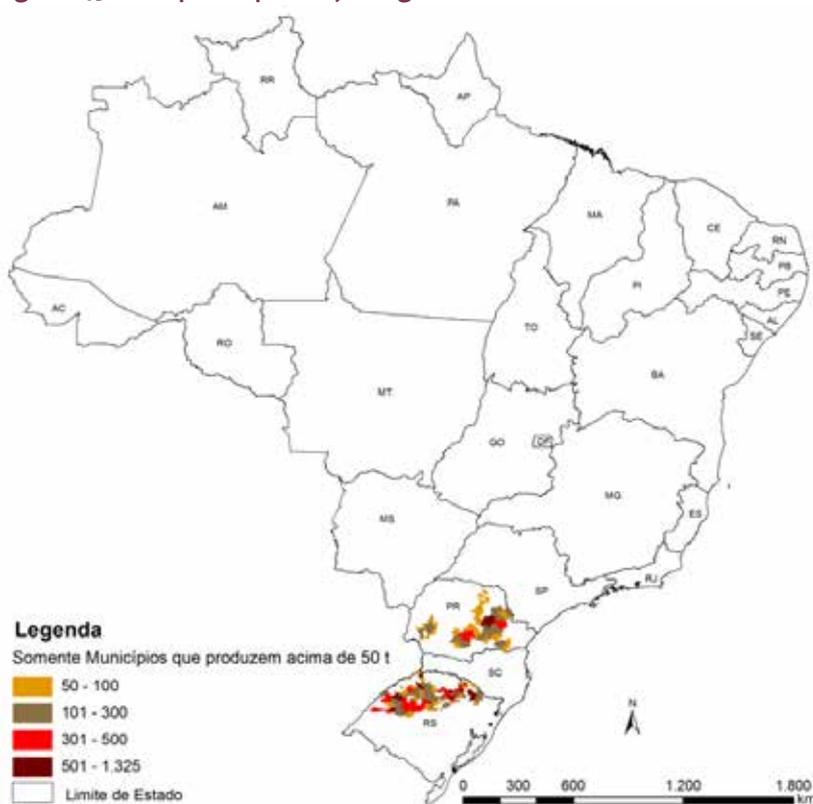
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	15,0	-	1.500	1.560	4,0	22,5	23,4	4,0
MS	15,0	15,0	-	1.500	1.562	4,1	22,5	23,4	4,0
SUL	276,5	276,5	-	2.912	2.411	(17,2)	805,3	666,6	(17,2)
PR	58,2	58,2	-	2.508	2.306	(8,1)	146,0	134,2	(8,1)
RS	218,3	218,3	-	3.020	2.439	(19,2)	659,3	532,4	(19,2)
CENTRO-SUL	291,5	291,5	-	2.840	2.367	(16,7)	827,8	690,0	(16,6)
BRASIL	291,5	291,5	-	2.840	2.367	(16,7)	827,8	690,0	(16,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

9.2.2. CANOLA

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5
PR	6,3	6,3	-	1.479	1.504	1,7	9,3	9,5	2,2
RS	41,2	41,2	-	1.520	1.558	2,5	62,6	64,2	2,6
CENTRO-SUL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5
BRASIL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5

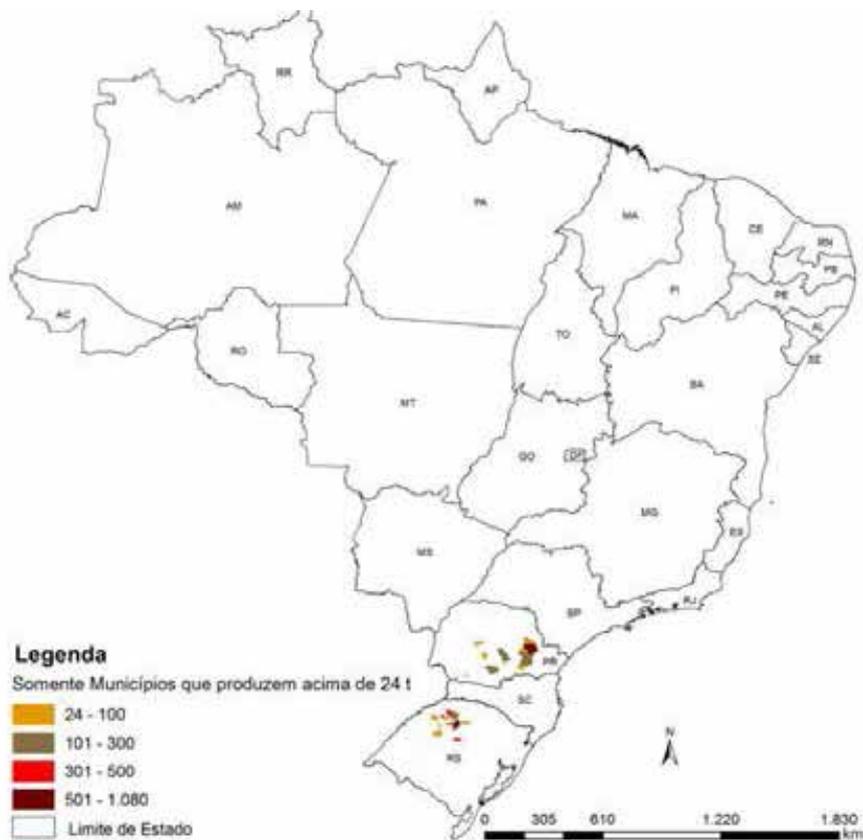
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



9.2.3. CENTEIO

Figura 46 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)
PR	1,0	1,0	-	2.402	2.125	(11,5)	2,4	2,1	(12,5)
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.367	(49,4)	4,1	2,1	(48,8)
CENTRO-SUL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)
BRASIL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)

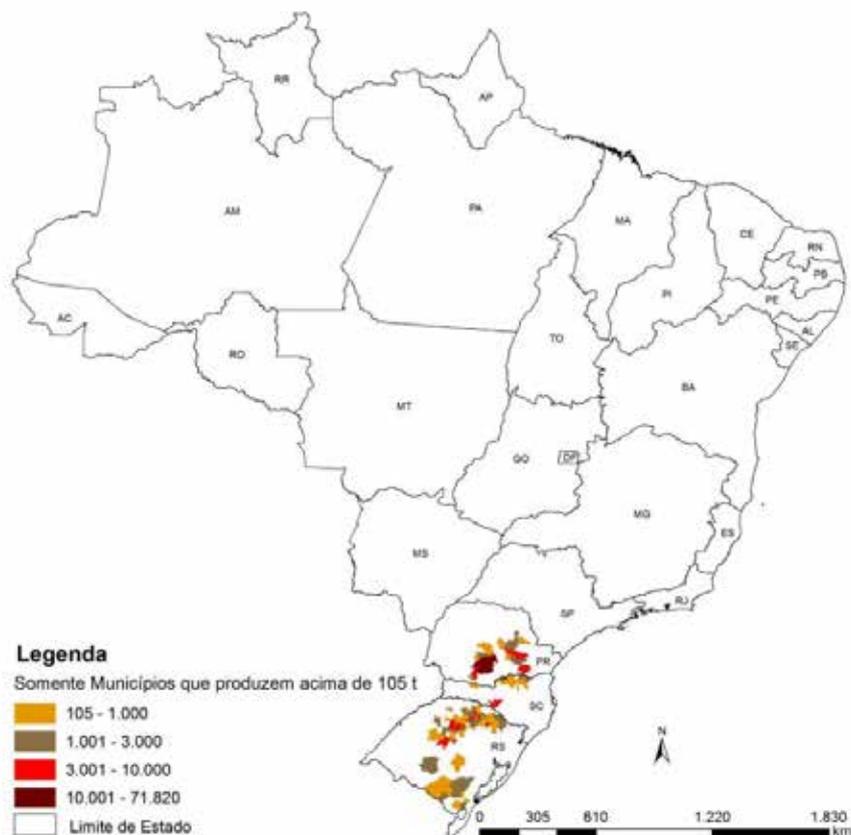
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



9.2.4. CEVADA

Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)
PR	42,5	42,5	-	4.682	3.740	(20,1)	199,0	159,0	(20,1)
SC	1,3	1,3	-	4.800	3.175	(33,9)	6,2	4,1	(33,9)
RS	51,8	51,8	-	3.274	2.297	(29,8)	169,6	119,0	(29,8)
CENTRO-SUL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)
BRASIL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)

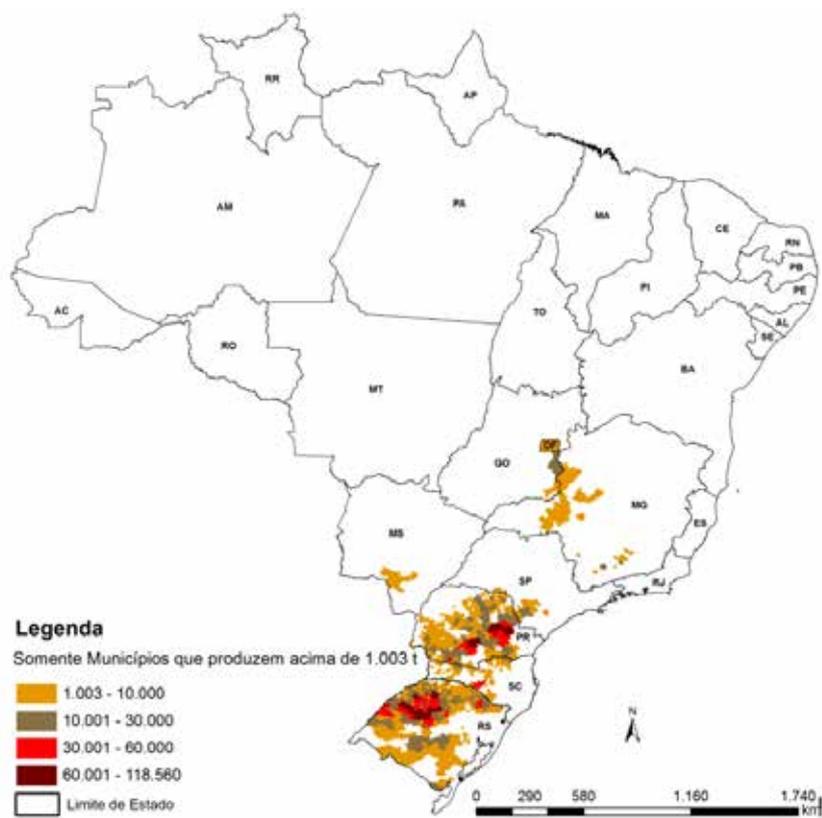
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



9.2.5. TRIGO

Figura 48 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
BA	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
CENTRO-OESTE	32,9	32,9	-	3.657	3.653	(0,1)	120,3	120,2	(0,1)
MS	17,8	17,8	-	2.328	2.203	(5,4)	41,4	39,2	(5,3)
GO	14,3	14,3	-	5.182	5.330	2,9	74,1	76,2	2,8
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	161,1	-	2.852	2.742	(3,9)	459,4	441,8	(3,8)
MG	84,3	84,3	-	2.599	2.645	1,8	219,1	223,0	1,8
SP	76,8	76,8	-	3.129	2.849	(8,9)	240,3	218,8	(8,9)
SUL	1.921,4	1.921,4	-	3.190	2.638	(17,3)	6.129,1	5.069,3	(17,3)
PR	1.086,4	1.086,4	-	3.140	2.837	(9,6)	3.411,3	3.082,1	(9,7)
SC	58,1	58,1	-	3.800	2.954	(22,3)	220,8	171,6	(22,3)
RS	776,9	776,9	-	3.214	2.337	(27,3)	2.497,0	1.815,6	(27,3)
NORTE/NORDESTE	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
CENTRO-SUL	2.115,4	2.115,4	-	3.171	2.662	(16,1)	6.708,8	5.631,3	(16,1)
BRASIL	2.118,4	2.118,4	-	3.175	2.667	(16,0)	6.726,8	5.649,3	(16,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



9.2.6. TRITICALE

Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Tríticale

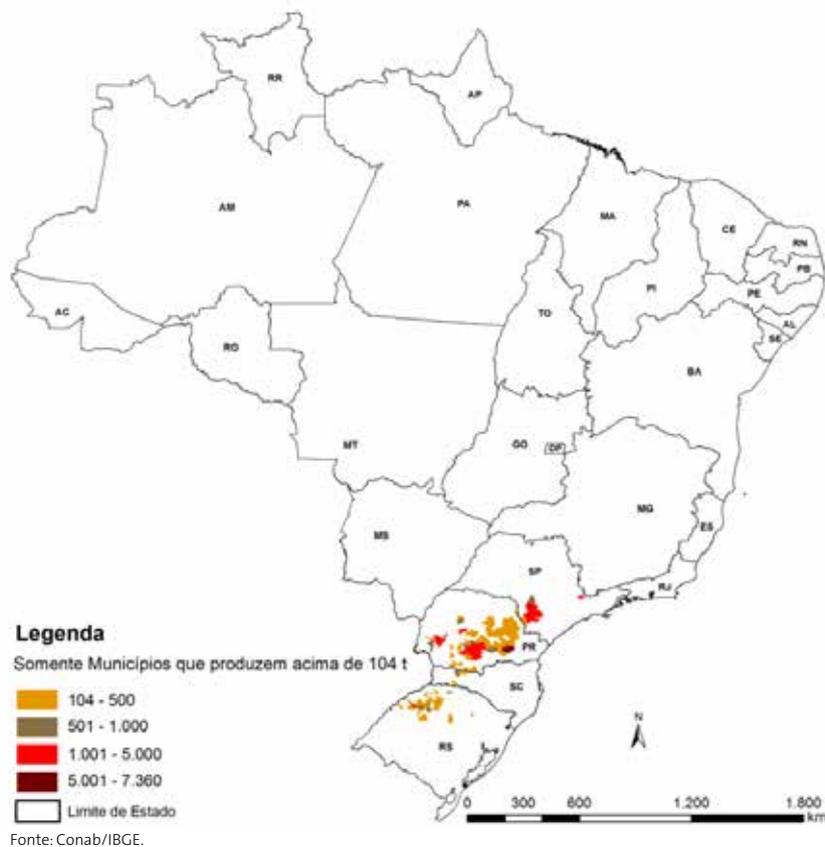


Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.987	4,7	21,4	22,4	4,7
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.989	4,7	21,4	22,4	4,7
SUL	16,0	16,0	-	2.919	2.363	(19,0)	46,7	37,8	(19,1)
PR	9,7	9,7	-	3.097	2.512	(18,9)	30,0	24,4	(18,7)
SC	0,6	0,6	-	2.243	2.687	19,8	1,3	1,6	23,1
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.067	(23,4)	15,4	11,8	(23,4)
CENTRO-SUL	23,5	23,5	-	2.898	2.562	(11,6)	68,1	60,2	(11,6)
BRASIL	23,5	23,5	-	2.898	2.562	(11,6)	68,1	60,2	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.





10. RECEITA BRUTA

Considerando os dados de produção das safras 2015/16 e 2016/17 divulgados no 5º Levantamento de Safra de Grãos 2016/2017 da CONAB e os preços médios recebidos pelos produtores nos meses de janeiro de 2016 e de 2017, respectivamente, foi estimada a receita bruta de R\$ 188,4 bilhões para a safra 2016/17 para algodão, arroz, feijão, milho e soja, valor 13,2% superior ao da safra 2015/16 (R\$ 166,5 bilhões), conforme demonstrado na tabela e gráfico a seguir.

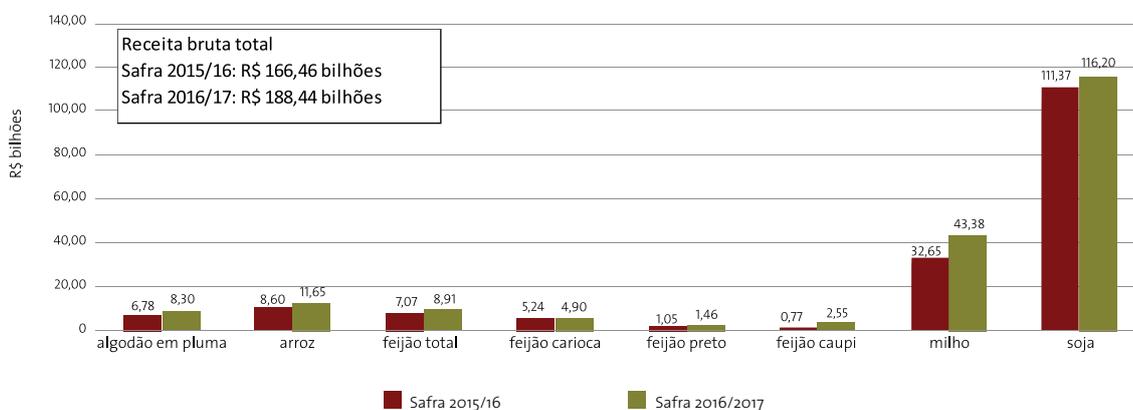
Tabela 51 – Receita bruta da produção agrícola – produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	01/2016	01/2017	Variação	01/2016	01/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,42	10,3%	15	78,87	87,63	11,1%	6,78	8,30	22,5%
Arroz	10,60	11,89	12,2%	60	48,67	58,75	20,7%	8,60	11,65	35,4%
Feijão total	2,51	3,28	30,4%	60	168,67	163,12	-3,3%	7,07	8,91	26,1%
Feijão carioca	1,69	2,09	24,0%	60	186,39	140,48	-24,6%	5,24	4,90	-6,6%
Feijão preto	0,47	0,51	10,4%	60	135,89	170,42	25,4%	1,05	1,46	38,4%
Feijão caupi	0,36	0,67	86,2%	60	128,11	228,06	78,0%	0,77	2,55	231,5%
Milho	66,53	87,41	31,4%	60	29,44	29,78	1,2%	32,65	43,38	32,9%
Soja	95,43	105,56	10,6%	60	70,02	66,05	-5,7%	11,37	116,20	4,3%
Total								166,46	188,44	13,2%

Fonte: Conab

Nota: Estimativa de produção em fevereiro/2017 e preços de janeiro de 2016 e 2017.

Gráfico 64 – Receita bruta da produção agrícola – Algodão (pluma), Arroz, Feijão, Milho e Soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

Com o aumento da produção e a proximidade ou início da colheita, também tem início a tendência de redução dos preços dos produtos, o que, neste momento, está impactando mais significativamente o cálculo da receita dos produtores de soja e de feijão carioca –

que já iniciaram o processo de colheita, enquanto nos demais produtos, há, simultaneamente, aumento de preço e de produção, potencializando o crescimento da renda bruta demonstrado na tabela acima.

10.1. ALGODÃO

Em consequência dos aumentos de 10,3% na produção da safra 2016/17 ante a safra 2015/16 e de 11,1%, em média, nos preços recebidos pelos produtores, na comparação entre janeiro de 2016 e de 2017, a receita bruta dos produtores de algodão aumentará 22,5%, passando de R\$ 6,78 bilhões para R\$ 8,30 bilhões.

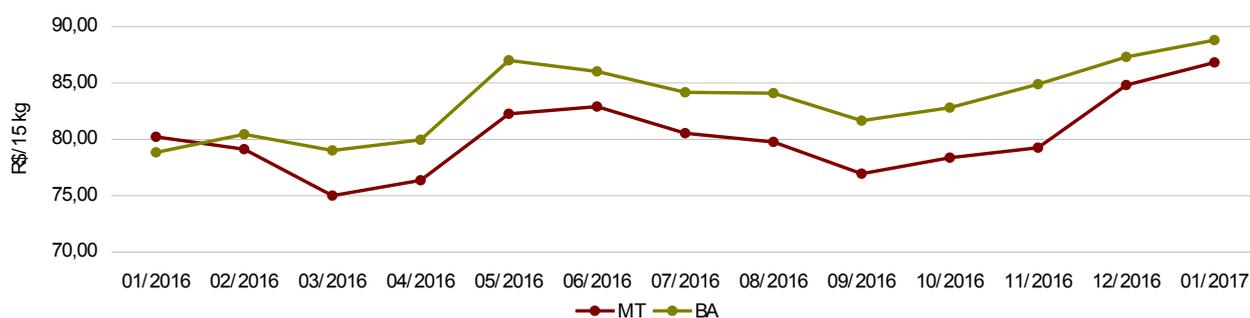
Em Mato Grosso, principal produtor da fibra (954,8 mil toneladas), a receita bruta da produção de algodão

está estimada em R\$ 5,525 bilhões nesta temporada, contra R\$ 4,708 bilhões na passada, com acréscimo de R\$ 817 milhões.

Na Bahia, segundo estado relevante (295,6 mil toneladas), a receita bruta de R\$ 1,75 bilhões da safra atual terá um acréscimo da ordem de R\$ 450 milhões quando comparada à de R\$ 1,30 bilhão observada na safra anterior.

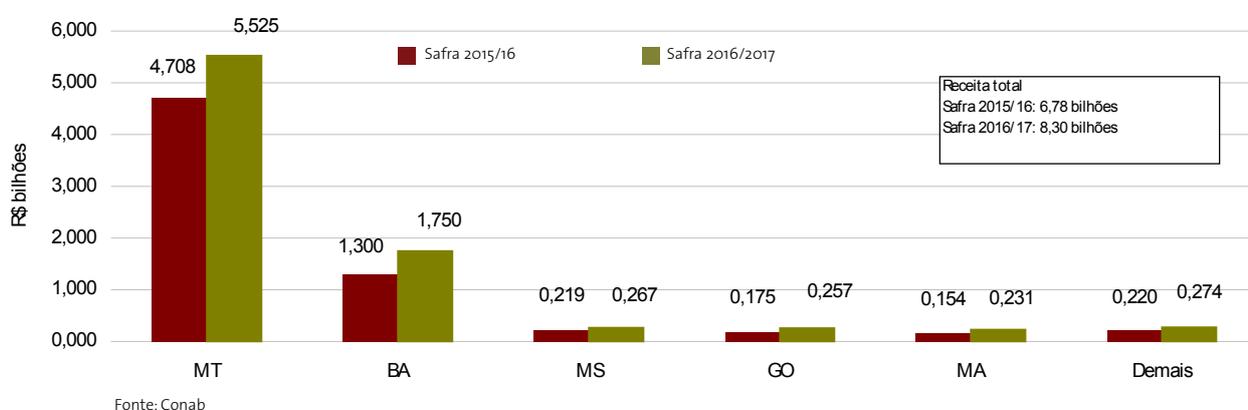


Gráfico 65 – Algodão em pluma – preços recebidos pelo produtor – Janeiro/2016 a janeiro/2017



O Gráfico 3 apresenta o comportamento da receita bruta para os principais estados produtores.

Gráfico 66 – Receita bruta da produção agrícola – algodão em pluma – Safras 2015/16 e 2016/17



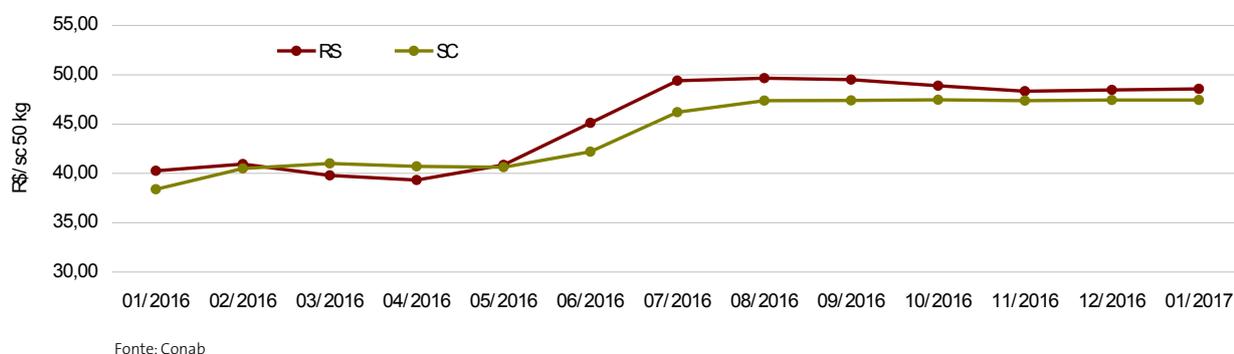
10.2. ARROZ

A receita bruta apurada para o arroz evoluiu de R\$ 8,6 bilhões na safra 2015/16 para R\$ 11,65 bilhões nesta safra, registrando variação de 35,4%.

concentrada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e, conseqüentemente, o resultado final da receita é fortemente influenciado pelo comportamento da safra e dos preços nestas localidades.

Aproximadamente 80% da produção de arroz está

Gráfico 67 – Arroz em casca – preços nominais recebidos pelos produtores



No Rio Grande do Sul, com o crescimento de 12,2% na produção e de 20,6% nos preços pagos, a receita esperada para a safra 2016/2017 é de 8,23 bilhões, 38,9%

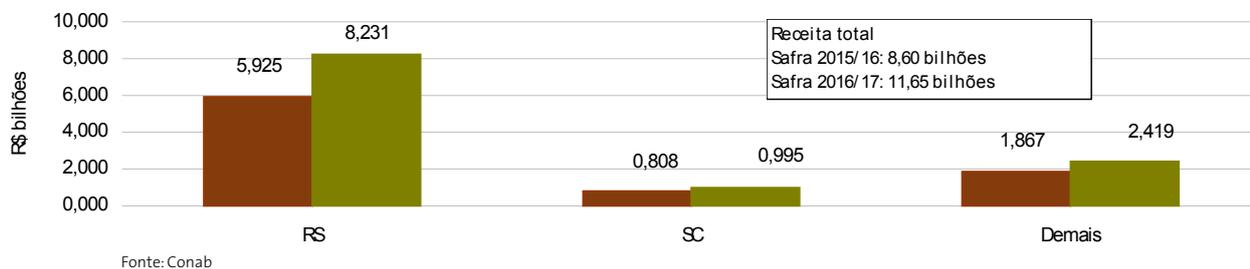
acima da observada na safra anterior. Em Santa Catarina houve discreta redução (-0,3%) na produção e aumento de 23,6% nos preços; assim,



a receita apurada para esta safra é R\$ 995,3 milhões, R\$ 187,1 milhões superior à da temporada 2015/16 (R\$ 808,2 bilhões).

No gráfico 5 é apresentado o comportamento da receita dos principais estados produtores.

Gráfico 68 – Receita bruta da produção agrícola – arroz – Safras 2015/16 e 2016/17



10.3. FEIJÃO

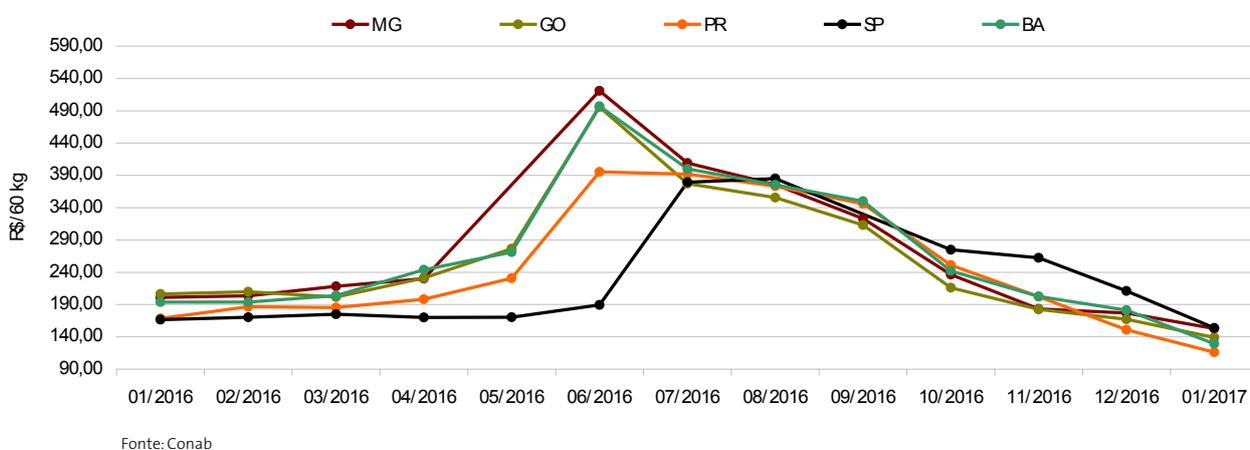
Para o cálculo da receita bruta do feijão, faz-se a análise do comportamento do feijão carioca, do preto e do caupi, e, posteriormente, é feita a agregação das três espécies.

Em resposta aos excepcionais preços observados ao longo do primeiro semestre de 2016, os produtores de feijão carioca aumentaram a área plantada e a pro-

dução da atual safra alcançará aproximadamente 2,1 milhões de toneladas, 24,6% acima da safra 2015/16.

Os preços, porém, começaram a perder força a partir do segundo semestre e o ritmo da queda acentuou-se com a entrada, a partir do fim do ano, de produto novo de São Paulo e do Paraná.

Gráfico 69 – Feijão carioca – preços nominais recebidos pelos produtores

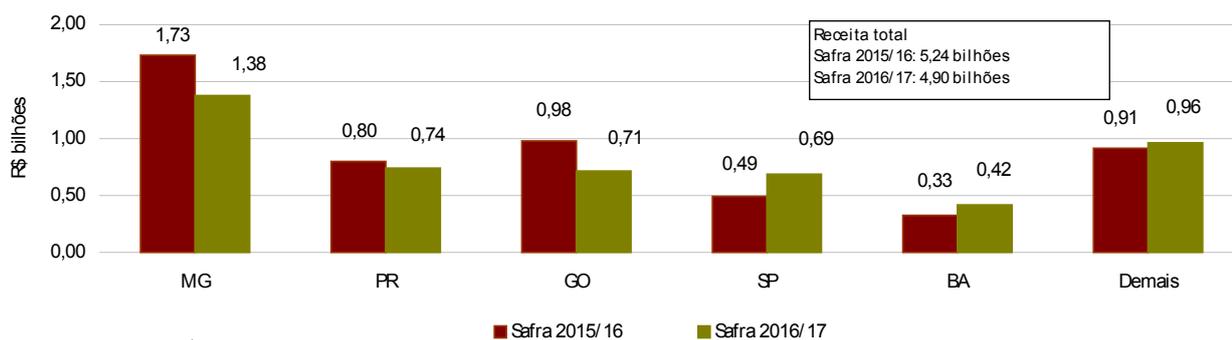


A redução média de 24,6% dos preços recebidos pelos produtores superou o aumento médio da área (24,0%) e, com isso, a receita bruta ora apurada indica redução

de R\$ 5,24 para R\$ 4,90 bilhões entre as safras 2015/16 e 2016/17.



Gráfico 70 – Receita bruta da produção agrícola – feijão carioca – Safras 2015/16 e 2016/17



A situação do feijão preto apresenta algumas semelhanças com a do carioca: teve expressivo aumento de preços no primeiro semestre de 2016, o que estimulou os produtores a incrementarem o plantio em 10,4% e, a partir do segundo semestre, começa a redução de preços. Porém, a intensidade da queda dos preços do feijão preto ocorreu em ritmo muito inferior ao do ca-

rioca, tanto que os preços médios de janeiro de 2017 ainda estão 25,4% superiores aos de janeiro de 2016.

Assim, apurou-se a receita bruta R\$ 1,05 bilhões para a safra 2015/16 e de R\$ 1,46 bilhões para 2016/17, apresentando variação de 38,4%.

Gráfico 71 – Feijão preto – preços nominais recebidos pelos produtores

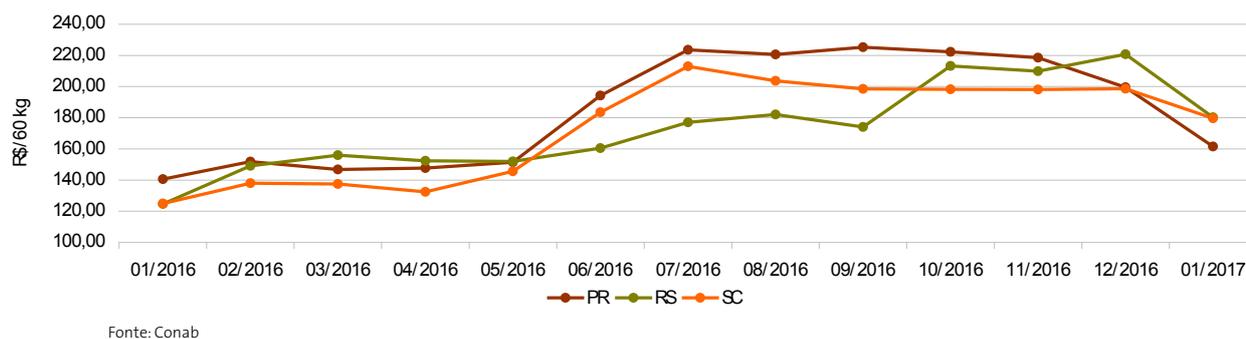
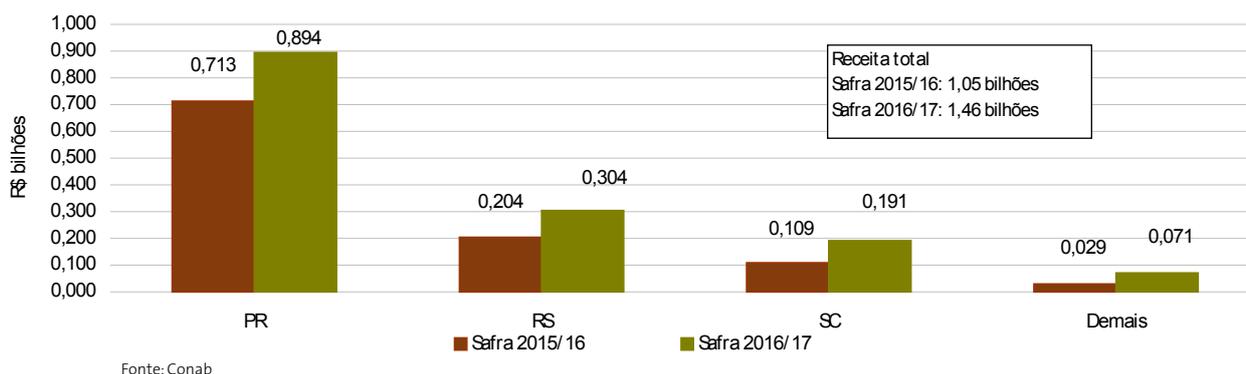


Gráfico 72 – Receita bruta da produção agrícola – feijão preto – Safras 2015/16 e 2016/17



A produção de feijão caupi apurada pela CONAB será de 671,3 mil toneladas na safra 2016/17, ante 360,5 mil toneladas na safra passada.

Os preços em 2017 continuam em patamares muito superiores aos observados em 2016.



Gráfico 73 – Feijão caupi – preços nominais recebidos pelos produtores

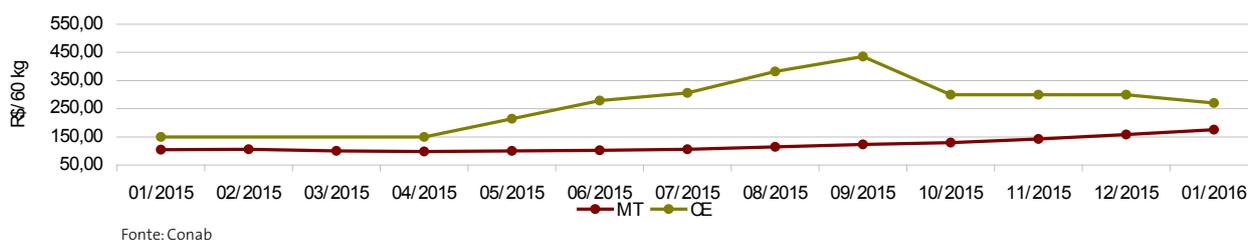
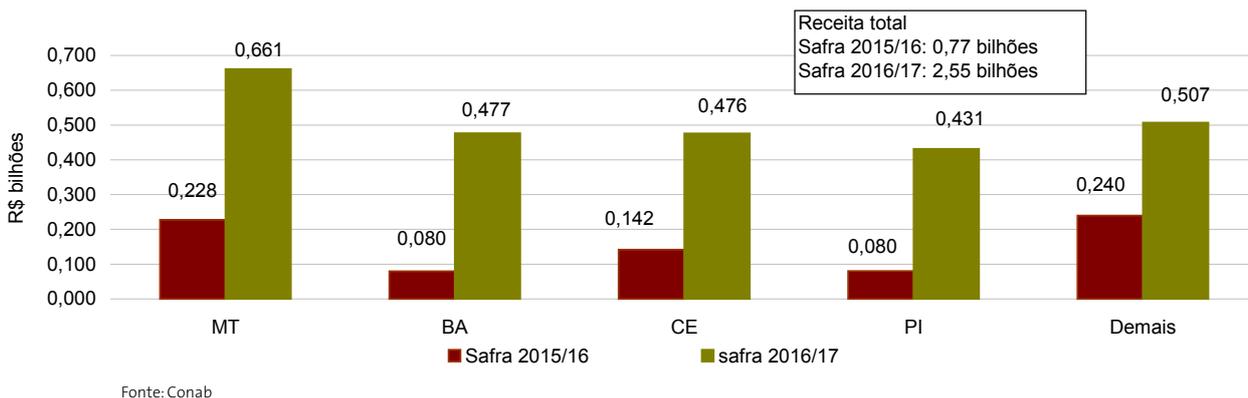


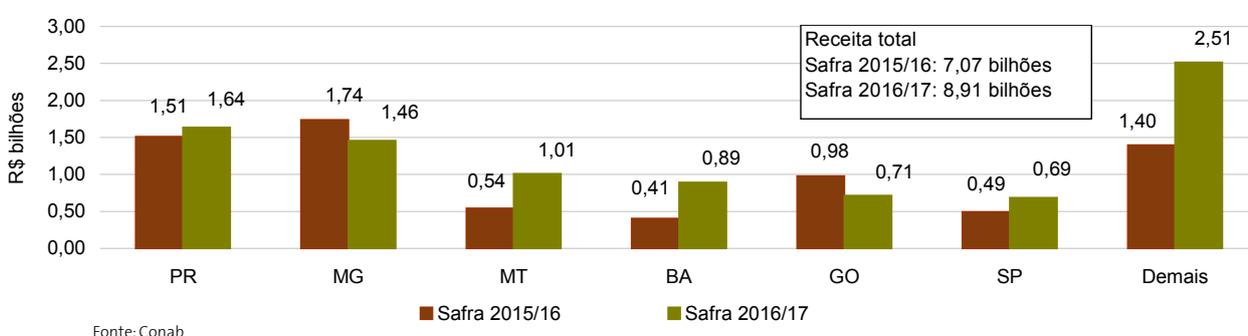
Gráfico 74 – Receita bruta da produção agrícola – feijão caupi – Safras 2015/16 e 2016/17



Agregando os valores do feijão carioca, do preto e do caupi, foi obtida a receita bruta do produto para as

temporadas 2015/16 e 2016/17, apresentada no gráfico a seguir.

Gráfico 75 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2015/16 e 2016/17



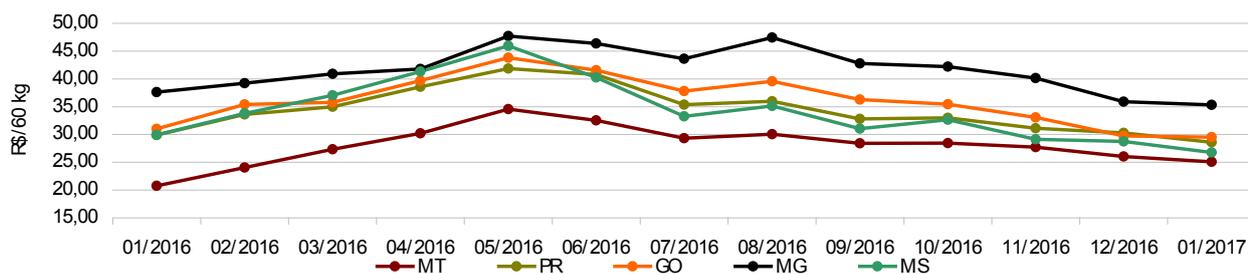
10.4. MILHO

Os dados do 5º Levantamento de Grãos da CONAB indicam que a produção total de milho (1ª e 2ª safra) na safra 2017 será de 87,41 milhões de toneladas, volume 31,4% superior ao de 2015/16 - 66,6 milhões de toneladas.

Os preços do produto, por sua vez, continuam em queda em relação a janeiro/2016, porém, em Mato Grosso, maior produtor nacional, as cotações deste ano ainda estão em patamar superior ao do ano passado.



Gráfico 76 – milho – preços nominais recebidos pelos produtores

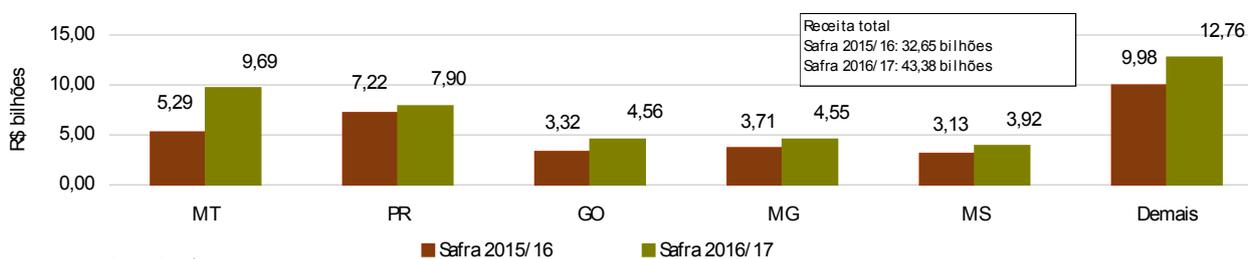


Fonte: Conab

Face a esse cenário de aumento da produção superior à queda dos preços, a receita bruta da safra 2016/17

aumentará 32,9%, estando estimada em R\$ 43,38 bilhões, contra R\$ 32,65 bilhões na 2015/16.

Gráfico 77 – Receita bruta da produção agrícola – Milho – Safras 2015/16 e 2016/17



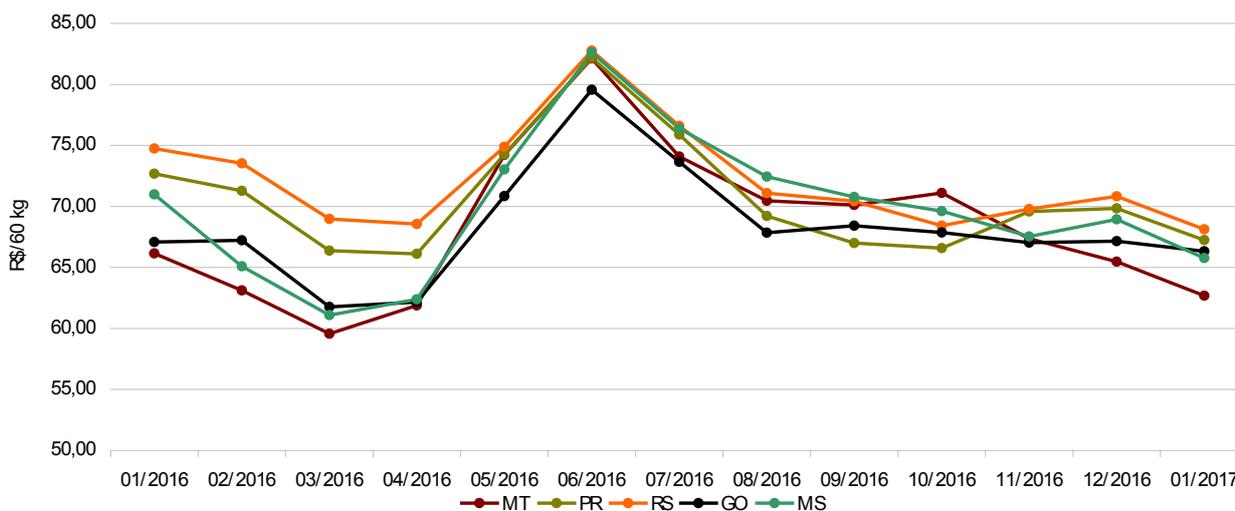
Fonte: Conab

10.5. SOJA

Os dados deste Levantamento de safra indicam que a produção de soja da safra 2016/17 deverá ser maior ainda do que a projetada na pesquisa passada, devendo alcançar o total de 105,56 milhões de toneladas – novo recorde e 10,6% superior à temporada 2015/16.

Os preços recebidos pelos produtores apresentam redução média de 5,7%, inferior, porém, ao aumento de 10,6% da produção.

Gráfico 78 – soja – preços nominais recebidos pelos produtores



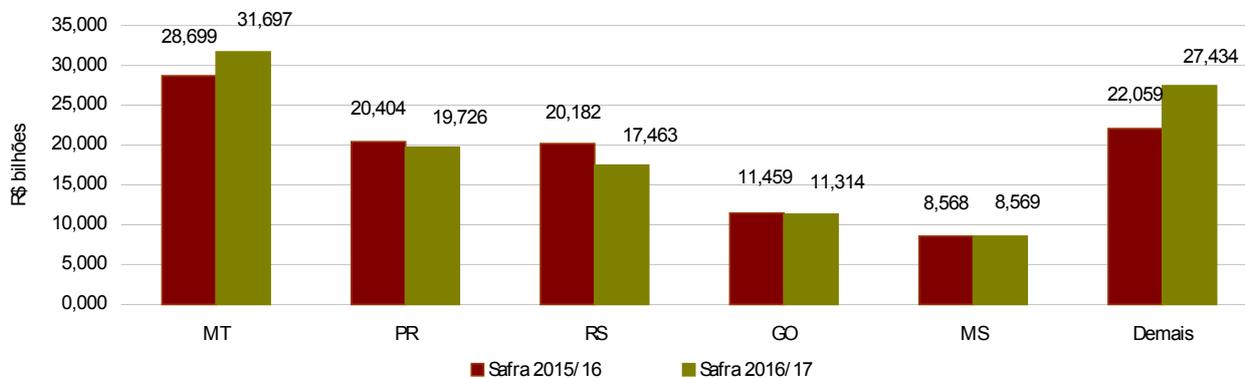
Fonte: Conab



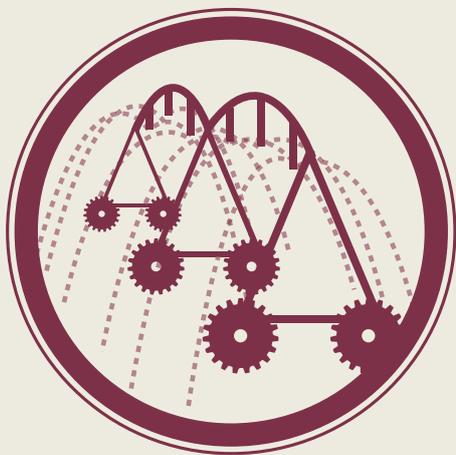
Assim, a receita bruta da produção de soja calculada para esta safra, da ordem de R\$ 116,20 bilhões ainda é 4,3% superior à da safra 2015/16, que foi de R\$ 111,37 bilhões.

No gráfico a seguir são apresentados os resumos para os principais estados.

Gráfico 79 – Receita bruta da produção agrícola – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab



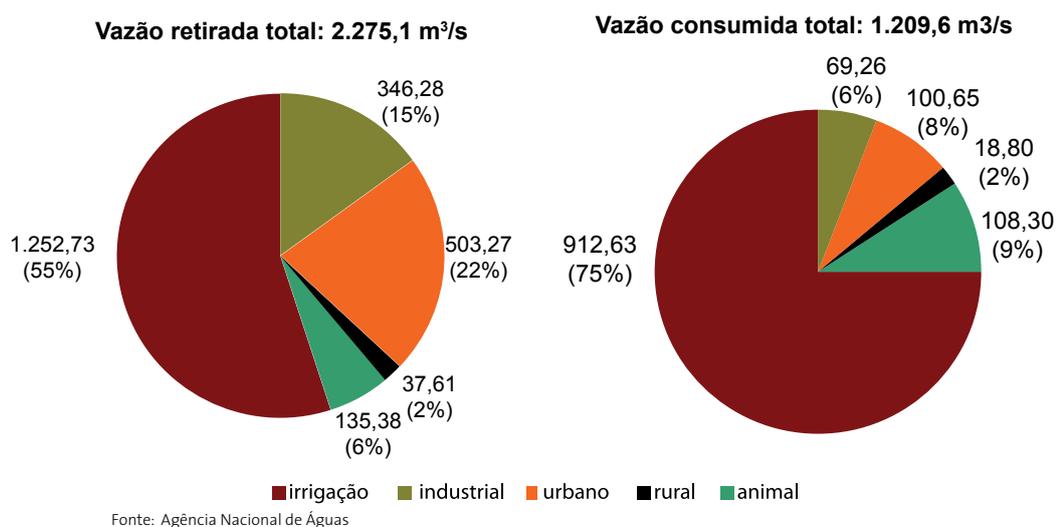
11. A EXPANSÃO DA IRRIGAÇÃO NO NO BRASIL E SUA IMPORTÂNCIA NA SAFRA DE GRÃOS¹

A Agência Nacional de Águas (ANA) é responsável por manter atualizado o balanço hídrico quantitativo nacional, ou seja, a relação entre a disponibilidade de água e as demandas de uso dos diferentes setores usuários

A irrigação, prática agrícola que utiliza um conjunto de equipamentos e técnicas para suprir a deficiência total ou parcial de água para as culturas, é o maior e mais dinâmico uso consuntivo da água no Brasil e no mundo. O último levantamento nacional realizado pela ANA, ano-base 2014, constatou uma participação de 55% na vazão de retirada e de 75% na vazão de consumo do país para irrigação (Gráfico 80).

1. Texto Elaborado pela Agência Nacional de Águas

Gráfico 8o – Demanda total de retirada e de consumo de água no Brasil.



Dentre os diversos benefícios observados na prática da irrigação, pode-se destacar o aumento da produtividade na ordem de 2 a 3 vezes em relação à agricultura de sequeiro, a otimização do uso do solo e de insumos (máquinas, implementos, mão de obra etc.), o aumento e a regularidade na oferta de produtos agrícolas, o estímulo à implantação de agroindústrias e a minimização de riscos meteorológicos e climáticos. Vale lembrar que a irrigação, embora possa apresentar excelentes resultados de forma isolada, em geral é implementada em meio a outras melhorias no “pacote tecnológico” do produtor, ou seja, tende a ser acompanhada ou antecedida por aperfeiçoamentos em outros insumos, serviços, máquinas e implementos.

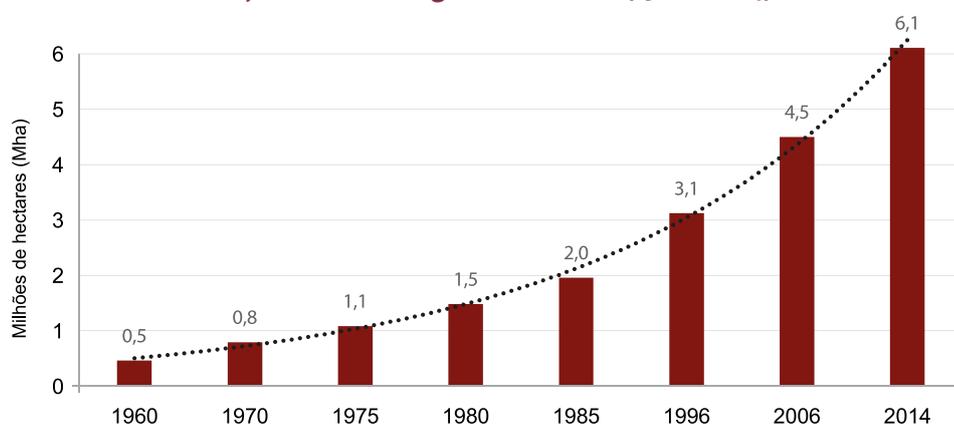
Impulsionada pela expansão da agricultura para regiões de características físico-climáticas menos favoráveis (total ou sazonal) e pelos próprios benefícios observados nesta prática, a irrigação se intensificou no

Brasil a partir das décadas de 1970 e 1980, tendo contado com importantes estímulos governamentais.

Dessa forma, observa-se o crescimento da área irrigada a taxas médias anuais entre 4,4% e 7,3% desde a década de 1960 (Figura 2). O avanço verificado nas últimas décadas intensificou-se nos anos recentes: nos últimos 15 anos foram incorporados 2,27 milhões de hectares irrigados (Figura 3), marca semelhante à do período 1970-1996 quando foram incorporados 2,33 Mha.

Cabe destacar que os métodos mais eficientes no uso da água, como a irrigação localizada (gotejamento e micro aspersão) e aspersão por pivô central, representaram 69,4% do incremento de área irrigada no país entre 2006 e 2014 (31,4% localizada e 38,0% pivôs). Outros métodos de aspersão responderam por 30,4% do incremento, com destaque para os carretéis enroladores (15,7%).

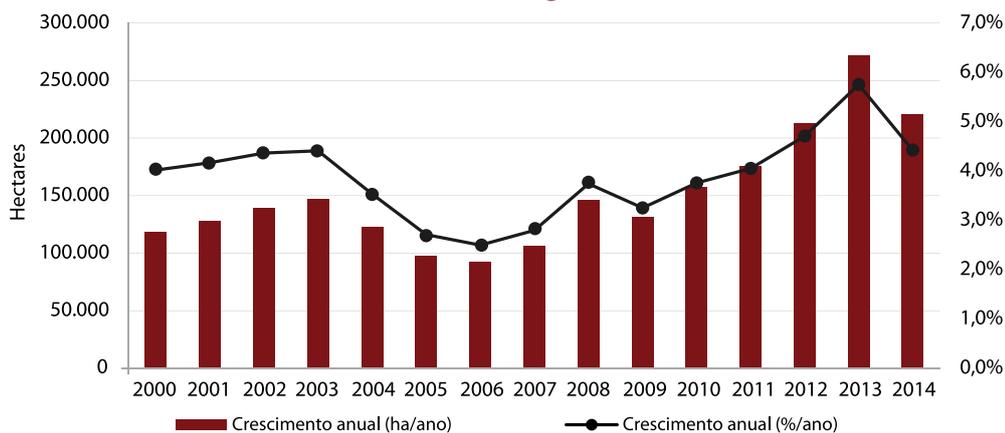
Gráfico 81 – Evolução da área irrigada brasileira (1960-2014)



Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2006; 2009) e ANA (2015).



Gráfico 82 – Incremento anual da área irrigada mecanizada (2000-2014)



Fonte: CSEI/Abimaq (2015)

Quanto ao potencial de expansão da área irrigada no Brasil, estudos apontam áreas adicionais irrigáveis entre 23,5 (Christofidis, 2005) e 75,2 milhões de hectares – Mha (Brasil, 2014). O estudo do Ministério da Integração Nacional (Brasil, 2014) subdivide a área adicional total por classes de aptidão solo-relevo: 21,95 Mha adicionais irrigáveis com alta aptidão; 25,45 Mha com média aptidão e 27,8 Mha com baixa aptidão.

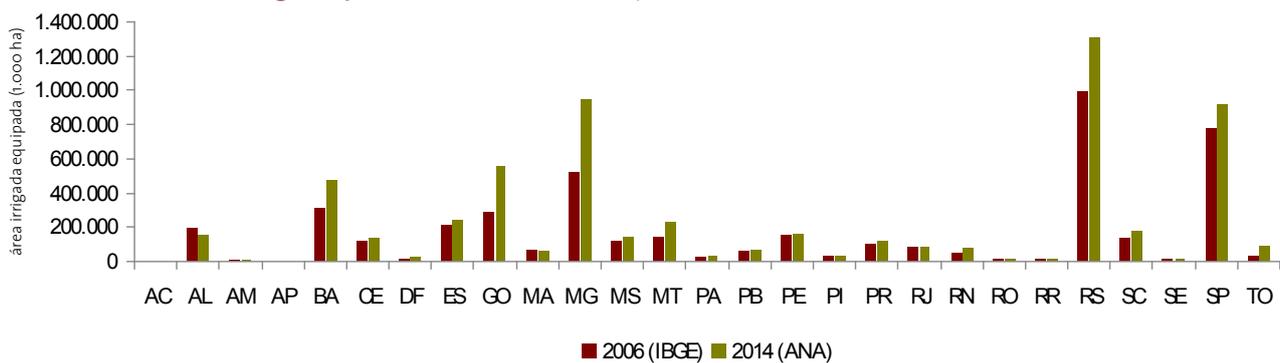
A carência de dados e informações sobre a agricultura irrigada, em escalas temporais e espaciais mais adequadas ao planejamento e gestão dos recursos hídricos, associada com a forte expansão de curto e médio prazo e com o grande potencial de crescimento existente, demandaram da ANA uma maior atuação no setor, em especial por meio de estudos e parcerias. Parte dos resultados tem sido publicados nos Relatórios e Informes de Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil, em estudos específicos, tais como em Planos de Recursos Hídricos e no Levantamento da Agricultura Irrigada por Pivôs Centrais no Brasil (ANA & Embrapa, 2016), e em conteúdo dos portais de Metadados da ANA e do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos¹ (SNIRH).

O levantamento nacional, consolidado pela ANA para o ano-base 2014 (ANA, 2016), que totalizou uma área irrigada equipada de 6,1 Mha, já contou com importantes refinamentos de dados, tais como a incorporação de mapeamentos georreferenciados de pivôs centrais no país (ANA & Embrapa, 2016) e da rizicultura irrigada nos principais estados produtores (Conab). Destaca-se que cerca de 5% das áreas irrigadas do país encontram-se em perímetros públicos, ou seja, 95% do total encontram-se em áreas privadas.

Este diagnóstico revelou à época não só a continuidade da forte expansão do setor em relação ao último levantamento censitário do IBGE (2006), mas padrões espaciais de concentração bastante diferenciados na escala de bacias e sub-bacias hidrográficas. Ou seja, embora na média nacional o crescimento na ordem de 36% entre 2006 e 2014 não surpreendesse frente ao histórico recente, em importantes regiões para a gestão dos recursos hídricos as áreas superaram em até três vezes o levantamento censitário. Mesmo na agregação por Unidades da Federação (Gráfico 83), observam-se diferenças expressivas, que não necessariamente remetem à dinâmica da irrigação no período, mas às diferenças metodológicas e conceituais atreladas aos levantamentos.



Gráfico 83 – Área Irrigada por Unidade da Federação (2006 e 2014)



Fonte: Censos Agropecuários (IBGE) e ANA.

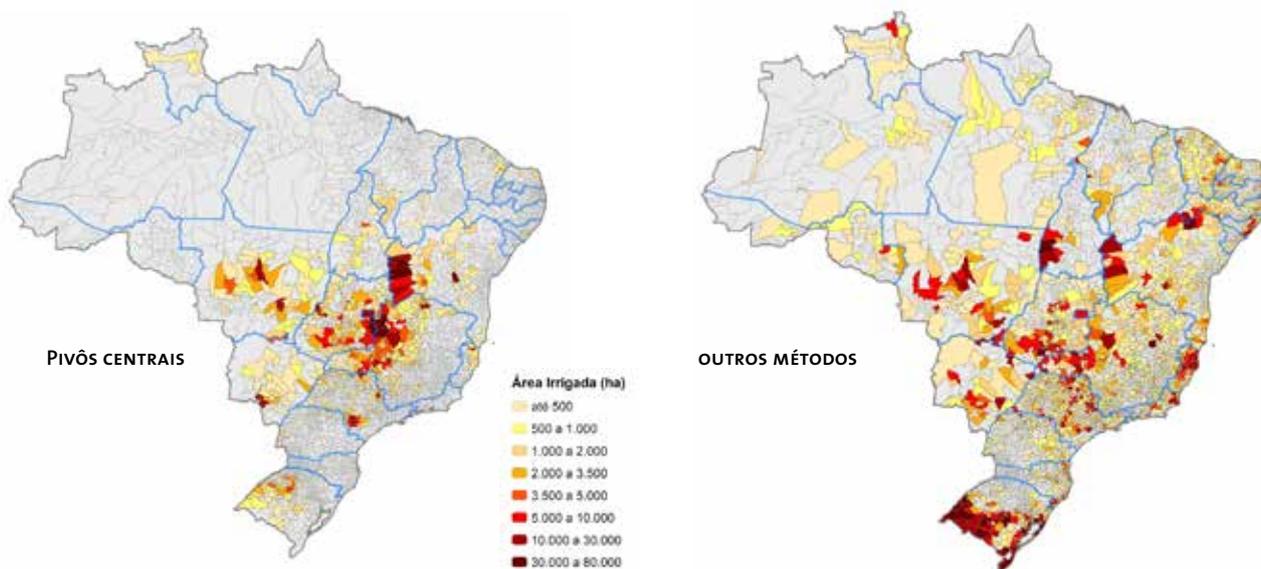
A Figura 50 apresenta a distribuição da área irrigada equipada por município em 2014, desagregada em pivôs centrais (1,28 Mha ou 21% do total) e por outros métodos de irrigação (4,83 Mha ou 79% do total). A Figura 51 apresenta a área total irrigada por município.

Assim como a agricultura de forma geral, a agricultura irrigada brasileira é bastante dinâmica e diversificada. Ocorrem 70 diferentes culturas associadas a diferentes métodos de irrigação, nos cerca de 700 mil hectares com outorgas vigentes da ANA em corpos d'água de domínio da União. Entretanto, é possível extrair alguns padrões considerando a irrigação de larga escala, tais como a forte correlação entre a inundação

e a rizicultura; entre o gotejamento e o café e a fruticultura; entre a aspersão convencional com carretéis enroladores (hidro roll) e a cana-de-açúcar; e entre os pivôs centrais e a produção de outros grãos, em especial algodão, feijão, milho e soja.

Considerando as áreas em outorgas federais vigentes, observa-se 98,3% da rizicultura sob método de inundação e 91,2% do grupo feijão-soja-milho sob irrigação por pivôs centrais (Gráfico 84). Neste caso, a distribuição é semelhante na desagregação por cultura: a concentração em pivôs é de 95,6% para o feijão, 84,5% para a soja e 94,2% para o milho.

Figura 50. Área irrigada municipal em 2014 – Pivôs centrais e outros métodos de irrigação



Fonte: ANA.



Figura 51 - Área irrigada municipal em 2014

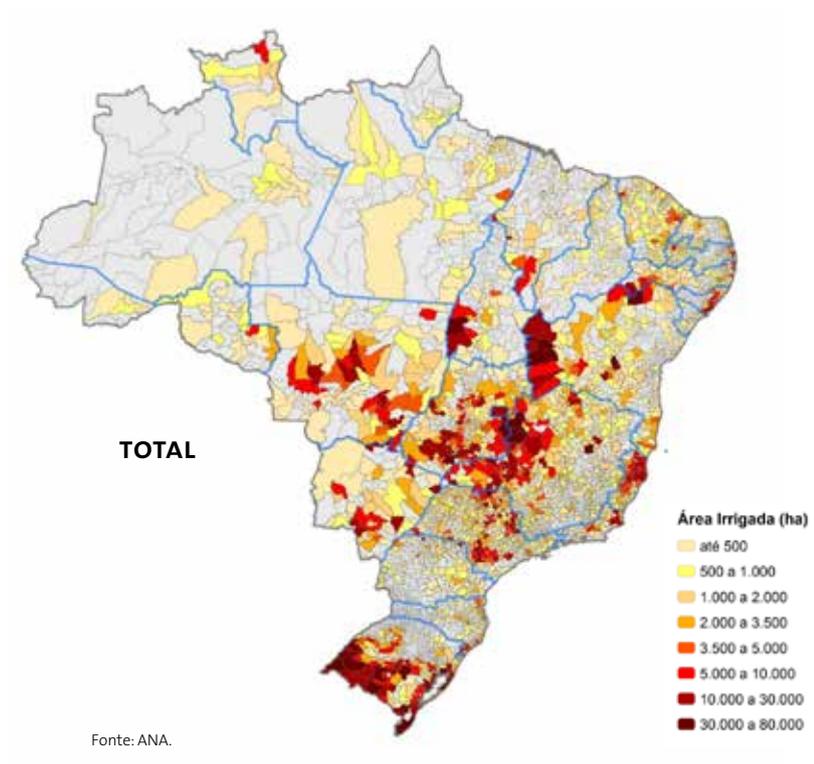
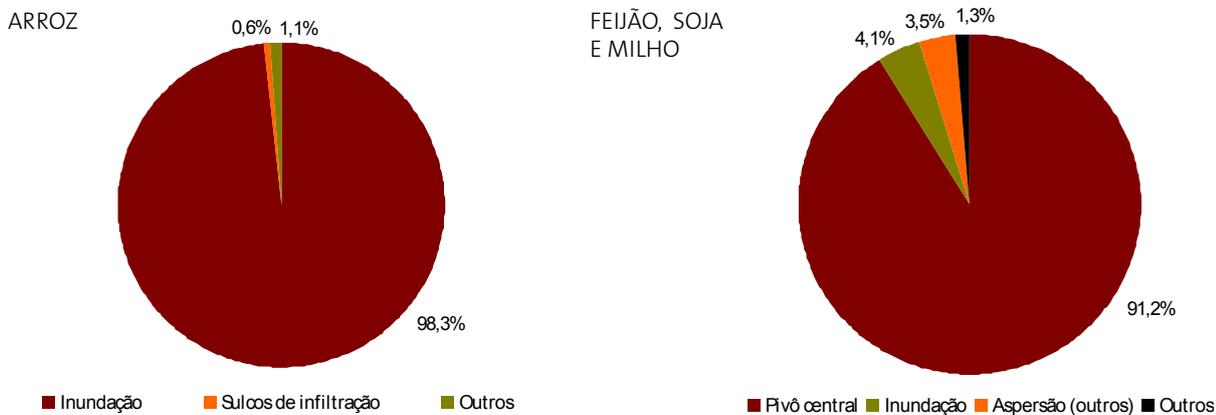


Gráfico 84 - Distribuição da área irrigada por método de irrigação em outorgas federais vigentes - arroz e grupo feijão-soja-milho



Fonte: ANA.

Considerando o total de outorgas federais em pivôs centrais, cerca de 70% da área é em grãos (a maior parte em soja, milho e feijão), enquanto 20% destinam-se à produção de café ou cana-de-açúcar e 10% à produção de outras culturas.

O padrão de concentração de grãos em pivôs centrais é importante aos diagnósticos e prognósticos da agricultura irrigada brasileira, visto ser este o método responsável pelo maior incremento de área dos últimos

anos (540 mil hectares entre 2006 e 2014) e o de maior potencial de expansão em curto e médio prazos.

Embora se reconheça todos os benefícios relacionados à irrigação, ainda há dificuldades de se dimensionar sua importância na quantidade produzida atual e o seu papel na segurança alimentar da sociedade brasileira. Os levantamentos sistemáticos da agricultura brasileira utilizam níveis de agregação temática e espacial, que não permitem a ampla extração de indi-

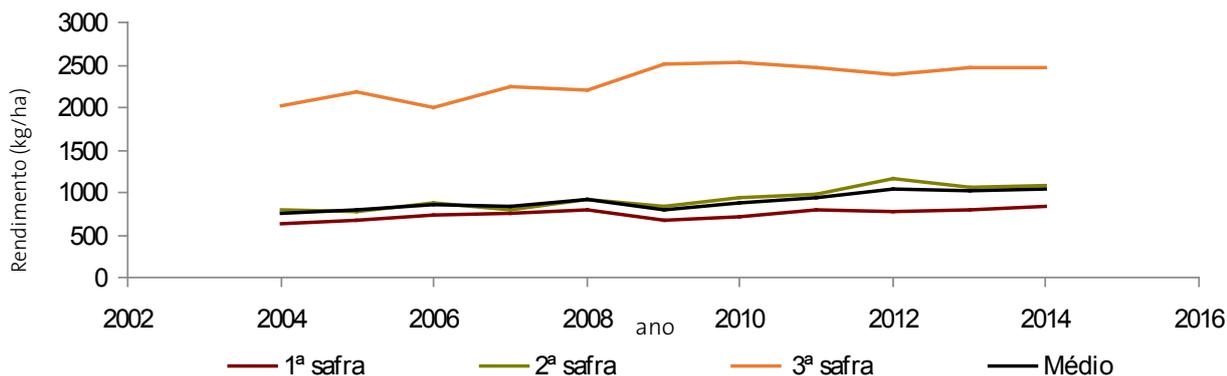


cadores relacionados à agricultura irrigada e sua comparação com a agricultura de sequeiro. Isso dificulta a visualização do papel central que a irrigação poderia desempenhar na expansão da produção, assim como dos estímulos específicos e diferenciados que o setor necessita em relação aos demais produtores.

Em algumas culturas e safras é possível adotar algumas aproximações dada a elevada participação da irrigação na produção total, como no caso do feijão

terceira safra que é produzido em grande parte sob irrigação. Considerando o período 2004-2014, esta safra respondeu por 5,3% da área colhida total de feijão, mas por 13,8% da quantidade produzida, o que se explica pelos rendimentos até três vezes superiores aos da primeira e da segunda safras (Gráfico 85). Em 2013 a produção da terceira safra ultrapassou a marca de 500 mil toneladas, quando foi responsável por 17,6% da quantidade produzida com apenas 7,3% da área colhida.

Gráfico 85 - Rendimento médio do feijão – 1ª, 2ª e 3ª safras (2004-2014)



Fonte: PAM – Produção Agrícola Municipal (IBGE)

O aumento da importância relativa da terceira safra na produção total de feijão, contudo, não se deve à expansão desta safra, mas da queda das demais (de sequeiro ou minorativamente irrigadas). A área colhida e a quantidade produzida na terceira safra têm se mantido relativamente estáveis nos últimos dez anos, inclusive com recuperação e aumento no último triênio. A preocupação com os impactos negativos da continuidade da queda da produção de feijão, uma vez que atualmente a produção é muito ajustada ao consumo (Conab, 2016), pode ser minimizada em curto prazo, com maiores estímulos à produção irrigada.

Apesar da dificuldade de obter dados em larga escala, sabe-se que o milho e a soja tendem a apresentar potenciais de incremento relativo no rendimento semelhantes às do feijão. Mesmo no período de primeira safra destes grãos, a irrigação tem demonstrado sua viabilidade econômica devido aos ganhos expressivos de produtividade e à minimização de riscos climáticos

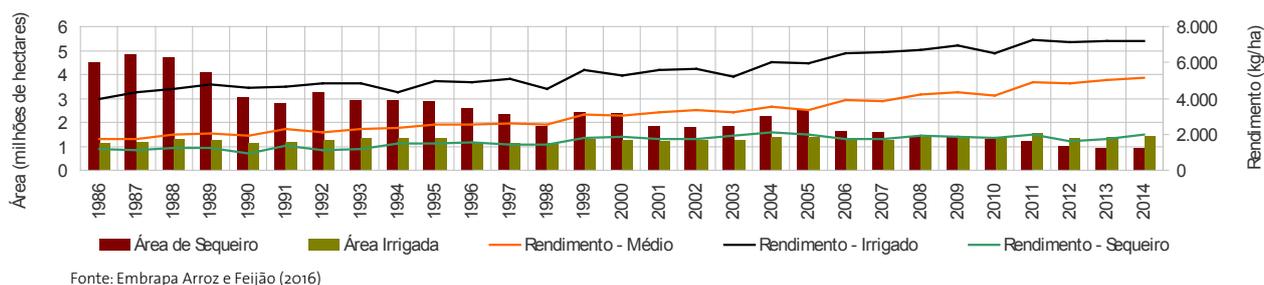
tais como veranicos.

Quanto ao arroz, apesar da relativa estabilidade da área irrigada nas últimas décadas e da queda sistemática de área plantada total por conta da redução das áreas de sequeiro, tem-se verificado aumentos no rendimento médio da produção (Gráfico abaixo), proporcionados em grande medida por melhorias nos insumos, serviços, máquinas e implementos, o que inclui a irrigação com um crescente aumento de eficiência do uso da água.

A produção nacional de arroz que atualmente se concentra sob irrigação em Santa Catarina (9% da quantidade produzida em 2014) e Rio Grande do Sul (68%), possui boas perspectivas de incremento em outros estados que utilizam o plantio irrigado, uma vez que se observa experiências acumuladas e infraestrutura (Conab, 2016), como em Goiás, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Maranhão, Piauí, Alagoas e Sergipe.



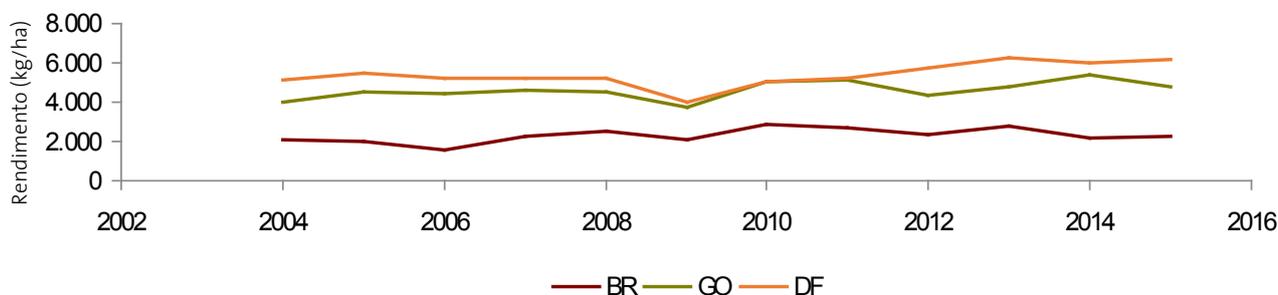
Gráfico 86 - Área e rendimento médio do arroz – (1986-2014)



Importante cereal presente no hábito alimentar do brasileiro, as perspectivas de expansão do trigo têm a irrigação como importante variável. No Distrito Federal e na região vizinha de Goiás a produção ocorre sob

irrigação em pivôs centrais. Em 2014, esses estados responderam por 0,3% da área colhida e por 0,8% da produção total devido aos rendimentos de duas a três vezes superiores à média nacional (Gráfico 87).

Gráfico 87 - Rendimento médio do trigo no Brasil, em Goiás e no Distrito Federal (2004-2014)



A ampliação da produção de trigo no centro-oeste e no noroeste mineiro pode ser mais representativa com os recentes avanços em melhoramento genético e aproveitando polos que apresentam infraestrutura e alta tecnificação. Estudo recente da Embrapa, trigo em conjunto com a Embrapa Gestão Territorial (Farias et al., 2016) também destaca esta região por seu elevado potencial na expansão da produção de trigo em todos os cenários analisados.

Além dos aspectos destacados na análise da agricultura irrigada de larga escala, vale lembrar a grande importância da atividade no abastecimento de outros alimentos para o mercado interno, tais como na produção de tomate, pimentão, cebola, batata, alho e frutas e verduras em geral, ou seja, da sua importância para a segurança alimentar da população brasileira.

11.2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura irrigada apresenta um histórico de desenvolvimento crescente e persistente, muitas vezes na contramão de períodos negativos da economia brasileira. Soma-se ao histórico um grande potencial passível a ser explorado em bases econômicas e ambientais sustentáveis.

Entretanto, acredita-se que o papel da irrigação no incremento da produção agrícola brasileira ainda é subestimado frente às perspectivas e aos resultados que apresenta, assim como na sua imprescindibilidade à segurança alimentar da população brasileira.

Neste sentido, a ANA tem atuado no refinamento de dados e informações por meio de estudos e parcerias, que qualificam não só a atuação da Agência, mas disponibilizam produtos que são utilizados tanto na esfera governamental quanto privada.

O mosaico de ações concluídas e em andamento na ANA nos últimos anos, em conjunto com dados secundários disponibilizados por parceiros, deverão ser compilados em um produto-síntese em 2017, denominado preliminarmente de Atlas do Uso da Água na Agricultura Irrigada, e que apresentará um novo salto com relação ao último levantamento nacional (ANA,



2016). Além de vencer algumas das limitações impostas no levantamento das áreas irrigadas, este novo estudo apresentará importantes refinamentos na forma como se estima a demanda de água pela irrigação.

Espera-se, por fim, continuar ampliando o conheci-

mento sobre a agricultura irrigada e, principalmente, contribuir para as tomadas de decisão no sentido de seu desenvolvimento sustentável, em especial quanto a sua sustentabilidade hídrica.

11.3. REFERÊNCIAS

ANA – Agência Nacional de Águas (Brasil). Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil: informe 2015. Brasília: ANA, 2016, 88 p. Acessível em: <www.snirh.gov.br>.

ANA & Embrapa Milho e Sorgo. Levantamento da Agricultura Irrigada por Pivôs Centrais no Brasil – 2014: Relatório Síntese. Brasília: ANA, 2016, 33 p. Acessível em: <www.snirh.gov.br>.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Análise territorial para o desenvolvimento da agricultura irrigada no Brasil. Brasília: MI, 2014, 217 p.

CHRISTOFIDIS, Demetrios. Água e Agricultura. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. (Série Irrigação e Água).

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Perspectivas de diversificação e de investimentos na produção de arroz – trigo – feijão. Compêndio de estudos Conab, v. 1 (2016). Brasília: Conab, 2016, 53 p. Acessível em: <www.conab.gov.br>.

CSEI/ABIMAQ – Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos. Evolução das Áreas com Irrigação Mecanizada no Brasil (2000-2014). Item, n. 103. ABID, 2015, 86 p.

Embrapa Arroz e Feijão. Dados conjunturais da produção de arroz (*Oryza sativa* L.) no Brasil (1986 a 2015): área, produção e rendimento. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2016. Acessível em: <<http://www.cnpaf.embrapa.br/socioeconomia/index.htm>>.

Farias, A.R. et al. Potencial de produção de trigo no Brasil a partir de diferentes cenários de expansão da área de cultivo. Boletim de pesquisa e desenvolvimento online / Embrapa Trigo, 85; Boletim de pesquisa e desenvolvimento / Embrapa Gestão Territorial, 5. Passo Fundo: Embrapa Trigo; Campinas: Embrapa Gestão Territorial, 2016, 40 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Século XX. Acessível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/>>. Rio de Janeiro: IBGE, 2006, 577 p.

_____. Censo Agropecuário 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.





12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

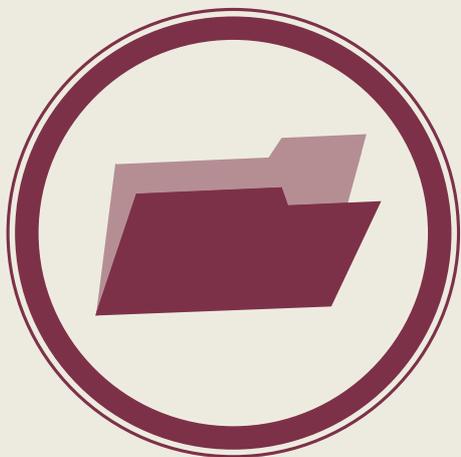
Tabela 52 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.288,8	25,0	1.662,9	720,0	780,0	162,9
	2016/17	162,9	1.421,3	45,0	1.629,2	750,0	600,0	279,2
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.602,9	1.150,0	12.715,8	11.400,0	800,0	515,8
	2016/17	515,8	11.865,2	1.100,0	13.481,0	11.500,0	1.100,0	881,0
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.276,7	150,0	3.612,7	3.200,0	120,0	292,7
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.100,0	80.031,9	53.387,8	18.895,9	7.748,2
	2016/17	7.748,2	87.408,5	500,0	95.656,7	56.100,0	24.000,0	15.556,7
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,2	925,5
	2015/16	925,5	95.434,6	400,0	96.760,1	43.700,0	51.581,9	1.478,2
	2016/17	1.478,2	105.558,2	300,0	107.336,4	46.500,0	59.078,0	1.758,4
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.100,0	2.190,1
	2016/17	2.190,1	33.110,0	1,0	35.301,1	17.000,0	15.900,0	2.401,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	70,0	8.207,7	6.380,0	1.400,0	427,7
	2016/17	427,7	8.385,0	40,0	8.852,7	6.800,0	1.550,0	502,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	5.950,0	13.486,1	10.717,3	700,0	2.068,8

Notas: Estimativa em Fevereiro/2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

Fonte: Conab.





13. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 8 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			■	■	■				■	■		
Nordeste												
MA			■	■	■				■	■	■	■
PI			■	■	■				■	■	■	■
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■	■	■
PB	■				■	■	■	■	■	■	■	■
PE	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■
AL	■						■	■	■			■
BA		■	■	■	■			■	■	■	■	■
Centro-Oeste												
MT			■	■					■	■	■	■
MS		■	■	■			■	■	■	■	■	
GO		■	■	■					■	■	■	
Sudeste												
MG		■	■	■			■	■	■	■	■	■
SP	■	■	■		■	■	■	■	■	■	■	
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■			■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			■	■	■		■	■				
SP	■	■	■	■	■	■	■					■
Sul												
PR	■	■		■	■	■	■					■
RS	■	■	■		■	■	■					

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
Nordeste												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
Centro-Oeste												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
Sudeste												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
Sul												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

Legenda: █ Plantio █ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	■						■	■	■		■	■
TO	■						■	■	■		■	■
Nordeste												
CE	■							■	■		■	■
PE	■						■	■	■		■	■
AL	■						■	■	■		■	■
SE	■						■	■	■		■	■
BA	■						■	■	■		■	■
Centro-Oeste												
MT							■	■		■	■	
MS							■	■		■	■	
GO							■	■	■	■	■	■
DF							■	■	■	■	■	■
Sudeste												
MG	■					■	■	■	■		■	■
SP	■						■	■	■		■	■
Sul												
PR						■	■	■		■	■	

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							■	■			■	■
BA		■	■			■	■					
Centro-Oeste												
MT					■	■			■	■		
MS					■	■	■			■	■	
GO					■	■			■	■		
Sudeste												
MG						■	■			■	■	
Sul												
RS	■			■	■						■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita				
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
PI		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		■	■	■	■	■	■	■				
Nordeste												
PI			■					■				
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■		■
PB				■	■	■			■	■		
PE					■	■	■	■	■	■	■	■
BA		■	■	■		■		■	■			
Centro-Oeste												
MT					■	■	■		■		■	■
MS					■	■	■		■		■	■
GO					■	■	■		■		■	■
DF						■	■		■		■	■
Sudeste												
MG					■	■	■		■		■	■
SP					■	■	■		■		■	■
Sul												
RS	■	■	■	■		■	■	■	■			

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						■	■	■			■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■	■	■	■
RS	■	■					■	■	■	■		

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Centro-Oeste													
MS													
GO													
DF													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													
SC													
RS													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 26 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

